

**MARIA DA CONCEIÇÃO DO NASCIMENTO MONTEIRO**

***AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE AGRESSÕES FÍSICAS  
SOFRIDAS, EM CASA, DURANTE A INFÂNCIA:  
estudo comparativo com 90 adolescentes de Campinas - São Paulo***

*Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Saúde Mental da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Saúde Mental.*

***Orientadora: Profª Drª Mara Aparecida Alves Cabral***

***Campinas***

***1998***

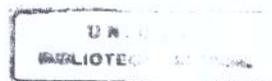


1150035927



FCM

T/UNICAMP M764r



9823219

UNIDADE	FCM
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP
	M764r
V.	E <sub>2</sub>
TEMPO BC/	35927/FCM/1674
PROC	395/98
C	<input type="checkbox"/>
	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	19/11/98
N.º GPD	

Monteiro, Maria da Conceição d  
o Nascimento

As representações de agressões  
físicas sofridas em casa, dur  
ante a infância estudo compara  
T/UNICAMP/M764r

(35927/98)

CM.00.118818-4  
BIBID: 135006

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS  
UNICAMP**

M764r

Monteiro, Maria da Conceição do Nascimento

As representações sociais de agressões físicas sofridas, em casa, durante a infância : estudo comparativo com 90 adolescentes da cidade de Campinas / São Paulo / Maria da Conceição do Nascimento Monteiro .Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Mara Aparecida Alves Cabral

Tese ( Doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas.

1. Violência familiar. 2. Violência no Brasil. 3. Violência aspectos sociais. 4. Problemas sociais. I. Mara Aparecida Alves Cabral. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

## Banca examinadora da tese de Doutorado

Orientador: Profa. Dra. Mara Aparecida Alves Cabral

### Membros:

1. Cláudio T. Godode Lourenço
2. [assinatura]
3. Aureo Altieri Toni
4. Sérgio Amadeu
5. Mara Aparecida Alves Cabral

Curso de pós-graduação em Saúde Mental da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data:

21/9/98

## *Dedicatória*

*Ao meu filho, Kelvin, pelo seu carinho e  
compreensão e a quem dedico, inteiramente,  
este trabalho.*

## *AGRADECIMENTOS*

---

À Profª Drª Mara Aparecida Alves Cabral, pela disposição, dedicação e coragem na orientação deste trabalho. A você, Mara, o meu especial muito obrigada, por ter ampliado os meus conhecimentos técnicos e científicos.

À Diretora de Estudo, Denise Jodelet, pelo apoio recebido durante minha permanência na École des Hautes Études en Sciences Sociales - Paris.

Ao Prof. Dr. Hélio de Oliveira Santos, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, pelo incentivo, apoio institucional e estratégico na facilitação das ações da pesquisa junto ao Centro Regional de Registro e Atenção aos maus tratos na infância - Campinas.

À Mestre de Conferências, Elisabeth Lage, da École des Hautes Études en Sciences Sociales, pela ajuda na elaboração dos Instrumentos de Pesquisa.

Ao Prof. Dr. Anastácio Ferreira Morgado, da Escola Nacional de Saúde Pública, da Fundação Oswaldo Cruz, pelo apoio técnico-científico durante as discussões deste trabalho.

À Profª Drª . Maria Ines Rosa, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, pela síntese filosófica do conceito de Representações Coletivas segundo Emile Durkheim.

À Profª Drª . Clarilza Prado de Souza, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pelas agradáveis reuniões, em Paris, sobre a teoria das Representações Sociais.

À Profª Drª Vera Placco, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pelas polêmicas reuniões, na École des Hautes Études en Sciences Sociales, sobre os métodos de análise das Representações Sociais.

À Profª Drª. Célia Gurgel do Amaral, da Universidade Federal de Fortaleza, pelas incansáveis reuniões a respeito de “nossos adolescentes”, em Paris.

Ao Prof. Dr. Joel Giglio, do Deptº de Psicologia Médica e Psiquiatria, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, com quem partilhei a experiência de me confrontar comigo mesma.

À Profª Drª Lídia Straus, Coordenadora da Pós Graduação, do Deptº de Estadual de Campinas, pelo apoio, afeição e carinho recebidos.

Ao Prof. Dr. Roosevelt Carsolla, do Deptº de Psicologia Médica e Psiquiatria, da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, pelo carinho e confiança quando decidi residir em Campinas.

Ao Prof. Dr. Sérgio Arruda, do Deptº de Psicologia Médica e Psiquiatria, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, com quem partilhei meu maior sofrimento.

Aos Profs. Dr. Neury José Botega, Liliana Guimarães e Paulo Dalgalarondo, do Deptº de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas que, no Exame de Qualificação do projeto de pesquisa, me apontaram um novo caminho.

Aos doutores, mestres e funcionários do Centro Latino-Americano de violência e saúde Jorge Carelli pelo apoio recebido.

Ao Prof. Dr. Egberto Turato do Deptº de Psicologia Médica e Psiquiatria, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, pelo carinho e afeto recebidos durante os cursos de Mestrado e Doutorado.

Aos Profs. Drs. Teófilo Carlos do Nascimento Monteiro e Lúcia Maria da Costa Monteiro, pelo acesso às Universidades de Strathclyde e Glasgow nas quais eu pude dedicar muitas horas de leitura.

Ao mestre, com carinho, Stéphane Melissa, da École des Hautes Études en Sciences Sociales, por ter “ampliado” as imagens do cenário social.

Às Instituições, Fundação Oswaldo Cruz, Universidade Estadual de Campinas, Conselho Nacional de Pesquisa Científica, Coordenadoria de Capacitação de Profissionais de Nível Superior, École des Hautes Études en Sciences Sociales que, em nome da construção do conhecimento científico, possibilitaram o apoio acadêmico, administrativo, técnico e financeiro.

Aos representantes da Federação das Entidades Assistenciais de Campinas, do Centro Regional de Atenção aos Maus Tratos na Infância, do Instituto Humberto de Campos, do Externato São José, do Centro de Orientação ao Menor de Campinas e das escolas dos bairros pesquisados, por terem possibilitado a realização da pesquisa de campo, em especial à assistente social Enza Mattar e ao Padre Lello.

Às famílias dos adolescentes, por me permitirem entrar em suas casas, facilitando e ajudando na pesquisa de campo.

Aos adolescentes desta pesquisa, pelos momentos de confiança e carinho que vivemos juntos, os quais tornaram este trabalho possível.

Ao Motorista, Sr. Nelson, pela paciência, compreensão e boa vontade ao me conduzir aos bairros em Campinas.

Aos meus colegas do curso de Doutorado, pela vivência do desafio na preparação de uma tese.

Às técnicas da Comissão de Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas, em especial às estatísticas Eliani Guelli, pelo incansável apoio na análise dos dados.

Às técnicas da Pró Reitoria de Ensino e Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas, pela dedicação junto ao Programa de Doutorado com Estágio no Exterior, em especial à Nídia e à Carmem.

Às equipes das Bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas, Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Maison de Sciences de L'Homme; Bibliotheque National de France; Glasgow University Library e Andersonian Libray-University Strathchye, em especial à Bel e Ana Maria, como representantes desses profissionais que vivem entre livros.

Aos funcionários da Diretoria de Apoio Didático, Científico e Computacional da Universidade Estadual de Campinas, pelas sugestões, em especial à Maria Elisabeth Dias Blois, Emilton Barbosa de Oliveira e Sílvia Auxiliadora de Lúcio.

Às secretárias do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Universidade Estadual de Campinas, pela facilitação das etapas administrativas.

Ao Departamento de Recursos Humanos da Fundação Oswaldo Cruz, em especial à pedagoga Guiomar Cristina.

À doutoranda, Edna Pinheiro, pelas provocações e pelas críticas durante a leitura deste trabalho.

À psicóloga, Jacqueline Borges Andrade, pelas sugestões valiosas durante a revisão deste trabalho.

Ao psicólogo, Euclides Fernandes, da Fundação Nacional de Saúde, pelas horas de trabalho dedicadas à confecção das grades de análise de conteúdo.

À assistente social e amiga querida, Antonieta Maria Fernandes, pelas primeiras leituras dos relatos das entrevistas.

À Dra. Solange Fonseca da Cunha, pelo incentivo e carinho recebidos.

À minha amiga, Jacqueline Fritsch, que com tanto carinho me recebeu em Paris.

Às amigas, Nereida Lemos de Carvalho e Marília Pedrina Bengali Hunt, grandes companheiras de trabalho.

À amiga, Carmem Spilberg, pelas horas de serenidade que passei ao seu lado.

À minha amiga, Maria Anunciada Maito, pelo estímulo e carinho recebidos.

Aos amigos, Hans Fritsch, Esther Faria, Carmem Maria Mendes, que me auxiliaram na impressão dos primeiros exemplares deste trabalho.

À minha família, pela presença e incentivo em minha vida profissional, em especial, à minha irmã, Maria Amália do Nascimento Monteiro, que me auxiliou na leitura das entrevistas.

À minha mãe, CIÇA, por ser responsável por todas as etapas construtivas de minha vida.

Aos meus “inquietos, mas adoráveis” adolescentes, Kelvin, Marcos, Tuíla, Bruno, Thiago, Carol, Altamir, Daniela, Luizinho, André, Marcela, Eduardo, Carroline e Stéphane, minha fonte de inspiração.

E, enfim, a Deus, por ter possibilitado este caminhar.

### *Homenagens Póstumas*

*À assistente social, Mirian Moraliz Cortez, do Centro Regional de Registro e Atenção aos Maus Tratos na Infância - Campinas, que na dimensão celestial partilha desta alegria na terra.*

*À adolescente, Amélie Guiomar Mérillet, que em seu leito de morte pode contemplar, com serenidade, a elaboração desta tese.*

	PÁG.
<b>RESUMO</b> .....	<i>i</i>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1. Relação pessoal com o tema.....	2
1.2. Do conhecimento empírico à literatura.....	5
1.3. A psicossociologia do desenvolvimento adolescente.....	10
1.4. Violência doméstica: crise psicossocioeconômica.....	19
1.5. As representações sociais: a teoria do senso comum.....	24
1.5.1. A construção teórica desta pesquisa.....	24
1.5.2. A dinâmica psíquica das representações sociais.....	28
1.5.3. As representações sociais e a psicologia social.....	33
1.5.4. A dinâmica cognitiva e as representações sociais.....	35
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	37
2.1. Objetivos gerais.....	38
2.2. Objetivos específicos.....	38
2.3. Hipóteses fundamentais.....	39
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	40
3.1. A discussão metodológica das representações sociais.....	41
3.2. Definição metodológica.....	43
3.3. Caracterização da pesquisa.....	44
3.4. Desenvolvimento da pesquisa.....	47
3.5. Desenvolvimento da análise.....	56

<b>4. RESULTADOS</b> .....	62
4.1. Os relatos das entrevistas.....	66
4.2. Os fatores de risco para a violência familiar.....	103
4.3. O perfil psicossocial das famílias pesquisadas.....	104
<b>5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	111
5.1. Caracterização social demográfica dos adolescentes.....	112
5.2. O cenário familiar.....	126
5.3. Relação pais e filhos adolescentes: uma perspectiva anômica.....	133
5.4. As representações se si mesmos.....	141
5.5. As representações dos agressores.....	156
5.6. As representações sociais de agressões físicas na infância.....	165
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	177
<b>7. SUMMARY</b> .....	183
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	186
<b>9. ANEXOS</b> .....	200

## *LISTA DE GRÁFICOS*

---

	PÁG.
Gráfico 1: Distribuição gráfica dos adolescentes, segundo a procedência. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra estudada que é de 100%.....	46
Gráfico 2: Distribuição gráfica dos adolescentes desta pesquisa, segundo a notificação no CRAMI-Campinas. Os valores numéricos expressos na escala representam o total da amostra estudada que é de 90 sujeitos.....	47
Gráfico 3: Distribuição gráfica das agressões físicas na infância, segundo os adolescentes desta pesquisa. Os valores numéricos expressos no gráfico representam o total das amostras estudadas que é de 90 sujeitos.....	63
Gráfico 4: Distribuição gráfica dos agressores, segundo os relatos dos adolescentes do grupo de estudo. Os valores expressos em percentuais representam o total desta amostra estudada que é de 100%.....	64
Gráfico 5: Distribuição gráfica da frequência das agressões físicas sofridas na infância, segundo os relatos dos 90 adolescentes da pesquisa. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra estudada que é de 100%.....	64
Gráfico 6: Distribuição gráfica dos objetos utilizados nas agressões físicas na infância, segundo os adolescentes do grupo de estudo. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra estudada que é de 100%.....	65

Gráfico 7: Distribuição gráfica da assistência recebida depois da agressão física, segundo os relatos dos 60 adolescentes do grupo de estudo. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra estudada que é de 100%.....	65
Gráfico 8: Distribuição gráfica dos 90 adolescentes desta pesquisa, segundo o sexo. Os valores numéricos expressam o total da amostra que é de 100%.....	112
Gráfico 9: Distribuição gráfica dos 90 adolescentes desta pesquisa, segundo as idades. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.....	115
Gráfico 10: Distribuição gráfica de 80 adolescentes, do total da mostra, que freqüentaram o primeiro grau, segundo as séries cursadas. Os valores expressos em percentuais representam o total desta amostra que é de 100%.....	117
Gráfico 11: Distribuição gráfica de 10 adolescentes, do total da amostra, que freqüentam o segundo grau, segundo as séries cursadas. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.....	117
Gráfico 12: Distribuição gráfica dos 90 adolescentes, segundo trabalho remunerado. Os valores em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.....	118
Gráfico 13: Distribuição gráfica dos 90 adolescentes, segundo o uso de drogas e seu contexto sócio-familiar. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.....	121

Gráfico 14: Distribuição gráfica dos locais mais violentos, segundo os 90 adolescentes desta pesquisa. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra é de 100%.....	123
Gráfico 15: Distribuição gráfica da renda mensal dos 90 adolescentes, segundo a renda mensal da família. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.....	130
Gráfico 16: Distribuição gráfica dos 90 adolescentes, segundo as condições de habitação. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.....	132
Gráfico 17: Distribuição gráfica dos 90 adolescentes, segundo a pessoa que mais os compreendem. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.....	136
Gráfico 18: Distribuição gráfica dos 90 adolescentes, segundo o relacionamento com a mãe. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.....	137
Gráfico 19: Distribuição gráfica dos 90 adolescentes, segundo os relacionamentos paternos. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.....	139
Gráfico 20: Distribuição gráfica dos relacionamentos estabelecidos entre os adolescentes e seus irmãos. Os valores expressos em percentuais representam o total desta amostra que é de 100%.....	140

Gráfico 21: Distribuição gráfica dos 03 atributos positivos e dos 03 atributos negativos mais freqüentes na imagem pessoal, segundo os 30 adolescentes notificados no CRAMI-Campinas. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.....	143
Gráfico 22: Distribuição gráfica de 06 atributos positivos e 02 atributos negativos mais freqüentes na imagem pessoal, segundo os 30 adolescentes com vivência de maus tratos físicos na infância e sem notificações oficiais. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.....	144
Gráfico 23: Distribuição gráfica de 10 atributos positivos e 01 atributo negativo mais freqüentes na imagem pessoal, segundo os 30 adolescentes do grupo comparativo. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.....	145
Gráfico 24: Distribuição gráfica de 02 atributos positivos e 02 atributos negativos mais freqüentes na imagem social, segundo os 60 adolescentes do grupo de estudo. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.....	147
Gráfico 25: Distribuição gráfica de 07 atributos positivos e 03 atributos negativos da imagem social, segundo os 30 adolescentes do grupo comparativo. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.....	148

## *LISTA DE TABELAS*

---

	PÁG.
Tabela 1: Distribuição dos adolescentes, segundo as fontes de pesquisas e as vivências de violência familiar. Os valores numéricos representam o total das amostras que é de 90 sujeitos.....	49
Tabela 2: Distribuição gráfica da descontinuidade de 47 adolescentes oriundos do CRAMI-Campinas.....	55
Tabela 3: Apresentação da agressão física sofrida pelos adolescentes na faixa etária de sete e treze anos, segundo a distribuição por sexo do agredido e do agressor.....	106
Tabela 4: Distribuição dos comportamentos agressivos ou violentos, praticadas pelos 90 adolescentes desta pesquisa, segundo a história de violência na infância.....	125

## *LISTA DE ABREVIATURAS*

---

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CLAVES	Centro Latino - Americano de Violência e Saúde “Jorge Careli”
CNPq	Conselho Nacional de Pesquisa Científica
COMEC	Centro de Atenção ao Menor de Campinas
CRAMI	Centro Regional de Registro e Atenção Maus Tratos na Infância
EHESS	École des Hautes Études en Sciences Sociales
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública
ESJ	Externato São José
FEAC	Federação das Entidades Assistenciais de Campinas
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FUNABEM	Fundação Nacional de Bem - Estar ao Menor
GC	Grupo Comparativo
GE	Grupo de Estudo
IHC	Instituto Humberto de Campos
PUCCAMP	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
RM	Renda Mensal
SM	Salário Mínimo
SCE	Síndrome da Criança Espancada
TAB	Tabelas
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas



***RESUMO***

Este estudo tem como objetivo identificar as representações sociais de agressões físicas sofridas por crianças em seus lares; as representações dos agressores e as representações de si mesmos em noventa adolescentes da cidade de Campinas, São Paulo.

Nosso ponto de partida foi analisar a problemática que envolve o fenômeno da violência doméstica e sua relação com os comportamentos socialmente inadequados: rebeldia, condutas marginais ou violentas e com os efeitos na imagem dos adolescentes.

Visando aprofundar o sujeito teórico e refletir a construção do objeto, realizamos uma pesquisa bibliográfica que permitiu a elaboração do capítulo 1, no qual são enfocados os principais conceitos utilizados neste trabalho.

As diretrizes estruturais são apresentadas nos capítulos 2 e 3, nos quais estão incluídos os objetivos, as hipóteses e os procedimentos metodológicos.

A dinâmica de coleta de dados visa, através da entrevista inicial, dos questionários e das fichas de registro do Centro Regional de Registro e Atenção aos Maus Tratos na Infância-Campinas, identificar a notificação de violência física na infância e investigar os discursos dos atores sociais, por meio de uma perspectiva dialógica, como a principal fonte de informação e expressão oral e(ou) escrita.

A análise realizada é de natureza qualitativa-quantitativa. A primeira se destina ao exame do conteúdo, interpretado conforme os fundamentos teóricos das representações sociais e das representações de si mesmos. Estas análises privilegiam os eixos temáticos, pré-determinados nos Instrumentos de Pesquisa e as categorias valorizadas ou rejeitadas em seus discursos.

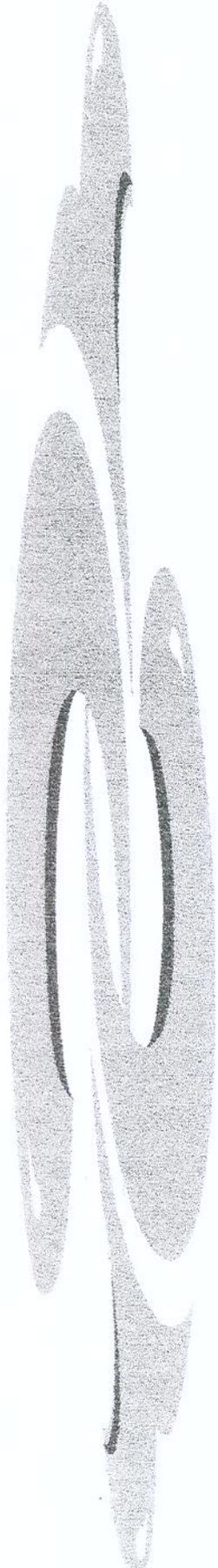
Para utilização do método quantitativo confeccionamos um banco de dados com os programas Epi-Info6; Excel e SAS que possibilitaram, através de fórmulas matemáticas e estatísticas, a verificação de resultados e a elaboração de tabelas e gráficos. O tratamento estatístico foi utilizado por meio da análise fatorial de correspondência destinada a identificar os núcleos centrais das representações sociais da violência familiar nos dois grupos de adolescentes.

No capítulo 4 apresentamos os resultados que definem as duas amostragens, com 90 adolescentes da cidade de Campinas e são enfocados os principais resultados, através dos relatos das entrevistas, daqueles que sofreram agressões físicas, em casa, durante a infância e por esta razão, foram notificados no CRAMI-Campinas. Neste capítulo, identificamos o perfil psicossocial das famílias pesquisadas, assim como, os fatores de risco para a violência familiar.

No capítulo 5 apresentamos os resultados e as discussões dos aspectos psicossociais concernentes ao cenário familiar e às relações pais e filhos. A imagem pessoal e social; as representações dos agressores e as representações sociais da violência familiar estão discutidas neste capítulo.

Por se tratar de um estudo descritivo, os resultados foram comparados entre os dois grupos e acompanhados de uma discussão com a literatura sobre os temas, privilegiando-se a abordagem psicossocial.

No capítulo 6 apresentamos as conclusões deste trabalho, com ênfase nas políticas públicas de defesa à infância-adolescência e na carência de programas de apoio à família.



## ***1. INTRODUÇÃO***

## 1.1. RELAÇÃO PESSOAL COM O TEMA

A motivação para realizar esta Tese surgiu durante a pesquisa de campo no meu trabalho de Mestrado intitulado, “Estudo Descritivo de Aspectos Psicossociais de Pais e Responsáveis Agressores de Crianças e Adolescentes Atendidos no CRAMI-Campinas”, apresentado ao Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, em 1992.

Naquela ocasião, o primeiro contato foi com a criança vitimada. Este encontro, por mais delicado e apreensivo que fosse, poderia acontecer em sua moradia, na escola, no centro de saúde, no juizado de menores ou mesmo em quartos de hospitais de emergência.

Minha relação e aproximação com essas crianças, o estado de flagelação em que se encontravam seus corpos, seus sentimentos de medo, retraimento, submissão, inferioridade, apatia e, muitas vezes, comportamentos agressivos, causavam-me, enquanto mãe e pesquisadora, uma sensação de indignação e perplexidade.

Se, por um lado, os sentimentos pareciam-me confusos, a racionalidade conduzia-me a uma profunda reflexão, estimulando-me à pesquisa teórica sobre o tema da violência doméstica, na busca de algumas explicações. Entretanto, o caminho teórico também foi denso e difícil, confirmando que a prática agressiva está presente em muitas famílias, em diferentes países.

Enquanto pesquisadora do Centro Latino - Americano de Violência e Saúde “Jorge Careli”, da Fundação Oswaldo no Cruz, percebi o caráter epidêmico do fenômeno das violências familiares e, conseqüentemente, a carência mundial de prevenção em todos os segmentos, sobretudo naqueles que se referem ao atendimento psicológico aos vitimados (GREEN, 1978a).

De minha convivência com as famílias conflituosas e estressadas, observei que, diferentes abordagens de pesquisa poderiam ser implementadas, visando o desenvolvimento e a atuação nas áreas de cultura, educação e saúde.

Inicialmente, precisei escolher o sujeito e definir os objetivos da tese. A decisão de trabalhar com adolescentes nasceu de minhas primeiras observações clínicas e de minha vivência familiar com *jovens turbulentos e inquietantes*, que têm as questões do EU em primeiro plano.

Na interação durante a pesquisa, ressaltai nos adolescentes aspectos do processo de formação de sua identidade pessoal. Não foram raros os momentos em que, nos discursos, emergiam elementos que denunciavam conflitos e crises próprios do universo psicossocial. A revelação de momentos de inquietação, provocação ou inadequação social aponta às principais características da *crise normativa*, que ocorre durante o processo de desenvolvimento (ERIKSON,1976).

Minha meta foi atingir o universo simbólico ou figurativo dos adolescentes através da linguagem. Todavia, quatro anos depois, as crianças que participaram de minha dissertação de mestrado estão, hoje, vivendo o processo de adolecer. Nem crianças, nem adultos, parecem saber quem são e que caminham para um futuro adulto, acompanhado de exigências sociais quanto à tomada de consciência, compreensão e atuação na sociedade.

Desta forma, eu precisava saber como ocorrera essa passagem da infância para a adolescência em um ambiente familiar estressante, marcado por conflitos psicossociais<sup>1</sup> que expressam representações constituídas de sentimentos de tristeza, medo, apatia, delinquência, agressão ou violência. É nesta abordagem e nos meus conhecimentos sobre a teoria da Violência Doméstica, da Adolescência e das Representações Sociais que foi construído este estudo.

No percurso teórico precisei definir alguns conceitos e categorias que envolvem os temas aqui imbricados. A síntese dos principais conceitos foi fundamental, assim como a associação com o sujeito da tese, caracterizado pelo adolescente e pela problemática expressa através da teoria da violência doméstica e pelos conceitos que englobam a teoria das representações sociais abordados nos subcapítulos 1.3, 1.4 e 1.5.

---

<sup>1</sup> Conflitos psicossociais são considerados, neste trabalho, como a oposição entre forças aparente ou realmente incompatíveis que ocorrem dentro da mente(RYCROFT, 1975). O conflito psicossocial pode ser originário do impulso instintual, neste caso, a agressão e de estruturas sociais, por exemplo, as precárias condições sócio-econômicas que podem gerar a agressão humana.

Esclarecemos que, neste trabalho, o conceito de vivência de agressões físicas na infância refere-se aos maus tratos, cometidos por pais, responsáveis ou outras pessoas que moravam com os adolescentes. São agressões que deixaram marcas ou hematomas no corpo, ocasionadas por surras, por cortes, queimaduras e fraturas de ossos, nas quais foram utilizadas objetos como: madeira, cinto, fio, arame e outros objetos cortantes.

Todavia, foram consideradas referências feitas à negligência, ao abandono, às privações e às violências psicológicas. Igual tratamento foi dado aos casos de violência sexual ou estupro. Contudo, como se trata de um assunto de tão grande complexidade, sua abordagem e aprofundamento requerem um estudo específico para cada tipo de violência sofrido.

No que se refere a construção teórica do sujeito desta tese, não temos nenhuma pretensão de descrever e discorrer profundamente sobre suas especificidades, pretendemos sim, chamar atenção para seus principais conceitos e discuti-los à luz da multidisciplinaridade que envolve o assunto.

Procuramos identificar o processo de construção das representações sociais da vivência de maus tratos físicos sofridos na infância, segundo a sua percepção e elaboração durante a adolescência. Estas representações expressam seu universo simbólico e figurativo<sup>2</sup>, constituído pela elaboração e reconstrução de experiências subjetivas e objetivas.

Neste enfoque nos concentramos na dinâmica psicossocial das violências domésticas, caracterizada pelos conflitos e pelas crises vividas pelos adolescentes; nas relações afetivas e sociais estabelecidas com seus pais, irmãos e com outras pessoas que habitam junto a esses jovens; na representação que eles têm das pessoas que lhes praticaram maus tratos físicos na infância; nas representações sociais desse fenômeno social e nas representações que os adolescentes vitimados têm de si mesmos.

---

<sup>2</sup> Universo simbólico, figurativo ou real refere-se às formas opostas de vivências. A primeira, representada através de símbolos, imagens ou abstrações e, a segunda, representando a vida tal como ela é vivida, ou seja, representando o mundo real.

Nesta perspectiva, realizamos um trabalho descritivo e comparativo, no qual a conexão com as demais disciplinas ocorre durante o desenvolvimento e a construção de seu objeto.

## 1.2. DO CONHECIMENTO EMPÍRICO À LITERATURA

Através da assistência prestada às crianças vitimadas e às famílias agressoras, do conhecimento teórico divulgado pela literatura, da difusão dos casos de violência doméstica pela mídia e, principalmente, das conseqüências para as áreas de saúde mental e pública, foi despertado o interesse, nesta pesquisadora, em dar continuidade a este trabalho, na certeza de um tema que requer mais aprofundamento.

Calcula-se que os maus tratos ocorridos no lar, contra crianças e adolescentes, atingem cerca de 20% da população na faixa etária entre zero e dezoito anos.

Sabe-se, no entanto, que para cada caso de violência registrado ocorrem mais outros quatro que não chegam às estatísticas oficiais; que as vítimas de maus tratos retornando aos seus lares têm 50% de chances de serem vitimadas novamente; que 25% dessa população permanecem com danos cerebrais e que, 10%, vão a óbito” (SANTOS, 1987).

Todavia, sabe-se, também, que a ausência de estatísticas oficiais, em âmbito nacional, relativas ao diagnóstico da Síndrome da Criança Espancada/SCE<sup>3</sup> está associada à falta de preocupação dos profissionais de saúde em notificarem estas ocorrências, principalmente ao atenderem em serviços de emergências médicas (ALVES, *et al.*, 1988; TEIXEIRA, 1984; POLK & BROWN, 1988) e que, a lenta conscientização da sociedade e das autoridades em geral, em relação a este fenômeno social, prejudica uma análise mais criteriosa (KEMPE, 1978; LANEVE, LEON, VAMONDE, 1987).

---

<sup>3</sup> Síndrome da Criança Espancada - SCE está incluída entre as Síndromes de Maus Tratos (T74) no ISCDRHP-10 (1992). Ela denuncia o abuso físico intencional (T74.1) da criança pelos pais, principalmente pela mãe. Ocorre dentro de casa, repetidas vezes, com intensidade variada podendo levar a criança à morte. Outra característica da SCE é que ela pode ser realizada pelos pais ou responsáveis, com atos cruéis ou outros mais comuns: danos emocionais e abusos psicológicos (T74.3), negligências, abandono (T74.0) e abusos sexuais (T74.2), combinados entre si (T74.8) e outros não especificados (T74.9) (KEMPE, 1978; LANE, 1988, SANTOS, PALHARES, OLIVO, 1988).

No Brasil, essas condutas precisam ser reavaliadas, para que se possa desenvolver, implementar e cumprir as políticas públicas de defesa à criança e ao adolescente, no âmbito de ações preventivas em nível primário, secundário e terciário, a exemplo do que se faz em outros países, que normatizam suas políticas públicas nos programas sociais, comunitários, educativos e médico-psicológicos (GREEN, 1978a; KEMPE, 1978; LANE, 1988; KERR, 1989a).

Apesar do grande esforço de profissionais brasileiros, que atuam na área de saúde e educação, preocupados com o problema de maus tratos no lar, realizando debates, congressos e seminários, o que se tem são trabalhos regionalizados, notadamente o do CRAMI<sup>4</sup> - Centro Regional de Registro e Atenção aos Maus Tratos na Infância-Campinas-São Paulo que, ao longo dos últimos cinco anos, tem sido o centro de referência para as demais regiões do Brasil. O CRAMI ainda hoje continua trabalhando em ação conjunta com os Conselhos Tutelares, as Delegacias de Mulheres e junto aos Juizados da Infância e da Adolescência, no registro e atenção aos maus tratos ocorridos em Campinas e região.

Por esta razão, reforçando o papel dessa Instituição, relataremos alguns dados da literatura que justificaram a realização desta pesquisa. São resultados de trabalhos efetuados em vários países, enfocando estatísticas de violências domésticas e os tipos de maus tratos ocasionados, muitas vezes, pelos efeitos de uma rede de causalidade que inclui os aspectos psicossociais, principalmente o alcoolismo (BROWER, 1987; SCHWATZ, 1989); o baixo nível de escolaridade (LANEVE, 1987) e a privação sócio-econômica de pais agressores (CASADO-FLORES, BANO-RODRIGO, ROMERO, 1987; GELLES, 1989; FERMAN, 1996; MOGILKA, 1997). Além destes, há os aspectos psicopatológicos, ou seja, o funcionamento ou a formulação teórica da atividade mental anormal de algumas pessoas específicas (GREEN, 1978b; TESONE, 1984; ZURAVIN, 1989), presentes nos lares estressantes e desestruturados, que utilizam a violência contra seus filhos como uma forma de extravasar seus conflitos psíquicos e suas frustrações, conforme pode ser observado nos dados a seguir:

---

<sup>4</sup>CRAMI-Centro Regional de Registro e Atenção aos Maus Tratos na Infância/Campinas foi fundado em 1985 e tem como objetivo a proteção e assistência à criança e ao adolescente, vítimas de maus tratos no lar: agressão física, agressão verbal, agressão psicológica, abandono, negligência, abuso sexual e outros tipos de violência doméstica (SANTOS, *et al*, 1988).

1) Foram 1283 casos de violência doméstica, do tipo física, constados contra crianças e adolescentes, notificados no CRAMI-Campinas nos últimos 10 anos, (1985 a 1995). Se considerarmos o período de janeiro a dezembro de 1995, os tipos de maus tratos notificados são: agressões físicas, 43% - negligências e abandonos, 15% - abusos sexuais, 6% - constrangimentos e humilhações, 10% - maltratos não especificados, 2%.

Entretanto, considerando-se estas notificações como procedentes, observa-se que os maus tratos psicológicos atingem o percentual de 100%, uma vez que, eles estão associados a todas as formas de maus tratos.

Segundo o Relatório de Atividades Anual do CRAMI-Campinas, *a agressão física foi o maior motivo de vitimização no ano de 95 e tem sido assim, durante os anos de nossa experiência. Observamos um baixo índice de abuso sexual, porém, não consideramos esta cifra como representativa da realidade do abuso sexual no País. Segundo o Centro Nacional de Prevenção ao Abuso Infantil dos Estados Unidos. para cada caso notificado podemos supor a existência de mais de cinco não notificados. Se aplicarmos esta estatística aos nossos dados, o número de vítimas seria alarmante* (CRAMI,1995).

Sabe-se que o número de casos de violência silenciosa ou não notificada é muito mais representativo e que muitos fatores estão associados ao não notificar, tais como:

- o informante tem medo de ser identificado, temendo envolver-se com questões policiais ou jurídicas;

- o atendimento às vítimas muitas vezes é realizado em hospitais particulares ou mesmo públicos, onde os médicos não têm a preocupação de coletar a história do “acidente” ou os motivos que ocasionaram aquela agressão;

- freqüentemente, os socorros prestados, por exemplo, aos ferimentos leves ou moderados, são realizados no ambiente familiar, prejudicando, dessa forma, as estatísticas das notificações e o perfil epidemiológico das violências domésticas;

- não existe mobilização da sociedade em relação às violências domésticas ou familiares, por considerá-las problemas que ocorrem em espaços privados.

2) No que se refere às condições sócio-econômicas, há uma tendência das pesquisas serem realizadas em classes sociais populares, ou seja, em Campinas, identificou-se a renda familiar de até três salários mínimos, em 66% da amostra pesquisada em 1992, (MONTEIRO, 1992). Todavia, na análise estatística sobre o perfil sócio-demográfico dos pais agressores residentes nesta mesma cidade, observou-se, no relatório anual do CRAMI, em 1995, que a população de pais agressores, das crianças e adolescentes notificados e atendidos naquele Centro, caracterizou-se por 48% de pais na condição de empregados, ganhando de quatro a seis salários mínimos, engajados no mercado de trabalho e sendo responsáveis por uma família composta de dois a três filhos.

Estes resultados parecem evidenciar uma relativa melhora da qualidade de vida desta população no ano de 1995 em relação ao de 1992, ocasionada, provavelmente, pelos primeiros efeitos positivos da então política de estabilização da moeda naquele ano.

Entretanto, sabe-se que o fenômeno das violências domésticas ocorre em todas as classes sociais, e que vários fatores dificultam o acesso a essa realidade no Brasil, especialmente pela ausência de políticas públicas dirigidas a este fenômeno social. Mas, ainda assim, apesar de muitos países desenvolvidos apresentarem uma prática diferenciada de proteção à criança e ao adolescente, minimizando estes eventos, os Estados Unidos, por exemplo, um dos países mais ricos do mundo, embora tendo políticas públicas que visam a prevenção da violência na infância e adolescência, apresenta altos índices de violências familiares como uma rotina dolorosa no cotidiano americano, fazendo vítimas de abuso físico aproximadamente 250.000 crianças (JUSTICE,1983). A França, caracterizada como uma sociedade que prefere o silêncio ao escândalo, permite, apesar do severo Código de Proteção à Infância, que cerca de 50.000 crianças sejam também vitimadas, sendo que, aproximadamente 340 morrem por ano devido aos maus tratos nos lares (TESONE, 1984; UNIS POUR VAINCRE,1996).

3) De acordo com Green (1978b) existe em vários países uma grande preocupação quanto ao diagnóstico e prevenção da violência doméstica. No Brasil (ALVES et al., 1988), em relação à assistência aos vitimados, pouco ou quase nada é feito, salvo, evidentemente, nos casos em que é necessário o atendimento médico com indicação de

hospitalização nos serviços públicos, onde se associam condutas médico-psicológicas por um tempo relativamente curto.

4) O número de adolescentes vitimados é muito significativo. Numa amostra de 72 indivíduos, na faixa etária de zero a dezoito anos, 28% tinham mais de 12 anos ou eram pré-púberes notificados de maus tratos físicos(MONTEIRO,1992).

Todavia, devido às transformações hormonais e psicossociais, decorrentes do processo de adolecer, parece existir uma tendência nos jovens aos impulsos e ao desenvolvimento de condutas agressivas que, quando associadas à violência doméstica e à exclusão social poderão transformar-se em atos e comportamentos agressivos dirigidos aos familiares, aos companheiros de escola, aos seus pares, grupos, gangues e galeras de rua. Estas, caracterizadas por turmas de jovens, por grupo de companheiros ou amigos que participam de brigas, discussões e conflitos com o propósito de cometer delitos, infringir ou violar a ordem e a lei.

Estas atitudes referem-se a uma demanda por leis e responsabilidade do Estado que, ao se manter omissa e ignorar os conflitos e os movimentos sociais de adolescentes excluídos, contribui para a banalização da violência pública e privada, como por exemplo, a recente rebelião ocorrida em outubro de 1997, num educandário da Ilha do Governador, no Rio de Janeiro.

Esta ausência de proteção aos jovens ocorre em um determinado tipo de governo que nega a expressão francesa, *l' état providence*, analisada por CARIO (1996) em seu livro “Jeunes Délinquants, à la recherche de la socialisation perdue”. Este autor enfatiza a *responsabilidade* como a verdadeira urgência que se impõe ao Estado, para que ele possa compreender a filosofia da delinquência dos excluídos, de suas práticas, atos, atitudes e comportamentos que levam à criminalidade média<sup>5</sup> comumente encontrada nos subúrbios e nas grandes cidades (DUBET,1987).

---

<sup>5</sup>Criminalidade média se refere ao grau médio de crimes praticados por galeras contra terceiros; contra a sociedade; contra o patrimônio público ou privado. Para DUBET (1987), são crimes praticados pelas populações delinquentes, compostas de jovens que pertencem às classes sociais dominadas. Eles vivem em grupos e frequentam todos os lugares. Estes grupos têm uma atividade central voltada para a delinquência. Cometem agressões físicas contra outros adolescentes, contra os professores, praticam roubos e fazem tráfico de drogas. Vivem num clima de insegurança por serem procurados pela polícia e pela mídia. Eles constituem a população de excluídos do sistema social, estão fora da escola e são desempregados.

5) Refletindo-se sobre a violência nas famílias, pode-se compará-la a um círculo vicioso que gera comportamentos adquiridos, que se multiplicam e se internalizam na cultura, na educação e na sociedade. FONTANA (1964a) constatou a perpetuação deste fenômeno, associado à formação e ao desenvolvimento de uma sociedade de psicopatas. Tal sociedade consiste em um conjunto de pessoas que apresenta distúrbios ou incapacidade mental persistente, independentemente do nível de inteligência. Estes distúrbios e incapacidade resultam em condutas agressivas e irresponsáveis, as quais demandam atenção médico-jurídica (RYCROFT, 1975).

Segundo LEWIS&WOLKMAR (1993), a acumulação de traumas poderá tornar a adolescência um período ainda mais difícil, com sérios danos para o adolescente e para a sociedade. Esta, em última análise, poderá formar este ator social como vítima ou como causador de vítimas. Estas duas visões estão em conformidade com os altos índices de suicídio entre os jovens, ocupando o terceiro lugar entre as causas de morte na adolescência, após acidentes de carro ou homicídios, ocorridos nos Estados Unidos, em 1987.

Os comportamentos delinquentes têm os seguintes percentuais: 9% dos assassinatos são praticados por pessoas com 17 anos ou menos; 15% dos adolescentes, na faixa etária inferior a 18 anos, foram identificados como estupradores.

Nesta análise, LEWIS&WOLKMAR(1993) destacam, também, a associação da violência doméstica à condutas anti-sociais, tais como, o uso de drogas leves e moderadas até as fugas de casa.

### **1.3. A PSICOSSOCIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO ADOLESCENTE**

Compreende-se a adolescência como o período composto de fases distintas, que tem nos fenômenos da puberdade seu ponto de partida. As mudanças físicas nestas fases põem em evidência as transformações sexuais, decorrentes do crescimento biológico, que vão expressar o amadurecimento psicosssexual.

O desenvolvimento das estruturas do pensamento e da vida afetiva vão progredir para a expressão do comportamento social e (ou) para o ajustamento psicossocial do adolescente, no momento em que a sociedade prevê a construção de sua identidade pessoal.

Neste período de modificações físicas e psíquicas, caracterizadas pela maturação do instinto sexual, o adolescente vive suas emoções e sensações de forma contraditória, marcada por desequilíbrios momentâneos que dão um colorido afetivo muito característico deste período de evolução psíquica.

Seus desejos infantis, apesar de ainda presentes, se transformam em fantasias adolescentes que estão adequadas a este período muitas vezes turbulento e inquietante, pelo qual passam universalmente os jovens (ERIKSON, 1976; CAMPOS 1991; LEWIS & WOLKMAR 1993; PIAGET, 1994).

O desenvolvimento idiossincrático, ou seja, as etapas que compõem a evolução humana, ocorre num determinado tempo bioespacial, sob a influência biográfica, histórica, ideológica, cultural e tecnológica de cada época (ERICKSON, 1976).

Integrada ao desenvolvimento físico, emocional, intelectual e social, que caracterizam o crescimento individual, destaca-se a capacidade dos adolescentes perceberem as diferenças de gênero; a percepção sobre as diferenças sociais; seu amadurecimento sexual e a evolução psicossocial na escolha profissional no futuro.

Se os rituais ocidentais são difíceis e pontuados, não menos marcantes são os vividos pelos meninos provenientes de sociedades primitivas. Por exemplo, os Baruyas, aborígenes de Nova Guiné, associam o processo de desenvolvimento biológico às severas provas psicossociais e ritualísticas, com demonstração de prontidão, força e coragem nas práticas guerreiras e sexuais a que são submetidos os jovens de sua tribo, na passagem da infância para a adolescência (GODELIER, 1996).

Durante estas fases evolutivas, é possível ao adolescente assimilar e elaborar suas vivências e reproduzi-las em forma de representações sociais<sup>6</sup> e representações de si mesmo<sup>7</sup>.

As transformações físicas e os processos de identidade psicossocial adolescentes, vividos entre doze e vinte e dois anos (CAMPOS,1991), interferem na vida afetiva desses indivíduos, gerando os conflitos e as clássicas e normais crises da adolescência (KNOBEL & ABERASTURY,1973).

Nesta fase, a vivência psicossocial e o processo de crescimento vão se direcionar para a construção da identidade adulta, momento em que o adolescente assume a responsabilidade pelos seus atos, comportamentos e pelo desejo de constituição familiar e procriação.

ABERASTURY(1981) distingue três lutos importantes que fazem parte do processo de adolecer: o luto pela perda dos pais da infância; o luto pela perda do corpo infantil e o enfraquecimento das vivências emocionais e sociais, na dinâmica familiar ou no grupo social. Para esta autora, é através da vivência dos lutos e da dinâmica sócio-familiar que se organizam as estruturas psíquicas, emocionais e afetivas dos adolescentes.

Por se tratar de um processo evolutivo, o desenvolvimento psíco-emocional demanda sentimentos de segurança e confiança internalizados em fases muito precoces da infância.

Os pais, os educadores e a sociedade, de um modo geral, deveriam estar bastante atentos a esta fase de crescimento dos jovens e, sobretudo, na compreensão das crises da adolescência, visto que, elas são decorrentes de fatores biopsicossociais do desenvolvimento humano que, em síntese, traduzem os sentimentos de autonomia e o desejo de serem os agentes do seu próprio desenvolvimento, individuação e da formação de uma identidade psicossocial adequada.

---

<sup>6</sup>Representações Sociais são formas de conhecimento pertencentes a muitas pessoas, ou seja, pertencentes ao senso comum. As representações sociais apresentam algumas propriedades que lhes são comuns: 1) as representações são elaboradas e distribuídas entre os indivíduos; 2) as representações sociais visam organizar e administrar o meio ambiente(material, social ou ideativo), orientando condutas e a comunicação; 3)as representações sociais contribuem para o estabelecimento de uma visão da realidade comum, em relação ao contexto social ou cultural (LAROUSSE,1991).

<sup>7</sup>Representação de si mesmo refere-se a um conjunto complexo de imagens e de opiniões que o sujeito tem dele mesmo, em função de seu próprio sistema de valores (CARTRON-GUERIN & VIAUX,1992).

PIAGET (1994a) distingue a adolescência como uma das fases mais importantes para o desenvolvimento intelectual e psicológico, uma vez que, durante este processo, a então criança passa a formular idéias, hipóteses e deduções, substituindo os seus objetos concretos (brinquedos) por outros que requerem elaboração cognitiva, caracterizada pelo pensamento hipotético-dedutivo<sup>8</sup>. Este estágio das operações intelectuais e da formação da personalidade é construído durante o processo sucessivo e evolutivo, que ocorre durante os seis estágios do desenvolvimento humano em busca do equilíbrio superior, ou seja, do aprimoramento da natureza humana, no percurso entre o lactente e o adolescente, de preparação intelectual e afetiva dos indivíduos na sociedade dos adultos. Nesta fase, a passagem do concreto para o abstrato toma forma, há uma transição da dimensão particular para a geral. Os horizontes de vida dos adolescentes se ampliam até o reconhecimento das desigualdades sociais e, suas contestações são formas de deslocamento<sup>9</sup> das desilusões iniciais (LEWIS&WOLKMAR,1993).

PIAGET (1994a) estudou a adolescência sob dois aspectos essenciais: das *operações formais*, que têm como principal característica a elaboração de hipóteses, quando o pensamento, da então criança, não recai mais sobre o mundo real, mas sobre aquele das idéias e deduções, próprias do pensamento hipotético, que ocorre perto dos 11 anos. O outro aspecto estudado é o da *afetividade da personalidade adolescente*, vivida no mundo social do adulto.

No primeiro, PIAGET (1994a) mostra como os adolescentes se interessam por problemas que não têm nenhuma relação com sua realidade cotidiana e como elaboram teorias abstratas, criam filosofias e políticas com vistas a transformar o mundo. Por se tratar de um pensamento hipotético-dedutivo, suas conclusões são baseadas em idéias e não em fatos reais ou objetivos. Para ele, há nos adolescentes um egocentrismo intelectual, que pode ser comparado aquele do lactente e ao da primeira infância. Na adolescência esse egocentrismo se manifesta pela crença na onipotência da reflexão e da metafísica,

---

<sup>8</sup>Pensamento hipotético-dedutivo é definido por PIAGET (1994) como uma das fases do desenvolvimento mental que ocorre por volta de 11 a 12 anos, quando efetua-se uma transformação fundamental no pensamento da criança, que marca o término das operações construídas durante a segunda infância, é a passagem do pensamento "concreto" para o pensamento "formal". O pensamento formal é, portanto, "hipotético-dedutivo", isto é, capaz de deduzir as conclusões de puras hipóteses e não somente através de uma observação real. Devido a possibilidade de reflexão, o pensamento hipotético-dedutivo é a representação de uma representação de ações possíveis.

<sup>9</sup>Deslocamento - Segundo o Vocabulário da Psicanálise a noção de deslocamento aparece desde a origem da teoria freudiana das neuroses. O termo é aqui utilizado para designar a intensidade com que uma representação possa ser susceptível de se soltar dela, para passar a outras representações originariamente pouco intensas, ligadas à primeira por uma cadeia de associação livre de idéias(LAPLANCHE&PONTALIS, s/d.).

significando que o *EU é forte o bastante para reconstruir o universo e suficientemente grande para incorporá-lo*.

No segundo, PIAGET (1994a) assinala a vida afetiva dos adolescentes, através da conquista de sua personalidade e de seu ingresso na sociedade adulta. Devido a sua personalidade em formação, o adolescente coloca-se em igualdade com os mais velhos, querendo enfrentá-los, ultrapassá-los para transformar o mundo, embora sentindo-se diferente devido à vida nova que o agita. Seus sistemas e planos são cheios de sentimentos generosos, projetos altruístas, de alto fervor místico, de inquietante megalomania e egocentrismo consciente. O adolescente atribui a si mesmo, com toda a modéstia, um papel essencial na salvação da humanidade e organiza todos os seus planos em função deste ideal. Tal dinâmica biopsicossociológica ocorre no ambiente sócio-familiar que é a matriz fundamental, mas também, o *locus* conflitivo, onde os adolescentes agem e reagem para tornarem-se reconhecidos como pessoas e terem as opiniões valorizadas, inicialmente pela família e pelos grupos sociais dos quais fazem parte. Isto parece reforçar sua aceitação nos grupos e, conseqüentemente, elevar a auto-estima, considerada, neste trabalho, princípio fundamental para construir e vislumbrar a identidade adulta.

Além da influência familiar, o ambiente sócio-cultural também contribui na síntese desse processo que, se mal conduzido, pode acarretar danos irreversíveis para o adolescente - suicídio, por exemplo, e para a sociedade de um modo geral - homicídio (DOLTO, 1989; LEWIS, et al. 1989).

Desta forma, é fundamental o *desinteresse vigiado, para que o vôo para a vida adulta* aconteça com segurança sócio-familiar e respeito pelo que o adolescente representa.

A *liberdade idealizada* acompanha o processo de desenvolvimento e transformação, levando-o à busca de novos ideais, de mudança das estruturas existentes: reivindicações nas áreas de educação e ensino; sobre o papel da família e do Estado. Estas condutas deveriam ser estimuladas pela família, que se encarregaria, no entanto, de manter os limites necessários (DOLTO, 1989).

No meio de tantas contradições e da falta de consciência de alguns adolescentes em relação a sociedade, a construção da identidade psicossocial passa por uma fase de idealização que se choca e se contradiz com a estrutura social em que eles convivem.

Para os adolescentes, esta sociedade se apresenta como um enigma em potencial. BERGER & LUCKMMANN(1990) realçam a existência da sociedade a partir do momento em que os indivíduos têm consciência dela ao contribuir para a construção da consciência individual dos jovens. Na visão desses autores, é primordial esse processo de conscientização social, que realimenta a consciência individual, reforça estruturas psicossociais e auxilia nesta fase de desenvolvimento biopsicossocial.

Caminhando, através desse mundo novo que desabrocha dentro de si mesmo, os adolescentes enfrentam um ambiente sócio-cultural desconhecido que vai determinar suas experiências de vida. Observa-se que este processo dinâmico, mas, muitas vezes, círculo-vicioso, pode influenciar, determinar, direcionar e(ou) alienar os jovens em formação.

As experiências de sucesso ou de fracasso permitem que eles se sintam parte, e(ou) muitas vezes, fora desta estrutura social que se mantém omissa na formação da consciência adolescente, contribuindo para oscilação psicossociológica, própria do mundo moderno.

Apesar dos adolescentes serem considerados teoricamente inseridos neste campo social e identificados como atores sociais, na realidade, eles já foram excluídos ou jamais incluídos, desde épocas muito precoces da infância. Hoje, os jovens continuam à margem do sistema sócio-econômico, segregados no triângulo social<sup>10</sup> o qual está caracterizado pelas estruturas do Estado, do Direito e da Sociedade.

Desta forma, torna-se difícil para o adolescente a compreensão de uma sociedade sem normas, que multiplica os riscos sociais, proporcionando sentimentos de insegurança, desproteção e inexistência aos seus membros, especialmente àqueles em formação.

Três grandes áreas (econômica, política, jurídica) contribuem para a manutenção do padrão social existente, promovido pelo modelo político que tem como objetivo reforçar as leis do direito, a racionalidade empresarial e a identidade moral. Neste modelo, há mais

---

<sup>10</sup> Este termo foi utilizado por TOURAINE. A (1996) para explicar o movimento social, ocorrido em dezembro de 1995, na França, contrário ao "plano pessoal e autoritário" do então, Primeiro Ministro que, pretendia mudanças nas políticas de "Segurité Social". Neste enfoque, o triângulo social, representado pelo Estado, pelo Direito e pela Racionalidade Empresarial, é o modelo político, que utiliza mecanismos auto-reguladores estáveis, preocupado com a modernidade, o progresso e a produtividade, ou seja, com o mercado e economia, e, contraditoriamente, exclui o social, constituído de mulheres, adolescentes e crianças que não se inserem neste modelo político.

preocupação com a modernidade, o progresso e a racionalidade do que com a sociedade civil (TOURAINÉ, 1996).

Para este autor, a única forma de quebrar esse triângulo é através de uma crise social causada pelas mulheres, crianças e adolescentes, com o objetivo de transformar a sociedade e o estado de direito.

Em meio a tantas fases distintas, a problemática psicossocial - carregada de desejos e utopias - a condições, enfrentamentos, descobertas e transformações associadas ao desenvolvimento intelectual, naturalmente vão se deflagrar as crises adolescentes que se caracterizam por um conjunto de sinais e sintomas que, KNOBEL & ABERASTIRY (1973) distinguem como a síndrome normal da adolescência. Elas não se apresentam de forma homogênea ou singular, mas agregadas a uma crise maior, que é a crise da identidade que constitui o principal processo de adollescência.

Em relação a esta crise, o adolescente frequentemente apresenta alguns comportamentos ou perfil específico: rebeldia em relação aos pais e aos adultos em geral, inadequação social, sentimento de rejeição e dominação, depressão, revolta ou mesmo a delinqüência.

LEWIS & WOLKMAR (1993) consideram que tais comportamentos são resultantes de um amadurecer tardio ou precoce, associado à mistificação em torno desta fase de desenvolvimento do ser humano em direção à idade adulta, na qual se vê o adolescente estigmatizado em seu ambiente sócio-cultural.

Ao revermos a história da humanidade, observamos que as crises adolescentes estão associadas ao desenvolvimento da identidade pessoal, e que elas ocorrem num tempo entre o passado ainda vivo e um futuro previsto, inscritas de acordo com as diferentes culturas, ideologias, épocas e em conformidade com o cenário que a história apresenta (ERIKSON, 1976; MALANDAIN, 1988).

Pensamos por exemplo, no mercantilismo, vemos que as crises adolescentes parecem diferenciadas daquelas do Período Colonial. Os adolescentes deste período, por sua vez, vivenciaram crises distintas daquelas dos jovens contemporâneos da revolução

industrial o que, certamente , aponta para grandes divergências em relação aos fatores desencadeantes deste período neo-liberal que se inicia.

Assim, sabemos que esta diferenciação será marcada pelo período histórico e pela moral da sociedade em curso e, ainda, pelos aspectos biopsicossociais que envolvem a história de vida de cada adolescente.

Hoje, com o desenvolvimento da ciência e os avanços da tecnologia, o modelo globalizado nos conduz rumo ao terceiro milênio, com a proposta de ajuste estrutural na economia do mundo, o que aumenta a distância entre os excluídos e os favorecidos, ao cumprir o princípio básico de sua ideologia - o de que as relações humanas cada vez mais se direcionem para os interesses da economia de mercado e para objetivos capitalistas. A experiência brasileira, de crescimento acelerado da pobreza, serve como advertência aos defensores da política de globalização que sinaliza divergências entre o econômico e o social.

Com isto, a indagação inevitável é aquela do impacto que a globalização provocará nos adolescentes, na formação de sua identidade pessoal, em suas expectativas profissionais, de futuro e, conseqüentemente, na qualidade de vida.

Diante destas complexidades que se apresentam para a adolescência típica, perguntamo-nos como ocorrerá a passagem da infância para a adolescência atípica, ou seja, permeada de deficiências físicas e intelectuais e de severos traumas psicológicos vividos durante a infância.

Neste quadro atípico incluem-se os adolescentes e as crianças provenientes de lares estressantes e desestruturados, que compõem o universo dos oprimidos e(ou) excluídos.

Nesta perspectiva, este estudo teve como objetivo proporcionar aos adolescentes, com vivência de maus tratos físicos na infância, um espaço de expressão de suas representações sociais.

Igual tratamento será proporcionado àqueles que não passaram por essas vivências, mas que são conhecedores desta problemática através da mídia, da ciência, da cultura e de outros meios não formais.

Todavia, faz-se necessário esclarecer que este trabalho não tem a pretensão de dar conta da vasta literatura a respeito da teoria da adolescência. Desde o início do século, o desenvolvimento desta teoria teve sua marca na obra “Adolescence”, de \*HALL (1904).

Em meados do século XX, depois do desenvolvimento da psicanálise e de suas interações entre a infância, a adolescência e a idade adulta, esta teoria teve seu ápice com \*\*FREUD, (1936) e com \*\*\*SULLIVAN(1953).

Havia um consenso, na visão desses três teóricos, de que esta fase do desenvolvimento era um período diferente da infância e da vida adulta. Trata-se de um período de *tempestades e tormentas, de recapitulações da infância ou de retorno ao reprimido*.

Entretanto, é na epistemologia genética<sup>11</sup>, criada por PIAGET (1978b), que se observa *algo mais*, além dos postulados teóricos descritos desde o início do século a respeito desta fase intermediária entre a infância e a vida adulta. Este *algo mais* é caracterizado pelo desenvolvimento intelectual ou pela aquisição das habilidades cognitivas, vividas nas fases (sensório-motora, pré-operatórias, operações concretas, hipotético-dedutivas) da evolução do ser humano. Em síntese, o que vai diferenciar este período de vida é, principalmente, a habilidade de transcender aquilo que o adolescente realmente percebe, o poder de ir além dos objetos concretos, dominando o mundo das idéias e dos conceitos (GALLATIN,1978).

Nesta fase, pretendeu-se ouvir e compreender o adolescente enquanto um ator social, que conserva em seu mundo imaginário e cognitivo a capacidade de conceber as representações de acontecimentos de sua história de vida.

Dessa forma, duas teorias da adolescência serão privilegiadas por estarem diretamente relacionadas à teoria das Representações Sociais. A primeira, refere-se a teoria piagetiana, quando enfoca as habilidades cognitivas e as elaborações das representações

---

\* HALL G.S. apud GALLATIN, J. Adolescência e Individualidade, Harbra, pág.19 São Paulo, 1978.

\*\* FREUD A apud GALLATIN, J. Adolescência e Individualidade, Harbra, pág. 51 São Paulo,1978

\*\*\* SULLIVAN, H.S. apud GALLANTIN, J. Adolescência e Individualidade, Harbra, pág. 79 São Paulo, 1978

11PIAGET(1978c) define a epistemologia genética como o estudo da passagem dos estados inferiores do conhecimento aos estados mais complexos ou rigorosos. Em outras palavras, PIAGET propõe o retorno às fontes e à gênese propriamente dita do conhecimento, das quais a epistemologia tradicional conhecia apenas os estudos superiores, isto é, certas resultantes finais de um complexo processo de formação... de um lado a história do pensamento científico, de outro, o estudo experimental do desenvolvimento da inteligência, desde o nascimento até a adolescência.

pertinentes à realidade psíquica e à realidade externa. A segunda, a teoria eriksoniana, aborda a questão da construção da identidade individual e da representação de si mesmo, momento em que os jovens vitimados vivem sua crise normativa<sup>12</sup> (ERIKSON,1976).

#### 1.4. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: CRISE PSICOSSOCIOECONÔMICA

Diante das violências que se expressam no mundo moderno, que se espalham nos quatro cantos do planeta, provocando destruição e crueldade, temos sérias razões para continuar refletindo sobre os atos, comportamentos e atitudes direcionadas às crianças e aos adolescentes, buscando analisar as representações sociais a partir de suas vivências pessoais.

Às condutas violentas são atribuídas inúmeras explicações, contestações e justificativas. Se, por um lado, nas relações humanas o conflito é representado pelo bem, *o mesmo já não acontece com as crises que expressam o caos, a ruptura social e são representadas pelo mal* (VIWIORKA,1996).

Para FREUD (1976), o homem é dotado de dois instintos básicos: um, voltado para a autopreservação, instinto de vida e o outro, voltado para a autodestruição, instinto de morte. Eles agem como forças antagônicas e são os representantes dos sentimentos de amor e de ódio.

*A agressividade, enquanto instinto destrutivo, está orientada pela energia agressiva que rompe com a libido, saindo em direção independente e antagônica à pulsão de morte, quebrando os laços com a sexualidade* (LAPLANCHE&PONTALIS, s.d).

LORENZ (1983) em sua obra, pergunta-se porque os seres vivos, neste processo natural que é a vida, lutam uns contra os outros permitindo a agressão, a violência e a destruição.

O autor aborda a agressividade, isto é, o instinto de combate do animal e do homem, dirigido contra seu próprio congênere. Em seu estudo com peixes e aves, enfatiza a agressão visando à sobrevivência, à conservação, à proteção da vida e das espécies. Entretanto, nos homens, que por suas próprias ações mudaram muito rapidamente suas

---

<sup>12</sup>Crise normativa - conceito criado por ERIKSON (1976) - não implica em caos, mas especifica qual o problema que se percebe em qualquer um dos principais períodos de transição da vida.

condições de vida, o instinto de agressão produz, freqüentemente, efeitos nocivos, quando resultantes do desequilíbrio instintual.

FROMM (1987), no entanto, questiona a tese dos instintivistas e considera que a destrutividade e a crueldade não são impulsos instintivos, mas, sim, paixões enraizadas na existência total do homem, na condição humana. Para ele existem dois tipos de impulsos: os que estão enraizados no instinto e os que se acham enraizados no caráter, sendo, estes últimos, a fonte de condutas amorosas ou odiosas.

Embora neste capítulo não se pretenda discorrer sobre a teoria dos instintos, torna-se oportuno salientá-los como fontes onde os comportamentos violentos e agressivos são estimulados, sobretudo, quando associados às dificuldades psicossociais que emergem no contexto das violências domésticas. Assim, as variáveis precipitadoras ou estímulos negativos para o *desequilíbrio instintual* (LORENZ,1983), para a estimulação *das paixões humanas* (FROMM,1987), ou provocadores *dos instintos de morte dos indivíduos* (FREUD,1976) são relatadas pelos adolescentes desta pesquisa.

Nos discursos dos adolescentes, pareceu-nos que além da abordagem psicossocial ser enfocada em suas falas, o depoimento de alguns pais estão associados às questões políticas, às escalas de frustrações, à perda do senso psicológico e às predisposições psicopatológicas, explicando agressões destrutivas, fora do contexto da doença mental, mas, relativas às crises políticas e sócio-econômicas que geram desigualdades no sistema social e destruição das relações sociais. Estas, provocadas pela ausência do Estado Social como provedor de proteção e segurança a todos os seres humanos:

*“ \_\_\_\_\_ Soubemos das invasões dos terrenos em Campinas. Corremos para pegar um. Me senti envergonhada e humilhada por estar fazendo aquilo. Me escondi da polícia e da televisão. Não abandonamos o local..., naquele mesmo dia, catamos coisas na rua para fazer uma casa de papelão e de saco de leite.. , lá moramos durante muito tempo, era difícil, com o vento, o frio e a chuva... sabe dona, já morei em casa de papel”* (MONTEIRO,1992).

Diante deste relato, podemos refletir sobre os excluídos, os que não encontram seu lugar na sociedade. Faltam-lhes trabalho digno, educação, saúde, segurança e proteção

social. Sentem-se frustrados por serem inúteis à sociedade e progridem para as crises. Agridem, violentam e matam por viverem relações irracionais e incivilizadas.

HABERMAS(1980) apresenta o conceito de crise relativo a ausência de princípio regulador que não permite ao ator social compreender e integrar-se as estruturas, aos valores sociais e as instituições normativas de uma sociedade. Para este autor a sociedade precisa antes de tudo, de um princípio organizador, para que ela saiba conduzir suas crises, evitando a emergência de outras crises mais complexas; compreender seu sistema social e integrar-se aos sistemas sócio-cultural, políticos e econômicos..

\*DOLLARD,(1939) em sua teoria de frustração-agressão afirma ter encontrado a causa de todas as agressões, revelando que a existência de uma frustração sempre vai levar a uma agressão. Para este autor, os eventos da vida cotidiana precipitam no indivíduo uma escala de frustrações e privações. Seus conseqüências serão proporcionais ao caráter dos indivíduos e as violências a serem cometidas. Os comportamentos e atos desenvolvidos estão relacionados aos sentimentos de privação, injustiça ou de não-reconhecimento:

*“\_\_\_\_\_Não posso lembrar do passado, meu pai era perverso e egoísta... Minha mãe judiou de mim. Meu marido é falso, machão, indelicado e egoísta. Ele arrumou outra, enquanto eu aqui, cuidava de tudo. Me sinto como um pedaço de carne retalhado que não tem aonde cortar”* (MONTEIRO,1992).

No momento da violência, o sentimento de ódio é utilizado contra à vítima, desaparecem as relações sociais e surgem os relacionamentos pervertidos. Muito embora uma frustração também possa desencadear outro tipo de reação que não a agressão ou a violência, como por exemplo, uma reação depressiva ou, mesmo, psicótica.

Diferentes correntes de pesquisa têm focado a teoria da frustração como precipitadora de reações agressivas e violentas. Todavia, devido a amplitude desta teoria e, principalmente, a ambigüidade do termo e, ainda a especificidade necessária neste trabalho, pretende-se chamar a atenção somente para alguns aspectos relevantes, mencionados por FROMM(1987), tais como: o caráter do indivíduo e o significado da frustração são fatores que podem provocar as reações agressivas ou violentas - o que produz a agressão não é a frustração como tal, mas a injustiça e a rejeição envolvidas na situação.

---

\* DOLLARD, J. *apud* FROMM,E. – Anatomia da destrutividade humana, E. Guanabara, pág.105-107, 1987.

VIWIORKA (1996): a incapacidade dos indivíduos para refletirem sobre o bem e o mal, seja porque lhes foram roubados seus direitos sagrados ou porque se encontram sob os efeitos de perturbações psíquicas. Em situação de crise, não podem julgar e entender o momento da violência. Esta perda do senso psicológico representa a prática da violência doméstica direcionada aos seus próprios filhos:

*“\_\_\_\_\_ O sangue ferve, não sei de onde vem lá de dentro, sinto ódio... não me controlo, começo a gritar... não me controlo; tenho vontade de morrer ou de matar... bati, bati, bati em maio, dia das mães... senti ódio de ser atrapalhada”* (MONTEIRO, 1992).

Este comprometimento psíquico provoca um momento de desajustamento que, de acordo com sua gravidade pode se estender por longos períodos.

GELLES (1973): os núcleos psicóticos não se referem à existência de uma doença mental no indivíduo, mas, sim, a uma predisposição para o seu acometimento. Existe uma variedade de estruturas psicóticas que pode determinar as desordens psiquiátricas de pais agressores, portadores de enfermidades psíquicas.

O modelo psicopatológico é utilizado para explicar, pelo fator unicausal, o abuso aos filhos, sem necessariamente analisar os fatores sócio-econômicos e culturais dos agressores e de suas vítimas. Este modelo está tão sedimentado na questão do abuso a crianças que, GELLES (1973) menciona que os pais agressores seriam psicopatas. Enfatiza, ainda, que as primeiras observações clínicas com pais agressores constituíam-se numa mina de ouro para a psicopatologia, devido à riqueza de dados clínicos psiquiátricos, o que realça a relação entre desordens psiquiátricas e famílias violentas. Por isto, são encontrados altos graus de violência associados, principalmente, com o alcoolismo, às condutas anti-sociais e à depressão:

*“\_\_\_\_\_ Quando criança me sentia feliz. Aos doze anos sofri um acidente de carro, no qual minha mãe morreu... até hoje me sinto anestesiada com a perda!... Me sinto rejeitada, desprezada e deprimida;.. às vezes vou até o fundo do poço e por lá fico; espero em vão a ajuda do meu marido... mas como ela não vem, vou agredindo, chorando, ficando desesperada, triste e sozinha”* (MONTEIRO, 1992).

Os desencontros e agressões, na dinâmica familiar de crianças e adolescentes, ocorrem devido às condições psicossocioeconômicas das famílias agressoras. Estas condições geram sentimentos ambivalentes, expressos pelo amor mal compreendido ou pelo ódio iminente, presente nos conflitos que, por sua vez, desencadeiam comportamentos e atitudes nocivos.

Tais situações conflituosas chegam a progredir para os estágios de crise, provocando resultados desastrosos. Elas são reflexos de uma crise maior, presente nas macroestruturas públicas, políticas e sociais e que chegam aos espaços privados, atingindo famílias, núcleos onde ocorrem as relações sociais e psicoafetivas.

No desenvolvimento deste trabalho, observam-se duas teorias que convergem. Inicialmente, ao refletirmos sobre a construção das representações sociais da vivência de maus tratos na infância, percebemos que elas emergem de um grupo comum, que pensa em comum a respeito deste fenômeno social; que elas se constituem através de processos de pensamento e de suas elaborações na busca da identificação de núcleos centrais e periféricos.

Pareceu-nos que a emergência das representações sociais da vivência de maus tratos se dá, principalmente, através dos conteúdos sócio-cognitivos, identificados nos discursos e nas histórias de vida dos adolescentes. Entretanto, naqueles sem história de maus tratos na infância, suas representações sociais são traduzidas pela perplexidade diante deste fenômeno e pela solicitação de mudança estrutural, expressas através de sua compreensão.

Neste trabalho, pareceu-nos pertinente a utilização da teoria das representações sociais e das violências domésticas, porque, através da interação dos fatos ou fenômenos sociais<sup>13</sup> e processos de pensamentos expressam-se conteúdos internos e cognitivos que denunciam aspectos que se desenvolvem nos espaços públicos e privados. E, através desta interação, dá-se a construção do objeto desta tese, ao efetuarmos a pesquisa com

---

13 Segundo DURKHEIM (1990) os fatos sociais são fenômenos que se passam no interior da sociedade, por pouco que apresentem, além de certa generalidade, algum interesse social. É fato social toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior, ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter. Este parentesco estreito entre a vida e a estrutura, entre o órgão e a função, pode ser facilmente estabelecido em sociologia porque, entre os dois termos extremos, existe toda uma série de intermediários imediatamente observáveis, mostrando o laço que há entre eles. Isto implica na utilização de regras relativas à observação de fatos sociais, que para DURKHEIM(1990) a primeira regra e a mais fundamental consiste em considerar os fatos sociais como coisas. Estas devem ser observadas através da reflexão, da formulação de idéias dos objetos ou coisas externas, de duvidar, como Descartes, dos conceitos pré estabelecidos, para atingir definições fundamentais que reconheçam os fatos sociais que se pretende dar conta. E, mais ainda, uma vez que é pela definição inicial que se constitui o próprio objeto da ciência, este será coisa ou não, segundo a maneira pela qual for feita a definição. A interpretação a respeito dos fatos sociais desdobram-se em uma concepção estrutural e funcionalista da sociedade.

adolescentes que revelaram-se, por meio de sua compreensão sobre as vivências de maus tratos associadas ao seu cotidiano familiar.

## 1.5. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: A TEORIA DO SENSO COMUM

### 1.5.1. A construção teórica desta pesquisa

A noção de representação social foi utilizada pela primeira vez por DURKHEIM(s/d) que apresentou o termo representação coletiva designando a abrangência e a especificidade do pensamento social em relação ao individual - “*as idéias não são de origem individuais, elas são representações coletivas*”. Segundo este autor, as representações surgem da vida mental e coletiva dos indivíduos. São regidas pelas leis da psicologia e da sociologia que, embora sejam relativamente independentes, apresentam o mesmo substrato, a *consciência individual*. Por isto, pode-se pensar que, as representações individuais e coletivas são comparáveis - uma na emergência de conteúdos psicológicos e, a outra, na eclosão dos fenômenos e fatos sociais na consciência. Na visão durkheimiana, parece evidente que os fatos ou os fenômenos sociais não são traduzidos somente por conteúdos psicológicos, mas, principalmente, por representações coletivas de determinados grupos, ou seja, representações relativas ao conjunto de imagens, símbolos e significados pertinentes ao universo sócio-cultural deste grupo de estudo.

Desta forma, quando DURKHEIM & MAUSS(1958) utilizam o termo representação social estão se referindo à representação coletiva, que é a expressão de um grupo que pensa em comum e que representa o ideal social de um objeto específico, diferentemente das representações individuais, que são de natureza psicológica e inerentes a atividade mental de cada um.

Em síntese, as representações sociais são sinais e significados que emergem do social e agem no individual. Por isto, em DURKHEIM & MAUSS(1958) o termo representação coletiva associa-se ao fato social que é produzido pela própria sociedade e por “*produtos sociais já formados*”, oriundos da ciência, religião e mitos. São conceitos que se diferenciam entre si e, principalmente, diferem do pensamento do senso comum que integra as representações sociais.

Nas representações coletivas há uma tendência conceitual, que expressa a homogeneidade da representação entre o pensamento e a realidade. “*Pensar no mundo dos conceitos é pensar logicamente*”, é pensar o geral e as partes que formam o todo e as suas representações.

Nesta ótica, MOSCOVICI (1976) abordou a noção durkheimiana a partir do social, a medida que uma representação é composta de “*figuras e de expressões socializadas*” que circulam no ambiente através de palavras e gestos; que expressam os fatos e os fenômenos sociais e, são constituídas de *conteúdos psíquicos*. Nessa ocasião ele conceitua a representação social e abre um novo campo de estudo para a Psicologia Social. Sua obra tem como objetivo descrever a inserção da psicanálise na sociedade francesa, através do pensamento do senso comum.

Para isso, MOSCOVICI(1976) apresenta com inteligência, fluidez e método a representação social de um público comum da região parisiense, que expressa seu pensamento e sua ideologia a respeito de uma disciplina técnico-científica de domínio de especialistas (LAGACHE, 1976).

Se por um lado, diz Moscovici, parece fácil identificar uma representação social isoladamente, o mesmo já não ocorre quando se trata de construir uma representação de um fato social. Isto devido a pluralidade de representações que acompanham a história da humanidade. Muitas vezes elas não são compreendidas e nem atualizadas em suas especificidades, quando se referem a construção de um conceito (MOSCOVICI, 1984).

Se observarmos a extensa teoria que existe, hoje, a respeito das representações sociais, mais de 30 anos depois da obra de MOSCOVICI(1984), percebemos, não só um longo tempo entre este autor, DURKHEIM(s/d) e JODELET(1985) mas, também, uma evolução no processo de construção das representações sociais: da noção ao conceito e, deste, à teoria.

Isto nos remete à idéia da existência de um momento histórico ou de um fato social que fazem ressurgir o desenvolvimento da teoria das representações sociais. Mas, se realmente existe esse fator determinante específico, seu estudo cabe aos historiadores ou sociólogos.

O que se distingue, hoje, para o psicólogo social, é que, na década de 70, JODELET & MOSCOVICI (1974) iniciam o momento do *constructo teórico de um conceito perdido* (MOSCOVICI,1976) e *em estado de latência*, conforme expressão da autora (JODELET,1992).

Nesta ocasião, o ponto de partida da autora foi o da representação social enquanto produto dinâmico de uma atividade mental. Esta dinâmica das representações sociais é observada em seus trabalhos posteriores (JODELET et al. 1982; JOELET, 1984;JODELET, 1992).

Para JOELET(1985), as representações sociais surgem da vida cotidiana dos indivíduos, a partir de sua realidade social. Elas são elaboradas através de idéias e da modalidade do pensamento de cada indivíduo. Para ela, o conceito de representação social designa uma forma de conhecimento específico que vem do senso comum. Seu conteúdo manifesta-se através de processos gerais e funcionais socialmente evidenciados.

São formas de pensamento práticas utilizadas na comunicação, na compreensão e no ensino do meio social, material e ideativo, que surgem das observações dos atores sociais (sujeitos) e de seus relatos de fatos e fenômenos (objetos) ocorridos.

Desta forma, a construção das representações sociais inclui, também, estruturas imaginárias, simbólicas e reais sobre um determinado objeto. Tais estruturas são formadas através de processos mentais e com funções específicas.

Neste enfoque, como foi observado durante a pesquisa, esperou-se que os adolescentes não registrassem somente suas opiniões, imagens e experiências a respeito das vivências de maus tratos na infância, mas que também fossem capazes de imaginar e de expressar o simbólico em suas representações sociais e que, em suas práticas de vida, através dessas representações, conseguissem dar um sentido ao mundo em que vivem.

Observa-se que, a teoria das representações sociais constitui-se num guia de referência interdisciplinar das ciências humanas e sociais, com destaque na França, Itália, Suíça, Espanha, Leste Europeu, América Central e do Sul.

Se, por um lado, este conceito sedimentou-se teoricamente na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, a busca de seu método encontrou ressonância nas regiões do Mediterrâneo, com destaque na França (principalmente em Aix-en-Provence), Suíça e Itália.

As diferentes estratégias metodológicas têm possibilitado outras orientações de pesquisa, muitas delas reforçando a centralização do conteúdo, ou seja, o fenômeno social em si, designado numa representação social ou, sendo esta, o produto de uma atividade mental, decorrente de processos cognitivos presentes na interação com os fenômenos sociais.

Na abordagem do conteúdo, o fenômeno social é pesquisado e são postos em evidência o conjunto de significados, atitudes, pensamentos e o sistema de crenças, manifestos e produzidos por um determinado grupo a partir de um objeto socialmente valorizado ou de um fenômeno ou fato social, de domínio específico da Psicologia Social (MOSCOVICI & HEWSTONE, 1984; JODELET, 1994).

Quanto à estrutura cognitiva, os processos do pensamento e os componentes da representação são interdependentes. São evidenciadas as variáveis estruturais, ou seja, o núcleo central que, quando identificado, possibilita explicar o funcionamento interno de uma representação social. Esta abordagem tem sido bastante utilizada na École Méditerranéenne des Représentations Sociales, no domínio específico da Psicologia Cognitiva (GUIMELLI, 1995).

Observa-se que o campo de estudo das representações sociais reafirma-se como uma vertente central da Psicologia Social. Entretanto, o processo dinâmico existente nas representações sociais permite uma transversalidade em relação às outras disciplinas, como por exemplo, a Antropologia, que estuda as representações da cultura, valores e modelos culturais e a Psicologia Cognitiva, que aborda o processo e a organização de uma representação social. Esta transversalidade perpassa, também, outros conceitos das Ciências Sociais, tais como, a noção de atitude, opiniões, estereótipos e ideologias, que fazem parte do universo das representações sociais e que apresentam fronteiras muito tênues com esta teoria.

Quando ABRIC (1994) refere-se à “construção socio-cognitiva”, enfatiza a análise e o funcionamento de uma representação social, querendo dizer que, na construção de uma representação social estão inseridos o sistema cognitivo e o social. O primeiro é submetido às regras dos processos cognitivos e, para MOSCOVICI (1976), é estimulado pelo componente social: *é através das condições sociais que se transmite uma representação social.*

Entretanto, é importante salientar que o sistema social é regido por leis próprias, diferentemente da *dimensão e da lógica cognitiva*, que apresentam suas especificidades no contexto do pensamento e do mundo dos sentidos.

Desta forma, observa-se que a construção de uma representação social passa inicialmente pela realidade objetiva que é apropriada pelo indivíduo ou pelo grupo. Esta realidade é reconstruída pela *textura cognitiva* que lhe está próxima e, muitas vezes, faz parte do sistema de valores e do contexto social, ideológico e da história de vida dos indivíduos.

Nesta pesquisa das representações sociais da vivência de maus tratos na infância foram privilegiadas a abordagem da Psicologia Social e a da Psicologia Cognitiva, ou seja, o conteúdo, o processo de pensamento e a compreensão dos adolescentes em relação a este fenômeno e ao seu mundo social, no qual estão inseridos e evidenciados.

### **1.5.2. A dinâmica psíquica das representações sociais**

JODELET (1994) ressalta a dinâmica psicossociológica, inserida nas representações sociais, a partir da informação que os indivíduos têm do fenômeno social e do momento em que reconstróem sua realidade. Os indivíduos utilizarão a representação social como um guia para suas ações, atitudes e comportamentos. Isto ocorre através de três dimensões que irão construir e constituir uma representação social.

A primeira é a informação já existente a respeito do fenômeno, ou seja, aquela que circula através dos diversos canais de veiculação; a segunda dimensão é o campo social

da representação, compreendido, neste trabalho, como a imagem que os adolescentes têm do modelo social; a terceira são as atitudes destes indivíduos que, em última análise, representam sua tomada de posição frente ao mundo. Esta tomada de posição associa-se ao fenômeno social, através do qual eles construíram suas representações.

Desta forma, a construção de uma representação social emerge da relação do sujeito (individual ou coletivo) com o objeto (material, social ou ideativo) comparados a outros sujeitos, por meio de sua participação e comunicação social.

Neste processo de triangulação, sujeito-representação-objeto, destacam-se algumas implicações:

1) uma representação social é sempre a representação de alguma coisa (objeto) por alguém (sujeito), por exemplo, a representação da violência doméstica segundo os adolescentes que constituem esta pesquisa;

2) a representação social expressa o mundo simbólico do sujeito; interpreta o significado do conteúdo da atividade mental. Os adolescentes que constituem o grupo comparativo desse trabalho, por exemplo, buscam preservar a imagem simbólica da conduta dos pais, expressando, no conteúdo de seus discursos, a preocupação de que estes necessitariam acompanhar um programa de orientação familiar;

3) as representações sociais são formas de conhecimento práticas, relacionadas a uma experiência direta ou indireta, presente num mundo de diferentes objetos (fenômenos e fatos sociais) divididos e distribuídos entre diferentes sujeitos (atores sociais). Os adolescentes com vivência de maus tratos na infância, por exemplo, expressam suas experiências diretas com este fenômeno;

4) a relação social está implícita na representação social e é por ela determinada. Neste contexto, observou-se, por exemplo, que entre os adolescentes que sofreram maus tratos na infância, as relações sociais com os pais agressores são conflituosas.

Para MOSCOVICI (1976) existem dois processos formadores das representações sociais: o de objetivação e o de ancoragem. Eles mostram como os indivíduos se integram ao novo sistema de pensamento.

O *processo de objetivação* é definido como “uma operação que ocorre no imaginário e na estrutura psíquica do indivíduo, visando materializar aquilo que é abstrato”. Isto ocorre quando o indivíduo incorpora em suas representações sociais elementos da ciência, religião e cultura. A incorporação destes elementos pode ocorrer de três formas:

1 - construção seletiva - elementos selecionados do contexto científico, cultural ou social e que são apropriados pelos indivíduos. Os elementos são projetados pelos indivíduos como parte de seu próprio universo. Por exemplo, as informações sobre sexualidade que MOSCOVICI (1976) encontrou em sua pesquisa, foram expressas por meio de referências culturais e de sistemas de valores pessoais e, não, como elementos teóricos e conceitos científicos que fazem parte da teoria psicanalítica.

2- esquematisação estrutural - a partir dos elementos selecionados de esquemas estruturais, retirados de teorias científicas, dos mitos ou contos de fada, o indivíduo é capaz de formar um núcleo figurativo que vai representar a sua realidade, independentemente do seu significado científico ou mitológico. Por exemplo, em relação a obra MOSCOVICI (1976) observa-se que na população parisiense pesquisada, o consciente é apresentado como um conceito que evoca a vontade e a realidade e, o inconsciente, como uma estrutura psíquica, que evoca o proibido e o impossível.

3- Utilização natural da linguagem figurativa - os elementos que formam o núcleo figurativo são concretizados como entidades objetivas, que os indivíduos identificam neles próprios e nos outros. Por exemplo, os elementos da ciência, cultura ou religião vão se integrar à realidade do senso comum. Eles compõem o núcleo figurativo do discurso a respeito de um fato ou fenômeno social. Este núcleo figurativo ou semântico, sendo identificado, vai orientar a percepção, o julgamento e as condutas que são socialmente construídas na vida prática dos sujeitos. Esses elementos serão o guia, a tomada de posição para suas ações e condutas em relação aos fenômenos e fatos sociais por eles vivenciados e elaborados.

O *processo de ancoragem* é definido como a incorporação de situações; significados e categorias que vão interagir cognitivamente no pensamento dos indivíduos. Nesse aspecto, as situações serão incorporadas à organização do pensamento. Quando isto ocorre, os fenômenos estranhos e pouco familiares aos indivíduos são elaborados cognitivamente, permitindo-lhes dar um sentido a sua visão de mundo.

Esses dois processos são responsáveis pela elaboração e pelo funcionamento das representações sociais, entendidas como uma produção que se constrói sócio-cognitivamente e que se expressarão através do figurativo, do simbólico e da construção de um juízo em relação a um determinado fato ou fenômeno social. Trata-se de uma construção representadora que se dá, não só pelo conteúdo inserido numa representação social, mas, sobretudo, pela organização psíquica que o sujeito faz do objeto.

MOSCOVICI (1976) define conteúdo como: as atitudes, impressões, imagens e informações que circulam no ambiente sobre o objeto.

Quando define organização, refere-se à estrutura interna ou ao campo representador, expresso por um sujeito em relação a um objeto.

Desta forma, neste trabalho, não se procurou somente pesquisar o conteúdo de uma representação ou o fenômeno em si, mas, principalmente, identificar a organização do pensamento desses jovens a respeito das violências familiares, vivenciadas durante a infância e(ou) elaboradas por àqueles que não passaram por esta experiência.

Segundo LAROUSSE (1991), as representações sociais são formas de conhecimento que circulam no senso comum, elaboradas e distribuídas pelos indivíduos. Elas têm como objetivo organizar e ser a referência para o indivíduo se conduzir no ambiente social, material e ideativo. Servem para orientar as condutas, a comunicação social e estabelecer uma realidade sócio-cultural comum. Seu mecanismo de elaboração psicossociológico permite ao pensamento individual apropriar-se e compreender a realidade externa.

Observa-se que a utilização do adjetivo “social”, junto à palavra representação, reafirma que esta se produz coletivamente e que está presente em todas as interações humanas (EBLOUMI, 1988).

Todavia, esta presença não se restringe unicamente a uma subjetividade, ela perpassa e circula, objetivamente, nas interações humanas. É a partir desta objetividade que se chama à atenção para as funções das representações sociais; elas surgem naturalmente no desempenho do indivíduo e em suas práticas cotidianas (ABRIC, 1994).

MOSCOVICI (1976) distingue as principais funções psicológicas das representações sociais:

1) *a função organizadora do saber*: permite compreender e explicar a realidade através da comunicação social;

2) *a função de identificação*: define a identidade do grupo que construiu a Representação Social, protegendo, entretanto, suas especificidades;

3) *a função de orientação*: é utilizada como um guia que orienta os comportamentos e as práticas do grupo estudado;

4) *a função justificativa*: permite explicar, *a posteriori*, as representações sociais de fenômenos que circulam num determinado grupo social.

Neste enfoque, percebe-se as peculiaridades das funções das representações sociais e as diferenças, muito tênues, entre as representações individuais e as coletivas, destacando-se, nestas, o processo de elaboração individual e coletivo, já observado por DURKHEIM (1958), quando distingue estas duas representações.

Entretanto, HERZLICH (1972a) chama a atenção para o processo de elaboração da representação social - destacando a predominância do social sobre o individual - quando reafirma o pensamento social produzido coletivamente. Outra diferença parece enfatizar que as representações sociais se referem ao período de vida do fenômeno social, inscrito no momento histórico-social vivenciado, enquanto as representações coletivas inserem-se na cultura e perpassam as gerações, independentemente do surgimento de um momento histórico que precipite um determinado fenômeno social.

### 1.5.3. As representações sociais e a psicologia social

A Psicologia Social é a disciplina científica que se propõe estudar e compreender as relações interpessoais e(ou) intersubjetivas entre o indivíduo e a sociedade. Entretanto, esta compreensão parece cada vez mais distante, uma vez que, para MOSCOVICI (1984), a Psicologia Social é a ciência do conflito entre o indivíduo e a sociedade, conforme tem se observado ao longo da história da humanidade, que se caracteriza por movimentos sociais marcados por inúmeras resistências: às pressões políticas autoritárias; às pressões de líderes empresariais; aos exageros da educação conservadora; às situações de exclusão - por exemplo, os movimentos sociais dos desempregados, dos sem-teto ou dos sem-terra.

Se, nas relações sociais, o EU se apresenta e se expressa de forma única e pessoal, o mesmo já não acontece com o NÓS, que se mostra múltiplo e coletivo. Eles representam dois universos separados e autônomos, regidos por suas próprias realidades. Em situações específicas, agem e interagem numa relação de conflito, como se fossem dois mundos estranhos, com dificuldades de internalizar o *substrato social* dos quais ambos são parte.

Entretanto, apesar da separação e do antagonismo existentes entre esses dois mundos, não se pode conhecer o universo social sem que antes se conheça o universo individual, uma vez que, eles se complementam e se constroem mutuamente (MOSCOVICI, 1984; LANE, 1994b).

Neste enfoque, a Psicologia Social, ao construir a teoria das representações sociais, introduz de maneira mais clara o social em sua essência, evitando a dicotomia entre o homem autônomo e isolado da sociedade e esta, como uma instituição que lhe transcende.

As representações sociais, enquanto conceito-chave desta disciplina, buscam minimizar a distância entre o homem e a sociedade. Elas traduzem, denunciam ou evidenciam os conflitos e os fatos sociais vividos e expressos pelos atores sociais. Apesar de ser uma teoria ainda em construção e evolução, ela tem, em sua essência, uma proposta de substituir a ausência ou a ineficiência dos modelos clássicos da Psicologia Social, como por exemplo, o behaviorismo, que não conseguiu ajustar os conflitos sociais aos comportamentos individuais (MOSCOVICI, 1984).

O modelo laboratorial S/R (estímulo/resposta) mostrou-se incompatível com os seres humanos, em virtude do universo biopsicossocial e cultural em que o homem se constitui e do qual ele é constituído desde fases muito precoces da infância.

Estabelecendo-se um paralelo entre o behaviorismo e a teoria das representações sociais, observa-se que o esquema S/R (estímulo/resposta), que determina um comportamento condicionado, foi substituído pelo esquema O/E/R/S (organismo/elaboração/ representação/ estímulo).

O modelo ora apresentado vem caracterizar as necessidades do organismo, suas elaborações psicossociológicas e, conseqüentemente, suas representações sociais. Elas agem como estímulos para as tomadas de posição do indivíduo, como guia de referência para suas ações, atitudes e comportamentos relativos aos fenômenos e fatos sociais. Ou seja, as representações sociais traduzirão o pensamento de um grupo comum que pensa homogeneamente a respeito de determinados fenômenos ou fatos sociais.

Observa-se que, nas representações sociais, o esquema E/R seria a elaboração dos fenômenos e fatos sociais que surgem como uma expressão do senso comum, ou seja, apresenta-se como o pensamento social e coletivo, que tem sido, em última análise, o objeto de construção da teoria das representações sociais, buscando auxiliar os indivíduos em suas relações interpessoais e(ou) intersubjetivas com a sociedade. Desta forma, percebe-se a importância do estudo das representações sociais, sobretudo para a Psicologia Social.

Inúmeras críticas têm sido feitas à teoria das representações sociais, devido, principalmente, a oposição teórica entre o pensamento da escola positivista e o do senso comum, ou seja, o pensamento social, constituído no campo das ciências sociais, relacionado aos momentos históricos e(ou) sociais, que fazem silenciar ou ressurgir a teoria das representações sociais.

Entretanto, neste trabalho, nossa preocupação foi a de utilizar o conceito de representação social desenvolvido no Laboratório de Psicologia Social, da École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris.

#### 1.5.4. A dinâmica cognitiva e as representações sociais

Para ABRIC (1994) as representações sociais são parte de um sistema sócio-cognitivo e, desta forma, é um erro dizer que elas são exclusivamente cognitivas, pois, quando os indivíduos apreendem um fenômeno social, suas representações sociais adquirem certas especificidades que lhes vão diferenciar de outras produções, como por exemplo, das atitudes, opiniões, ideologia, mito e mesmo de outros mecanismos cognitivos, como a aprendizagem e a fala.

As representações sociais atingem um componente fundamental, onde se localiza seu significado que por sua vez, encontra-se inserido nas especificidades, ou seja, nas dimensões temática e léxica, de seu conteúdo social e de seu processo de pensamento.

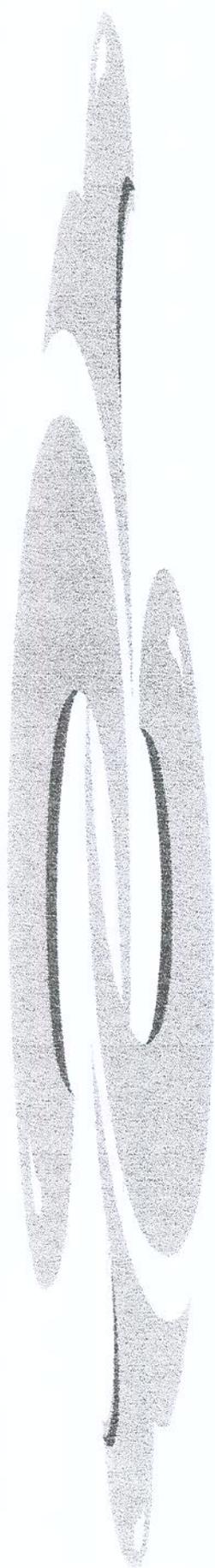
Este significado é determinado pelo contexto da linguagem inicial, isto é, pelo contexto onde o discurso é produzido e pelo seu campo social. Por isto, é importante observar o local ocupado pelo indivíduo no sistema social, e o seu contexto ideológico, pois, somente assim, pode-se ter a interpretação da teia de significados numa representação social.

A análise de uma representação social implica em um tratamento individual de compilação do discurso, que permite alcançar seu núcleo de significados. Para isto, o emprego do método de análise adequado é fundamental. Assim, podem ser utilizadas as seguintes técnicas de análise: de conteúdo ou quantitativa, na qual, dispõe-se de recursos matemáticos e estatísticos. Para este autor, tais técnicas têm um objetivo único: alcançar o objeto que está expresso no núcleo de uma representação social

Entretanto, seja qual for a técnica utilizada, ao se analisar e compreender o funcionamento de uma representação social, deve-se pensar, também, nesta abordagem sócio-cognitiva, pois ela integrará esses dois componentes, que são, inicialmente, o cognitivo, que é regido pela textura psicológica e, em seguida, o social, que apesar de representar o fato social em análise, direcionará e determinará os processos cognitivos. Em síntese, apesar das diferenças sociais genéricas e da lógica cognitiva, é através das condições sociais que se elaboram e transmitem as representações sociais, uma vez que, elas

estimulam as condições genéricas cognitivas. A primeira, enfatiza o conteúdo, isto é, o fenômeno social; a segunda, direciona o processo, ou seja, a organização do pensamento (DOISE, 1992)

Desta forma, pode-se dizer que uma representação social é um conjunto organizado de cognições relativos a um determinado objeto e dividido pelos membros de uma população homogênea, o que está em conformidade com consenso da comunidade intelectual francesa, que considera que as *representações sociais estão submetidas à lógica social e à lógica cognitiva* (MOSCOVICI, 1976; JODELET, 1994; ABRIC, 1994).



## ***2. OBJETIVOS***

## **DIRETRIZES ESTRUTURAIS**

Os capítulos 2 e 3 referem-se aos objetivos, hipóteses e metodologia desta pesquisa, considerados diretrizes estruturais que possibilitaram a busca do conhecimento científico, expresso nas representações sociais que os adolescentes têm sobre as violências familiares contra as crianças; as representações sociais que os adolescentes têm dos agressores e as representações de si mesmos, através de uma trajetória específica.

Diante da extensa literatura, sobre as teorias aqui apresentadas, a opção epistemológica, ou seja, o posicionamento e o enfoque científico, nos quais este trabalho se apoia, situa-se entre as ciências humanas e sociais que têm como referência o ator social, envolvido no cenário das violências domésticas e no contexto das representações sociais.

A área de concentração compreende as representações sociais no âmbito da Psicologia Social, sendo seu alvo a violência doméstica do tipo física e suas repercussões no processo de adolecer.

Salienta-se, entre os aspectos éticos, o compromisso assumido por esta pesquisadora, de que os adolescentes teriam direito de decidir sua participação na pesquisa, através de consentimento consciente, sendo-lhes assegurados o sigilo e o anonimato.

### **2.1. OBJETIVOS GERAIS**

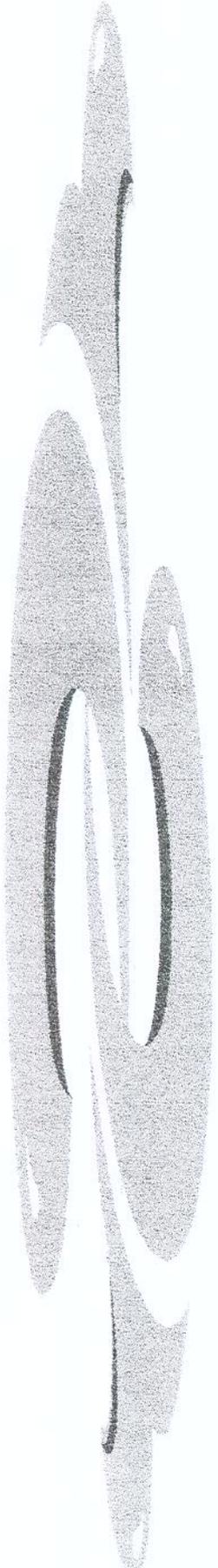
Descrever as representações sociais que 90 adolescentes de Campinas têm sobre as agressões físicas sofridas, em casa, durante a infância.

### **2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a) Identificar as representações de si mesmos no grupo de estudo e no grupo comparativo.
- b) Analisar as representações sociais que os adolescentes, com história de agressões físicas na infância, têm de seus agressores.
- c) Descrever os aspectos psicossociais e demográficos dos 90 adolescentes pesquisados.

### **2.3. HIPÓTESES FUNDAMENTAIS**

- a) A vivência de agressão física na infância determina o desenvolvimento de condutas e atitudes agressivas na adolescência.
- b) O núcleo central das representações sociais da violência familiar se constitui pela vivência de agressões físicas na infância.



### ***3. METODOLOGIA***

### 3.1. A DISCUSSÃO METODOLÓGICA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O processo dinâmico da teoria das representações sociais permitiu a muitos pesquisadores desenvolverem diferentes metodologias de coleta e de análise de dados (FLAMENT, 1981b; DI GIACOMO, 1981a; DOISE, 1985; ABRIC, 1994).

No que se refere a pesquisa de campo, muitas técnicas podem ser destacadas, entre elas, as entrevistas, os questionários padronizados, os desenhos livres, as pranchas indutoras, a observação participante e sistemática, a associação de idéias e de palavras, a dinâmica de grupo, os grupos focais, as descrições escritas e orais.

Estas diferentes técnicas têm como objetivo abordar o conteúdo das representações sociais em amostras simples e compostas. As técnicas se situam entre os métodos interrogativos e associativos. Os primeiros visam a expressão figurativa ou verbal do indivíduo em relação ao objeto estudado. Os segundos, consistem, também, de abordagem de expressões verbais, embora de forma mais espontânea, menos controlada e, conseqüentemente, mais autêntica (ABRIC, 1994)

Observa-se que, durante o desenvolvimento desta teoria, algumas questões metodológicas têm reafirmado sua maturidade científica, especialmente na década de 80, quando, por exemplo, a discussão sobre a coleta e a análise de dados de uma representação social provocou inúmeras críticas e polêmicas. Entre elas, podemos citar o debate acadêmico, sobre o pluralismo metodológico (FLAMENT, 1981b & DI GIACOMO, 1981a) que implica em definições de conceitos metodológicos pertinentes a esta teoria. Pois, como se sabe, a exemplo das demais ciências, é o método que vai definir o valor científico do estudo das representações sociais. Por outro lado, FARR (1992) aponta a sua principal crítica à teoria: a dimensão temporal. Para ele, não é possível reproduzir uma representação social: o fenômeno que ocorre no interior de uma sociedade, num momento particular, pode mudar com o passar do tempo, ou seja, a representação social não pode ser conceituada nem utilizada em outro momento da história. Em sua crítica, FAAR (1992) ressalta também, a ausência desta teoria não privilegiar um método de pesquisa. Entretanto, MINAYO (1994) considera que entrar no campo da metodologia das ciências sociais é penetrar em questões não resolvidas e onde o debate tem sido perene e não conclusivo, principalmente, pelas

diferenças que podem existir entre o método das ciências exatas. Para ela, o objeto das ciências sociais é histórico e está em constante dinamismo. Por isso, para analisar este objeto integrado aos grupos sociais é essencial a metodologia qualitativa, que investiga sua subjetividade. Já o método quantitativo, traz o tema da objetividade.

Os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho definiram as técnicas de coleta e os métodos de análise dos resultados obtidos.

Durante a pesquisa bibliográfica, sobre a metodologia, observamos que o estudo das representações sociais privilegia a análise de dados pelo método qualitativo, ou seja, a análise do discurso, que significa recortar o texto e trabalhar os temas-chave, os núcleos semânticos, as caracterizações e as tipologias identificadas na análise de seu conteúdo.

O método de análise quantitativa destina-se a validar as estruturas qualitativas e a delinear o perfil sócio-demográfico dos grupos pesquisados e, ainda, à análise de questões fechadas ou objetivas que possibilitaram quantificar os resultados desta pesquisa (BARDIN, 1988).

Dentre os métodos de análise quantitativa, pode-se destacar como um dos mais utilizados nas representações sociais, os multidimensionais. Entre eles se incluem: a análise fatorial; a análise de componente principal; a análise fatorial de correspondência; a análise de similitude; as técnicas INDSCAL (individual differences scaling) MDSCAL (multidimensional scaling) todos eles compostos de diferentes fórmulas matemáticas e estatísticas (CIBOIS, 1989; FLAMENT, 1981a; DI GIOCOMO, 1981b; DOISE, 1992; ABRIC, 1994).

Muitos esforços têm sido feitos para que seja desenvolvida uma teoria e se defina um método científico que resguarde os aspectos figurativos, simbólicos, mitológicos, religiosos e contos de fada, perpassados pela cultura através das gerações. São sinais, signos e representações que se constroem nas relações dos homens com os fatos, fenômenos e com as experiências que lhes são comuns.

Poderemos dizer que as representações são fenômenos elaborados segundo os atores sociais, conforme sua interação com o grupo e com os objetos socialmente valorizados. Sua realidade é construída através do aparelho psíquico, a partir do

conhecimento e das informações a respeito de um objeto, de um fenômeno, de uma situação vivenciada, imaginada ou mesmo desejada.

Observa-se que a dinâmica inconsciente também é incorporada às representações sociais, quando se trata da expressão do desejo, do ideal e das idealizações. Por esta razão, durante as análises, o método qualitativo parece dar conta das interpretações mais complexas e subjetivas mapeadas nos conteúdos dos discursos, ou seja, na fala dos atores sociais que, ao serem analisados adquirem um *status* científico-metodológico. Tal fenômeno para DURKHEIM(s/d) se expressa pela fala e pela discussão “...ora se a dialética é o principal método científico, se tal método tem o objetivo de fazer com que cessem as divergências, é precisamente porque o papel da ciência consiste em volver os espíritos para as verdades impessoais, e em fazer com que findem as divergências e os particularismos”.

### 3.2. DEFINIÇÃO METODOLÓGICA

Neste trabalho, os procedimentos metodológicos utilizados na coleta e análise das representações sociais privilegiam o conteúdo do discurso dos adolescentes. São discursos teóricos e práticos, transmitidos através de frases e sentenças escritas ou faladas numa interação<sup>14</sup> entre a pesquisadora e os adolescentes durante as etapas que estabeleceram os procedimentos desta pesquisa.

Na coleta do discurso, através da entrevista e da aplicação dos eixos temáticos, pré estabelecidos nos instrumentos de pesquisa, buscamos as categorias centrais retiradas da linguagem e da comunicação. Os discursos teóricos ou práticos, com seus conteúdos e os seus temas centrais, foram relatados segundo a prática e argumentação dos grupos. Eles constituem as representações sociais da vivência de maus tratos físicos na infância dos adolescentes desta pesquisa.

---

<sup>14</sup> A teoria da competência comunicativa, de Habermas, organizada por Barbara Freitag e Sérgio Paulo Rouanet e, coordenada por Florestan Fernandes (1990), menciona que a interação pressupõe o discurso, porque somente a argumentação discursiva permite resolver o problema de validade ou legitimidade das afirmações. Os homens não podem nem interagir, nem comunicar-se discursivamente senão na perspectiva de uma ordem social não-repressiva (caracterizada pela comunicação e pela situação lingüística ideal), a qual, precisamente, não existe, mas que tais antecipações nos autorizam a definir como possível. A teoria da competência comunicativa permite a crítica do conhecimento; da cultura e do Estado, na óptica do discurso teórico e do discurso prático.

### **3.3. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA**

#### **População estudada**

Foram estudados 90 adolescentes de ambos os sexos, com idades compreendidas entre 12 e 18 anos, que expressaram seu desejo de participar da pesquisa.

Para atingir os objetivos e comprovar ou não as hipóteses, foram pesquisados adolescentes representativos da população alvo. Entendemos, neste estudo, por população alvo, aquela constituída por crianças e adolescentes com vivência de maus tratos na infância.<sup>15</sup>

#### **Tamanho da Amostra**

Pretendeu-se definir o tamanho da amostra empregando-se a amostragem aleatória simples, na qual o N foi calculado admitindo-se a população finita (N=256 casos de adolescentes vitimados em 1995) e um erro amostral de 5%. Os 256 casos foram retirados das notificações de maus tratos físicos ocorridos em 1995, nos órgãos que efetuam tais registros, ou seja, o CRAMI - Centro Regional de Registro e Atenção aos Maus Tratos na Infância e Adolescência-Campinas (104 casos), a Vara da Infância e da Juventude (90 casos) e a Delegacia da Mulher (62 casos).

Entretanto, por tratar-se de uma população homogênea quanto a idade, escolaridade e condições sócio-econômicas e, por considerar-se o índice de 20% de ocorrências de maus tratos físicos representativo desta população de adolescentes com histórias de violência física na infância (SANTOS, 1987), a estimativa resultou em aproximadamente 60 sujeitos para compor o grupo de estudo.

Todavia, a população que participou do processo de formação das amostras foi constituída de 137 adolescentes, inicialmente, adequados aos critérios de inclusão.

---

<sup>15</sup> Vivência de maus tratos na infância corresponde às violências físicas e(ou) psicológicas, que deixam marcas no corpo, hematomas, queimaduras, fraturas, ou aquelas que correspondem às alterações corporais, mentais ou sociais, de características intencionais, na maioria das vezes expressas por espancamento, sevícias sexuais e estupros, intoxicações ou envenenamentos(CRAMI,1995).

## **Locais de Pesquisa**

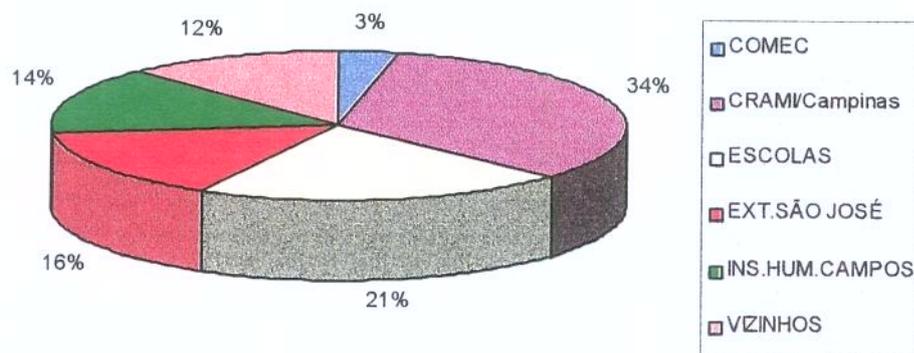
A assistente social da FEAC - Federação das Entidades Assistenciais de Campinas indicou (05) cinco instituições que notificam, atendem ou abrigam adolescentes com história de maus tratos físicos na infância: CRAMI - Centro Regional de Registro e Atenção aos Maltratos na Infância; IHC - Instituto Humberto de Campos, COMEC - Centro de Orientação ao Menor de Campinas, o ESJ - Externato São João e o Educandário Eurípides.

Essas instituições facilitaram a realização da pesquisa, com exceção desta última, cuja diretora informou que só autorizaria a pesquisa em troca de um ganho, uma contrapartida a sua instituição.

No CRAMI-Campinas foram realizadas as atividades e as ações de administração e planejamento da pesquisa de campo do grupo de estudo, constituído inicialmente de 30 casos de adolescentes notificados nessa Instituição.

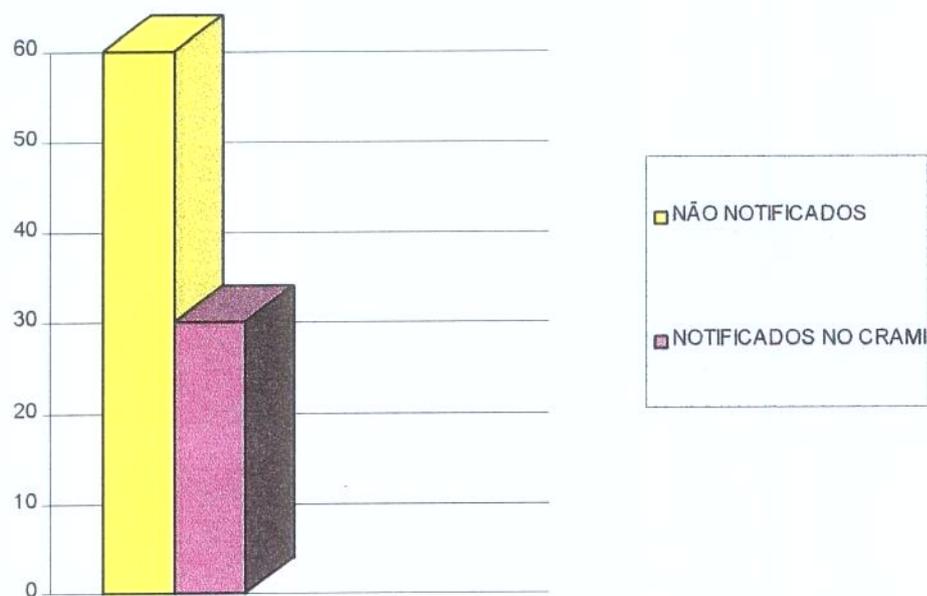
Entretanto, a abordagem e(ou) entrevista com os adolescentes, cujos casos foram no notificados ocorreram em suas moradias ou em seus locais de trabalho.

Outras fontes de pesquisa foram os VIZINHOS e as ESCOLAS dos adolescentes com casos notificados no CRAMI-Campinas, conforme se observa a distribuição por fonte de pesquisa, no gráfico a seguir.



**Gráfico 1:** Distribuição gráfica dos adolescentes, segundo a procedência<sup>16</sup>. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra estudada que é de 100%

<sup>16</sup> A procedência dos adolescentes refere-se aos locais onde eles se encontravam no momento da pesquisa e(ou) onde houve notificação de maus tratos físicos. Dos 34% dos procedentes do CRAMI-Campinas, 13% participaram da Dissertação de Mestrado, desta pesquisadora, apresentada na FCM/UNICAMP, em 1992.



**Gráfico 2:** Distribuição gráfica dos adolescentes desta pesquisa, segundo a notificação no CRAMI-Campinas. Os valores numéricos expressos na escala representam o total da amostra estudada que é de 90 sujeitos.

### 3.4. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

#### Para o grupo de estudo

De acordo com os procedimentos a seguir, foram analisadas as fichas cadastrais de crianças e adolescentes com histórias de agressões físicas na infância - cujos casos foram notificados no CRAMI-Campinas.

1. Seleção das fichas cadastrais das crianças e adolescentes com idades compreendidas entre 07 e 13 anos, no período 1990/1991, com notificações confirmadas de violência física na infância. Seus pais ou responsáveis participaram da pesquisa “Estudo Descritivo de Aspectos Psicossociais de Pais e Responsáveis Agressores de Crianças e Adolescentes Atendidos no CRAMI-Campinas (MONTEIRO, 1992).

2. Seleção de outras fichas cadastrais de crianças e adolescentes, de ambos os sexos, com notificações no CRAMI-Campinas. Nestes casos também houve confirmação de violência física na infância, no período de 1990 a 1991. Nesta ocasião as idades estavam entre 07 e 13 anos.

Para os dois critérios de seleção da amostra, o CRAMI - Campinas forneceu 72 fichas de registros de notificação de maus tratos físicos ocorridos em 1990/1991. Destas fichas, 20 eram de notificação de maus tratos físicos relativas aos casos especificados no item 1, sendo que, 52 fichas de notificação de maus tratos físicos correspondem ao item 2.

Durante as visitas domiciliares aos adolescentes notificados no CRAMI-Campinas, na busca de um grupo comparativo (que será descrito a seguir) através do contato com os adolescentes da vizinhança e com os colegas das escolas, observamos que a vivência de maus tratos físicos também estava presente naquela amostra.

Por reconhecer que há subestimação da violência familiar, frente a este dado confirmatório, consideramos necessária a inclusão desses adolescentes no grupo de estudo, representado por 10 adolescentes VIZINHOS daqueles com notificações no CRAMI-Campinas; 02 adolescentes pesquisados no COMEC; 11, pesquisados no ESJ e 07, pesquisados nas ESCOLAS dos adolescentes com notificação no CRAMI-Campinas. Estes adolescentes foram incluídos na categoria do grupo de estudo por considerarmos soberana a expressão pessoal, como notificante de sua vivência de agressão na infância, ao responderem afirmativamente a questão 43: **“Você se lembra de ter sofrido agressão física em sua casa durante a sua infância?”** (do Questionário I) e os subítem: **“1) Quem foi a pessoa que lhe agrediu fisicamente? 2) Quais foram os objetos usados para lhe agredir? 3) Você recebeu algum tipo de assistência depois desta agressão? 4) Quem lhe deu assistência depois desta agressão? 5) Descreva como você se sentiu depois desta agressão?”**

**Tabela 1:** Distribuição dos adolescentes, segundo as fontes de pesquisa e as vivências de violência familiar. Os valores numéricos representam o total das amostras que é de 90 sujeitos

FONTES DE PESQUISA	VIVÊNCIA VFI		
	SIM	NÃO	TOTAL
COMEC	02	01	03
CRAMI/Campinas	30	–	30
ESCOLAS DOS BAIRROS	07	12	19
EXT.SAO JOSE	11	03	14
HUMBERTO DE CAMPOS	–	13	13
VIZINHOS DOS BAIRROS	10	01	11
TOTAL	60	30	90

### Para o grupo comparativo

Os adolescentes, incluídos na categoria grupo comparativo, são provenientes de cinco fontes de pesquisa, ou seja: IHC, VIZINHO, COMEC, ESCOLAS, ESJ, conforme a distribuição da Tabela 001. Foram selecionados de acordo com os seguintes procedimentos:

1. Incluímos, nesta categoria, os adolescentes que responderam negativamente a questão 43: **“Você se lembra de ter sofrido agressão física em sua casa durante a sua infância?”** (do Questionário I) e os subítemos: **“1) Quem foi a pessoa que lhe agrediu fisicamente? 2) Quais foram os objetos usados para lhe agredir? 3) Você recebeu algum tipo de assistência depois desta agressão? 4) Quem lhe deu assistência depois desta agressão? 5) Descreva como você se sentiu depois desta agressão?”**

2. Priorizamos a seleção do VIZINHO de rua, ou seja, os adolescentes que moram na mesma rua daquele com notificação no CRAMI-Campinas. Quando não foi possível localizar um vizinho de rua, estendeu-se a pesquisa para outras ruas do mesmo bairro.

3. Incluímos um informante na formação do grupo comparativo, ou seja, uma pessoa que indicasse os adolescentes que não tinham história de maus tratos na infância. Esta pessoa tratava-se de mães ou avós.

Entretanto, na pesquisa nas ESCOLAS onde estudam os adolescentes com notificação no CRAMI - Campinas, tivemos o principal informante um membro da equipe docente ou a diretora da escola.

4. Pesquisamos os adolescentes do grupo comparativo através de critérios de idade e sexo, semelhantes aos daqueles com notificação no CRAMI-Campinas, tanto na pesquisa com os VIZINHOS quanto nas ESCOLAS.

A amostra foi constituída de 30 adolescentes sem notificação e sem vivência de quaisquer formas de maus tratos.

### **Procedimentos para as coletas dos dados**

As técnicas para a coleta dos dados priorizaram as informações fornecidas pelos adolescentes nos Instrumentos de Pesquisa e as observações da pesquisadora durante a entrevista inicial.

As observações da pesquisadora referem-se às reações que os adolescentes apresentaram no momento da entrevista inicial e(ou) aos responderem os instrumentos de pesquisa.

A pesquisadora registrou outras reações ou acontecimentos significativos ocorridos durante a visita domiciliar, para que este estudo possuísse elementos necessários para alcançarmos nossos objetivos e verificássemos as hipóteses formuladas (ECO, 1977; CHIZZOTTI, 1995).

As histórias de vida coletadas durante a pesquisa na Dissertação de Mestrado, a entrevista inicial, as observações da pesquisadora, os dados da ficha de registro do CRAMI-Campinas e os resultados dos instrumentos de pesquisa possibilitaram a construção de 30 relatos de adolescentes com notificações de maus tratos físicos no CRAMI-Campinas.

Os 90 adolescentes responderam aos Instrumentos de Pesquisa em situações específicas: CRAMI-Casa; ESCOLAS-Escola; VIZINHOS-Casa, no período de 1996 a 1997.

Para os adolescentes que responderam em casa, a aplicação foi individual. A aplicação coletiva aconteceu nas escolas, em salas de aula oferecidas pelas referidas instituições.

O tempo de duração de cada entrevista inicial e da aplicação dos instrumentos de pesquisa foi em média, de duas horas para o grupo proveniente do CRAM-Campinas. Para os demais adolescentes, a aplicação foi, em média uma hora e trinta minutos.

## **OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA**

### **Entrevista Inicial**

Realizamos entrevista com trinta adolescentes do grupo de estudo, para investigar temas relativos ao estilo de vida: hábitos; interesses; preocupações; ocorrências de violência pública e privada; lazer; escola; família e projeto de vida.

A entrevista do tipo semi-aberta possibilitou que o entrevistado abordasse temas de seu interesse, embora, os eixos temáticos tenham sido direcionados pela pesquisadora (BLEGER, 1993). A entrevista foi realizada sob as condições que se apresentaram naquele momento. No primeiro contato explicávamos os motivos da visita domiciliar. Frequentemente, falávamos com três ou quatro membros da família que colocavam questões relativas aos acontecimentos que motivaram às notificações dos maus tratos, ocorridos em 1992. Quando o adolescente concordava em participar, perguntávamos se haveria um local onde pudéssemos ficar mais isolados do contexto da família. Ao iniciarmos a entrevista, na medida do possível, evitamos as interrupções. Pelos relatos do capítulo 4.1, podemos observar que fora difícil controlar as condições das trinta entrevistas realizadas. Ao ser apresentado cada tema, o adolescente de início, apresentava dificuldades em respondê-lo. Entretanto, ao fazê-lo, a pesquisadora observava as suas respostas. No final da

entrevista, era preparada uma síntese, com a ajuda do adolescente que, freqüentemente, queria acrescentar outras informações. Após a entrevista, ele preenchia os questionários, sob a supervisão da pesquisadora. Depois de concluído a entrevista, revendo como ela tinha ocorrido, a pesquisadora acrescentava outras informações relativas ao ambiente familiar, atitudes e condições emocionais do entrevistado. As informações colhidas sobre os fatos e as opiniões possibilitaram a construções dos relatos que foram discutidos no conjunto deste trabalho.

### **Questionário I**

Este questionário foi projetado visando atender as diretrizes necessárias para a construção das representações sociais das violências privadas e públicas, vivenciadas na infância e adolescência.

As representações sociais ocorreram a partir da experiência do adolescente vitimado na infância e(ou) através de seu conhecimento sobre a violência familiar contra crianças, de suas práticas e elaborações da realidade cotidiana e de seu universo psicossocial.

Pretendemos identificar as representações sociais no grupo que sofreu violência física na infância e naquele que não teve esta vivência na infância, mas que é, no entanto, capaz de expressar suas representações a respeito deste fenômeno social.

O Questionário I foi respondido individualmente em todas as situações de aplicação. Este instrumento visa investigar as representações sociais da vivência familiar contra crianças e adolescentes, as representações de si mesmos, as representações do agressor, a associação entre a vivência de maus tratos físicos na infância e o desenvolvimento de comportamentos agressivos e violentos na adolescência, mesmo na ausência violência familiar na infância ou adolescência.

A confecção desse questionário situou-se no contexto da problemática estudada, ou seja, nas especificidades do sujeito deste trabalho e na busca da construção de seu objeto. Sua elaboração passou por diferentes etapas; estas, vão desde as reuniões com as orientadoras da tese, da Universidade Estadual de Campinas-São Paulo e da École des

Hautes Études en Sciences Sociales-Paris, que muito contribuíram na análise crítica das questões formuladas e de sua aplicação junto aos adolescentes. A construção e a aplicação dos instrumentos de pesquisa foram também discutidas com professores da área de educação da Universidade Católica de São Paulo.

A fim de ser testada a inteligibilidade das questões e a compreensão do preenchimento do Questionário I e II, foi realizado um Projeto Piloto junto a 40 adolescentes da cidade de Campinas e que eram provenientes do Instituto Humberto de Campos-Campinas, do COMEC - Centro de Recuperação do Menor de Campinas e da Escola Dr. Quirino.

O Questionário I permitiu aos adolescentes responderem livremente às perguntas abertas e fechadas, num fluxo de associação de idéias e de palavras. Foi constituído de 45 questões básicas, elaboradas para alcançar os objetivos e confirmar ou não as hipóteses deste trabalho.

A coleta do conteúdo das representações sociais, nesse instrumento de pesquisa, abrangeu as técnicas interrogativas, projetivas e de associação de nomes indutores (ABRIC, 1994; CHIZZOTTI, 1995). Consideramos as elaborações individuais, a comunicação, a expressão e outras variáveis observadas durante seu preenchimento.

## **Questionário II**

Este questionário foi desenvolvido tendo como objetivos pesquisar o perfil sociodemográfico e os relacionamentos familiares da população pesquisada.

Para manter a padronização da nomenclatura sociodemográfica, recorreremos ao Anuário Estatístico do Brasil (IBGE, 1994).

A fim de atingir as especificidades dos objetivos deste trabalho, construímos um questionário estruturado contendo 15 perguntas básicas pertinentes à situação sociofamiliar dos adolescentes. A percepção sobre os pais foram coletadas através de questões abertas (RUDIO, 1986; RUIZ, 1988; SEVERINO, 1989) visando a construção das representações sociais dos agressores. O Questionário II foi preenchido pelos 90 adolescentes que participaram desta pesquisa

## **CRITÉRIOS DE INCLUSÃO**

### **Foram incluídos nesta pesquisa**

12 adolescentes, incluídos nesses critérios, foram selecionados entre as 72 crianças e adolescentes cujos pais ou responsáveis participaram da pesquisa “Estudo Descritivo de Aspectos Psicossociais de Pais e Responsáveis Agressores de Crianças e Adolescentes” atendidos no CRAMI-Campinas (MONTEIRO, 1992), que, no período de 1990/1991, tinham idades compreendidas entre 7 e 13 anos. Somente 20, deste grupo foram inicialmente selecionados.

18 dos 52 adolescentes com notificação de violência doméstica, no período de 1990/1991.

11 provenientes da VIZINHANÇA dos adolescentes com notificação de maus tratos físicos, no CRAMI-Campinas, foram selecionados segundo os critérios de sexo, idade e escolaridade.

19 adolescentes das ESCOLAS onde estudam os adolescentes com notificação de violência doméstica no CRAMI-Campinas e que foram selecionados segundo critérios de sexo, idade e escolaridade.

30 adolescentes do COMEC, ESJ, IHC , de ESCOLAS do bairro e da VIZINHANÇA foram incluídos no grupo comparativo pela ausência de história de violência doméstica na infância e na adolescência.

## **CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO**

### **Adolescentes excluídos desta pesquisa**

Aqueles com notificação no CRAMI-Campinas, mas, sem confirmação da violência doméstica;

Aqueles com notificação no CRAMI-Campinas, em virtude de outras formas de maus tratos: abandono, negligência, estupro ou qualquer outra forma de maus tratos físicos e psicológicos fora dos critérios de inclusão;

As crianças e os adolescentes com notificação por violência física no CRAMI-Campinas, com idade inferior a 07 anos ou superior a 13 anos, no período de 1990/1991.

Os que estavam sendo atendidos no CRAMI-Campinas no período em que esta pesquisa foi realizada.

As crianças e os adolescentes portadores de lesão cerebral.

Aqueles da vizinhança dos adolescentes com notificação confirmada no CRAMI-Campinas e que se encontravam de férias nesta cidade, tendo relatado história de maus tratos na infância.

## **CRITÉRIOS DE DESCONTINUIDADE**

### **Adolescentes descontinuados desta pesquisa**

Compreendemos por descontinuidade o fato dos adolescentes não responderem aos instrumentos de pesquisa e(ou) após terem sido incluídos na pesquisa eles não foram localizados. Identificamos 47 adolescentes neste critério, conforme as explicações que se seguem:

**Tabela 2:** Distribuição gráfica da descontinuidade de 47 adolescentes oriundos do CRAMI-Campinas

<b>Motivos da descontinuidade</b>	<b>Casos</b>
Mudança de endereço	29
Casa fechada	03
Endereço não localizado	02
Casa demolida	01
Menor de 12 anos	02
Danificou o instrumento de pesquisa	01
Não concluiu o instrumento de pesquisa	09

### **3.5. DESENVOLVIMENTO DA ANÁLISE**

Esta etapa visou o planejamento e a definição dos métodos de análise das informações coletadas na pesquisa das representações sociais da vivência de maus tratos na infância.

Considerando-se que, ao término da coleta das representações sociais da vivência doméstica, o pesquisador se confronta com um discurso constituído de um conjunto de opiniões, impressões, atitudes, crenças e ideologias; que as informações coletadas precisavam ser ordenadas, organizadas, analisadas e interpretadas; que a utilização dos questionário mostrou dados e fatores explicativos da população alvo; que os instrumentos de pesquisa desenvolvidos abrangem conteúdos qualitativos e quantitativos; que as questões básicas formuladas foram distribuídas, conforme suas especificidades, entre perguntas abertas e fechadas; esta pesquisadora ficou convicta da importância do método de análise qualitativa, associado ao de análise quantitativa, como fora previsto durante a avaliação dos dados do projeto piloto (DEMO, 1985; CONTRANDRIOPOULOS, 1994).

#### **Método de análise qualitativa**

Realizamos análise qualitativa, nas questões abertas e nas expressões e frases elaboradas para os questionários e entrevistas, tendo em vista que tudo que é falado ou escrito é susceptível de análise de conteúdo. Esta técnica permitiu a descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo das informações coletadas. As categorias e os eixos temáticos constituíram as representações sociais, na perspectiva dos adolescentes, através da avaliação e análise da entrevista inicial e do questionário I (BARDIN, 1988).

A análise qualitativa priorizou os elementos semânticos e lexicais que expressavam significados de mensagem articulados com aspectos de natureza psicológica, sociológica e política.

## **Procedimentos na pré-avaliação**

**SEMÂNTICA:** estuda a representação do sentido das palavras, frases ou sentenças enunciadas.

1 - recortar as perguntas e, em seguida, agrupar e codificar os textos respondidos e as frases afins, segundo os significados das mensagens que deram origem às unidades de registro, isto é, as palavras, as frases ou as sentenças expressas, que em última análise definem as categorias deste trabalho;

2 - avaliar e comparar as unidades de registro quanto a frequência (quantitativamente) e a presença ou ausência de significados (qualitativamente);

3 - definir as categorias que emergem das unidades de registro;

4 - agrupar e classificar os temas dos discursos segundo os critérios de presença, ausência e frequência, visando alcançar os objetivos e confirmar ou não as hipótese deste trabalho, ou seja, os eixos temáticos foram definidos nos instrumentos de pesquisa.

**LÉXICA:** estuda o vocábulo ou a palavra em si.

1 - preparar as grades léxicas segundo o critério de frequência das palavras nas questões fechadas;

2 - definir os temas pré-determinados nos instrumentos de pesquisa, segundo a presença, a ausência e a frequência de palavras e frases que constituem as categorias valorizadas e rejeitadas nos relatos dos adolescentes;

3 - verificar as palavras-chave, separando os substantivos e os adjetivos que expressavam sentimentos positivos e negativos sobre as representações de si mesmos, sobre as representações sociais dos agressores e sobre as representações da violência familiar ou doméstica.

## **Procedimentos na análise de conteúdo**

As categorias são elementos, retirados dos discursos, que agrupam temas rejeitados e valorizados, definidos segundo os critérios de motivação de opiniões, de atitudes, valores, crenças e tendências expressas pelos adolescentes. Consideramos estas categorias os elementos que constituíram o significado que os relatos dos adolescentes queriam expressar:

a) visando a dimensão semântica em que as categorias se situavam, ou seja, se elas tinham um sentido voltado para: (1) traços psicológicos, (2) relações sociais; (3) relações familiares, (4) atributos físicos e de (5) outras categorias identificadas nos discursos, que objetivavam realçar: temas valorizados e rejeitados; contradições e sutilezas; os sentimentos e atributos presentes às representações de si mesmos, às representações do agressor e a representações sociais da violência familiar contra crianças.

b) visando a presença de vocábulos afins, ou sinônimos identificados através da análise léxica, segundo o critério de verificação da frequência das palavras-chave.

## **Método de análise quantitativa**

Os dados provenientes das questões fechadas e abertas foram tratados pelo programa Epi Info 6. Para isto, foi realizado um banco de dados com todas as questões dos Instrumentos de Pesquisa. As respostas das questões abertas foram incluídas no banco de dados, após todos os procedimentos da análise qualitativa, ou seja, depois da definição das categorias valorizadas e rejeitadas e das palavras-chaves serem identificadas.

O banco de dados foi submetido ao Núcleo de Estatística da Pró - Reitoria de Pesquisa da UNICAMP, que realizou o tratamento estatístico, permitindo a comparação dos grupos; o cruzamento das variáveis; as frequências e associações e finalmente, a elaboração de tabelas e gráficos.

A análise fatorial de correspondência teve como interesse principal verificar o núcleo central da representação social da violência familiar ou doméstica. Para isto, através

da técnica de associação livre, à partir de um nome indutor, ela foi utilizada na questão 16 do Questionário I, que permitiu aos adolescentes escreverem as 10 primeiras palavras que lhes vieram à mente no momento da entrevista ou do preenchimento desta questão.

A aplicação da análise fatorial de correspondência, como um teste de correlação de dados, teve como objetivo verificar quais palavras estavam mais próximas da expressão indutora e, se os vocábulos se expressam diferentemente entre os dois grupos de interesse (BERTIER & BOUROCHO, 1977), ou seja, o quanto cada vocábulo tinha  $\chi^2$  estatisticamente associado a expressão indutora e em relação ao grupo de estudo e ao grupo comparativo.

Após esta análise, consideramos somente as palavras que apresentaram contribuição relativa para formar o eixo de 0,51389(100% da inércia)

Os recursos matemáticos e estatísticos, pertinentes ao método quantitativo, validaram, também, os resultados das análises de conteúdo qualitativo, relativos ao agrupamento e à classificação das categorias e dos temas identificados nas questões abertas e fechadas dos instrumentos de pesquisa.

Neste trabalhos, os testes estatísticos utilizados foram: teste de frequência, percentual, qui - quadrado e análise fatorial de correspondência.

## **JUSTIFICATIVAS PARA OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **No que concerne a operacionalização da pesquisa**

Os instrumentos de pesquisa foram elaborados com o objetivo de pesquisar aspectos qualitativos e quantitativos das complexas questões que envolvem as representações sociais da violência familiar contra crianças.

As técnicas utilizadas no Questionário I, de nomes indutores, associação de idéias e de palavras e de construção de frases e sentenças, foram aplicadas nas questões abertas (JODELET, 1994; ABRIC, 1994). Elas permitiram atingir o conteúdo e os processos de pensamento que constituem os principais fatores das representações sociais (MOSCOVICI, 1976).

De acordo com ABRIC (1994), mais que a entrevista, o questionário é, até hoje, a técnica mais utilizada no estudo das representações sociais. Este sucesso pode ser explicado por muitas razões: contrariamente a entrevista - método essencialmente qualitativo - o questionário permite introduzir os aspectos quantitativos fundamentais do aspecto social de uma representação. Nesta mesma perspectiva, DOISE (1992) também privilegia o uso do questionário no estudo das representações sociais.

### **No que concerne a operacionalização das análises**

Na presente justificativa, é que a escolha de se utilizar a análise qualitativa/quantitativa deve-se a interconexão da teoria, da realidade do fenômeno social e das perguntas formuladas nos instrumentos de pesquisa com os dois métodos de análise.

Esta interação metodológica permite a análise quantitativa do quadro mais geral e a análise qualitativa do quadro mais singular. O resultado singular ou qualitativo se dá através de processos quantitativos: o singular é retirado do geral isto é, o particular é um geral não-regular.

No debate de MINAYO & SANCHES(1993) percebemos a discussão entre o particular e o geral e, reafirmamos a defesa da complementaridade na aplicação dos métodos de análise sob as seguintes argumentações:

1. Do ponto de vista metodológico, não há contradição, assim como, não há continuidade, entre investigação quantitativa e qualitativa. Ambas são de natureza diferentes. A primeira atua em níveis da realidade, onde os dados se apresentam aos sentidos. \_\_\_\_\_A segunda trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes e opiniões (MINAYO & SANCHES,1993);

2. Tanto do ponto de vista quantitativo e qualitativo, é necessário utilizar todo o arsenal de métodos e técnicas que ambas as abordagens desenvolveram para que fossem consideradas científicas (MINAYO & SANCHES, 1993).

3. O estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa (MINAYO & SANCHES, 1993)

Agora, parece-nos oportuno citar outros pesquisadores que opinaram favoravelmente sobre o debate de MINAYO&SANCHES (1993), o que possibilitou-nos maior segurança na definição metodológica desta pesquisa:

1. Os argumentos arrolados em defesa da posição qualitativo-quantitativo, são bastante esclarecedores, chamando atenção para as particularidades e especificidades de cada abordagem (\*PERES, 1993);

2. Ocorre que a formação acadêmica de nossos pesquisadores tende a privilegiar um enfoque ou outro, raramente uma forma de pensar quali-quantitativamente. A dicotomia oposição/complementaridade surge da própria dificuldade dos pesquisadores, em um universo metodológico cada vez mais complexo, de fazerem igualmente bom uso das diversas formas de se aproximar da realidade empírica(\*\* SANTOS, 1993);

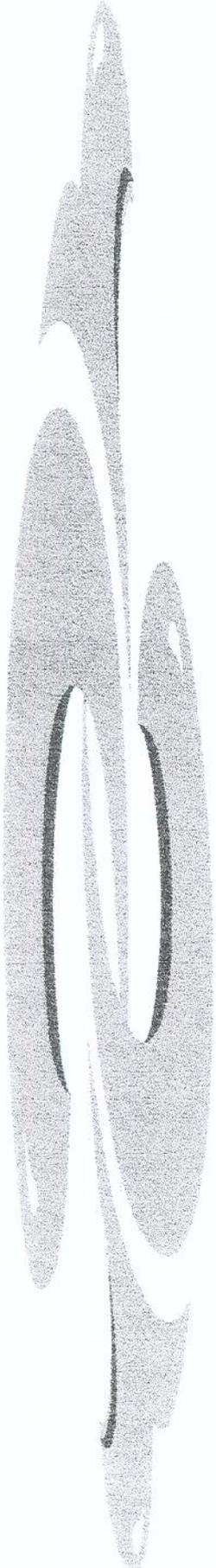
3. Consideramos que seria proveitosa uma integração dos estudos qualitativos e quantitativos (quer os primeiros contextualizando e provendo elementos para o refinamento de modelos a serem testados posteriormente, quer em termos de informações geradas por dados quantitativos, salientando pontos a serem aprofundados pela abordagem qualitativa) ou, também uma possível competição das duas abordagens em um programa de investigação objeto-específico" (\*\* REICHENHEIM, 1993).

---

\* PERES, *apud* MINAYO,CM&SANCHES,O - Quantitativo-Qualitativo:Oposição ou Complementaridade, Cadernos de Saúde Pública,3(9):239-262,1993.

\*\* SANTOS, *apud* MINAYO,CM&SANCHES,O - Quantitativo-Qualitativo:Oposição ou Complementaridade, Cadernos de Saúde Pública,3(9):239-262,1993.

\*\*\* REICHENHEIM, M. *apud* MINAYO,CM&SANCHES,O - Quantitativo-Qualitativo:Oposição ou Complementaridade, Cadernos de Saúde Pública,3(9):239-262,1993.



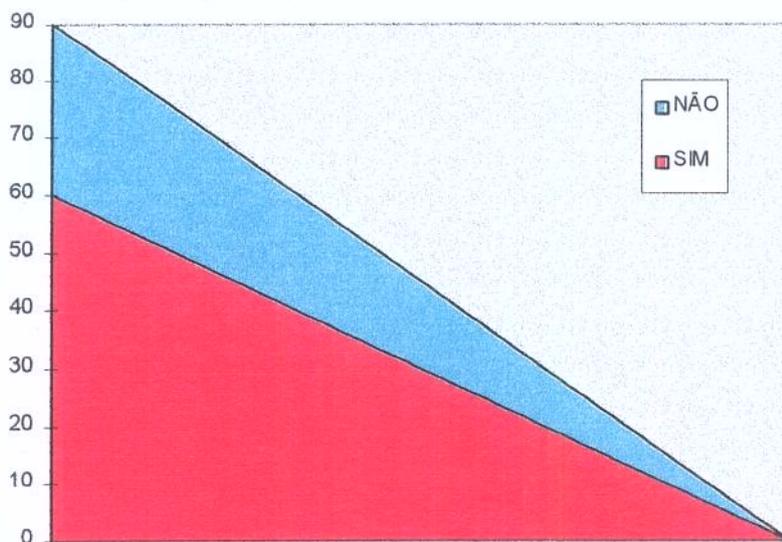
***4. RESULTADOS***

A pesquisa de campo foi realizada nas residências ou nas escolas dos adolescentes. Para os menores de dezoito anos, os pais autorizam a participação. No primeiro contato com o grupo proveniente do CRAMI-Campinas houve a entrevista com trinta adolescentes; o que possibilitou a construção de seus relatos, apresentados neste capítulo.

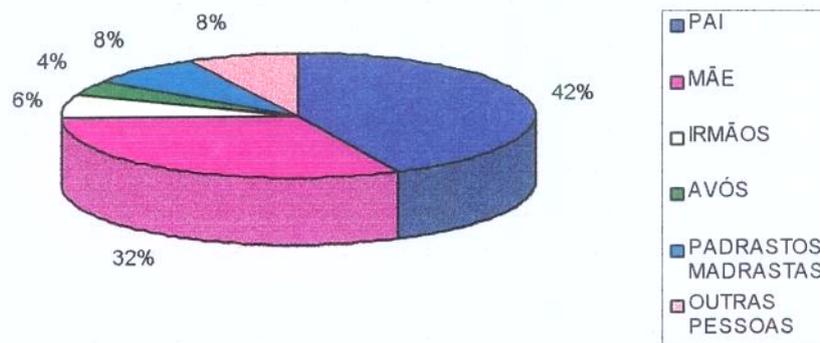
Após os procedimentos metodológicos, incluímos no grupo de estudo aqueles que responderam afirmativamente a questão 41 do Questionário I e seus subitens. O Grupo Comparativo foi pesquisado nas mesmas fontes e constituiu-se de 30 adolescentes que revelaram ausência de agressões físicas em seus lares, durante a infância.

Os resultados, referentes aos aspectos sociais e demográficos; às representações que os adolescentes têm deles mesmos, segundo a sua imagem pessoal e social; as representações dos agressores e as representações de vivências de agressões sofridas na infância, são apresentados e discutidos no capítulo seguinte.

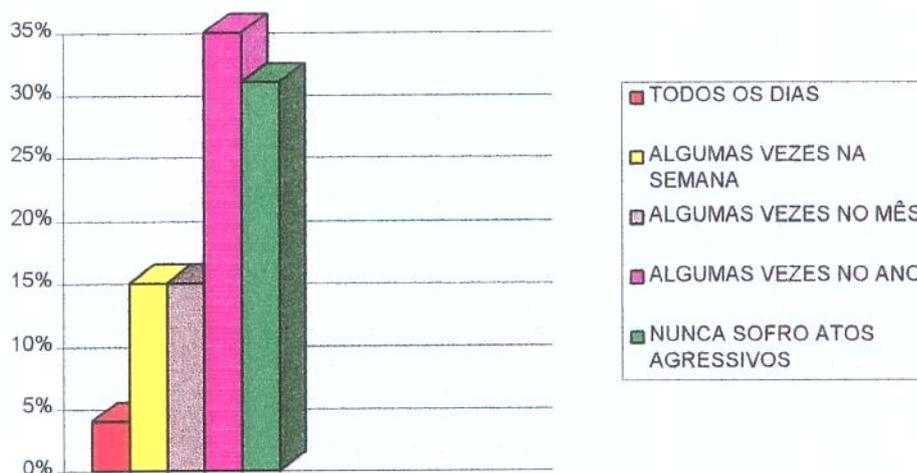
Os cinco gráficos, a seguir, definem a composição dos dois grupos estudados:



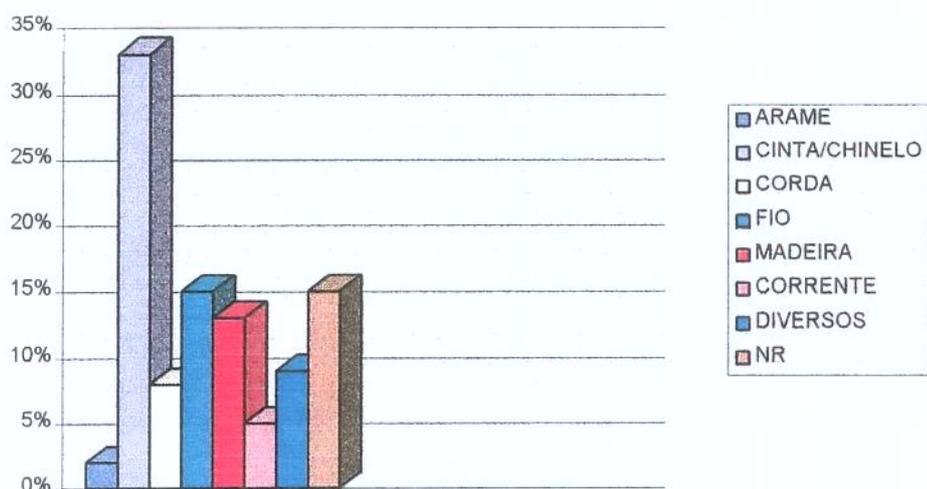
**Gráfico 3:** Distribuição gráfica das agressões físicas na infância, segundo os adolescentes desta pesquisa. Os valores numéricos expressos no gráfico representam o total das amostras estudadas que é de 90 sujeitos.



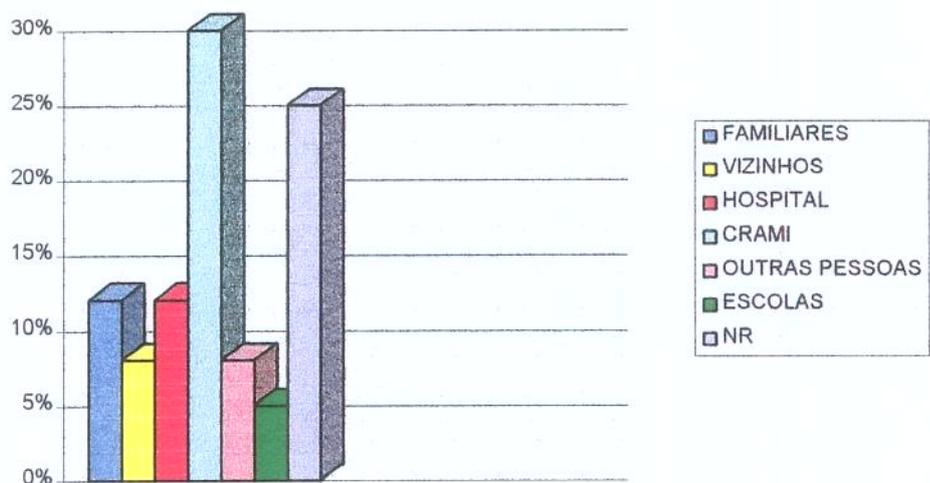
**Gráfico 4:** Distribuição gráfica dos agressores, segundo os relatos dos adolescentes do grupo de estudo. Os valores expressos em percentuais representam o total desta amostra estudada que é de 100%.



**Gráfico 5:** Distribuição gráfica da frequência das agressões físicas sofridas na infância, segundo os relatos dos 90 adolescentes da pesquisa. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra estudada que é de 100%.



**Gráfico 6:** Distribuição gráfica dos objetos utilizados nas agressões físicas na infância, segundo os adolescentes do grupo de estudo. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra estudada que é de 100%.



**Gráfico 7:** Distribuição gráfica da assistência recebida depois da agressão física, segundo os relatos dos 60 adolescentes do grupo de estudo. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra estudada que é de 100%.

## 4.1. OS RELATOS DAS ENTREVISTAS

### **Um emaranhado de conflitos, crises, culpas e reparações**

#### **Relato 01:**

**Cristiana, 18 anos, casada, grávida de sete meses, com um filho de um ano.**

Os pais de Cristiana são migrantes do nordeste do Brasil. Na primeira entrevista domiciliar, sua mãe declarou: *Quando decidi viver junto com o pai de Cristiana, eu não queria filhos, especialmente menina. Hoje, depois que ela cresceu, meu casamento ficou muito mal.*

A adolescente viveu, na infância, as dificuldades de uma família de trabalhadores pobres (pai encanador e mãe faxineira); recebeu em casa uma educação que a privava de seus direitos de criança. Até os sete anos acompanhava a sua mãe nas faxinas e, nas férias, ia para casa dos avós paternos, sua única diversão. Frequentou a escola pública do bairro.

Na adolescência, Cristiana estava proibida de sair com os seus únicos colegas, os da escola, e à noite. Reagindo com rebeldia aos pais, passou a andar com uma turma “*barra pesada*”, conseqüentemente, seus resultados escolares foram abaixo da média, com reclamações dos professores e expulsão da escola. No início de sua adolescência, freqüentemente, mentia; passou a fumar cigarro e beber.

Nesta ocasião, o CRAMI recebeu uma notificação do Hospital Álvaro Ribeiro, de tentativa de suicídio. Cristiana, então com doze anos, queria morrer.

Durante as visitas domiciliares, foram realizadas duas entrevistas com Anita, sua mãe, que apresentava sinais de neurose fóbica e de crise de pânico; sentia-se angustiada e sofria enquanto Cristiana não chegava em casa: *sinto-me como pedaço de carne retalhado que não tem mais aonde cortar.* Anita já pressentia a crise familiar: *meu marido é calado, autoritário e agressivo; gosta de tudo certo, não admite erros e é muito violento quando a filha erra. Cobra dela um comportamento exemplar. Ela reage com rebeldia e com ar de superioridade, faz pouco caso.*

Cristiana foi espancada com o fio do ferro de passar roupa, ocasionando um corte profundo na boca que precisou de assistência médica. Após a violência, a justificativa materna: *ela é desobediente, ingrata e não faz os serviços de casa*

A adolescente teve três atendimentos psicológicos no CRAMI. Observou-se, em seu relato, o desejo de morrer por se sentir muito sozinha, triste e ser muito controlada pela mãe. O pai a insultava com palavras depreciativas e humilhantes.

Nas entrevistas, ela foi orientada sobre a problemática psicossocial de seus pais; o momento que ela estava vivendo (passagem da infância para adolescência) e a necessidade de pensar em seu projeto de vida.

Cristiana mostrava-se interessada em tudo, ouvia a psicóloga com atenção e falou que iria resolver seus problemas escolares e colaborar com seus pais. Desde então, o CRAMI não recebeu notificação de maus tratos.

Retornei, em outubro de 1996, para entrevistar Cristiana e constatei que se casara aos quinze anos, após engravidar, estando novamente grávida do seu segundo filho.

Tinha uma imagem serena quando falava sobre o marido. Parecia completamente disponível durante a entrevista, falando com tranqüilidade: *hoje, eu sou feliz e os meus pais, também. Meu pai adora o meu filho. Meu filho teve muitos problemas de saúde (meningite). Por pouco não perdi meu filho, fiquei internada com ele. Me sinto muito calma, hoje. Tudo está como uma nuvem em minha vida. Meu marido me ama e eu o amo. Nós vivemos com serenidade e somos felizes; ele é quinze anos mais velho do que eu, é bom e trabalhador; temos um apartamento montado com tudo; temos conforto e meus pais moram aqui ao lado, da janela da cozinha, vejo minha mãe no quintal... Ela toma conta de meu filho... Esta gravidez é de alto risco, estou com sete meses. Já fui mais de uma vez, às pressas, para o hospital. Meu marido está preocupado. Deixa todos os telefones da marcenaria. Me sinto protegida pelos meus pais.*

Cristiana evitava falar do passado: *me sinto muito frágil para responder essas questões sobre agressão. Não me lembro de eventos de agressão. Naquela época ainda não fazia parte da Igreja. Tudo o que aconteceu faz parte do passado. Isto tudo hoje está*

*completamente distante de mim. A sua presença me traz boas lembranças, não sei porque, uma segurança, não sei... Quero que a senhora venha conhecer meu marido. Venha ver quando o meu bebê nascer... Quando a senhora vier à Campinas, venha a minha casa.*

Cristiana falava com tranqüilidade e parecia emocionar-se ao tentar relembrar o passado. Deixei que ela falasse livremente.

Se, na infância, Cristiana foi uma criança com poucas possibilidades, tendo em vista as condições psicossociais de seus pais, na adolescência mostrou-se uma jovem rebelde e irreverente. Hoje, Cristiana vive em sua casa com o marido e não relata vivências de maus tratos em sua família.

#### **Relato 02:**

##### **Juliana, 14 anos, vendedora, trabalha em uma boutique.**

Juliana é filha de pais separados, mora com a mãe. Em casa chega até a passar fome, por não ter o que comer. A adolescente apresentava dificuldades na aprendizagem, frequência irregular e evasão escolar.

Durante a entrevista, a mãe relatou: *protejo minha filha de riscos de agressão dos professores, drogas e companhia de meninos.*

Foram realizadas três entrevistas com os pais. Observou-se que o casal, apesar de estar se separando, fazia constantes tentativas de reconciliação, o que, segundo dona Carmem: *só perturbaram minha vida.*

Naquela ocasião, a adolescente estava com oito anos. Na última entrevista, o pai se queixara: *toda as despesas desta casa são assumidas por mim, Carmem não suporta trabalhar fora ou dentro de casa, prefere viver com arte* (nas paredes da casa estão pintadas uma enorme sereia, pretos velhos, figuras indígenas; as portas são muito sujas, as roupas, os sapatos estão espalhados no chão da sala, há restos de comida sob a mesa não desfeita... ).

O pai assegura que a filha é a sua maior preocupação: *passo em casa quase todos os dias.* A mãe da adolescente parecia apresentar distúrbios psicológicos graves,

acompanhados de problemas de ajustamento social (brigas com vizinhos, mães de colegas da filha e namoradas do companheiro). As agressões físicas à filha estavam relacionadas às frustrações de suas fantasias. Segundo ela, associadas ao pai da criança ou a uma figura imaginária: *não gosto de ser atrapalhada quando faço poemas para o meu príncipe ou na dança da eternidade*, descrita como uma evocação a Deus e ao prazer.

As agressões físicas à adolescente (espancamento, deixando marcas) foram confirmadas pela mãe. Seus relatos foram acompanhados de verbalização de sentimentos maternos e preocupação com a filha. Teve indicação para atendimento psicológico no CRAMI-Campinas, mas, dona Carmem não compareceu.

Em outubro de 1996, retornei para entrevistar a adolescente. Observei que a vida de sua mãe não mudara. Dona Carmem continuava sem trabalhar e sua casa em desordem. Demonstrava uma grande preocupação por ter retirado a filha da escola. Justificou: *Juliana estava namorando um traficante, por isso, tive que afastá-la e ela foi morar em Minas Gerais por seis meses, na casa dos tios*. Juliana estava trabalhando, mas não havia reingressado na escola. Ao entrar na sala, a adolescente vinha guiada por sua irmã. Encobria o rosto com um agasalho preto. Parecia encapuzada. Dona Carmem dirigiu-se à filha dizendo: *mostre à tia como você ficou bonita*. Considerando esta resistência inicial, houve certa dificuldade em estabelecermos um vínculo com a adolescente. Aos poucos ela foi se descobrindo sob a justificativa: *tenho vergonha dos meus cabelos*. Procurei saber o que havia de errado com os seus cabelos, não houve resposta, ela apenas olhou para os de sua mãe.

Juliana era uma adolescente tímida e gentil. Falava de sua mãe com uma emoção infantil e, de seu pai, como seu herói. Queria sempre falar mais, fazendo perguntas sobre a pesquisa e mostrando-se disposta a colaborar.

Entretanto, simultaneamente, sua mãe emitia comentários constrangedores e elogios que a deixavam visivelmente embaraçada: *ela é um lindo jambo! ... Eu educo minha filha para fazer amor com os homens, ter filhos com eles, jamais para se casar... Vou aceitar um filhote vindo de uma produção independente... Quero evitar o sofrimento dela com os machões, agressivos e egoístas*.

Juliana parecia não considerar os comentários de sua mãe como uma referência para si própria, principalmente, em relação às insinuações de uma gravidez precoce. Apesar de estar fora da escola, acompanhava os trabalhos escolares, através das amigas, em casa.

### **Relato 03:**

#### **André, 15 anos, ajudante de uma loja de material de demolição.**

Quando André nasceu, Antônia, sua mãe, era uma adolescente que bebia e fumava maconha. O pai do André não criou o filho e segundo Antônia: *ele estava sempre por perto, não dava nada. Só atrapalhava.*

André tinha sete anos quando Antônia conheceu outro homem; nessa ocasião, ele começou a apresentar problemas de relacionamento com sua mãe. Não lhe obedecia e ficava muito tempo fora de casa em companhia dos amigos da favela. André, desde muito pequeno, conviveu com os perigos da rua, com roubos e distribuição de papalotes de drogas. Por isto, era frequentemente espancado em casa.

Houve interferência da Vara da Infância e Juventude, devido ao abuso físico à criança (o padrasto o espancava com borracha e fio, deixando marcas e hematomas). Naquela ocasião, a família foi orientada pelo CRAMI sobre o modo de agir com o filho.

Antônia, desesperada, dizia: *não quero que meu filho seja um ladrão. Os PM's batem mesmo. Vai ser demais ver meu filho algemado, preso. Prefiro bater prá corrigir. Eu sei que bater não resolve, só machuca a carne.*

Com dez anos, André foi morar com o pai, contrariando o desejo de sua mãe. Os problemas se agravaram pois, o adolescente começou a usar drogas. Inicialmente a maconha, depois passou para o “crack” e, eventualmente, a cocaína. Ficava na rua muitos dias. O padrasto proibiu o contato com os irmãos (dois). André passou a ser menino de rua. Na última visita domiciliar, os pais não tinham notícias dele há duas semanas.

Em outubro de 1996, após falar com a mãe, procurei André em seu trabalho. Falava com clareza e com um jeito de líder, decidido a fazer o que queria e resolver sua

vida: *preciso do horário de almoço para falar com a psicóloga, nesta pesquisa eu posso ajudar outros “moleques” que fazem bobagens.*

Durante a entrevista, André estava muito excitado, queria contar toda sua história com as drogas: *fiquei na rua usando drogas pesadas. Hoje estou completamente regenerado, graças à Igreja. Antes, eu vivia na Vila Rica, (bairro da periferia de Campinas) me drogando e roubando. Fiz parte de uma gangue de rua. Tomei uma “overdose”, fui encontrado desmaiado na porta da Igreja, no Centro. Quando saí do hospital, voltei para a rua. Fui, muitas vezes, espancado por policiais. Eles me pegavam com drogas e me batiam... Deixaram estas marcas, até hoje na minha cabeça. Acho que a droga é a pior coisa, ela nos leva ao demônio. Cheguei a “tacar” fogo em mim mesmo, prá parar com a droga. É muito difícil sair do mundo das drogas, eu consegui graças as pessoas da Igreja. Hoje, estou feliz e quero ajudar aos que estão nesse mundo. Quero voltar a estudar. Meu patrão me acha disposto, trabalhador e educado e diz que águas passadas não movem moinho. Sou muito grato a minha mãe pelas surras que eu levei, acho que, com a dor no corpo, eu pude abandonar as drogas.*

Apesar de André ter desenvolvido condutas anti-sociais e comportamentos auto-agressivos no início da adolescência, pareceu-me que o seu sofrimento e a confiança em relação à mãe, associados aos limites *impostos pela religião*, possibilitaram-lhe redefinir e estabelecer um projeto de vida.

#### **Relato 04:**

**Marcelo, 14 anos, servente de pedreiro.**

Marcelo nasceu na Bahia. Seus pais chegaram em Campinas com os três filhos. Não tinham onde morar, invadiram um terreno e construíram um barraco de papelão e saco de leite. Naquela época, relembra a mãe, dona Elza: *havia muita pressão contra as invasões. Não precisou de muito tempo para Abel (o pai) perceber a vida que estava levando. Desempregado e decepcionado, Abel só queria beber. Os meninos foram crescendo e era cada vez mais difícil educá-los, com tantos problemas!*

Os maus tratos eram uma constante na família. Foram realizadas três visitas domiciliares para entrevista e orientação aos pais. O marido não estava em casa. Dona Elza tinha suas crenças: *bater faz parte da educação que recebi. Eu educo meus filhos sozinha. Bato para ensinar o que é a vida. Pé de galinha não mata pinto. Quero ensinar para eles a obediência. Eles sabem que nós adoramos eles.*

Em outubro de 1996, retornei para entrevistar Marcelo. Encontrei-o na rua jogando bola. Durante a entrevista: *Fugi de casa e fui viver na rua com outros meninos, peguei umas coisas (dos outros) quando usava a cola. À noite, ia para um abrigo no centro de Campinas ou, então, voltava prá casa. Dormia na cumeeira da casa, saía bem cedo, ninguém me via. Andava muito de ônibus durante o dia, por isto, meu pai (motorista) soube através de um colega como me encontrar. Voltei para casa e precisei trabalhar como servente de pedreiro. Fui estudar à noite numa escola perto de casa. Não me adaptei, a turma era de rapazes grandes que me colocavam apelidos. Me irritavam. Bati, joguei pedras nesses caras. Fui expulso da escola. Continuei trabalhando e comecei a freqüentar a igreja. Hoje, participo das cerimônias e sou do coral, junto com o meu pai e os meus irmãos.*

Dona Elza falou muito de sua vida, de seu desejo de voltar para a Bahia: *não volto porque tenho vergonha de minha família; meus pais não me perdoariam pelo o que eu fiz...hoje, levo uma vida normal, meu marido se converteu e eu tenho uma família evangélica. Gosto de ver minha família de roupa limpa e arrumada, participando das cerimônias na Igreja, aos domingos.*

Marcelo experimentou o sofrimento de viver na rua em contraposição com os limites impostos pela religião, tendo assim, adquirido novos parâmetros sociais.

#### **Relato 05:**

**Dênis, 16 anos, auxiliar de marcenaria.**

Dênis tem uma disfunção cardíaca e precisou de marcapasso. É proveniente de uma família com muitos problemas de saúde. Sua irmã mais velha era autista. Morreu com nove anos. O pai que, era cardíaco e epilético, faleceu três anos depois da morte da filha.

Sua mãe diz que sua vida era dentro do hospital e não contava com ninguém para ajudá-la. Até hoje, Dênis precisa de acompanhamento médico. Depois que seu marido morreu, dona Júlia, mãe de Dênis, conheceu seu atual companheiro, que: *apesar de alcoólatra é um homem bom. A bebida dele me deixa nervosa e por isso abuso nas surras.*

Naquela ocasião, o relacionamento e os problemas de saúde de Dênis agravaram-se. As notificações de maus tratos se referem às agressões de dona Júlia e de seu companheiro. Existem relatos de castigos severos. Denis era obrigado a dormir fora de casa, ao relento. Foram realizadas nove visitas domiciliares pelo CRAMI.

Dênis não suportou o sofrimento e fugiu de casa. O padrasto relata: *o menino está desaparecido há cinco dias, dormiu fora de casa e não voltou para almoçar, não foi à escola. Eu não estranho, pois isto já é hábito há quatro anos.* Dona Júlia justifica as agressões: *eu amo meu filho, no fundo acho que eu não queria que ele crescesse, gostaria que ele fosse pequeno.*

Em outubro de 1996, retornei para conversar com o adolescente. Encontrei-o em casa, pareceu-me muito gentil e educado. Relatou que não estava estudando porque trabalhava o dia todo: *me sinto bem fisicamente e jogo bola uma vez por semana. Tenho uma vida normal, assim como muitas pessoas, no Brasil. Não gosto dessa cicatriz no meu rosto* (Dênis se referiu duas vezes a uma pequena cicatriz em seu rosto, que eu mesma tive dificuldade de ver) *e não falo sobre a cirurgia do coração com ninguém e não tiro a camisa na frente das pessoas. Saio com meus amigos e frequento as festas com eles. Eu não cometo excesso, bebo moderadamente e já usei maconha só para experimentar.*

Durante a entrevista mostrou-se tranqüilo, falava com calma e clareza: *hoje é minha folga no trabalho. Meu padrasto está descansando, por isto estou falando baixo, para não acordá-lo.*

A fuga de casa revela um comportamento anti-social que, provavelmente, está relacionada às agressões sofridas e a vivência do alcoolismo do padrasto.

Dênis procura estabelecer seus próprios limites em suas relações sociais, por se sentir diferente dos outros, devido à cicatriz no peito. O adolescente foi orientado a procurar os equipamentos sociais existentes em Campinas, para dar início a uma terapia de grupo.

## **Relato 06:**

### **Ricardo, 17 anos, dono de um lanchonete na garagem de sua casa.**

Ricardo é o filho mais velho de um casal idoso que tem mais duas filhas. Até a idade de treze anos, Ricardo recebeu de sua mãe total atenção: escola, roupa, médicos, etc.

No início da adolescência, o relacionamento com dona Inácia, sua mãe, tornou-se insuportável. Sob qualquer pretexto, dona Inácia sentia-se desapontada e desrespeitada por Ricardo.

Durante a primeira visita domiciliar, dona Inácia revelou que a presença de Ricardo a irritava profundamente, especialmente porque ele provocava discussões entre as irmãs e a mãe.

A notificação ao CRAMI ocorreu porque, numa discussão, Ricardo agrediu sua mãe. Na visita domiciliar encontramos o adolescente com um uniforme militar camuflado. Ricardo estava muito envergonhado e surpreso com a presença da equipe do CRAMI. Ele não quis falar e foi para a casa de vizinhos.

O pai de Ricardo revelou que: *os problemas neurológicos de minha mulher tornam a convivência entre ela e o filho muito difícil. Meu filho é bom e colaborador, obedece e me respeita. Ele está vivendo a fase da adolescência, como todo jovem, mas a minha mulher não compreende e se sente desrespeitada e humilhada pelo filho. O maior problema é quando ele liga o som alto. A discussão de “liga, desliga” provoca a agressão naturalmente.*

Dona Inácia costura para fábricas de roupa e está sobrecarregada com os afazeres de casa. Sente-se muito doente, insatisfeita com a vida, desrespeitada e carente de afeto do marido e do filho. Considera que suas internações psiquiátricas e seu reumatismo crônico devem-se aos problemas familiares: *fiquei meses, completamente parálitica, em cima de uma cama. Os problemas com meu filho aumentaram devido ao pouco caso que meu marido faz de meus sentimentos. Me sinto desrespeitada pelos dois homens da casa.*

Retornei em novembro de 1996 para entrevistar Ricardo. Ele e sua irmã vieram me receber no portão, pareciam felizes e satisfeitos com a minha presença.

Durante a entrevista, pude sentir cumplicidade entre os irmãos: *hoje nós estamos bem, cada um com seu ideal para realizar. Eu quero ser pára-quedista e ela, está pensando em fazer Administração. Hoje, a gente se sente adulto. No início da adolescência, acho que minha mãe era louca, foi muito difícil para todos nós. Os meus pais continuam os mesmos, nós é que mudamos, somos mais unidos e um pensa mais no outro.*

A agressividade desenvolvida por Ricardo refere-se aos problemas familiares, vivenciados naquela ocasião. Hoje, no entanto, Ricardo não persistiu nos comportamentos agressivos contra os membros de sua família e pretende realizar seu projeto de vida.

#### **Relato 07:**

**Teresa, 18 anos, balconista.**

Teresa é uma adolescente que sofre com o conflito de sua família. Seu irmão mais velho tem muitos problemas de relacionamento com a mãe: *quando eu era pequena precisava apartar minha mãe e meu irmão se agredindo! Ela é uma pessoa muito doente. Meu pai nunca enxergou a gravidade e sempre alegou que o problema é de minha mãe. A doença de minha mãe não é compreendida nem respeitada pelo meu pai e pelo irmão. Quando discutiam, terminavam agredindo-se fisicamente. Meu pai achava que eu não deveria me envolver. Com isto, meu irmão sentia-se fortalecido e, de fato, eu e minha mãe estávamos muito inseguras, com medo que algo mais sério acontecesse. Fiz a notificação ao CRAMI-Campinas porque uma vez eu também fui agredida com o ferro de passar pelo meu irmão.*

Quando retornei, em novembro de 1996, para entrevistar Teresa, pareceu-me uma moça forte e determinada. Falava com o irmão com firmeza e, algumas vezes, questionava suas posições em relação a imagem que ele tinha de sua mãe: *a agitação no*

*início da adolescência, as agressões físicas, o medo e a culpa possibilitaram-me ter confiança, despertando compreensão, afeto e carinho entre nós. Naquela época, minha mãe esperava a interferência de meu pai ( até hoje ele ainda é calado) mas ele não quis se envolver com nossa criação e educação. Me lembro de ouvir muito minha mãe se queixar dele comigo e com minha irmã. Nós éramos crianças e não entendíamos direito. Sei que ela é uma pessoa muito doente. Mas, apesar da doença, continuou trabalhando e cuidando de casa, supermercado e cozinha, tudo! Ela faz tudo, até hoje. Gostaria até que a senhora falasse com ela. Ela foi ao supermercado, vai demorar. Foi fazer compras para o Natal. Hoje eu trabalho, tenho horário. Quero fazer faculdade. Me formar e construir meu futuro!*

Atualmente, pareceu-me que o conflito familiar estava amenizado. Teresa diz estar confiante em seu projeto de vida. Ajuda seus pais e chama à atenção do irmão, quando é preciso.

#### **Relato 08:**

**Fabrizio, 17 anos, aprendiz de mecânico de automóvel.**

Fabrizio é órfão de pai. Dona Ieda, mãe de Fabrizio, após a morte de seu marido, uniu-se a outro homem que foi morar em sua casa. Os irmãos de Fabrizio de doze e quatorze anos também não aceitam o companheiro de dona Ieda. Sempre existiram conflitos familiares: *meu padrasto é agressivo e se sente “dono da casa”. Acho que, no fundo, a culpa é da minha mãe, pois ela dá apoio para ele se sentir dono da casa, em uma casa que foi deixada por meu pai, prá gente. Ele cobra da gente um pagamento por mes pela moradia.*

Os filhos rejeitam as atitudes do companheiro de dona Ieda. Na última discussão, o padrasto quebrou o nariz de Pedro, que tem quatorze anos: *demos queixa na delegacia, meu padrasto foi notificado, mas nada aconteceu. Em mim ele nunca tirou sangue. Quando fica nervoso, ele joga em cima de mim o que tem na mão.* (o que ele lança em sua direção? perguntei) *Ah, pode ser a caçamba de gelo ou a chave de fenda, qualquer coisa.*

Fabrcio acredita que o padrasto quer tirar todos os seus direitos em relaçaõ à casa. Dona Ieda diz que o companheiro quer ajudá-la a criar os filhos, e, prefere não se envolver nas brigas do companheiro com os filhos, apesar de concordar que ele exagerou quando quebrou o nariz de Pedro.

Retornei, em novembro de 1996, para entrevistar Fabrcio e soube que Pedro casara-se e estava morando perto de casa. Depois que Fabrcio cresceu, passou a compreender quais eram os seus direitos legais em relaçaõ à casa: *hoje nós entendemos que a casa é patrimônio nosso. Nós zelamos pela manutenção... Fazemos a pintura e os consertos. Sabemos que nunca vamos perder a casa que nosso pai nos deixou. A discussão, agora, é por causa do telefone que foi comprado por minha mãe e meus irmãos. Mas, como somente eu moro em casa, prefiro ignorar quando ele reclama e obedeço quando ele me pede para fazer alguma coisa.*

Durante a entrevista, observei que o padrasto gritou para Fabrcio colocar o carro na garagem, lançando as chaves, de forma agressiva, em nossa direção. Fabrcio continua subjugado à autoridade do padrasto para evitar os atritos em casa. Como ele percebe sua casa como um lugar perigoso, com alto risco de violência, procura não reagir às provocações do padrasto.

#### **Relato 09:**

##### **Pedro, 18 anos, aprendiz de mecânico de automóvel.**

Quando Pedro tinha dezesseis anos foi atendido no Pronto de Socorro da Universidade Estadual de Campinas, por agressão física. Ele e seus irmãos estavam sofrendo maus tratos de seu padrasto. A equipe do CRAMI esteve no local, mas não encontrou os adolescentes. Na segunda vista domiciliar, Pedro relatou: *quando o meu padrasto socou meu rosto na parede, até quebrar o meu nariz e sangrar...eu fiquei muito revoltado. Pedi ajuda à delegacia, que me mandou para exame de corpo delito. Mas até hoje não aconteceu nada com ele.*

A assistente social fez uma entrevista de orientação familiar com a mãe e o padrasto dos adolescentes. O padrasto disse que não tinha intenções de machucar, e se chegou a este ponto, foi porque ficou nervoso. A mãe, tentou evitar a entrevista dizendo que precisava ir trabalhar e que, só veio para casa, porque soube que o carro do CRAMI estava em sua porta. Foi aberto uma pasta no CRAMI para acompanhamento.

Retornei, em dezembro de 1996, entrevistar Pedro. Durante a entrevista falou de sua difícil convivência com o padrasto. Observei que as lembranças da infância e a imagem de um padrasto agressivo, ainda eram muito presentes. Existem ainda, muitos desacordos entre Pedro, os irmãos e o padrasto. Os filhos se queixam que a mãe dá muita atenção (comida especial) e razão ao padrasto: *no início, apoiei meu padrasto, porque sabia que minha mãe gostava dele. Se ela decidiu viver com outra pessoa depois que o pai morreu, foi porque se sentia sozinha para criar os três filhos. Mas eu sei que meu padrasto é agressivo.*

Pedro falava olhando para os lados: *prefiro não discutir com o meu padrasto e, às vezes, tento ignorar a sua presença. Quando venho visitar minha mãe, se meu padrasto estiver em casa, fico pouco tempo na sala. Se meu padrasto me manda fazer algo, prefiro atender para evitar mais problemas em casa, porque minha mãe fica muito triste com as discussões entre a gente.*

Pedro relatou, com revolta, tristeza e medo as atitudes do padrasto. Disse sentir-se decepcionado com seu desempenho profissional: *parei meus estudo e a aprendizagem como mecânico de automóvel, profissão que meu pai me ensinou ainda criança.*

Atualmente, está vivendo com uma pessoa oito anos mais velha que ele: *eu moro aqui no bairro e venho, todos os dias, ver minha mãe e meu irmão.*

Pareceu-me que, apesar do adolescente se sentir revoltado com o padrasto e submisso às suas agressividades, se cala para proteger e dar segurança a sua mãe.

## **Relato 10:**

### **Otaviano, 17 anos, aprendiz de garçom.**

Otaviano foi criado por dona Helena, sua tia-avó. A adoção informal da criança está relacionada ao fato de, sua verdadeira mãe, ser jovem demais para cuidar do filho. Como dona Helena não tinha filhos, criou Otaviano.

Entretanto, quando Otaviano tinha oito anos, dona Helena teve uma filha. Naquela ocasião, o adolescente começou a praticar pequenos furtos (roubar brinquedos nas lojas). Foram feitas notificações ao Juizado de Menores.

Otaviano começou a fazer terapia e não teve mais problemas com roubos, mas, ainda assim, as notificações de maus tratos eram constantes.

Nesta ocasião, a tia não queria mais o menino, desejava devolvê-lo a sua mãe biológica. Otaviano sentia-se rejeitado por dona Helena e teve sérios problemas de relacionamento com o pai adotivo, Sr. Ribamar. Otaviano não suportava a presença do Sr. Ribamar e o provocava freqüentemente (danificando seus trabalhos ou fazendo medo a sua filha).

O Sr. Ribamar revidava, agredindo severamente o adolescente. Sua justificava era de que Otaviano estava envolvido com roubos e drogas. Nesta época, Otaviano fugiu de casa e procurou abrigo no centro de Triagem para Crianças e Adolescentes.

Retornei, em dezembro de 1996, para entrevistar Otaviano. Encontrei-o em casa. Ele estava usando um tênis e uma camisa social de marcas famosas. Pareceu-me muito educado, gentil e simpático. Relatou muitas revoltas e humilhações sofridas no Centro de Triagem, o que provocou sua fuga e envolvimento com roubos e drogas: *a droga me deixa corajoso. Fui líder de grupos de adolescentes, mas não chamava ninguém para participar. Quando alguém queria entrar no grupo, devia me obedecer. Prefiro lidar com camaradas inteligentes, que me ouvem e não agem precipitadamente.*

*Sou dono de um horário nobre (de roubo) no Taquaral, ninguém se atreve a se dar bem em meu local, na minha hora. Quando fizer dezoito anos, quero mudar de vida.*

*Acho que vou ser garçom de bons restaurantes em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Atualmente, parei com as drogas, elas me acabavam, não me davam fome, eu não comia. Mas ainda uso a maconha porque é natural e não me faz mal, eu como... ; Mesmo assim, estou substituindo a maconha pelo cigarro. Tenho uma amiga (sorriu) bem mais velha que eu (50 anos), de boa família, ela tem me ajudado. Hoje, minha turma do Centro de Campinas tem ricos e pobres, mas eles não cometem roubos, ficam se divertindo, brincam, dançam, cantam. Eles são educados, não são gangues, eles não sabem sobre a minha vida. E você? (Perguntei) Estou calmo e não faço mais como antes, não sou precipitado, não dou bandeira... Mas, muitas vezes, sou pego pela polícia, eles me trazem em casa. Em São Paulo, marquei bobeira, tudo o que tinha conseguido (tênis, bicicleta, óculos, camisas) tive de dar à polícia, para me livrar dela... Quanto a machucar alguém, somente duas vezes, dei três canivetadas num cara, fugi, achei que ele tinha morrido, fiquei um tempo preocupado, mas, anos depois, eu soube que ele estava vivo. O outro, foi um gay que se engraçou comigo, joguei uma pedra grande, um paralelepípedo, em suas costas, ele ficou no chão.*

Otaviano usa armas para assaltar as pessoas: *uma vez, peguei 3.000 reais, terminei gastando com farra, não soube aproveitar, saí de férias para Guarapari, gastei o dinheiro em boates e motéis. Voltei duro, eu não pensei no futuro.*

Todo o processo delinqüente, desenvolvido pelo adolescente, se expressa por condutas relativas à criminalidade. Elas parecem que não estão somente relacionadas as carências sociais e materiais, mas notadamente às privações afetivas. Considerando que este adolescente desenvolve condutas ligadas à criminalidade média, foi aconselhado que procurasse o COMEC-Centro de Orientação ao Menor de Campinas, para seguir o programa de reabilitação aos jovens.

## Relato 11:

### **Marcela, 17 anos, casada, tem dois filhos.**

Marcela foi vítima de severos maus tratos quando tinha entre onze e doze anos. Dona Sônia, a madrasta, espancava diariamente Marcela, deixando hematomas no rosto e no corpo. Em uma das violências, o rosto da adolescente ficou deformado. Ela sempre foi ameaçada pela madrasta: *se eu falasse, ela iria me machucar muito mais!*

O CRAMI fez dezoito visitas domiciliares, mas os pais negavam as agressões e justificavam as marcas dizendo que Marcela é alérgica a picada de abelhas.

Nesta ocasião o casal estava se separando e Marcela decidiu que iria morar com o pai. Entretanto, seu pai não aceitou. No dia em que seu pai saiu de casa, a escola notificou outra agressão sofrida por Marcela e foram confirmadas as queimaduras de cigarro no corpo da adolescente. Ao saber da notificação o pai expulsou Dona Sônia que foi morar com sua filha legítima na casa de uma irmã.

Retornei, em dezembro de 1996, para entrevistar Marcela. Sua madrasta me informou que ela fugira de casa e estava vivendo num acampamento de sem-terra com o companheiro. Marcela tem dois filhos, um de dois anos e outro, de seis meses. Ela revelou que, apesar de levar uma vida difícil, eles construíram o barraco onde vivem (acampamento perto da estrada) e Marcela diz sentir-se feliz com sua família atual. Não tem contato com o pai e, de vez em quando, vai visitar dona Sônia.

Fui ao acampamento entrevistar Marcela. As lembranças dos maus tratos sofridos ainda estavam muito fortes. Disse que agradece a interferência do CRAMI: *agora eu cuido de meus filhos, procuro protegê-los, apesar de ser muito difícil viver aqui, mas nós temos muitos amigos, jovens como nós, que estão reivindicando um pedaço de terra para plantar e construir uma casa de alvenaria. Meu marido trabalha aqui mesmo, ele é bom para mim, e adora os filhos.*

Marcela está engajada no movimento político no contexto da reforma agrária juntamente com sua nova família. Marcela não apagou as lembranças de sua infância difícil, mas, ainda mantém contato com a madrasta e com sua irmã.

### **Relato 12:**

#### **Aline, 17 anos, não trabalha e nem estuda.**

A notificação foi feita pelo pai de Aline. As agressões foram confirmadas por dona Isabel, sua mãe, com quem realizamos três entrevistas, após expressar resistência, sob a alegação de que era uma pessoa ocupada, sem tempo a perder. Estava muito agressiva na primeira entrevista. Revelou sua frustração desde que o pai morreu: *depois que me casei, outras frustrações, amava meu marido e, de repente, sem motivo e sem conversa, me vi com duas crianças para cuidar. Por isto, educo minhas filhas de forma muito rígida. O pai das crianças, com essas queixas, está querendo perturbar minha vida. No momento, só tenho tempo para trabalhar e estudar. Minhas filhas têm que andar na linha, não aceito mentiras e nem que mexam em minha bolsa, não pode pegar nada!* (olhou severamente para a filha) *Hoje mesmo, Aline precisa de uma lição, está jurada de uma surra.*

O rosto da adolescentes tem marcas de unha, e não é preciso muito esforço para observar este fato.

Foram realizadas vinte visitas domiciliares pelo CRAMI, com várias reincidências de maus tratos. Atualmente, a menina está sob a responsabilidade da avó materna que tem muito medo da filha. Eles consideram Aline uma pessoa muito prestativa, que não responde mal a ninguém: *mas, calada, ela agride a minha avó*, diz a prima.

A mãe falava que não queria mais a filha em casa, por ter roubado os óculos de sol de sua tia, os brinquedos dos primos e porque pegou o dinheiro das compras. Fugiu de casa e levou o cartão de crédito da mãe, fez compras num supermercado, ninguém sabe para quem. Dona Isabel passou um ano pagando a dívida que Aline fez.

Retornei três vezes, em dezembro de 1996, para entrevistar Aline. Quando dona Isaura, a avó de Aline, me viu em sua casa, acreditou que eu poderia fazer algo para trazer a neta de volta.

Dona Isaura suplicava, aos prantos, para encontrar Aline: *ela está desaparecida há mais de um ano. Já coloquei anúncio na rádio. Eu sei que ela está viva porque ela mandou recado pela rádio. Minha filha não quer saber, tomou os documentos dela e proibiu de entrar aqui. Olha, ela é minha neta como as outras. Vou perdoar tudo que ela me fez... Eu quero ver Aline antes de morrer. Já tive o segundo derrame estou muito doente, minha filha não acredita. Queria muito que ela desse, pelo menos, os documentos de minha neta. Ela me pediu pela rádio, disse que não pode sair de onde ela está sem documentos. Outro dia, ela me telefonou, chorou muito. A mãe não tem coração. O pai também desapareceu depois que ela entrou prá essa vida, eles não querem saber dela.*

Retornei na semana seguinte, à casa de dona Isaura e encontrei Aline. A adolescente estava muito agitada e visivelmente apavorada com o desaparecimento de um amigo que morava com ela: *estou precisando de ajuda, por isto vim aqui, hoje. Mas minhas primas pensam que eu quero roubar minha avó. Estou sozinha! Ninguém sabe de meu amigo. Sei que a família botou a polícia para procurar. Ele estava mexendo com coisas erradas; ele não era confiável. Agora que vou fazer dezoito anos, quero mudar de vida. Já sofri muito. Aqui, em casa, eles viram: Quando eu tinha dez anos, minha mãe me botou de castigo de noite, ajoelhada na calçada, de baixo de chuva. Outra vez cortou os meus punhos dizendo que eu roubava. Quando eu olho prá minha mãe, eu sinto um mal-estar, eu fico doente. Eu sofro calada; eu me defendo saindo de casa.*

Tentei conversar mais profundamente, para ajudá-la. Senti que ela tinha muita pressa de ir embora. Aline estava sozinha e desesperada. Ela já não me ouvia. Ela queria ir embora, fugir outra vez. Sua avó lhe deu vinte reais e Aline saiu rapidamente sem olhar para trás.

### Relato 13:

**João Francisco, 16 anos, estudante da 4ª série do 1º grau.**

João Francisco é o segundo filho do casal. A notificação de agressão foi feita pela Delegacia da Mulher. O pai agrediu à mulher e os filhos com um fio de borracha e o fio do ferro de passar roupa. O adolescente relata: *meu pai é uma pessoa muito impulsiva, agride por qualquer coisa.*

Os filhos receberam uma educação muito severa, sob as exigências de um pai alcoólatra, que quebrava tudo em casa e batia todos os dias nos filhos: *minha mãe é carinhosa e eu gosto muito de colaborar com ela*, diz João Francisco.

Quando os filhos tinham entre dez e treze anos, a mãe decidiu sair de casa com eles, abandonando o marido. Foram morar na casa dos avós, em outra cidade. Nesta ocasião, João Francisco e seus irmãos estavam muito inseguros e tinham medo de tudo. Sentiam-se magoados, com saudades da casa e do local onde moravam (residem numa fazenda); choravam muito. A mãe decidiu separar-se oficialmente do marido e ganhou o direito de voltar para a fazenda com seus filhos.

Retornei, em dezembro de 1996, para entrevistar João Francisco. Encontrei-o sozinho. Pareceu-me bastante interessado em participar da entrevista. No Instrumento de Pesquisa ele preferiu não falar muito sobre o pai: *não sei muito sobre ele, só sei que ele é nervoso, agressivo e egoísta. Hoje, depois que meus pais se separaram, minha vida mudou. Minha mãe é muito esforçada e amorosa com os filhos. Minha irmã se casou e toda quarta-feira ela vem nos visitar.* João Francisco vai à escola e tem muitos amigos: *gosto muito de pescar e de andar a cavalo, sair pelo campo correndo, não muito, e sem hora para voltar. Minha mãe se preocupa quando eu volto tarde.*

Quando falei sobre a notificação no CRAMI, João Francisco disse: *acho que meu pai deveria pedir perdão pelas surras que eu levei. Eu não me sinto bem em sua presença, fico quieto e evito cometer erros.*

João Francisco, apesar de ter vivido os castigos e castrações paternos, sua mãe ao romper com o marido tira os filhos da situação de violência.

#### **Relato 14:**

##### **João Pedro, 18 anos, desempregado.**

João Pedro vem de uma família numerosa. Sua mãe tem cinco filhos e o pai das crianças está desaparecido. Seu padrasto é pedreiro e sua mãe é faxineira. Existem muitos desentendimentos entre os filhos e o padrasto. A família adotou mais duas crianças. Eles não têm filhos consanguíneos. Depois de uma briga séria com o padrasto, João Pedro saiu de casa e a mãe o proibiu de pegar suas roupas, inclusive o uniforme de guardinha, o que veio a prejudicá-lo no trabalho. As visitas domiciliares foram realizadas para orientar a família, pois o adolescente estava na casa da irmã.

Retornei, em outubro de 1996, para entrevistar João Pedro. Falei com sua mãe: *minha filha se casou, está com dois filhos, ela mora numa casinha de três cômodos que ganhou do padrasto; meu outro filho está vivendo com uma mulher bem mais velha que ele, ela está grávida. João Pedro está solteiro, não está satisfeito, continua rebelde, discorda, em muitos pontos, da gente. Quer sempre mais do que tem. E acha que a culpa é da gente. Eu vou segurar ele em casa e amanhã a senhora volta.*

No dia seguinte, conversei com João Pedro, que parecia revoltado com os pais, com a vida que estava levando e com as dificuldades para encontrar trabalho... Fazia muitas cobranças, numa postura autoritária: *eu não concordo com minha mãe, ela tem um Centro Espírita dentro de casa, isto atrai espíritos negativos. Entra e sai, aqui em casa, qualquer um, a qualquer hora... Já andei com pessoas perigosas, mas, agora, sou um cristão e gostaria que minha família compreendesse e aceitasse também a minha religião.*

A postura rígida de João Pedro, com os pais, parece expressar seu desejo de ser reconhecido e de que suas opiniões sejam valorizadas pela família.

## Relato 15:

### Euclides, 18 anos, ajudante de pedreiro.

O pai de Euclides é empregado municipal. Ele maltrata muito os filhos, com surras tão violentas que os meninos chegam a desmaiar. Existem várias notificações de maus tratos e, por isto, foram realizadas nove visitas domiciliares, em um ano. A escola considera que, devido às agressões, as crianças sofreram prejuízos escolares. Os dois filhos estão em atendimento psicoterápico no ambulatório da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Retornei, em novembro de 1996, para entrevistar Euclides. Encontrei-o ajudando o pai, na construção de uma parede. Durante a entrevista, precisei repetir as perguntas mais de uma vez, para que ele pudesse compreendê-las. Pareceu-nos muito ansioso durante a entrevista - transpirava muito e sua respiração era forte e ofegante. Aos poucos foi descontraindo-se e, conseguiu falar do atraso na escola e sobre suas dificuldades de aprendizagem: *a terapia na Puccamp me ajudou muito a pensar e a sair das drogas. Sei que preciso aprender, quero ser investigador, prá isso tenho que estudar... As vezes, me acho nervoso, mas não pratico agressões, já vi muitos amigos agindo assim, e eu mesmo, tentava aconselhar, mas, quando eles não me ouviam, saía de perto. Não gosto de ser enganado. Um dia, eu coloquei reboque no mercadinho aqui perto de casa, depois eu fui cobrar os cento e cinqüenta reais ao dono, ele não me pagou! Então, eu quebrei o mercadinho junto com um colega. A mulher chamou a polícia, fiquei preso um dia. Apanhei muito do policial, ele deu murros no meu estômago, sofri um dia inteiro. O dono do mercadinho só me pagou a metade da dívida. Eu não gosto de ficar em casa, fico muito tempo na rua, meu pai é superviolento, e eu não merecia ter apanhado tanto, eu ajudava muito em casa, só saía para fazer som de rua. Acho a violência dos pais uma maldade, uma coisa ruim, mas, eu, em relação ao meu pai, eu gosto dele. Eu me orgulho de meu pai. Eu gosto dele...*

As perturbações psicológicas, sofridas por Euclides, estão associadas aos sentimentos de injustiça vivenciados, por ter sido criado em um ambiente doméstico extremamente hostil, com um pai tendo atitudes perversas, possibilitando em Euclides o risco de desenvolver comportamentos violentos na adolescência.

## **Relato 16:**

### **Júlio, 16 anos, vendedor de pastel.**

Júlio é o mais velho de cinco irmãos. Seu pai é vendedor de livros e sua mãe, faxineira. As condições de habitação são muito precárias. Sete pessoas moram num quarto de fundos. Na casa da frente, moram os avós paternos, seus tios e primos. As crianças freqüentam o projeto Gente Nova, sendo que, foi a assistente social quem fez a notificação. Quando o pai se drogava agredia fisicamente os filhos. Os pais negaram as agressões. Foram realizadas oito visitas domiciliares em oito meses. A tia diz que as crianças têm muitos problemas em casa. Foi marcado um atendimento psicológico para os adolescentes, mas eles não compareceram.

Retornei, em outubro de 1996, para entrevistar com Júlio. Os adolescentes apareceram no portão para falar comigo, cada um segurava meia bisnaga de pão e um copo de café. Estavam muito curiosos e sentiam-se valorizados pelo fato de alguém procurar por eles.

Expliquei sobre o trabalho. Eles quiseram participar da pesquisa. As entrevistas foram individuais. Houve diversas interrupções até que eu pudesse explicar que teria que ser um de cada vez. Eles estavam impacientes e interrompiam a entrevista, despreocupados se estariam ou não atrapalhando.

Júlio relatou: *meu pai bebeu muito, ele morreu de tanto beber. Eu não quero falar sobre ele, ele está morto. Eu sou feliz. Muitas vezes, quando arrumo confusão na vizinhança, é só porque faço brincadeiras de mau gosto, importunando os vizinhos ou xingando minha mãe, de brincadeira. Eu não pratico atos violentos. Já usei maconha só para experimentar a onda. Eu ganhei, não vou comprar para usar! Quando eu tinha quinze anos, a polícia mandou eu encostar no muro, me deu uma “revista geral”, pediu dinheiro. Eu falei que não tinha, aí eles me chutaram e me mandaram embora, me empurrando. Até hoje eu não sei porque os policiais me bateram. Eu fiquei nervoso, queria xingar o policial, mas sabia que não podia, saí fora e fui jogar bola.*

Observei que nesta segunda visita domiciliar a família estava mais comunicativa, diferentemente das outras ocasiões, todos pareciam mais livres para falar. Durante a entrevista, Júlio estava agitado, fazia bolas de papel e jogava em uma caixa ao lado do sofá. Respondeu os Instrumentos de Pesquisa, ainda brincando com as bolas de papel.

Falamos sobre os objetivos do Projeto Gente Nova e ele expressou o desejo de retornar às atividades nos finais de semana.

### **Relato 17:**

#### **Marília, 15 anos, 1ª série do 2º grau.**

Marília vive num ambiente completamente hostil. Seu padrasto pratica atos cruéis, queimando as crianças com cigarro e mantendo-as acorrentadas até mesmo para brincarem. Marília também foi vítima de tentativas de estupro por seu padrasto.

Aos doze anos, Marília não suportou o sofrimento e fugiu para São Paulo, em companhia de outras colegas que tinham problemas semelhantes. Foram localizadas e tiveram que retornar. Marília diz não ter se importado com os comentários da vizinhança, de que ela e as amigas fugiram com os namorados. Sente-se envergonhada ao revelar, chorando, que seu padrasto tenta acariciá-la quando se encontram os dois sozinhos. Marília nunca havia contado a sua mãe o motivo da fuga. Tudo fora revelado entre lágrimas de sofrimento, vergonha e humilhação, no dia da entrevista. Sua mãe ficou muito revoltada: *quando eu era mocinha, também tive o mesmo problema com meu pai.*

O padrasto de Marília é caminhoneiro e não volta regularmente para casa. Isto a deixa mais aliviada e tranqüila no momento em que vai dormir. Marília tem ótimos resultados na escola. Foram realizadas duas visitas domiciliares para orientar os pais. A adolescente nos informou: *ele está mais calmo, depois que, minha mãe conversou. Ele fica muito tempo fora de casa. Quando ele chega, eu vou para casa da vizinha. Não gosto dele e nem falo com ele há mais de três anos. Um dia, ele bebeu e tentou tirar minha roupa; levantou minha blusa; depois queria saber se eu era virgem. Ele disse que se eu não deixasse ele ia me matar. Ele é muito violento e eu tenho medo dele... , Porque ele já cortou minha perna com a faca de cozinha.*

A mãe e os dois filhos estão assustados com as atitudes perversas do padrasto. Orientei a adolescente para fazer terapia de apoio. Retornei a sua casa com os endereços e os telefones dos órgãos jurídicos e sociais que ela poderia recorrer em Campinas. Sua mãe, apesar de assustada e surpresa com as revelações da filha, disse que iria procurar ajuda antes que marido voltasse da viagem.

#### **Relato 18:**

**Ivanildo, 12 anos, estudante de 4ª série do 1º grau.**

Ivanildo sofre sérias agressões físicas do pai e presenciou inúmeras outras, cometidas contra o irmão e à irmã. Ivanildo é muito tímido e de difícil contato. Pareceu-me ser um adolescente assustado e revelou ter medo de Antônio, seu irmão mais velho, que usa drogas e o agride fisicamente: *eu sou pequeno e fraco, não posso enfrentar o meu irmão. Ele é violento e tem amigos perigosos. Às vezes, a polícia vem atrás dele. Minha mãe não conta para meu pai, porque ele é também muito violento.* Antônio não quis conversar com a equipe do CRAMI. Saiu de casa com um aparelho de som nos ombros, esbarrando agressivamente na mãe e nos outros irmãos.

A convivência com o pai alcoólatra e perigoso desencadeia sentimentos diferentes entre os filhos. Ivanildo sente-se frágil para enfrentar as situações de violência familiar e não vê possibilidades de solucioná-las.

#### **Relato 19:**

**Sílvia, 15 anos, sexo feminino, doméstica.**

A notificação de maus tratos refere-se a surra que o padrasto de Sílvia lhe deu, com uma cinta e, que, lhe deixaram marcas nas costas. Na primeira entrevista com a equipe do CRAMI, Sílvia relatou que se sentia uma pessoa triste: *não consigo aprender, acho difícil estudar, saí da escola. Minha irmã teve uma filha, e eu gosto de ficar o dia todo com ela no braço. O pai da criança é um cara muito perigoso aqui do prédio. Ele é amigo de meu irmão que é bruto e tem problemas com a polícia. Por isso, minha mãe proibiu*

*meu irmão de entrar em casa. Ele fica rondando aqui no prédio e meu padrasto não deixa ele entrar em casa. Minha mãe concorda, diz que é prá ele aprender.*

O CRAMI recebeu outra notificação da médica do Posto de Saúde que deu assistência à adolescente: seu padrasto chutou seu tornozelo (fraturou) porque ela não quis engraxar os seus sapatos.

Quando fui entrevistá-la, Sílvia sorria, chorava, falava como criança, parecia brincar de boneca, com o bebê no colo: *fico chateada porque os outros me chamam de burra e gorda. Eu tenho cento e vinte quilos e não me sinto gorda.* Disse que seu padrasto é uma pessoa muito autoritária e que tem os enteados como seus empregados: *a gente tem de lavar e passar a roupa dele, engraxar os sapatos e dobrar muito bem as camisas.* Quando alguma coisa não fica ao gosto dele, ele os espanca.

Durante a entrevista, o padrasto chegou em casa. Ele queria tudo em suas mãos para ir trabalhar. Ignorou minha presença. Dizia em voz alta: *Sílvia é retardada e lerda.* Esta, com o bebê no colo, não podia atender às exigências do padrasto e chamou a irmã para ajudá-la. Observei que ambas lhe davam as camisas, calças e sapatos, para que escolhesse o que vestir. Ele se preparou na sala, na presença de todos, vestindo apenas a calça no banheiro. Depois que o padrasto foi embora, Sílvia ficou mais calma: *a gente aqui faz tudo. Minha mãe é cabeleireira, sai bem cedo e só volta à noite. Tudo é por nossa conta. É sempre assim, quando ele quer trocar de roupa. Ele é segurança de um prédio e, essa hora, ele vem em casa, porque no trabalho da tarde, ele não usa uniforme.*

O irmão que tem dezesseis anos sofre maus tratos físicos de seu padrasto, que foi autuado por lesão física contra o enteado. Atualmente o adolescente está sendo atendido no COMEC-Centro de Atenção ao Menor Infrator de Campinas devido às condutas anti-sociais. As adolescentes fazem as tarefas domésticas.

## **Relato 20:**

### **Leila, 13 anos, rotuladora de garrafas de refrigerante.**

Leila tem quatro irmãos (duas meninas e dois meninos). A mãe é empregada doméstica. O pai de Leila era uma pessoa muito agressiva, bebia e se drogava com frequência. Batia na mulher e nos filhos. Um dia, colocou toda a família (mulher e cinco filhos) para dormir fora de casa. Leila relata que passaram a noite dormindo na construção ao lado: *era inverno, eu dormi. Mas minha mãe e meus irmãos não dormiram. Meu pai me batia quando eu era menor, quando eu estava sozinha e ele, bêbado. Eu me sentia com medo.*

A vizinha, quando soube, fez queixas ao CRAMI e ao SOS - Ação Mulher. Foram realizadas quatro visitas domiciliares para orientar a família. Os filhos confirmam as agressões. O pai foi chamado para uma orientação no CRAMI, mas nunca compareceu.

Quando eu fui entrevistar Leila, em novembro de 1996, aparentava tranqüilidade: *minha vida melhorou depois que meu pai morreu, faz mais de três anos. Minha mãe se casou outra vez. Eu prefiro morar na casa de minha irmã mais velha, que se casou também. Ela mora mais perto de meu trabalho. Hoje, a senhora me encontrou aqui porque eu estou de férias, vou ficar mais ou menos uma semana na casa de minha mãe. Eu estudo, meu trabalho é colocar rótulos em garrafas. Minha irmã vai me colocar no patrulheiro.*

A situação de violência familiar passava-se pela figura paterna, com a morte deste, a vida de Leila se modificou. Sua iniciação precoce no trabalho poderá estimular seu projeto de vida.

## **Relato 21:**

### **Carolina, 12 anos, estudante da 6ª série do 1º grau.**

Carolina é filha de um casal que tem sérios problemas conjugais. Seu pai é uma pessoa autoritária que deprecia dona Luciene, sua mãe. Esta, por sua vez, se permite as

humilhações sem saber como lidar com o marido. Dona Luciene, mãe de Carolina, é Belga, veio ainda criança, com os pais, para o Brasil por causa da guerra. Enfrentaram muitas dificuldades, porém, as tias de Carolina formadas em Medicina e Engenharia ajudam financeiramente à família de Carolina, pagando o aluguel da casa em que mora. Seu pai trabalha em Santos e só vem em casa uma vez por mês. Dona Luciene é costureira e diz senti-se sobrecarregada por seu trabalho, pelos os afazeres de casa e os quatro filhos para cuidar. A mãe de Carolina sofre de depressão e foi internada na psiquiatria; toma medicamento regularmente e faz, há três anos, terapia. Ela agride muito os filhos e se diz *à beira de um ataque de esgotamento nervoso*.

Retornei para entrevistar Carolina, em novembro de 1996. Sua mãe estava em crise e chorava, dizendo: *foi muito bom a senhora ter vindo hoje aqui. Quero me separar de meu marido, mas não consigo, acho que meu casamento foi um choque cultural, a gente discute muito, ele deixa tudo por minha conta. Tenho muita vontade de oferecer uma educação especial às minhas filhas. Fico pensando, não... sonhando, e se eu fosse para a Bélgica com os meus filhos, organizar a documentação, pegar um avião e desaparecer, ah..., Isso é impossível, é sonho. O meu marido é muito grosseiro, agora mesmo tivemos que interromper as férias em Santos devido às brigas. Ele não se incomoda com os filhos e sou eu quem faço tudo. O mais novo foi estuprado quando nos morávamos em Amparo. Imagine a senhora, que ele só deu queixa na polícia porque um amigo disse que era preciso. Saímos de lá porque tememos pelos outros. Ele não cuida de nada. Tudo é por minha conta. Sinto vergonha de pedir ajuda as minhas irmãs, o problema é meu, e sou eu quem tem que resolver, mas como?!...*

Conversei com Carolina sobre a pesquisa. No início, foi muito difícil fazer um contato, pois ela não falava nada, apenas fazia gestos negativos ou afirmativos com a cabeça. Carolina é muito inibida e se diz feia e muito grande para sua idade. Quanto ao pai diz: *tenho medo que ele reclame da desordem da casa, passo o dia arrumando... Ele é chato, minha vida aqui é chata e as pessoas agressivas são chatas*.

Carolina relatou seus problemas de saúde relacionados com hepatite medicamentosa e uma inflamação de ligamentos, que lhe causou paralisia. Disse que

gostaria muito de ter paz dentro de casa. Ela desabafa chorando: *eu morro de tristeza quando meus pais brigam...*

Pareceu-me que, devido aos conflitos familiares, o choque cultural vivenciado pela mãe, as graves crises de depressão materna, e as freqüentes agressões sofridas pela adolescente, esta sente-se muito insegura em seu contexto familiar, que está sempre na iminência de se romper. Foram indicados os órgãos sociais onde Carolina deveria fazer terapia de apoio.

#### **Relato 22:**

**Mônica, 13 anos, estudante da 6ª série do 1º grau.**

Durante a entrevista Mônica descreveu-se como uma pessoa tímida e insatisfeita com sua aparência física: *eu não sou bonita, sei que sou simpática... Me acho burra e se eu pensasse, eu teria um amigo muito legal! As pessoas dizem que eu sou bobinha...*

Mônica sabe que sua família tem problemas, mas, acredita que tudo poderá ser resolvido se seu pai sair de casa: *eu sinto pena dele, eu não gosto quando ele bebe. Eu já vi o meu pai se drogando no banheiro.*

Pareceu-me que Mônica está consciente da problemática dos pais. Apesar do pai beber e se drogar, a agressora, neste caso, é a mãe.

Tadeu, seu irmão de oito anos, sofre também de depressão. Durante a crise fica absolutamente sem ânimo, acompanhando os mendigos do bairro. Está atualmente fazendo terapia na UNICAMP.

Carolina assume com sua irmã, a tarefa de cuidar dos irmãos, pois, segundo elas, a mãe está deprimida ou tem trabalho demais para fazer.

Indique os equipamentos sociais, que Mônica e seus irmãos poderiam fazer terapia de apoio e frequentar o ALA-NON, mais próximo de sua casa.

### **Relato 23:**

**Luiz, 12 anos, 6ª série do 1º grau.**

Luiz tem uma família muito numerosa: seis irmãos do primeiro relacionamento de sua mãe, dona Maria e um, do atual companheiro dela. Todos foram criados pelo padrasto, depois que o pai saiu de casa e nunca mais voltou. O padrasto espanca os filhos de dona Maria. Depois que um de seus irmãos morreu atropelado, Luiz passou a não ir mais à escola e a andar pelas ruas com grupos que praticam pequenos furtos. O padrasto passou a bater em Luiz, com mais frequência, deixando marcas em seu corpo. Dona Maria fica deprimida e diz que se sente muito culpada, pois sabe que seu filho é amoroso e sempre auxilia nos serviços domésticos. O adolescente foi encaminhado pelo CRAMI para fazer terapia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Retornei, em novembro de 1996, para entrevistar o adolescente, que falou com naturalidade: *vi meu amigo morrer aqui, em frente ao portão, ele estava devendo a alguém. Eu desapareci uns tempos da favela. Aqui é muito perigoso, tem muitos bandidos. Quando acontecem batidas, todos correm para dentro de casa. No dia seguinte, tudo parece muito calmo. No horário depois das onze horas da noite, até cinco horas da manhã, quem sair de casa é louco, pode ser morto mesmo, ou receber uma bala perdida (um torpedo). Depois que meu padrasto ou minha mãe voltam do trabalho, ninguém mais sai de casa. No dia seguinte é assim, tudo calmo... Ninguém sabe, ninguém fala nada! Ontem a polícia deu um tiro na perna de um ladrão. Eu assisti e torci pela polícia.*

A adolescente falava com clareza, mas de forma lúdica, sobre a violência em seu bairro e com a qual ele convive em seu cotidiano, seja dentro de casa ou na rua. Os riscos para que se desenvolvam condutas anti-sociais, no contexto de uma favela estão no cenário de vida dos moradores, seja como um atores sociais - que vivem direta ou indiretamente os perigos dessas condutas, seja como vítimas de comportamentos marginais - que eles mesmos desenvolvem em suas vidas.

Contudo, não se pode ignorar a presença de uma rede de causalidade, precipitando violências públicas ou privadas. Neste sentido, pode-se apontar à miséria com a qual convivem estes jovens, associada às privações afetivas e à violência doméstica. Numa

outra perspectiva, observa-se uma sociedade co-responsável, mantendo-se omissa e negligente para com seus membros em formação.

#### **Relato 24:**

##### **Noélia, 13 anos, pasteleira.**

A notificação de Noélia foi feita pelo Hospital Álvaro Ribeiro. A equipe do CRAMI fez duas visitas domiciliares, para orientar a família. Os pais trabalham o dia inteiro (o padrasto é pedreiro e a mãe empregada doméstica). A família de Noélia é constituída por seus pais e três irmãos, que moram juntos com um casal de tios, num cômodo com chão de “terra batida”. A favela onde eles moram tem uma infra-estrutura precária. Segundo Noélia as noites nessa favela são muito agitadas: *os policiais entram nos barracos em busca de bocas de fumo e de ladrões*. Durante a entrevista observei que, apesar de Noélia ter me passado uma aparente tranquilidade, demonstrava muita preocupação com o seu irmão mais velho: *o meu padrasto fica muito nervoso em saber que meu irmão não anda com boas companhias. Não gosto de ver meu irmão sendo espancado pelo meu padrasto, saio, vou prá rua, fico tremendo. Aqui em casa é ele quem mais apanha. A última vez ele apanhou tanto... ficou com o corpo muito roxo. Quando vou defender meu irmão, apanho também. Um dia, minha mãe me bateu tanto... Quebrou a tampa da máquina de lavar roupa em minha cabeça, atingiu minha vista, fiquei com a vista inchada e roxa, só porque eu fui defender meu irmão. Eles acham que meu irmão está vendendo drogas aqui na favela.*

Noélia falou da rotina na favela, dos horários mais perigosos e das noites que acordam sobressaltados com os tiros: *eu gosto de levantar cedinho e ficar na rua que amanheceu calma. Eu tomo conta dos meus irmãos e preparo sua comida. Todos vão para escola no período da manhã*. Quando os pais chegam à tarde, ninguém mais sai de casa. Ao falar sobre o seu jeito de ser: *meu modo de pensar está entre a tristeza e a alegria*. E em seguida, revelou algumas lembranças de sua infância: *quando eu era criança, meu padrasto obrigava a gente a comer o que não queria, ele ficava nervoso, então quebrava o garfo, na nossa frente. É assim aqui em casa, todo mundo é nervoso.*

Pareceu-me que Noélia está consciente dos conflitos psicossociais de seus familiares e dos limites de adolecer no contexto de uma favela perigosa.

**Relato 25:**

**Flávia, 14 anos, estudante da 3ª série do 1º grau.**

Flávia estava trabalhando na casa da vizinha quando viu o carro do CRAMI parado em frente a sua casa. Como já houvera outras notificações, veio andando rápido, ao meu encontro; demonstrava preocupação.

A adolescente é proveniente de uma família numerosa, são oito filhos, a irmã mais velha tem dezessete anos. O pai, senhor José, é pedreiro, trabalha fora de Campinas e só vem em casa de quinze em quinze dias; a mãe, dona Cristina, é empregada doméstica. Numa briga do casal, senhor José apertou o filho de um ano, com tanta força, que comprimiu seus pulmões. A criança foi atendida no Hospital Álvaro Ribeiro, que fez a notificação. Na visita domiciliar, senhor José não estava, mas dona Cristina confirmou as agressões, dizendo que seu marido era muito ciumento e alegava que ela tinha um amante. Nas discussões, os filhos são agredidos porque defendem a mãe. Em uma das notificações há referência a um hematoma na altura da sobancelha de Flávia. O pai alegou que foi um acidente.

Retornei, em dezembro de 1996, para entrevistar a adolescente. Encontrei toda a família em casa. O pai falava agressivamente: *vocês vão contar prá mulher* (referindo-se à pesquisadora), *tudo que acontece aqui. Sei que só vão falar mal de mim, dos meus porres e do meu nervoso. Mas não esqueçam de falar do que a mãe de vocês apronta. Por enquanto, eu vou ficar calado, depois a senhora também me faça perguntas... Eu sou acusado de tudo em casa. Meus filhos não reparam o que a mãe faz, vocês sabem... Eu não quero discutir na frente da mulher, mas somente eu levo a culpa.*

Senhor José estava deitado no sofá da sala com os filhos pequenos, um de cada lado, em seus braços. Sua mulher falava alto, enfrentando o marido. Durante a discussão, Flávia levou-me para uma sala ao lado e disse: *é sempre assim, eu já sei, quando eles brigam, minha irmã tira os meninos e eu, tiro a minha mãe da briga, quando o meu pai*

*começa a bater nela. Eu escondo as facas quando meu pai bebe, ele pode machucar minha mãe. Um dia eu vou mudar de vida, eu sou trabalhadora, gosto de ajudar minha mãe, sou esperta e ninguém vai se aproveitar de mim.*

Flávia interrompeu três vezes a entrevista para olhar os pais que estavam em outro local. A adolescente sabe o momento do colapso familiar e, por isto pareceu-me assustada em sua casa.

Observam-se os papéis relativos a marido/mulher/pai/mãe conflituosos. O casal enfrenta sérios problemas financeiros. O alcoolismo está presente na família (pai e mãe). Os filhos, além de testemunharem as agressões em casa, convivem com a violência e os crimes que ocorrem no bairro onde moram. Orientei a adolescente a procurar as unidades sociais a fim de parte de um grupo de ajuda mútua, voltado para à família, junto aos Alcoólicos Anônimos.

#### **Relato 26:**

##### **Denise, 17 anos, empregada doméstica.**

A notificação de Denise veio da Delegacia da Mulher. A equipe do CRAMI esteve no local, e confirmou que a menina tinha sido espancada pelo seu pai alcoolizado. Denise é a filha mais velha de um casal que se agride. Desde muito pequena fora habituada a cuidar de seus irmãos e da casa. Sua mãe trabalha num bar e seu pai é pedreiro.

Na visita domiciliar encontrei a família em casa. Durante a entrevista Denise relatou que, ela e sua mãe foram à Delegacia da Mulher fazer a notificação. Seu pai se justificou: *eu reclamo porque eu chego cansado; com problemas no trabalho, quando eu volto para casa encontro muitos problemas aqui, minha mulher grita! Eu tenho meus defeitos, às vezes, brigo, mas muitas vezes chego e durmo, e aí somente minha mulher fica gritando e, eu fico calado. Depois, eu já me levanto muito nervoso!*

A mãe de Denise acusava o marido, gritando: *quando ele bebe, me bate e me xinga de biscate, não quero ficar apanhando, ele chega em casa, empurra a porta e me humilha. O que ele traz prá casa, não dá para sustentar a família. Eu saio prá trabalhar.*

*As crianças ficam em casa, sem assistência; os mais velhos, de oito e onze anos, tomam conta dos menores.*

Enquanto os pais discutiam, Denise gritou, chorando: *o que falta em minha casa é união e conversa na família. Ele se irrita muito, até com o cachorro (não o quer dentro de casa). Outro dia, ele me bateu com sua mão pesada e com o chinelo, ele estava bêbado, meu corpo doeu muito no dia seguinte, principalmente minhas pernas. Eu sei que ele não gosta nem de mim nem de minha mãe, fica revoltado, fica com raiva e bate! Depois eu sinto muita pena de mim e também do meu pai. Acho que ele quer me educar! Mas eu só gosto dele quando ele não bebe. Ele tem muitos ciúmes de minha mãe porque, quando ela se arruma, ela fica mais moça, bonita!*

A família está exposta às vulnerabilidades psicossociais, da gênese da violência. Os filhos poderão apresentar também desajustamento no futuro, à medida que eles têm um ambiente doméstico extremamente violento.

#### **Relato 27:**

**Jacqueline, 18 anos, desempregada.**

Jacqueline desde pequena roubava objetos e dinheiro de sua mãe e de outros moradores, quando entrava em seus quartos escondida. Ela foi criada somente pela mãe, numa casa de cômodos no centro de Campinas. Sua mãe achava difícil educar Jacqueline e foi, por meio da violência física, que ela pensou ter encontrado a solução.

Os problemas se agravaram e se tornaram públicos. E, enquanto dona Isabel se irritava com o comportamento da filha, esta, cada vez mais, supria suas carências afetivas e materiais, apropriando-se de objetos que não lhe pertenciam. Um dia, dona Isabel perde o controle, agride fisicamente sua filha e pede ajuda ao CRAMI. Jacqueline foi encaminhada para fazer tratamento psicológico, durante três anos na PUCCAMP. Na adolescência, houve outra recaída: *minha filha fugiu de casa algumas vezes, ficou até oito dias desaparecida! Ela e os amigos pensam que são donos do mundo, fazem arruaças, se envolvem com a polícia, não vão prá escola E porquê? Que futuro esperam esses jovens?*

Retornei, para entrevistar Jacqueline, em dezembro de 1996. Mostrou-se espontânea e consciente de que não soubera aproveitar as oportunidades de estudos. Estava pesando mais de cem quilos. Mostrou-se, também, preocupada com a situação de sua mãe, pois ambas estavam desempregadas: *temos de mudar de casa. Recebemos ordem de despejo por falta de pagamento do aluguel. Estou fazendo tudo para conseguir um emprego. Trabalhei para um político nas eleições e tenho esperança de conseguir a vaga que ele me prometeu. Fiz muitas coisas erradas no passado, não dá para ficar lembrando. Mas, se a senhora quiser, eu posso responder tudo que eu já fiz, neste questionário. A senhora não se assuste, porque isto tudo faz parte do meu passado. Hoje, eu quero recuperar o trabalho que dei a minha mãe. Quero construir uma casa para ela. Voltei para a escola e pretendo seguir meus estudos até o fim. Quero somente conseguir um trabalho e dar tranqüilidade a minha mãe. Nós somos sozinhas e eu posso ser sua força. Quero ser alguém na vida!*

A trajetória de condutas anti-sociais, no desenvolvimento psicossocial de Jacqueline, se traduzem, hoje, conforme fora relatado por Jacqueline, pelo medo, insegurança e impossibilidades de encontrar uma saída para si mesma. Desejando reparar os problemas que causou a sua mãe e a ela mesma, Jacqueline se diz determinada a alcançar seus objetivos, depois de ter vivenciado decepções e sentimentos de culpa.

#### **Relato 28:**

**Rosa Maria, 18 anos, atendente de crediário.**

Rosa Maria ficou órfã quando tinha onze anos. Depois do acidente de seus pais ela e seus irmãos (são oito) foram deixados com os tios. O seu irmão mais velho estava casado e foi com ele, que Rosa Maria ficou morando. Ela a espancava deixando marcas em seu corpo, por isto, um familiar fez a notificação de maus tratos físicos. Com a interferência do CRAMI houve muitos problemas entre os familiares. No início, o irmão se recusou a falar com a equipe do CRAMI, mas, depois, inquieto e nervoso, revelou que bateu na irmã porque ela é rebelde e desobediente: *quem manda em minha casa sou eu mesmo e mais*

*ninguém. Minha irmã é arrogante e nenhum dos irmãos quer ficar com ela. Desde que meus pais faleceram, ela não tem para onde ir, por isto tem que ficar morando comigo e me obedecer.* Rosa Maria reagia à autoridade do irmão. A relação familiar estava insuportável e havia riscos para a adolescente. Naquela ocasião, o CRAMI encaminhou-a para terapia na PUCCAMP.

Retornei, em dezembro de 1996, para entrevistar Rosa Maria. Observei-a atendendo, gentilmente, seus clientes de crediário, em uma loja de departamentos em Campinas. Rosa Maria reservou seu horário de almoço para a entrevista. Recordou sua história de vida com muitos detalhes e assinalava que queria voltar à terapia. Ela estava pesando mais de cem quilos. Durante a entrevista, relatou: *agradeço de ter sido lembrada pelo CRAMI, pois sei que são tantos os casos que vocês atendem. Me lembro muito bem na época em que o CRAMI me ajudou. Tinha uma assistente social e uma psicóloga que me ajudaram! Hoje, minha vida mudou, estou dividindo um apartamento com minhas amigas, a gente de sente feliz, pois todas nós tivemos a mesma lição da vida: fomos rejeitadas e sofremos violência na família. Já passei fome, roubei dinheiro de meus parentes para comer. Mas, hoje, vivo tranqüila, tenho meu trabalho e quero realizar meus planos. Trabalho em um lugar que eu gosto, estudo e tenho pessoas que gostam de mim. No futuro, quero ser jornalista. No meu trabalho, sou paciente e compreensiva. Quero fazer terapia, apesar do pouco tempo que tenho no trabalho. Mas vou conseguir um horário. Foi o melhor investimento que eu fiz por mim mesma. Me lembro como tudo foi difícil quando meus pais morreram. Fui morar com meu irmão. Uma vez, ele me espancou... Me deixou com o rosto deformado e com o corpo cheio de vergões. Todos dizem que eu sou a ovelha negra da família, mas, agora, eu acho que não há mais sofrimentos como antigamente. Hoje, eu sigo em frente, carregando as minhas lembranças do passado. Tenho uma vida normal. Tenho coragem, confiança e otimismo. Tudo o que eu passei me valeu de alguma coisa, aprendi a sobreviver sozinha. Lutei e consegui chegar onde estou...*

Depois desta entrevista, é possível reafirmar as diferenças individuais, ou seja, a capacidade que algumas pessoas têm de reagir aos eventos negativos, de integrarem-se sentindo-se vivos. Rosa Maria, com a ajuda da terapia, sentiu-se fortalecida para construir seu próprio caminho.

## **Relato 29:**

### **Wladimir, 14 anos, guinchador de carros batidos.**

A notificação ao CRAMI refere-se à agressões físicas do pai contra os filhos. Ele usa uma mangueira de borracha para espancar os filhos, deixando marcas no corpo, hematomas e o rosto inchado. Estas agressões são constantes e os castigos, são severos, como por exemplo, deixar os filhos dormindo fora de casa. O pai de Wladimir não quis conversar com a equipe. A mãe mais extrovertida, relatou seus sentimentos de tristeza e de decepção: *não sei mais o que fazer com os meus filhos, ao invés deles irem à escola, ficam na rua e não estudam. Meus filhos mais velhos estão recebendo atendimento psicológico, mas não melhoraram. Meu marido é nervoso e bate sem pensar nos três meninos.*

Retornei, em dezembro de 1996, para entrevistar Wladimir. Eu tinha a ficha de registro de maus tratos da família, na qual constava que os dois filhos mais velhos não tinham conseguido o alvará do Juiz, permitindo-lhes a Liberdade Assistida. Pareceu-me estranho quando dona Euda colocou Wladimir a minha frente, dizendo: *ah! A senhora quer entrevistar os meus filhos, pois bem, pode falar com meu filho de quatorze anos. Os outros estão presos, se viciaram na escola. Ficaram insuportáveis. Juntaram-se com ladrões e passaram a usar drogas pesadas. Viraram meninos de rua. Roubavam para comprar as drogas. Eles têm mais de dez processos contra roubo de carros, casa e tudo que achavam pela frente. Nós fizemos de tudo para ver se eles mudavam. Tudo começou quando eles tinham entre treze e quatorze anos. Tiveram que ser internados, viraram ladrões. Estão presos na FUNABEM. Hoje, estão com dezesseis e dezessete anos. O mais jovem está para sair para um Centro de Recuperação, mas, o outro, não tem previsão, ele é mais perigoso. O que sobrou foi este aqui (referindo-se à Wladimir) que é muito bom filho, trabalhador, ajuda ao pai...*

Wladimir pareceu-me um jovem tímido e raquítico. Ele ajuda seu pai no guincho de carros. Inicialmente ele não queria falar. Ouvia as perguntas e respondia ao ouvido de sua mãe. No final, ele concordou em ser entrevistado e responder aos Instrumentos de Pesquisa. Tive muitas dificuldades para me aproximar de Wladimir.

Durante a entrevista Wladimir disse: *não quero falar sobre os meus irmãos que estão presos! Eu tenho vergonha! E, também não gosto quando as pessoas perguntam minha idade, porque elas se admiram de eu ser pequeno e super esquecido!*

Observei que, apesar de suas dificuldades, ele revelou alguns de seus conflitos que lhes faziam mal psicologicamente. O adolescente é considerado pelos pais como um bom exemplo. Todavia, pareceu-me que o desenvolvimento emocional e físico estavam bastante comprometido. Sugeri que a mãe o levasse aos órgãos sociais de Campinas, para que Wladimir fosse avaliado.

### **Relato 30:**

**Kleber, 14 anos, preso em Indaiatuba, 5ª série 1º grau.**

Kleber foi, muitas vezes, notificado ao CRAMI por humilhações, falta de cuidados e agressões físicas realizadas por parte de seu pai adotivo. O notificante denunciou que, o pai de Kleber é homossexual e que ele recebe estranhos em sua casa, na presença da criança. O senhor Ricardo é dentista aposentado, síndico do prédio onde moram no centro de Campinas. Na época das notificações, ele não quis atender aos técnicos do CRAMI. O contato com a criança se deu através da escola: *meu pai só me bate porque eu estou errado, ele bate somente com a mão e puxa o meu cabelo... Às vezes bate com o chinelo. Eu brinco com ele, ele me coloca entre as suas pernas e me aperta!*

Kleber revelou que, quando seu pai recebe visitas, ele vai para o seu quarto ou fica na casa de um colega, no prédio.

Kleber relatava, com clareza, apesar de seus nove anos de idade. Disse que vive com o padrasto desde os cinco anos. Anteriormente, morava numa Instituição. Houve uma outra notificação, quando Kleber relatou aos técnicos do CRAMI os castigos severos, os hematomas na cabeça e no corpo todo. Kleber tem seqüelas do espancamento na articulação da mandíbula.

Retornei, em dezembro de 1996, para entrevistar Kleber. O porteiro não queria interfonar para a sua casa: *não quero aborrecer o síndico com este caso, pois o menino é muito perigoso, é ladrão e está preso*. Falei pelo interfone com senhor Ricardo que, ao se apresentar, disse: *aqui é o doutor Ricardo, e se a senhora é do CRAMI, eu tenho muito prazer em lhe contar tudo*.

Fui, então, encaminhada para a sua sala de trabalho. O senhor Ricardo falava alto: *minha mãe adotou este menino para lhe dar um nome honrado. Ela faleceu e ele ficou comigo... Eu ia lhe deixar minha pensão e meu patrimônio. Eu sou solteiro, não tenho herdeiros, mas me arrependo desta adoção e estou completamente envergonhado de mim mesmo, porque participei da escolha deste menino; e envergonhado de não ter percebido que se tratava de um marginal. Eu questiono a falta de análise das autoridades médicas e jurídicas, na investigação do código genético do adotado! Eu estou com um processo contra este menino, estou retirando meu nome de família deste menor, com isto, acredito que ele vai perder todos os elos legais, inclusive o direito de herança. Ele faz parte de uma perigosa quadrilha, mas eu estou fazendo meus contatos para ele ser condenado, pois ele é uma grande ameaça para a sociedade*.

Procurei localizar Kleber na Casa de Menores, no Fórum e na Casa Protegida de Indaiatuba e, nenhum funcionário, assistente social, psicólogo ou advogado conhecia o caso, não foram encontrados registros oficiais. Relatei a ocorrência ao CRAMI, para providências imediatas, tendo em vista o desaparecimento do adolescente nas Instituições para as quais fora encaminhado, de seu processo e de todos os seus registros.

#### 4.2. OS FATORES DE RISCO PARA A VIOLÊNCIA FAMILIAR

Durante a investigação deste fenômeno psicossocial, houve momentos em que esta pesquisadora precisou estabelecer uma linha divisória, para definir o campo da pesquisa, em função do número de informações que foram expostas durante as entrevistas.

A análise das variáveis, associadas às ocorrências de violência doméstica, expressas pelos adolescentes e seus familiares e àquelas, observadas por esta pesquisadora, permitiram este estudo descritivo, no qual foram organizadas e classificação as principais referências. Entre elas, o perfil psicossocial dos pais e filhos; as relações estabelecidas na

família e os comportamentos anti-sociais, caracterizados por condutas agressivas contra pessoas; as condutas de interdição, respeitando-se as normas sociais; o enfrentamento da realidade de forma construtiva. Estes foram os temas considerados altamente relevantes durante a análise e a discussão dos dados, apresentadas no capítulo 5.

### **4.3. O PERFIL PSICOSSOCIAL DAS FAMÍLIAS PESQUISADAS**

A análise das entrevistas e das fichas de registro do CRAMI-Campinas revelaram que, o perfil psicossocial das mães dos adolescentes notificados, caracterizava-se pela presença de sentimentos ambivalentes, na relação com seus filhos.

O sentimento de rejeição, devido, principalmente, a uma gravidez indesejada; a ausência de sentimentos de maternidade; estruturas psicológicas sem o desejo de construção de uma família, parecem associados ao desenvolvimento de comportamentos agressivos de pais contra os filhos.

A atitude de passividade, tanto no papel de mulher quanto no papel de mãe, parece explicar os sentimentos de insegurança, submissão e omissão no desempenho de tais funções.

Foram identificados, em muitas mães, sintomas neuróticos característicos de depressão, e, psicoses que necessitam um estudo específico.

Todavia, no perfil psicossocial dos pais observam-se perturbações de atitudes e comportamentos, relativas à omissão de paternidade. A presença de uma autoridade que se impõe pela força agressiva, o uso freqüente de bebida alcoólica e, em alguns casos, o uso de drogas, as psicopatologias e os freqüentes problemas financeiros, parecem ser variáveis precipitadoras da violência doméstica.

Os efeitos devastadores do perfil psicossocial dos pais, além de ocasionarem perturbações no contexto da família, apontam comportamentos desajustados nos filhos, riscos nas relações cotidianas e prejuízos no modelo de identificação. Este modelo é representado pela internalização de imagens parentais: os pais são os primeiros modelos para

os seus filhos, levando o menino a agir como homem e a filha a agir como mulher (MORGAN, 1977). Neste momento, assinalam-se as características de personalidade e os padrões morais e educacionais, que se estabelecem nos relacionamentos psico-afetivos, dentro das famílias. Se forem, por exemplo, perpetuadas figuras parentais que se impuseram pela força (FONTANA, 1964 a) e pela ausência do *status* de cidadania (SELFETTI, 1996) existe o risco de assimilação destas características e destes padrões para o desenvolvimento de comportamentos agressivos dos filhos.

Estes pais que se sentem impossibilitados ou mesmo impedidos de exercer a paternidade, porque eles próprios não internalizaram o significado simbólico desta condição, uma vez que, quando crianças, não lhes foi permitido viver o papel de filhos. É através do exemplo da paternidade ou da oportunidade de se sentir filho/criança/adolescente que, em última análise, formar-se-á um adulto cidadão. Na falta dessas referências, eles não se encontram na situação de pais e, portanto, vão se impor pela agressão física contra seus filhos, que se tornarão meninos e meninas incapazes de reivindicar seus próprios direitos.

Na apresentação das entrevistas, destacamos quinze relatos de agressões físicas sofridas por meninos e quinze, sofridas por meninas. Entretanto, nas entrevistas, o tipo de maus trato físico, ocorrido na infância, não fora freqüentemente mencionado; ele está especificado na ficha de registro do CRAMI-Campinas, quando da notificação.

Desta forma, ele é apresentado no quadro a seguir, visando contribuir na análise e na discussão dos dados.

O perfil psicossocial dos adolescentes que, neste estudo, revela traços de timidez, submissão, tristeza, medo e propensão à baixa auto-estima pode contribuir para a teoria da violência doméstica.

Observamos que, o desempenho pessoal destes jovens está prejudicado, tanto quanto o de outros adolescentes que passaram também por vivência de maus tratos físicos na infância, conforme especificado na literatura sobre este tema.

Nas entrevistas, verificamos o mesmo perfil psicológico, mas sem interferir no desempenho pessoal de todos os adolescentes. Alguns, apesar da vivência de maus tratos, apresentam desempenho pessoal positivo.

**Tabela 3:** Apresentação da agressão física sofrida pelos adolescentes na faixa etária de sete e treze anos, segundo a distribuição por sexo do agredido e do agressor.

TIPOS DE AGRESSÃO							
MENINOS				MENINAS			
Freq	HOMEM	Freq	MULHER	Freq	HOMEM	Freq	MULHER
1	Espancar	1	Espancar	3	Espancar	2	Espancar
1	Cortar	4	Surras	1	Cortar	3	Surras
1	Acorrentar			1	Chutar	1	Unhadas
2	Fraturar			1	Socos	1	Cortar
1	Empurrar			1	Cortar		
3	Espancar			1	Queimar		
1	Surras						
10		05		08		07	

Inicialmente, este quadro mostra que as ocorrências de violência física mais graves na infância, como fraturas, cortes e queimaduras de cigarro contra este grupo de adolescentes foram praticadas pelo pai, padrasto ou irmão.

Nestes relatos observamos que, o desenvolvimento emocional dos adolescentes, que passaram por episódios graves de violência, parece prejudicado, conforme verificamos, principalmente, nos relatos de João Francisco (caso 13), João Pedro (caso 14), Euclides (caso 15), Júlio (caso 16), Ivanildo (caso 18) e Luiz (caso 23).

Nas agressões praticadas pelas mães contra os meninos, incluem-se as surras freqüentes e um caso de espancamento; entretanto, parece que outras variáveis, como a rejeição materna e os severos conflitos familiares, observados nas histórias de vida de André (caso 03), Marcelo (caso 04), Denis (caso 05) e Otaviano (caso 10) possibilitaram condutas anti-sociais, principalmente, àquelas relativas a fugas de casa, roubos e uso de drogas.

Durante as entrevistas, constatou-se que esses meninos apresentavam reflexos negativos em seu desenvolvimento pessoal. Nas meninas maltratadas pelos pais, padrastos ou irmãos, o prejuízo no desenvolvimento emocional se revelou, inicialmente, por comportamentos de revolta, associados à fuga de casa, por exemplo, o caso de Marília (caso 17).

Quanto aos relatos de Silvia (caso 19) , Leila (caso 20) , Carolina (caso 21), Mônica (caso 22) , Flávia (caso 25), Denise (caso 26) e Rosa Maria (caso 28) observamos danos no desenvolvimento pessoal, e, ainda assim, há uma defesa clara de seus projeto de vida.

As meninas, maltratadas pelas mães ou madrastas, apresentam o desenvolvimento emocional prejudicado, que levou, em dois casos, à gravidez na adolescência - Cristiana (caso 01) e em Marcela (caso 11). Todavia, Aline (caso 17) teve a experiência de viver numa casa de prostituição. As demais, demonstraram rebeldia, evasão escolar e experiências com roubos e drogas.

Constatamos que há meninas, que apesar das precárias condições sociais em que vivem, progredem através do trabalho, na busca da aquisição de maturidade.

Sabemos que as agressões físicas na infância podem ser compreendidas como a vivência de um trauma, com resultados positivos e negativos, em função de fatores associados ao desempenho do papel de pais e mães, à dinâmica familiar, às necessidades infantis, ao desenvolvimento da identidade dos adolescentes, à estrutura da sociedade e, principalmente, à elaboração psicocognitiva, ou seja, a compreensão do evento traumático, que se apresenta de forma diferente para cada um dos adolescentes.

Neste enfoque, pretende-se assinalar os fatores negativos dos adolescentes em suas relações familiares, ao lidarem com um cotidiano marcado pelo descontrole emocional. Nesta situação, eles expressam revolta, aparentemente mais acentuada entre os meninos, com dificuldades em estabelecerem relações psico-afetivas com os membros de sua família.

O desenvolvimento de atos e atitudes violentos, por parte dos pais, parece associado aos comportamentos anti-sociais na passagem da infância para a adolescência, quando, este adolescente estabelece suas primeiras experiências com álcool, drogas e

pequenos furtos. Estes, trazem conseqüências tais como, expulsão da escola, vadiagem e fuga de casa.

Por volta dos dezesseis anos, observamos uma tendência, em alguns adolescentes, para desenvolverem comportamentos delinqüentes, que resultaram em atos ligados à criminalidade, notadamente, o tráfico de drogas e as tentativas de homicídio.

WINNICOTT (1987) se refere as condutas anti-sociais como um sinal de esperança, que se manifesta pela solicitação de ajuda do adolescente - um pedido de controle que deveria vir de pessoas fortes, amorosas e confiantes. No presente trabalho, no entanto, observou-se que não há ressonância por parte daqueles que se encontram no convívio dos adolescentes.

O desenvolvimento destes fatores negativos parece associado à vivência de outros traumas, referentes à rejeição materna, ausência da mãe, e privações afetivas, também inseridos no contexto da violência doméstica, o que dificulta mais ainda o desenvolvimento desses jovens em outros aspectos pertinentes à adolescência, tais como, a construção da identidade psicossocial, a sexualidade e as relações familiares.

Desta forma, acreditamos que a história de violência na infância, em última análise, poderá estimular o prosseguimento de atitudes transgressoras por parte dos adolescentes, caracterizadas por furtos e roubos que, neste trabalho, parecem sinalizar a carência da identidade materna.

Para WINNICOTT (1987) as atitudes anti-sociais estão associadas à ausência de plena responsabilidade dos pais, cujo perfil o autor especifica: quando uma criança rouba fora de casa, ainda está procurando a mãe, mas, procura-a com maior sentimento de frustração e necessitando cada vez mais encontrar, ao mesmo tempo, a autoridade paterna, que pode colocar e colocará um limite ao efeito concreto de seu comportamento impulsivo e à atuação das idéias que lhe ocorrem quando está excitada. Na delinqüência plenamente desenvolvida, a situação fica difícil para nós, observadores, porque o que nos chama a atenção é a necessidade aguda que a criança tem de um pai rigoroso, severo, que proteja a mãe quando ela é encontrada. O pai rigoroso que a criança evoca também pode ser amoroso, mas, deve ser, antes de tudo, severo e forte. Somente quando a figura paterna, rigorosa e

forte, está em evidência, a criança pode recuperar seus impulsos primitivos de amor, seu sentimento de culpa e seu desejo de corrigir-se. A menos que se veja em apuros, o delinqüente só poderá tornar-se cada vez mais inibido no amor e, por conseguinte, cada vez mais deprimido e despersonalizado, tornando-se, por fim, totalmente incapaz de sentir a realidade das coisas, exceto a realidade da violência (WINNICOTT, 1987).

Numa análise do perfil psicológico da criança vitimada, observamos que os fatores negativos, identificados nesta amostra de adolescentes, se assemelham ao perfil da criança maltratada, ressaltado na introdução deste trabalho.

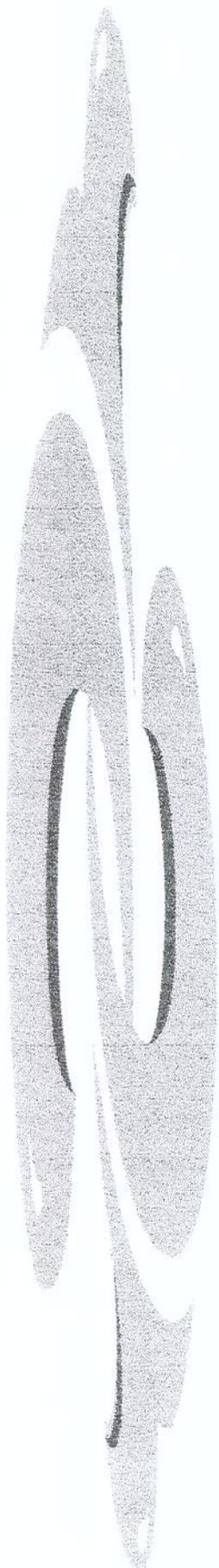
Entretanto, revendo-se as entrevistas percebemos que muitos adolescentes, que passam pelas mesmas experiências, desenvolvem atitudes absolutamente construtivas, apresentando um ajustamento psicossocial ao enfrentarem suas dificuldades.

Seu perfil psicológico reflete sentimentos de segurança e coragem. As atitudes de discernimento e os primeiros esboços de um projeto de vida, estão nos relatos de Cristiana (caso 01), Teresa (caso 07), Fabrício (caso 08), Pedro (caso 09) e Marília (caso 17).

Desta forma, é oportuna uma reflexão sobre estes resultados, com base numa idéia desenvolvida por FREUD (1976) que considera que a vivência de um trauma possibilita o enfrentamento e o domínio da realidade, ou seja, o trauma também pode desenvolver, no indivíduo, fatores positivos.

Em um dos seus últimos ensaios, FREUD (1976) enfatiza que os resultados do trauma podem ser positivos ou negativos. Para ele, o indivíduo tenta reviver o trauma, tornando-o real, quando ele vive sua repetição. Isto parece se adequar ao que FONTANA(1964b) chama de “perpetuação da violência doméstica”, ou seja, os filhos reproduzirão o modelo familiar violento que eles conheceram na infância. Num sentido oposto, para FREUD (1976), o indivíduo esquece o trauma, pois este, não precisa ser lembrado ou repetido. É o que parece ter ocorrido com os adolescentes que apresentam o perfil psicológico constituído de fatores positivos.

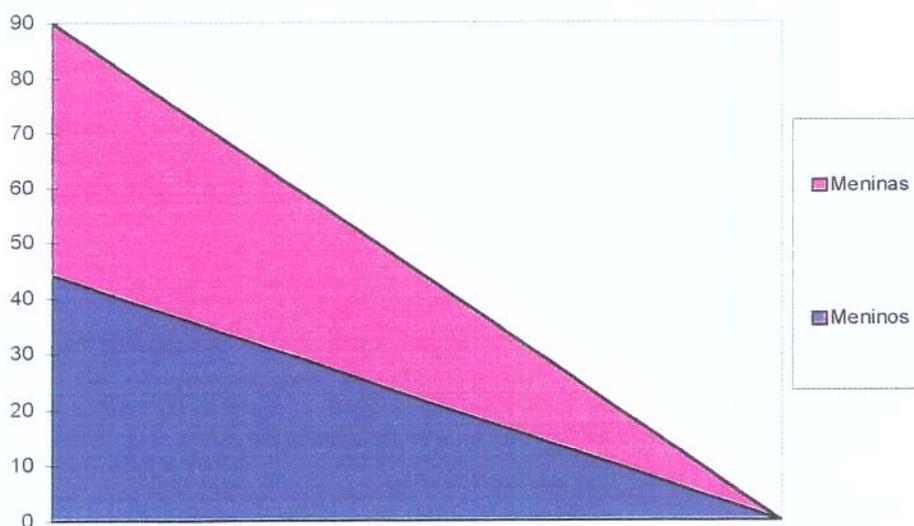
Entretanto, como não realizamos acompanhamentos psicológicos mais rigorosos e contínuos, no âmbito do psicodiagnóstico, não podemos assegurar que a vivência de violência física tenha se caracterizado, por definição, como a de uma vivência traumática. Os temas pertinentes ao perfil psicossocial dos adolescentes serão abordados no capítulo das representações de si mesmos, quando apresentaremos os dados e a discussão dos grupos, constituídos por noventa adolescentes.



## ***5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS***

## 5.1. CARACTERIZAÇÃO SOCIAL DEMOGRÁFICA DOS ADOLESCENTES

O perfil sociodemográfico, apresentado neste trabalho, reflete a realidade de 90 adolescentes que participaram da pesquisa de campo, no estudo das representações sociais da violência familiar contra criança. A amostra estudada compreendeu quarenta e quatro meninos (49%) e quarenta e seis meninas (51%), sendo que, 65,5% nasceram na cidade de Campinas.



**Gráfico 8:** Distribuição gráfica dos 90 adolescentes desta pesquisa, segundo o sexo. Os valores numéricos expressam o total da amostra que é de 100%.

Os demais, 34,5%, são procedentes de outros estados do Brasil. Entretanto, devido as especificidades de suas histórias de vida e de suas condições sociais, foram incluídos na categoria de migrantes, ou seja, pessoas que se deslocam de uma região para outra, em busca de seus interesses pessoais.

Em função da ausência de motivações que permitam ao fixar-se em sua terra natal, em virtude da inexistência de uma política de reforma agrária e da desintegração sócio-econômicos, política e familiar que afeta os indivíduos da zona rural, observamos, neste trabalho, duas tendências deste movimento migratório que vem ocorrendo nos últimos dez anos, em Campinas.

Inicialmente, entre os pais dos adolescentes, 32,2% do total desta amostra são procedentes de cidades agrícolas, localizadas principalmente, nos estados da Bahia, Espírito Santo e Paraná. Estes pais abandonaram seus locais de origem, seus valores culturais, religiosos e morais, na busca de uma nova realidade, em São Paulo.

Entretanto, a adaptação e a integração desses indivíduos num contexto social diferente, levou-os à vivência de altos riscos de violência urbana e estrutural. Estão, também, expostos a várias doenças. São incluídos na categoria de transmissores ou receptores de doenças. Submetem-se a viver em moradias localizadas em áreas de risco, ou seja, em favelas ou sob viadutos, sem condições sanitárias adequadas (ESTRADA, 1982; HORÁCIO, 1987).

Outro movimento migratório, observado neste trabalho, refere-se ao dos próprios adolescentes, que acompanham seus pais em direção à Campinas. Motivados pelos mesmos sentimentos de esperança, vêm em busca de novas oportunidades de trabalho e de acesso aos serviços de saúde e educação que lhes possibilitem o mínimo de segurança.

Durante esta pesquisa, percebemos que estes adolescentes se encontram à margem da sociedade, conforme pode ser constatado nos relatos das entrevistas.

Não foram raros os relatos de dificuldades de adaptação à nova realidade. Também constatamos a vivência de sentimentos de isolamento e de dificuldades de integração com os companheiros da escola.

Do total desta amostra de adolescentes, observamos que 16,6% são provenientes, inicialmente, da cidade de São Paulo. Eles se encontram incluídos entre os 32,2%, cujos pais foram para àquela cidade; 3,3% são provenientes de Minas Gerais e 7,7% vieram do Rio de Janeiro, sendo que esses três últimos grupos se deslocaram diretamente para Campinas.

Verificamos que, entre os adolescentes, o percentual deste movimento migratório é de 34,5% e que isto parece desencadear muitos problemas psicossociais, além de estar influenciando a determinação do perfil demográfico de Campinas. Esta aceleração demográfica demanda que seja priorizado o processo de urbanização, no intuito de evitar-se a expansão de favelas e de aglomerados urbanos, em condições precárias e que se espalham por toda a cidade.

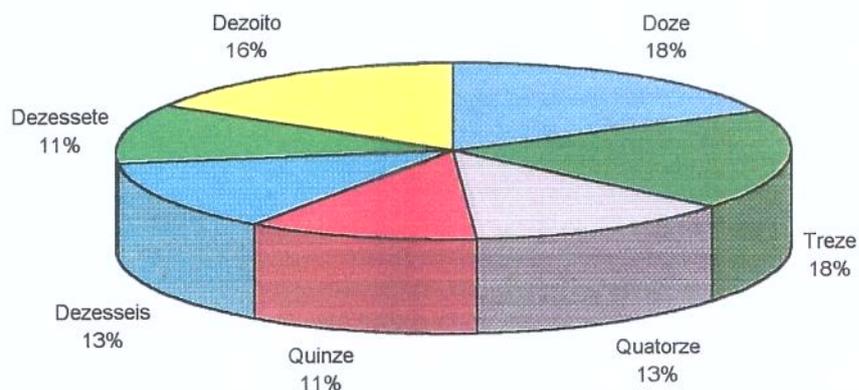
Identificamos que, a maior concentração dos adolescentes ocorre nas regiões Sul e Oeste de Campinas, em áreas em que as condições são precárias, há altos índices de pobreza e onde se localizam os bairros, construídos e projetados em consequência desta expansão demográfica, em que houve, durante o período de referência desta pesquisa, a maior incidência de notificações de maus tratos físicos, no CRAMI-Campinas.

Durante as visitas aos domicílios às instituições, identificamos adolescentes de famílias migratórias em situação de vulnerabilidade. Tal vulnerabilidade tem origem em fatores multicausais, principalmente, as desordens psiquiátricas, os desajustamentos sociais, o alcoolismo, o uso de drogas e a pobreza que levam à violência doméstica, pública e policial (MOGILKA, 1997; EISENBERG, 1997, BALLEY; 1997; MAX, 1997). Eles constituem o universo psiquiátrico, social, cultural e econômico.

Na análise dos fatores psicossociais, observamos que eles interferem na saúde biopsicossocial dos indivíduos que se deslocam entre as regiões, aparentemente mais promissoras, na luta pela sobrevivência.

Desta forma, os problemas sociais vivenciados apresentam reflexos em suas estruturas psíquicas e geram transtornos como a depressão, a ansiedade e as desordens de estresse (SNYDER, 1990).

Na amostra, constituída dos 90 adolescentes, verificamos que a idade média é de 14,8 anos, conforme podemos observar no gráfico a seguir:



**Gráfico 9:** Distribuição gráfica dos 90 adolescentes desta pesquisa, segundo as idades. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.

Segundo critérios do Anuário Estatístico do IBGE (1994) a população estudada pode ser identificada da seguinte forma: brancos 48,8%; negros 14,4%; pardos 35,6% e 1% e amarelos 1% (descendentes de japoneses).

Neste trabalho, a evasão escolar é representada por 17,8% do total da amostra e sugere associação estatística ( $\chi^2 - 0,05$ ), com a vivência de maus tratos físicos na infância, entre os adolescentes com idade acima de 13,6 anos. Outros fatores, culturais e emocionais, relativos à desintegração aluno/escola/família, (que ocorre também durante o processo de abandono escolar), deixaram de ser avaliados, devido à ausência desses dados.

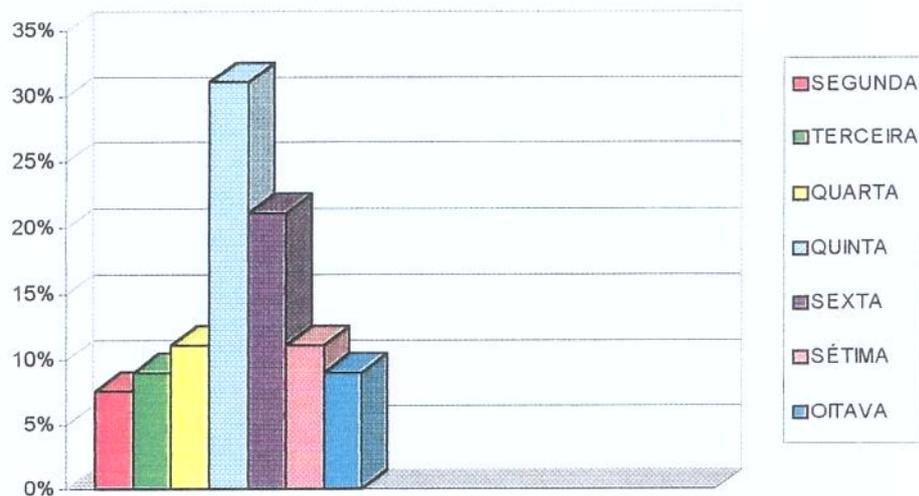
Acreditamos que estes fatores culturais e emocionais, no interior e fora da escola, precisam de um estudo minucioso que inclua o interesse dos adolescentes que *ainda* estão inseridos na comunidade escolar. Como alternativa de prevenção à evasão escolar, consideramos que os adolescentes devam participar da construção de seu próprio programa de aprendizagem, que contemple aspectos particulares de seu meio cultural. Outro determinante, na prevenção da evasão escolar, refere-se à reavaliação do perfil dos professores. Este, se encontram despreparados para lidar com questões emocionais dos alunos que apresentam mau aproveitamento escolar (MIEINIK, 1987).

A falta de estabelecimentos de ensino, que possibilitem a integração do ensino formal ao profissionalizante, que ofereça ao adolescente uma profissão que lhe garanta sua realização num futuro globalizado, mostra que há poucas opções para o adolescente brasileiro.

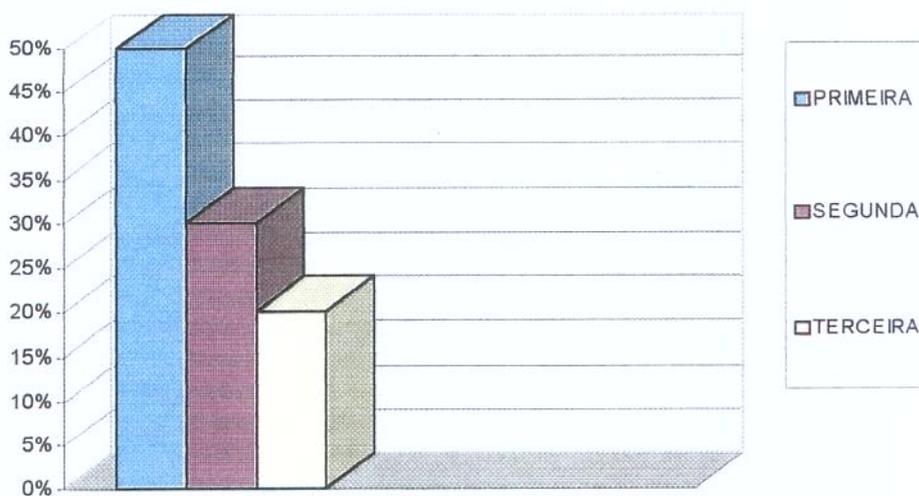
Num contexto mais específico, este processo de evasão deveria ser acompanhado por um agente escolar que tivesse como principal atividade a integração do aluno/família/escola, nos modelos propostos pelas experiências iniciais de formação de agentes de saúde, que atuam em comunidades carentes, na prevenção primária.

Entretanto, ao analisarmos as variáveis referentes à escolaridade, observamos que este tema parece se adequar a cultura de valorização do ensino, uma vez que, 46,1% do total desta amostra avaliaram-se, ao responderem o Questionário I, como pertencentes ao grupo de bons alunos; 32,6% com avaliação escolar regular e, 3,3% consideraram-se como relapsos ou irresponsáveis.

A maior concentração desta população está cursando a 4ª (11,1%); 5ª (31,6%) e a 6ª (21,1%) séries do primeiro grau, em escolas públicas, próximas aos bairros onde residem. Todavia, além de 17,8% dos adolescentes vitimados na infância encontrarem-se fora da escola, os 63,3% do total desta amostra, que freqüentam a rede de ensino, apresentam um atraso cronológico de quatro anos em relação ao desempenho escolar médio brasileiro. Este atraso se explica pela inserção tardia dessas crianças no ensino formal, o que é decorrente do descuido dos pais e familiares; da ausência de controle do Estado e da acumulação de repetências.



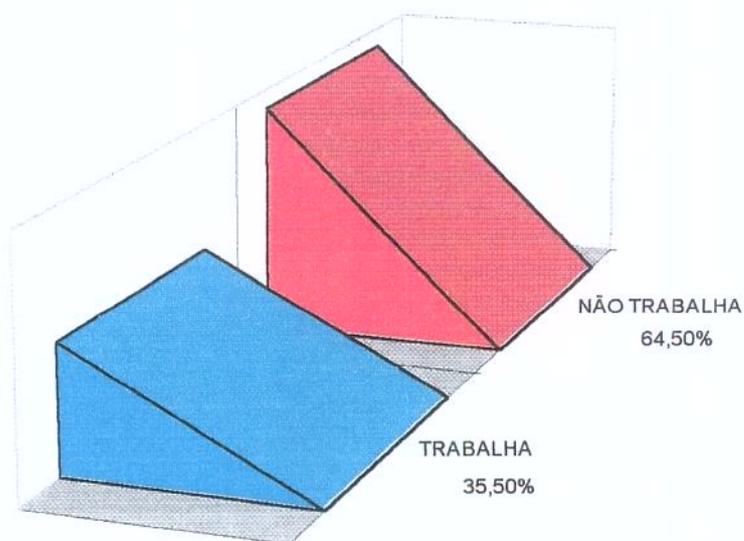
**Gráfico 10:** Distribuição gráfica de 80 adolescentes, do total da amostra, que frequentaram o primeiro grau, segundo as séries cursadas. Os valores expressos em percentuais representam o total desta amostra que é de 100%.



**Gráfico 11:** Distribuição gráfica de 10 adolescentes, do total da amostra, que frequentam o segundo grau, segundo as séries cursadas. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.

Entre os 90 adolescentes verificou-se que, 23,9% do total da amostra das meninas, com idade média de 15,4 anos, além de freqüentarem a escola, realizam trabalho remunerado no comercio informal ou em casas de família e que, 52,2% dos meninos, com idade média de 16 anos, desenvolvem tarefas na categoria de aprendizes na área de construção civil e no comércio informal. Entretanto, a média de idade é de 14 anos para ambos os sexos, no caso daqueles que não estudam, somente trabalham.

O trabalho, entre os 35,5% do total dos adolescentes desta pesquisa, está associado às necessidades de sobrevivência da família, visto que, o ganho incorpora-se à renda salarial da família que, em 66% do total desta amostra, situa-se entre menos de um e três salários mínimos.



**Gráfico 12:** Distribuição gráfica dos 90 adolescentes, segundo trabalho remunerado. Os valores em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.

A prática do trabalho de crianças e adolescentes tem possibilitado muitas irregularidades que se diferenciam entre as cinco regiões do País. Esta prática, em sua essência tem em comum a exploração do menor através da aquisição de mão-de-obra barata e do não cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), além de representar uma das causas de desemprego dos adultos. Em muitas regiões, há o costume de contenção de despesas, a ocupação das atividades dos pais pelos filhos.

Nesta pesquisa, observamos que entre os 17,8% do total da amostra, ou seja, 16 adolescentes que saíram da escola, 10% não estão inseridos em nenhum programa de aprendizagem profissional e não realizam nenhum trabalho remunerado. Da mesma forma, identificamos 3,3% do total da amostra vivendo em condições de *meninos na rua*. MINAYO (1993) entende por *meninos e meninas de rua* como um conjunto de crianças que utilizam a rua como espaço de trabalho e sobrevivência. Muitas retornam assiduamente para as suas casas, outras, que já romperam com os seus laços familiares, fazem da rua seu espaço de vida. Elas representam o contingente de crianças vítimas das questões políticas e sociais, que constituem o problema central do Brasil. GOMES (1994) faz uma análise da prostituição infantil feminina e do processo saúde-doenças vinculado à sexualidade e à violência que são submetidas meninas que vivem na rua. No processo saúde-doença, são ressaltados: gestação precoce, aborto e doenças sexualmente transmissíveis, que podem influenciar estas meninas de uma forma relevante. Sabemos que os riscos dos meninos não são menores, a medida que sua frequência é muito significativa quanto à venda ou distribuição de papalotes de drogas, participação em pequenos roubos e furtos; os riscos de sentir-se submisso à autoridade policial e, principalmente, a violência física contra a criança e adolescentes nos grandes centros urbanos (DAMERGIAN, 1986).

Observamos que, nesta amostra, 13,3% do total dos adolescentes encontra-se em situação deste risco biopsicossocial. Se estendêssemos este percentual a todo País, teríamos dados alarmantes que nos levariam a uma profunda reflexão sobre a necessidade do engajamento imediato dos “adolescentes em dificuldades” num programa ensino/trabalho, estabelecido por políticas públicas. Este programa permitiria ao jovem desenvolver e utilizar suas potencialidades cognitivas, através da aprendizagem/trabalho e da emergência de talentos.

A interação de três instituições fundamentais na vida do indivíduo (lar/escola/trabalho), além de assinalar melhora em sua qualidade de vida, diminui os riscos da delinquência juvenil, da ociosidade e das más companhias, fatores que também precipitam condutas anti-sociais. Estas, com conseqüências graves, como a punições dos adolescentes que ficam confinados em reformatórios, educandários e externatos superpopulosos, sem possibilidades de desenvolverem sua cidadania (CABRAL, 1989)

Outra consequência, seria a vivência na rua, representada pelos riscos de agressão, violência ou morte.

A inserção desse adolescente num programa ensino/trabalho visa atender as suas necessidades individuais no contexto material, social e cultural e, ainda possibilitar o bem-estar psicológico ao futuro adulto (MIEINIK, 1987; GOMES, 1992).

Quanto ao uso de drogas ilícitas, 2,2% do total desta amostra consideraram-se como dependentes químicos e 19,8%, são usuários sem dependência. Ou seja, segundo os próprios adolescentes, a droga ilícita é usada em situações específicas relativas à socialização e ao ambiente ou quando há estresse.

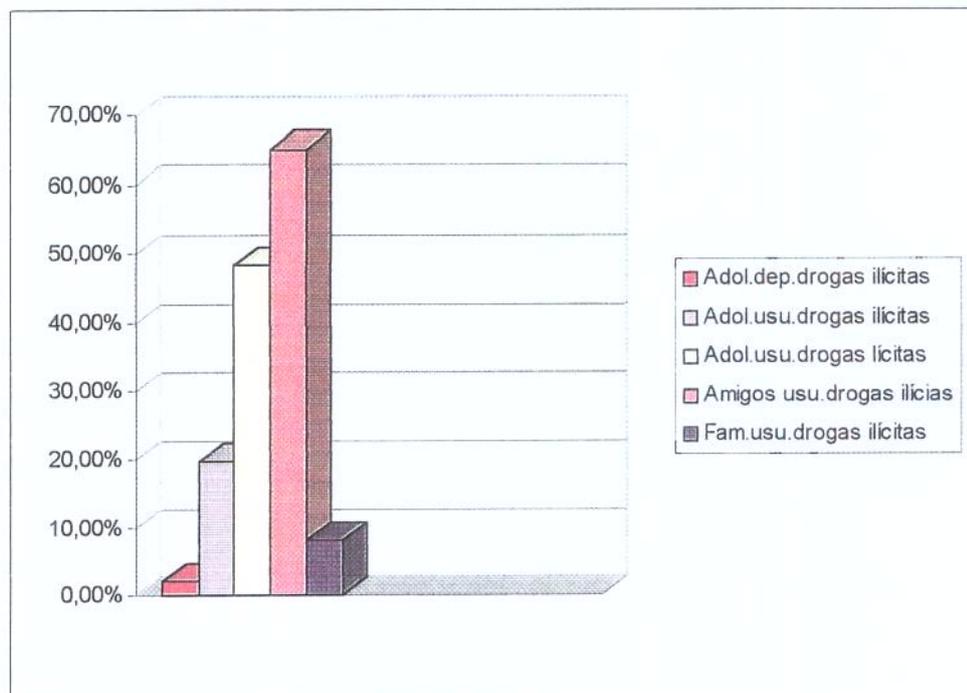
Entretanto, o uso de drogas atinge o índice de 70,2% do total da população pesquisada, se considerarmos que 8% são usuários de cocaína; 10% de maconha; 4% do crack; 6% de nicotina e 42,2% de álcool, nos fins de semana.

Os efeitos do álcool na população pesquisada mostram que 20% sentem-se desinibidos; 23% calmos; 4,5% agressivos; 8% deprimidos. Estes efeitos parecem associados às primeiras motivações para o uso de álcool na adolescência.

Neste estudo identificamos 54 adolescentes em situação de risco de uso de drogas. Os resultados encontrados ( $\chi^2 - 0,05$ ) sugerem a associação estatística entre as variáveis - vivência de maus tratos físicos na infância e uso de álcool - por adolescentes com idade média de 15,4 anos.

Esta situação de risco torna-se mais preocupante, quando estima-se em 8% o uso de drogas ilícitas no contexto familiar, ou seja, no grupo de estudo foi identificado o uso de drogas entre 10 irmãos; 03 pais; 03 primos e 03 tios dos adolescentes. O uso de drogas entre os familiares favorece comportamentos violentos, como por exemplo agressões e roubos para aquisição da droga, provocando constrangimentos e humilhações.

Outra variável de risco para o uso de drogas é o círculo de amigos. Nesta amostra 65% do total de adolescentes tem amigos que usam drogas ilícitas. Este resultado pareceu-nos preocupante à medida que entre estes adolescentes, 22% declararam-se usuários de drogas ilícitas, sem considerarmos a questão da dependência ou da frequência que utilizam a droga.



**Gráfico 13:** Distribuição gráfica dos 90 adolescentes, segundo o uso de drogas e seu contexto sócio-familiar. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.

As atividades de lazer, realizadas por esta população, referem-se, principalmente, às festas noturnas que ocorrem em espaços privados ou públicos.

Para 30%, as violências acontecem em boates, discotecas, danceterias e clubes; 35% se referem aos shows de “rock” e bailes “funck”, 17% dos adolescentes consideram que *os sons de rua*, em frente aos bares, lanchonetes e padarias são locais muito violentos porque se caracterizam pela venda de bebidas alcoólicas, e drogas e, eventualmente, pela presença de pessoas armadas que freqüentam os “sons de rua” com a intenção de praticarem atos de violência.

Na questão: “**onde você vê mais violência?**”, observamos que 41,4%, ou seja, 37 adolescentes, consideram sua própria casa o local onde vêem mais violência. Eles se acham inseridos em famílias conflituosa, nas quais ocorrem brigas e desavenças entre todos os seus membros.

Considerando-se o grupo de estudo, foram identificados 90,9% inseridos somente nesta categoria. E, 47% do grupo comparativo consideraram-se inseridos numa família calma, 10% identificou sua família como repressora; e 5% como uma família estressada.

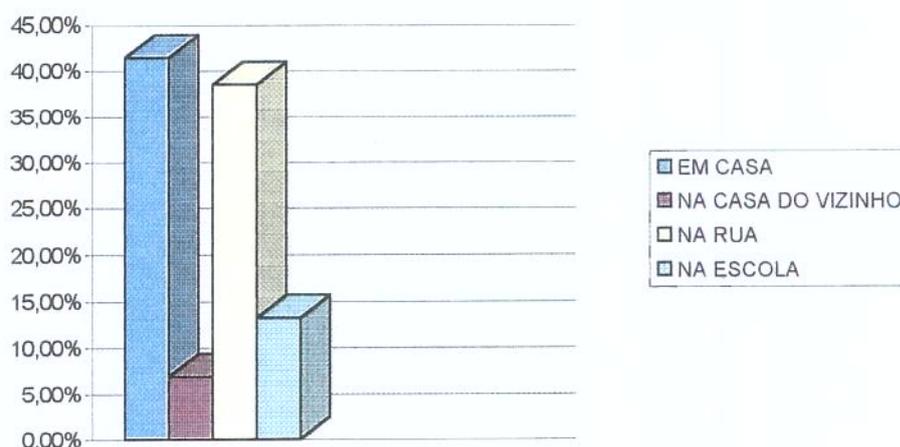
Pelas pesquisas realizadas, sabe-se que as violências vividas no cotidiano de crianças e adolescentes se estendem para toda a família e que, frequentemente, a mãe é também uma vítima de violência física, cometida pelo marido ou companheiro. As violências físicas são o reflexo de desordens familiares decorrentes de fatores psiquiátricos, sociais, culturais e econômicos que constituem a rede de causalidade da violência doméstica, com destaque nas desordens psiquiátricas, nos desajustamentos sociais, nas drogas, no alcoolismo e na pobreza (MOGILKA, 1997; EISENBERG, 1997; BALLEY, 1997)

A violência pública foi evidenciada em 38,5% do total da amostra estudada, ou seja, 35 adolescentes consideraram a rua como um espaço muito violento, seguidos de 13,2% (em números absolutos) 12 adolescentes, a escola que frequentam e 6,9, ou seja, 6 adolescentes, a casa dos vizinhos.

Estes resultados indicam a necessidade darmos continuidade aos trabalhos de pesquisa sobre os maus tratos contra crianças e adolescentes, para que possamos estabelecer diretrizes que minimizem este grave fenômeno psicossocial.

Para os adolescentes desta pesquisa, a rua é considerada como o segundo lugar onde sofrem mais violência, conforme observamos no gráfico a seguir, que sugere uma correlação entre a violência doméstica e àquela vivenciada na rua. Este dado mostra que os adolescentes do grupo de estudo vivem uma dolorosa rotina, pois, para eles, parece não haver saída.

PFEFFER; PLUTCHIK; MIZZUCHI (1983) consideram que o comportamento agressivo dos pais, os maus tratos contra às crianças e a ausência de ansiedade e depressão são os sinais mais visíveis para que eles desenvolvam comportamentos agressivos na adolescência.



**Gráfico 14:** Distribuição gráfica dos locais mais violentos, segundo os 90 adolescentes desta pesquisa. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.

Entretanto, neste estudo, não houve correlação entre os maus tratos físicos na infância e o desenvolvimento de comportamentos extremos de violência, como por exemplo, as tentativas de suicídio ou homicídio de pessoas e animais. Observamos sim, casos isolados de condutas violentas, como por exemplo, Otaviano, (caso 10) que agrediu gravemente duas pessoas na rua.

Utilizamos o teste  $\chi^2$  para verificar a hipótese “a” - a vivência de maus tratos físicos na infância determina o desenvolvimento de condutas e atitudes violentas na adolescência. A análise quantitativa sugere a associação entre as variáveis: vivência de maus tratos físicos na infância e o desenvolvimento de comportamentos agressivos leves e moderados na adolescência. Os adolescentes do grupo de estudo apresentaram no teste  $\chi^2$  (-0,05) o que determina a aceitação desta hipótese, mesmo considerando os níveis de agressividade (GENTRY & ERON, 1993). Frequentemente as causas de comportamentos agressivos dos adolescentes são pouco compreendidas. Está claro que a vivência de maus tratos na infância está associada com a violência subsequente, embora, muitas crianças vitimadas não se tornaram nem adolescentes e nem adultos violentos.

LEWIS(1989) considera que tudo depende das vulnerabilidades intrínsecas na história de vida do agredido. Ele as definem como deficiências ou disfunções que interferem ou limitam o processo normal de socialização de uma criança. Estas vulnerabilidades se dividem em três categorias: os sintomas psicóticos episódicos, as funções neurológicas e as deficiências cognitivas. Neste trabalho, estas categorias não foram avaliadas, embora, consideramos que a exposição ao contexto familiar violento determinará os níveis de probabilidades para desenvolvimento de comportamentos agressivos na adolescência.

Na análise qualitativa, durante o processo de inclusão, em categorias, das atitudes e das condutas agressivas, observamos uma frequência mais elevada de comportamentos delinquentes. A delinquência, destes adolescentes, pode ser identificada nas condutas anti-sociais e nas agressões físicas e verbais daqueles que sofreram maus tratos físicos na infância, em relação ao grupo comparativo.

A proporção de adolescentes que não desenvolve comportamentos agressivos ou violentos é igual, tanto no grupo de estudo quanto no grupo comparativo, ou seja, independentemente do número de integrantes dos grupos, encontramos 33,3% de adolescentes que jamais participaram de nenhum desses atos violentos ou agressivos, conforme observamos na Tabela 4, a seguir.

Embora não tenham sido aplicadas escalas de ansiedade e depressão, observamos durante as entrevistas, comprometimentos emocionais característicos do universo psicológico, entre os adolescentes com notificação de maus tratos físicos na infância, e que desenvolveram comportamentos delinquentes. Identificamos condutas anti-sociais e agressões físicas e verbais, em níveis moderados e graves, desenvolvidas pelos adolescentes do grupo de estudo.

**Tabela 4:** Distribuição dos comportamentos agressivos ou violentos, praticados pelos 90 adolescentes desta pesquisa, segundo a história de violência na infância.

	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
<b>PRÁTICAS E COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS NA ADOLESCÊNCIA</b>	40	20
Agredir verbalmente as pessoas em geral	18	03
Agredir fisicamente os colegas	18	10
Participar de brigas entre turmas e jovens	17	06
Agredir verbalmente os pais	16	08
Chutar paredes e objetos na rua	14	03
Agredir nos jogos em geral	09	01
Agredir fisicamente os professores	06	02
Roubar objetos	06	-
Agredir fisicamente as pessoas em geral	06	01
Agredir fisicamente as (os) namoradas (os)	06	01
Danificar o patrimônio público	06	-
Praticar agressões variadas em casa	05	01
Jogar objetos nas pessoas	05	-
Agredir fisicamente os pais	05	02
Praticar agressões variadas na rua	03	-
Roubar casa, carros, motos e bicicletas	03	-
Agredir fisicamente os idosos	02	01
Agredir verbalmente os policiais	03	02
Assaltar com armas de fogo	03	-
Praticar violência sexual	03	-
<b>TOTAL DE VIOLÊNCIAS PRATICADAS</b>	169	50
<b>JAMAIS PRATIQUEI NENHUM DESSES ATOS</b>	20	10

A tendência para condutas anti-sociais parece associada às perturbações ambientais que prejudicaram o desenvolvimento emocional desses adolescentes, produzindo distorções em suas personalidades. Elas se caracterizaram necessariamente, por comportamentos inadequados à realidade.

Estas condutas parecem não estar associadas às carências materiais, mas, principalmente, às provações afetivas e às vivências de maus tratos. Para WINNICOTT (1989) - a característica da tendência anti-social é o impulso que possibilita ao menino ou à menina para voltarem a um momento anterior à condição de privação.

O trabalho de BURKE *et al.* (1989), com crianças agredidas fisicamente salienta a identificação com o agressor como uma necessidade dessas crianças repetirem a situação traumática, na tentativa de obter o controle da situação e busca a divisão do “poder” com o agressor, visando, também, neutralizar seus sentimentos de inatividade e seus temores de aniquilamento, associados aos espancamentos sofridos.

## **5.2. O CENÁRIO FAMILIAR**

A pesquisa de campo, realizada na casa de quarenta e um adolescentes, através de trinta visitas domiciliares aos notificados no CRAMI-Campinas e onze entrevistas com vizinhos, permitiu a esta pesquisadora um contato com, pelo menos, mais duas pessoas, membros da família do adolescente. A entrevista, também possibilitou algumas mães, tias, padrastos ou irmãos falarem de suas experiências, relatarem suas histórias de vida e seus conflitos entre a vida idealizada e a realidade.

Se, por um lado, confrontamo-nos com famílias de baixa renda, por outro, seus relatos e gestos eram de tal forma ricos em sentimentos e esperanças, que nos levaram a refletir sobre o verdadeiro conceito de pobreza e miséria.

A pesquisa de campo foi direcionada para a questão da violência familiar e para a rede de causalidade imbricada neste fenômeno psicossocial. Inúmeras vezes fui envolvida pelo afeto simples de pessoas também simples e humildes. Outras vezes, no entanto, percebi o ato violento com muita clareza.

Após três visitas domiciliares a uma família considerada como uma das mais violentas, Diogo, um adolescente de treze anos, atendeu-me ao portão, avisando-me que prendera seu cachorro. Experiência esta, que eu já vivenciara em outras ocasiões, durante as visitas domiciliares. No percurso entre o portão e a casa dos fundos de um terreno, fui atacada pelo cão de Diogo. Tomada de surpresa e com medo, consegui, com dificuldade

livrar-me do animal. Fui socorrida por Maria, tia do adolescente. Dirigi-me a Diogo, que sugeriu que eu falasse inicialmente com Paula, sua irmã, notificada ao CRAMI.

Enquanto iniciava o primeiro contato com Paula, vi Diogo se dirigir à cozinha que ficava ao lado da sala. Em seguida, Diogo retornou à sala com um facão na mão... Aproximou-se, sentou-se no braço do sofá ao meu lado e começou a limpar as unhas. Tinha um olhar inexpressivo em minha direção. Repetia em voz baixa: “não sei de nada”. Apesar do medo que sentia, procurei conversar com o rapaz, falando da importância de facões no uso doméstico, dos diferentes tipos de faca, facão, punhal e peixeira que eu imaginava existirem, de seus cabos de resina, madeira e cores. Às vezes, ele ouvia com interesse e, outras, fazia gestos agressivos (furando a poltrona com a ponta da faca).

Dirigiu-se até a porta e trancou-a à chave. Tentei manter a calma. Sua irmã pedia para que ele abrisse a porta, como se já conhecesse aquele gesto. Preocupada em não irritá-lo, procurei tranquilizar sua irmã.

Percebi uma gaveta cheia de facas em cima da cadeira; eram de Diogo. Mostrei-me interessada por “sua coleção de facas” e ele foi retirando-as lentamente enquanto eu descrevia os poucos detalhes de um facão. Diogo transpirava. Comentei sobre o calor e da sede que eu não sentia. Paula saiu da sala e foi até à cozinha buscar água. Disse em voz alta e firme para Diogo: abra a porta, o vento vai refrescar e você se sentirá muito melhor! Fiquei observando Diogo abrir a porta. Em seguida, dona Maria, sabendo que eu fora atacada pelo cão, apareceu com álcool para passar em minha perna: “a senhora não sabe, ele é doente dos nervos; todas as agressões aqui acontecem por causa dele”.

A entrevista de Paula encerrou-se na casa da tia, enquanto Diogo trancava-se num quarto. Muitos riscos, também, são vivenciados durante a pesquisa de campo, sobretudo, se a visita domiciliar acontecer em bairros ou favelas em que há venda de drogas.

Nesta pesquisa, os agrupamentos familiares, constituídos de famílias extensas, nucleares e uniparentais, pesquisados nos arredores de Campinas, residiam em casas de alvenaria, muitas vezes, semi-acabadas, construídas pelos próprios moradores nos fundos de terrenos ou misturadas entre barracos de madeira. São terrenos pequenos, próprios ou invadidos, cortados por esgotos, com criação de galinhas e cães. Os membros das famílias

dormem aglomerados para se protegerem do frio e com medo das “batidas policiais” em busca de bandidos.

Saem cedo para trabalhar, deixando os filhos pequenos dormindo sozinhos, sob os cuidados dos filhos mais velhos ou de vizinhos mais próximos(MONTEIRO; CABRAL; MORGADO,1995a).

A história de Elza não se passou no interior da Bahia, ela é a reprodução do que ocorre na periferia deste “primeiro mundo” que existe no Brasil. Em busca de uma nova oportunidade, junto com o marido, um trabalhador das matas e do transporte de cacau para o porto de Ilhéus, veio para Campinas, após o conselho de um cunhado, que lhes relatou sua própria experiência numa favela em São Paulo: “Campinas é rica, tem fábricas. E lá eu tenho um amigo”. Foi, então, que Elza e Abel, “sem sonhos, e com coragem imigrante”, invadiram um terreno, em Campinas. E, juntamente com outras pessoas, recolheram “objetos” na rua, fugiam com vergonha dos repórteres. Invadiram um “pedaço” do campo de futebol o que, segundo eles: “foi como uma batalha no campo de guerra, entre a noite e o dia se invadia e se construía o barraco. Lá colocamos os três meninos. Em cinco dias eu mudei minha alma, tinha minha casa, o meu teto”.

Dona Elza recolheu o que podia para construir sua casa com estacas de madeira e sacos de leite: “foi difícil, com o frio e o vento, mas já morei em casa de papel, dona. Hoje, meu marido é motorista. Tudo é difícil... Os meninos não ganham pelo trabalho. Nós vivemos de salário mínimo. Entra um pouquinho, quando eu faço os cabelos e as unhas das moças daqui. A senhora quer me ajudar? me traga uma bolsa de compras. Olhe, daqui há pouco os três vão chegar da escola e eu tenho meia panela de arroz prá dar prá eles...”

Conversando com os filhos de dona Elza, percebia-se a baixa qualidade de vida: a falta de ir à escola. De ter um trabalho que “garanta um dinheirinho no bolso”.

Falar destas dificuldades é chamá-las tecnicamente de variáveis. É refleti-las e analisá-las num cruzamento quali-quantitativo, definindo-se aspectos muito relevante das condições sócio-econômicas dessas pessoas. É pensar sobre o fato da pesquisa ter sido realizada numa cidade como Campinas, com uma das mais altas rendas *per capita* do País. É refletir, também, a renda salarial disponível mensalmente e associá-la ao número de pessoas

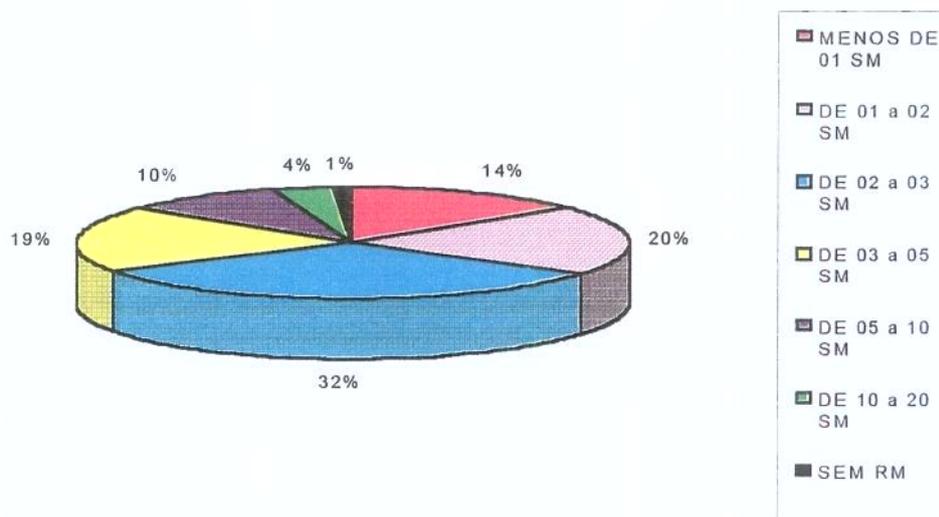
que mora em cada casa. E, é, principalmente, destacar os sentimentos de desesperança desses jovens que demonstraram interesse em participar desta pesquisa.

Entre os adolescentes pesquisados, 45,5% do total da amostra foram criados e vivem em companhia de pai, mãe e dois irmãos. A presença, nas famílias, de um ou mais agregados, é de 24,3%, sendo, em geral, uma tia, prima ou avó. As famílias uniparentais, compostas, nesta amostra, de mulheres como chefes de família, com dois filhos, totalizam 26,6%, sendo que, dessa amostra, 29,1% tinham mais de um agregado, representado por uma tia e um primo morando na mesma casa, juntando os ganhos e dividindo as despesas. Identificamos 7,7% de adolescentes sem a presença de pai ou mãe, morando em companhia de tia, avó ou amigos.

A gravidez na adolescência ocorreu com duas adolescentes que participaram da pesquisa para a dissertação de Mestrado. Uma delas seguiu seu companheiro integrando-se ao movimento dos sem-terra e, hoje, moram com os dois filhos em acampamentos próximos à estrada. A outra, casou-se e está morando num apartamento no centro da cidade com o marido e os dois filhos.

A densidade populacional por família é de cinco a seis pessoas morando sob o mesmo teto em 96,5%, do total dos adolescentes. Foram encontradas duas famílias compostas de quatro pessoas morando em um quarto com banheiro e, 23% das 41 moradias visitadas tinham quarto, sala, cozinha e banheiro. Apesar da análise destes dados não fazer parte dos objetivos deste trabalho e de não ter sido pesquisada a relação metro quadrado por habitante, consideramos oportuno assinalá-lo, visando estudos mais específicos que associem densidade populacional e violência doméstica.

A renda salarial da família, identificada em 66% do total da amostra, revela que estes indivíduos sobrevivem com uma renda mensal de até três salários mínimos, conforme pode ser observado no gráfico a seguir.



**Gráfico 15:** Distribuição gráfica da renda mensal dos 90 adolescentes, segundo a renda mensal da família. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.

O baixo nível de instrução dos pais dos adolescentes foi representado por 40,4% do total da amostra, que não concluíram o primeiro grau. Os pais analfabetos representaram 22,8%. Estas variáveis, quando relacionadas a outros fatores sócio-culturais e econômicos, são assinaladas pela literatura como fatores predisponentes a condutas violentas dos pais contra os filhos, especialmente quando associadas a condições de pobreza (GELLES, 1989; MONTEIRO; CABRAL; MORGADO; 1995b; FINKLER, 1997; LEMPERS & CLARK-LEMPERS, 1997).

Observamos que, para prevenir maus tratos às crianças e adolescentes, faz-se necessário melhorar a qualidade de vida da população (LANEVE, *et al.* 1987; MOGILKA, 1997; FERMAN, 1996) através da geração de empregos e de salários compatíveis com as necessidades de moradia, alimentação, vestuário, saúde, educação, transporte e lazer.

Quanto a variável, profissão dos pais, refere-se 32,9% do total da amostra dos pais dos adolescentes desenvolvem atividades de ajudantes no setor da construção civil. Outra concentração de atividades dos pais foi encontrada na categoria de motorista, 11,5%. Os demais são: dois metalúrgicos, dois faxineiros, dois policiais, um dono de bar, três vendedores e um contador autônomo.

Em relação a categoria de emprego dos pais, 74,1% do total da amostra têm um vínculo legal de trabalho, contra 17,2% que trabalham sem carteira assinada e 8,6% de pais desempregados. Considerando-se que 42,2% dos adolescentes não responderam a esta questão, ficou prejudicada a análise do desemprego e da ausência de vínculos empregatícios dos pais dos 90 adolescentes.

Em relação a atividade profissional da mãe observamos que 71,1% exercem uma atividade profissional fora do lar. O trabalho doméstico, em casa de família, é desenvolvido por 64% das mães trabalhadoras; 14,6% exercem atividades ligadas ao comércio formal; 7,8% costuram para fábricas; 6,2% são depiladoras e manicures em salões de beleza; As demais, 7,3%, desenvolvem as seguintes atividades: costureira particular, pintora, secretária, enfermeira e professora particular.

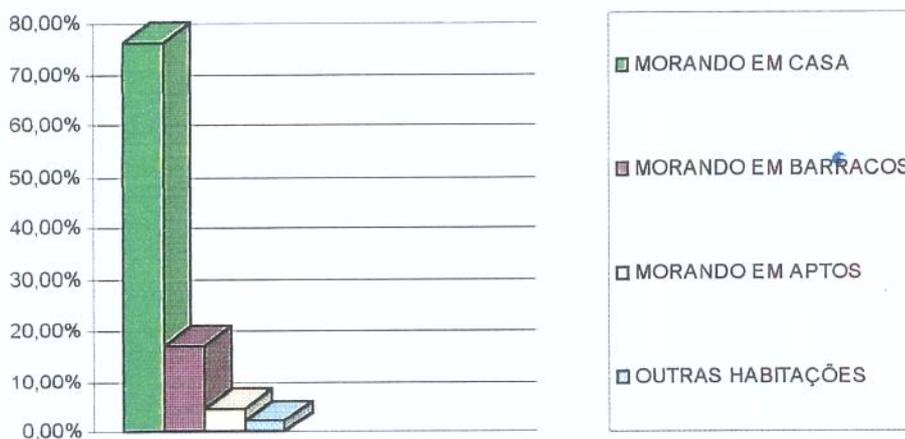
O nível de instrução das mães, identificadas nesta pesquisa, também revela um baixo nível de escolaridade, ou seja, 55% estudaram até a quinta série do primeiro grau. LANEVE *et al.* (1987) considera ser essa uma das variáveis para o desenvolvimento de maus tratos contra os filhos, se associada à aspectos psicossociais. Uma providência para evitarem-se maus tratos na infância, são programas educativos de prevenção, intervenção e controle, desenvolvidos em escolas e direcionados aos professores, pais e alunos que podem denunciar e identificar casos de violência doméstica (LANEVE, *et al.* 1987).

Em relação a categoria de emprego das mães observamos que, entre as mães trabalhadoras, 62% têm vínculo legal de emprego, contra 19,9% que trabalham sem carteira assinada. O índice de desemprego das mães foi 18,1% da amostra. Consideramos que os sentimentos de insegurança no trabalho está representado por 38% desta amostra. Esta insegurança fragiliza os indivíduos. Nestas circunstâncias o orçamento familiar pode diminuir, agravando as condições de pobreza. No trabalho de FINKLER (1997) a pobreza e

os problemas econômicos são incluídos como variáveis precipitadoras de violência do marido contra a mulher, o que resulta em graves problemas para sua saúde física e mental.

Outra variável importante para definir o perfil das condições sócio-econômicas dos adolescentes pesquisados refere-se aos tipos de habitação e as condições de moradia dos agrupamentos familiares. As moradias precárias e inseguras podem ter repercussão na violência doméstica, quando associadas à ausência de privacidade e de espaço físico compatível com o número de pessoas. Elas representam fatores de risco para o estresse, principalmente se os problemas financeiros, as relações com os filhos e(ou) com o parceiro e as relações entre os irmãos provocam irritabilidade (HOLTZWORT, & SMUTZIER, 1996) em níveis que afetem as condições psíquicas, gerando ansiedade e depressão (LEMPERS & CLARK-LEMPERS, 1997).

Encontramos 76,4% residindo em casa própria com baixo nível de qualidade; 16,9% moravam em barracos construídos em terrenos cedidos pela prefeitura ou invadidos. Em apartamentos vivem 4,5%. Os demais vivem em outras condições de habitação, conforme pode ser observado no gráfico a seguir.



**Gráfico 16:** Distribuição gráfica dos 90 adolescentes, segundo as condições de habitação.

Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.

### 5.3. RELAÇÃO PAIS E FILHOS ADOLESCENTES: UMA PERSPECTIVA ANÔMICA<sup>17</sup>

Estudar os adolescentes deste grupo e pesquisar suas relações familiares, leva-nos a entidades psicológicas muito diferenciadas. São jovens que falam de estruturas familiares fortes e de vínculos de afeto. São filhos que querem proteger a imagem de um pai agressivo, sob a justificativa de uma vida melhor, uma educação para o futuro. São jovens que falam de seu ódio e de seu perdão. Falam de suas mães com afeto e de suas crises familiares com vergonha. Falam de seus desejos de sair da família, sem falar de abandono. Falam de crescer e de vir a ser. Reconhecem uma sociedade desigual e desestruturada e, outras vezes, aos seus olhos, inexistente. São jovens que falam de seus erros com orgulho e de seus delitos, com um olhar perdido, em busca de limite e proteção.

A frágil definição de papéis, atribuídos aos pais e aos filhos, é evidenciada num instante anômico de privacidade familiar, quando se precipita à violência doméstica. Momento em que se reafirma a desproteção estrutural. São famílias brasileiras que reagem negativamente, em relações conflituosas e repletas de crises. \*DURKHEIM (1987) já havia observado que o conceito de anomia só poderia ser modificado pela intervenção do Estado, protegendo espaços públicos e privados, representados pelo cidadão e pela família (DUBET, 1987).

Outra perspectiva, refere-se ao poder que se estabelece na família, seja através da força ou do dinheiro.

---

<sup>17</sup> O termo anomia na forma francesa predomina devido à sua introdução no vocabulário sociológico por Emile Durkheim, que define como uma crise do sistema social e das normas. No seu livro *Le Suicide* (1995): "Anomia é, nas sociedades modernas, um fator específico e regulador no suicídio; é uma das fontes que alimenta o contingente anual de casos.

A forma inglesa, segundo Maclver, admite três tipos de pessoas anômicas: os que perderam o interesse pela vida; os que buscam valores externos como poder e os que estão irremediavelmente desorientados, ou seja, aqueles que são vítimas de alienação social.

Segundo o *Dicionário de Ciências Sociais* (1987), o termo anomia possui três significados diferentes, embora relacionados:

- a) desorganização pessoal do tipo que resulta em uma individualidade desorientada e sem lei, sem levar em conta a rigidez da estrutura social ou o caráter de suas normas;
- b) situações sociais em que as próprias normas estão em conflito e o indivíduo tem dificuldade em confrontar-se às suas exigências contraditórias;
- c) uma situação social que no caso limite não contém qualquer norma e é conseqüentemente o oposto da sociedade, assim como anarquia é o contrário do governo.

\* DURKHEIM, E. apud DUBET, F. *La galère: jeunes en survie*, Fayard, Paris, 1987

Neste enfoque ENGELS (1973) caracterizou a construção da família com o desenvolvimento das forças produtivas, pois, nas chamadas sociedade primitivas, com produção limitada, quanto mais pessoas trabalhavam mais a família se desenvolvia e se expandia. Depois, em sociedades mais evoluídas - sociedade privada - a família perdeu o seu caráter público, passando a desenvolver-se através de sua propriedade. Entretanto, hoje, com as dificuldades de trabalho, estes agrupamentos familiares estão fragilizados e desprotegidos, por estarem distanciados da tríada estado, família e propriedade.

Esta imagem da desproteção é vivenciada, como se percebe no relato a seguir, sem que necessariamente seja expressa pelos jovens que participaram desta pesquisa.

Juliano tem 18 anos e quando volta para sua casa semi-acabada, nos fundos de uma garagem, construída pelo padrasto, que “é pedreiro e sabe fazer arte nos mármore dos “palácios” de Campinas”; deita-se no sofá da sala, agasalha-se com cobertores velhos, cruza os braços e balança os pés sem parar. Juliano sente-se ansioso por querer possuir muito mais, porém ao reconhecer que a vida não lhe dá o que deseja, assiste televisão, então, ele sonha. A influência da mídia vai fazê-lo não pensar, mas sonhar com os estímulos de felicidade, juventude, êxito escolar, sucesso, felicidade e segurança afetiva e financeira.

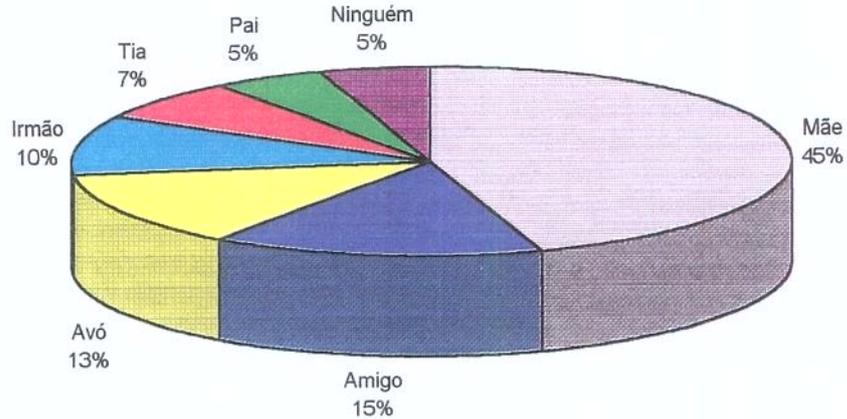
Foi assim que eu encontrei Juliano. Ele se levantou e falou de seu interesse em participar do trabalho. No início da entrevista, falou de seu projeto de vida e das impossibilidades em realizá-lo. Quando abordei a questão da violência familiar, revelou: *“não posso lembrar do passado, quando houve o problema da agressão de meu padrasto. Eu me sentia muito aprisionado e fui morar com minha irmã, eu não gostava de ficar em casa, com o meu padrasto.* Para Juliano, os pais são pessoas muito diferentes. Dona Neuza observa, hoje, o filho e lamenta que ele tenha crescido: *estão distantes de nós. Entram em casa, falam pouco, comem e vão para a rua.”*

Juliano tem dificuldade em aceitar seus pais como pessoas que sentem, pensam e agem de maneira diferente dele. Querendo impor-lhes sua forma de pensar e agir, surgem os conflitos familiares: *“sou cristão, quero ajudar os meus pais a terem uma vida melhor. Quero que eles mudem.*

*Mas eu não sou compreendido, sou impaciente, me irrita e respondo a minha mãe. Meu padrasto também é nervoso. No final, acho que todos sentem ódio e rancor das lembranças das brigas. Depois vem a tristeza e eu sumo de casa. Não tenho medo, sou esperto e querido nas ruas, pelos outros. Sinto pena de minha mãe. Mesmo sabendo que apanhei muito, acho que eles não devem ser punidos. Eles estavam fazendo o melhor por nós mesmos”.*

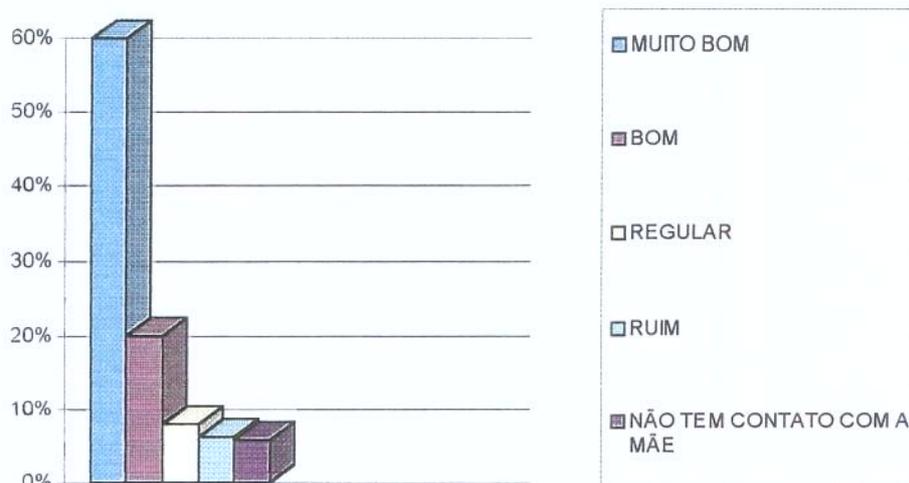
Salientamos a existência de estudos sociológicos sobre o contexto familiar. Entretanto, pretendemos descrever o perfil destes pais, revelado através de seus problemas psicossociológicos e culturais. Dentre esses problemas, destacamos a omissão do papel dos pais ou o exagero da autoridade paterna que se impõe pela força. A gravidez, na adolescente que busca a imagem da mãe ou as conseqüências de uma adoção inadequada e mal conduzida. O sofrimento daqueles que buscam melhores condições de vida em outras Regiões. O papel de mulher, pobre e submissa, que somente encontra sua identidade ao lado de seu parceiro. A incompreensão relacionada aos jovens, revelada pelo choque de gerações; o consumismo veiculado pela mídia, gerando expectativas irrealizáveis; a violência vivida em casa, na rua e na escola. Assim, os desajustamentos familiares decorrentes das atitudes e condutas psicopatológicas dos pais, levam a que crianças e adolescentes sofram humilhações, reveladas durante a entrevista e exemplificadas por atitudes perversas, como: abuso sexual; cortes com faca e queimaduras por cigarros.

Nesta amostra, a mãe dos adolescentes é a pessoa, identificada por eles como a mais compreensiva. Os amigos vêm em segundo lugar, seguidos das avós e dos irmãos, conforme verifica-se no gráfico a seguir.



**Gráfico 17:** Distribuição gráfica dos 90 adolescentes, segundo a pessoa que mais os compreendem. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.

Os relacionamentos com a mãe foram expressos como bom e muito bom, em 80% da amostra. A ausência de contato materno foi identificada em 5,8%, sendo, a principal queixa, o abandono enquanto bebê, em 3,5% e a morte da mãe em 2,3% desta amostra. Os relacionamentos regulares ocorreram em 8% e, 6,2% os consideraram como ruins, conforme demonstra o gráfico a seguir.



**Gráfico 18:** Distribuição gráfica dos 90 adolescentes, segundo o relacionamento com a mãe.

Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.

Observamos que para 71,8% dos adolescentes cujas mães tinham idade média de 39,9 anos, que o relacionamento materno foi expresso pelo carinho recebido; pelo sentimento de companheirismo em relação aos filhos, generosidade e esforço pessoal da mãe, ao trabalhar como dona de casa e profissional. Estes adolescentes revelaram-se pertencentes a famílias com representação materna de importância fundamental, sendo vista como amiga e companheira. Foram empregadas, por 44,5% dos adolescentes, as expressões: *admiro tudo em minha mãe; sinto que eu sou protegido e que eu posso protegê-la; minha mãe não tem defeitos; minha mãe tem todas as qualidades*. Neste grupo, a representação materna positiva possibilita aos adolescentes um modelo saudável, com relações materno-filiais menos distorcidas (GAUDERER, 1986). Entretanto, em 28,4% do total da amostra, houve uma tendência dos adolescentes para rejeitarem os sentimentos de hostilidade, amargura, nervosismo e agressão nas relações com suas mães. Em 20% do total da amostra, identificamos expressões: *eu não concordo com a ruindade que minha mãe tem dentro dela; ela não aceita ser velha; ela é muito nervosa e tem todos os defeitos; minha mãe é explosiva, briga com tudo*.

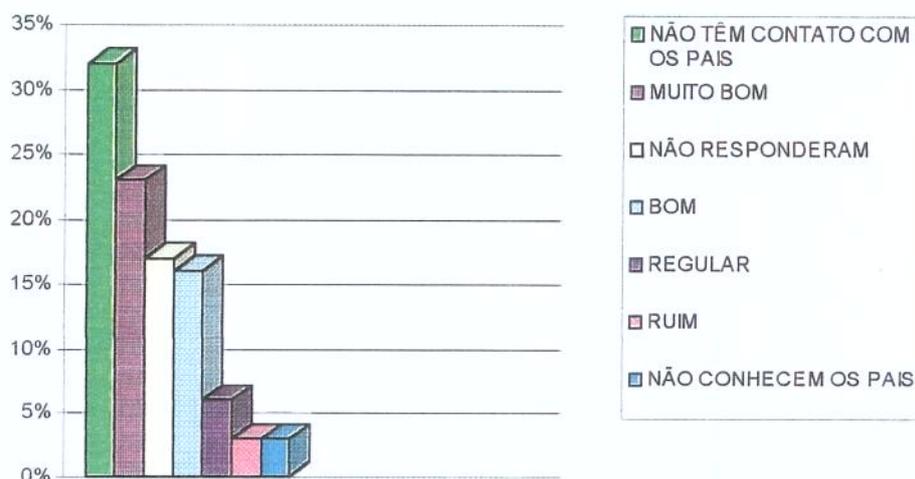
Estas representações parecem revelar momentos de crise, em que as mães buscam alívio, muitas vezes descarregando sua raiva e frustrações nas crianças e adolescentes.

O hábito de fumar e o uso de bebida alcoólica foram fatores que prejudicam as relações entre mães e filhos, em 28,4% do total da amostra.

As relações conflituosas entre mães e filhos podem significar a necessidade de atendimento psicológico, visando melhorar a auto-imagem das mães, possibilitando, assim, ao adolescente, lidar construtivamente com os sentimentos expressos por elas no cotidiano. Este procedimento é importante, principalmente neste momento em que o adolescente precisa de uma representação materna positiva, para sentir-se totalmente aceito e apoiado por sua mãe.

O relacionamento com os pais foi expresso como bom e muito bom em 39% do total da amostra. Os regulares foram identificados em 6% do total da amostra e 3% os consideraram ruins.

Nesta amostra, 52% dos adolescentes não responderam a esta questão, conforme demonstra o gráfico a seguir. Neste grupo, incluem-se os 35% que têm pai ausente. Podemos supor que este dado prejudica o desenvolvimento da personalidade do adolescente, mesmo que haja substituto, como por exemplo o professor ou parente próximo. A relação “pai-filho” pode ser atingida no aspecto afetivo e na internalização da imagem paterna que vai determinar o “esquema-base” dos modos de comportamento. MITSCHERLICH (1980) considera que a imagem paterna tem sua essência em nossa civilização, principalmente, no que se refere função educativa e a função social do pai, enquanto uma figura ativa e produtora.



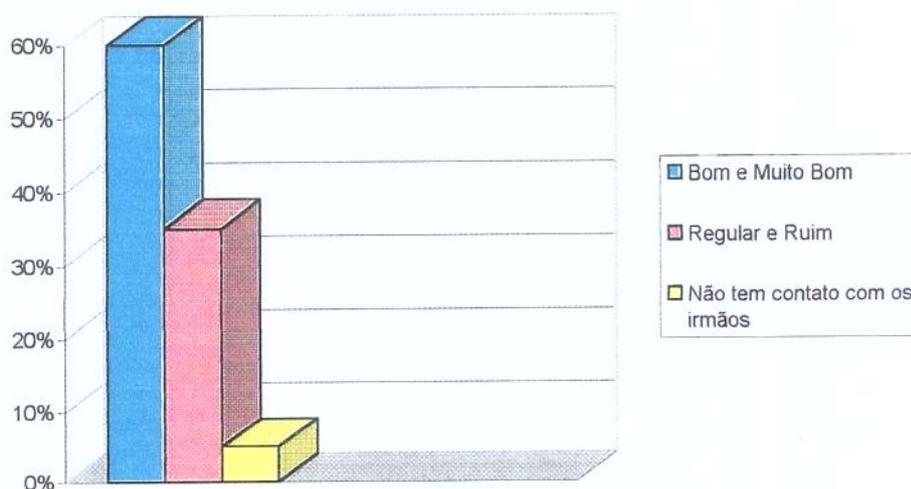
**Gráfico 19:** Distribuição gráfica dos 90 adolescentes, segundo os relacionamentos paternos.

Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.

Observamos, entre os adolescentes cujos pais tinham a idade de 44,8 anos, que a representação paterna, em 45,9% do total da amostra, expressa-se pelos atributos positivos do pai, trabalhador, responsável e esforçado, independentemente do tipo de relacionamento estabelecido entre pai e filho. Entretanto, apesar dos comportamentos onde há sinceridade, bondade e amabilidade terem sido representados por 35,4% do total da amostra, 12,5% salientaram expressões, tais como: *ele é bom as vezes; ele é bom quando não bebe; ele é bom quando não está em casa.*

Nesta amostra, 70% dos adolescentes fizeram referências ao alcoolismo e a agressividade ligadas à representação paterna. Neste estudo, estas variáveis são significativas, em virtude das crises familiares desencadearem “batalhas em família” quando pais e filhos adolescentes enfrentam-se como verdadeiros adversários. Estas representações também impedem oportunidades de comunicação entre pais e filhos, impossibilitando-os de conhecer as verdadeiras causas das situações potencialmente perigosas. Essas representações demandam alternativas de ajuda mútua, possibilitando o respeito aos valores pessoais. No caso do alcoolismo, comunicação entre pais e filhos está prejudicada e, nestas relações familiares surge a agressividade.

Quanto às relações com os irmãos, através dos relatos de 96,5% dos adolescentes, observamos que eles são provenientes de famílias com três filhos. O relacionamento entre eles, em 60% desta amostra, foi considerado bom e muito bom. A ausência de contato com os irmãos foi identificada em 5% dos adolescentes. Os relacionamentos ruins ou regulares estão presentes em 35%. Desta forma, em 40% do total da amostra dos que têm irmãos, observamos conflitos nos relacionamentos fraternos, fazendo-se necessário novos estudos mais aprofundados, conforme verificamos no gráfico a seguir:



**Gráfico 20:** Distribuição gráfica dos relacionamentos estabelecidos entre os adolescentes e seus irmãos. Os valores expressos em percentuais representam o total desta amostra que é de 100%.

#### **5.4. AS REPRESENTAÇÕES DE SI MESMOS**

Neste capítulo, estamos interessados em evidenciar algumas características que contribuem ou não para a formação da imagem pessoal e imagem social dos adolescentes. AVANCINI (1978) e SUGAR (1992) destacam algumas características em comum que podem ser observadas no adolescente típico, ou seja, naquele que acusa e manifesta mais nitidamente as dificuldades de sua idade. Enquanto que, na adolescência atípica, repleta de problemas fisiológicos e emocionais, exclui muitos jovens da adolescência típica, sendo esta, portanto, vivida pela minoria do adolescentes.

Durante o processo de formação de identidade (ERIKSON, 1976), os conflitos estão associados ao desenvolvimento de crises sucessivas. Entre elas estão: as amorosas ou familiares, muitas vezes associadas a crises de valores que, por sua vez, são influenciadas pelo ambiente sócio-cultural e pelo estilo de vida de cada adolescente e, em alguns casos, a crise depressiva. Elas crises podem influenciar a representação que o adolescente tem de si mesmo. Para KNOBEL & ABERASTURY (1973) a vivência dos lutos podem explicam os sentimentos de impotência; instabilidade emocional; crises existenciais; sentimentos de absoluta indiferença; manifestações de condutas de sentir-se dependente e independente, caracterizando a ambigüidade do adolescente.

Nesta pesquisa, pretendemos identificar, especificamente, se a vivência da agressão física, sofrida na infância, interfere na representação que o adolescente tem de si mesmo, comparativamente ao grupo que não teve esta experiência

#### **O DISCURSO DOS ADOLESCENTES**

Incluimos a frequência das palavras e das categorias, quanto à relação com eixos temáticos, expressas pelos adolescentes, como atributos positivos ou negativos, que eles consideraram representações si mesmos.

As frases elaboradas e as palavras-chave foram apreciadas de acordo com o ponto de vista do adolescente, seus sistemas de valores e as opiniões que o jovem supõe que

os outros têm em relação a ele. Os adolescentes elegeram os atributos que melhor expressaram a percepção de si mesmos.

A imagem pessoal refere-se à representação de si mesmo, ou seja, a imagem tal como o adolescente se percebe. A imagem social refere-se à representação de si mesmo, na expressão do próprio adolescente, com base na visão que outras pessoas (amigos ou familiares) têm em relação a ele (TOMÉ,1967; MEKIDECHE,1981; RODRIGUEZ & TORRE-ARENDS,1987, CARTRON-GUÉRIN & VIAUX, 1992; COSTALAT-FOUNEAU, 1994; BECVORT & WINNYKAMEN, 1995).

Embora esta tese não se proponha a uma análise das estruturas psíquicas que ativam as representações de si mesmos, pretende sublinhar a articulação sócio - emocional, compreendida nos conteúdos e nas interações das relações familiares e sociais que influenciam, as condutas psicossociais dos adolescentes.

Nas questões, que enfocam a imagem pessoal - **“Você se acha”**. **“O que você mais gosta em você?”** - **“O que você não gosta em você?”**- do Questionário I, verificamos que os adolescentes notificados no CRAMI-Campinas, tiveram frequências mais elevadas em três atributos positivos (comunicativo/alegre/sonhador) e em três atributos negativos(tristeza/ vingança e agressão). Por outro lado, nestas mesmas questões, os adolescentes vitimados, sem notificações oficiais, elegeram seis atributos positivos (sonhador/alegre/comunicativo/vaidoso/simpático/bonito) e dois atributos negativos (agitado e agressivo).

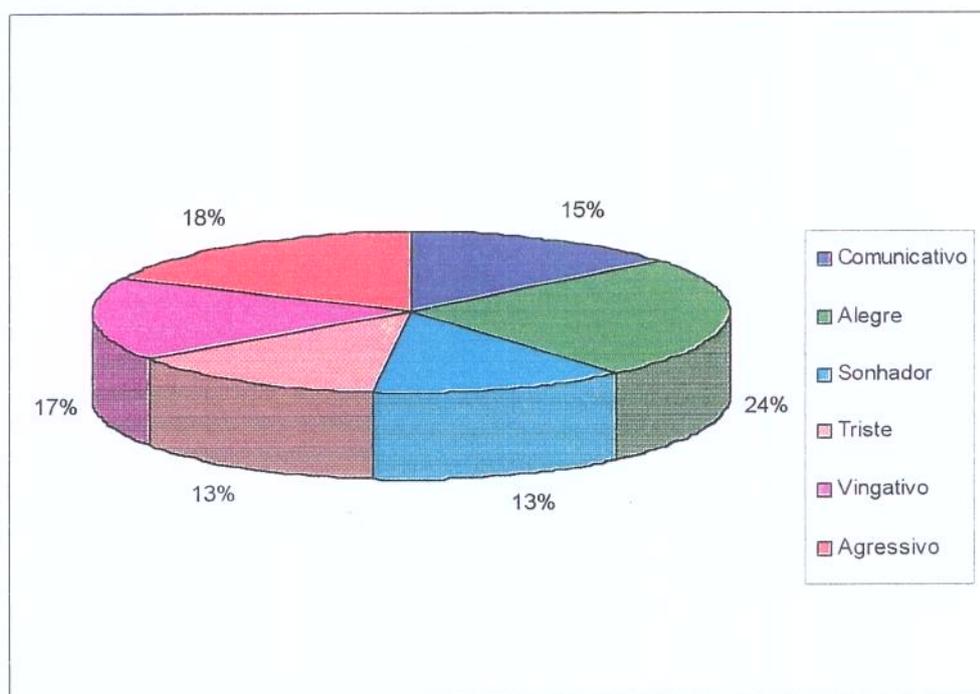
Entretanto, o grupo comparativo respondeu às questões relativas à imagem pessoal, com maior frequência, em dez atributos positivos (bonito/comunicativo/criativo/vaidoso/competitivo/agradável/amigo/estudioso/engraçado/extrovertido) e um atributo negativo (desconfiado).

Observamos que, os atributos da imagem pessoal dos 30 adolescentes notificados no CRAMI-Campinas, são diferentes, em níveis quantitativos, daqueles pertinentes aos adolescentes, sem notificações de maus tratos físicos na infância e, principalmente, dos jovens do grupo comparativo. Os adolescentes notificados elegeram: estado de humor, relações sociais e capacidade ideativa, sem fazer referência a sua imagem física.

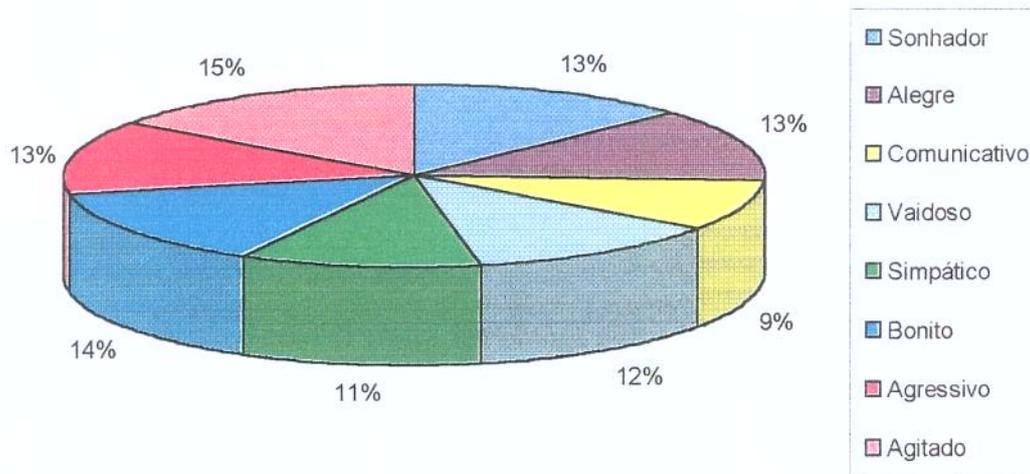
O atributo sonhador parece permitir este contato através de processos imaginários; diferentemente, dos adolescentes sem notificação que, além de expressarem os mesmos atributos, acrescentam: satisfação pessoal, realçando sua imagem física (bonito e vaidoso). Em ambos, os atributos negativos ressaltam a questão da agressividade, sendo que, no grupo notificado o atributo vingativo se contrapõe ao atributo agitado, no grupo sem notificação.

O grupo comparativo, no entanto, expressou atributos que possivelmente, foram valorizados por seus familiares, em sua história de vida e, que são pertinentes ao processo de adolecer, destacando-se: estado de humor, relações sociais, satisfação pessoal e desempenho escolar e pessoal.

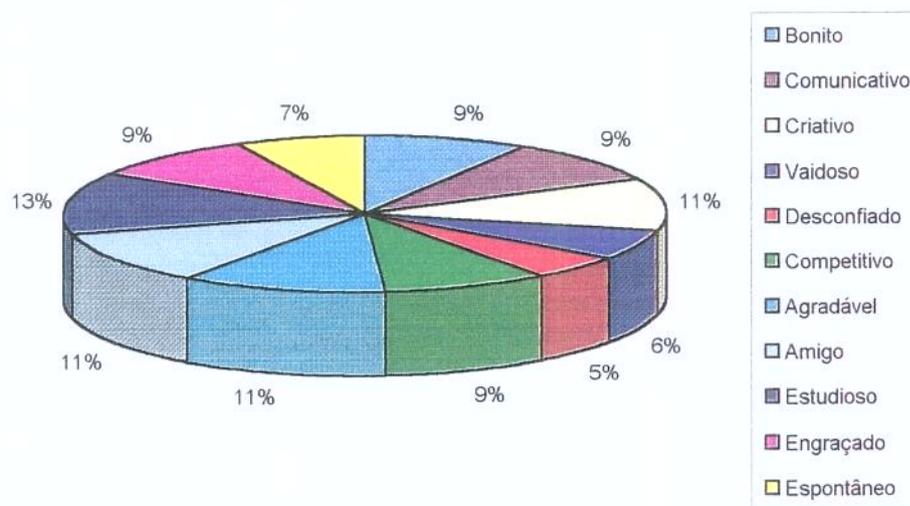
Apresentamos, a seguir, os 03 gráficos sobre a imagem pessoal dos adolescentes desta pesquisa.



**Gráfico 21:** Distribuição gráfica dos 03 atributos positivos e dos 03 atributos negativos mais frequentes na imagem pessoal, segundo os 30 adolescentes notificados no CRAMI-Campinas. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.



**Gráfico 22:** Distribuição gráfica de 06 atributos positivos e 02 atributos negativos mais frequentes na imagem pessoal, segundo os 30 adolescentes com vivência de maus tratos físicos na infância e sem notificações oficiais. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.



**Gráfico 23:** Distribuição gráfica de 10 atributos positivos e 01 atributo negativo mais frequentes na imagem pessoal, segundo os 30 adolescentes do grupo comparativo. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.

Pela distribuição gráfica, pode-se observar que a dinâmica da imagem pessoal dos 60 adolescentes do grupo de estudo, se caracteriza por um núcleo figurativo, formado por atributos positivos e negativos, que eles identificaram em si mesmos. Apesar deste núcleo privilegiar a comunicação social, presente nos padrões de comportamento social. Verificamos frequências representativas quanto ao campo das emoções mais primitivas, ao serem enfocados os atributos referente à agressão e à vingança. Nestes casos, a imagem pessoal dos adolescentes, no aspecto sócio-emocional, organiza-se através de sua interação com seu meio social.

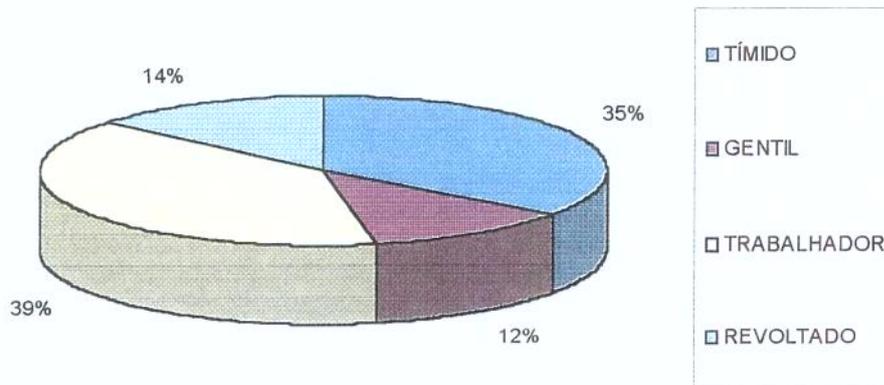
No grupo proveniente do CRAMI-Campinas, em comparação aos demais adolescentes, verificamos poucos atributos positivos, o que demanda um estudo minucioso sobre a auto-estima em adolescente vitimado na infância, com notificações oficiais. Consideramos relevante assinalar o indicativo de atributos positivos estão anunciados na questão 08; as palavras-chave e as categorias positivas e negativas são destacadas das

questões 12 e 13 do Questionário I. A frequência de três atributos positivos parece indicar uma discrepância leve, quanto aos traços positivos, no grupo de adolescentes vitimados sem notificações de maus tratos e, uma acentuada discrepância de atributos positivos, no grupo sem história de violência na infância, comparativamente ao grupo proveniente do CRAMI-Campinas.

Este resultado parece reafirmar outros estudos que recomendam a prática multidisciplinar, em programas que visem minimizar as dificuldades individuais, familiares e sociais inseridas no contexto do desenvolvimento biopsicossocial da criança maltratada. São práticas voltadas para área médica, psicológica, social e jurídica que têm como meta, possibilitar assistência à família e implementar programas de ajuda mútua, visando desenvolver sentimentos de solidariedade e respeito entre os indivíduos, além de realizar projetos educativos e jurídicos de prevenção à violência doméstica (KERR, 1989b).

O Grupo Comparativo elegeu dez atributos positivos para melhor construir sua imagem pessoal. Observa-se que este grupo descreveu um núcleo figurativo de acordo com o padrão de comportamento identificado entre os adolescentes em geral, já que eles parecem ter o pensamento baseado em suas qualidades reais e em aspectos da realidade, estimulados pela mídia, mas que eles reconhecem em si mesmos.

Os atributos da imagem social dos 60 adolescentes do Grupo de Estudo apresentam dois traços positivos (trabalhador e gentil) e dois traços negativos (tímido e revoltado) com frequências mais representativas, face aos indicativos dos atributos negativos da questão 09; das palavras-chave e dos temas destacados das questões 10,11,14 Questionário I - **“Seus irmãos, amigos ou colegas acham que você é” - Quais são as qualidades que seus pais mais gostam em você? - O que os seus pais mais reclamam em você? - O que as pessoas dizem de você, mas, você não concorda?**

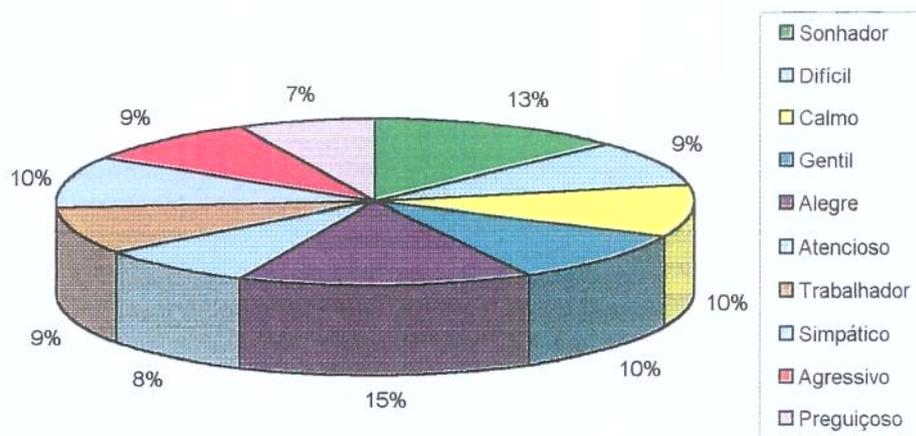


**Gráfico 24:** Distribuição gráfica de 02 atributos positivos e 02 atributos negativos mais frequentes na Imagem Social, segundo os 60 adolescentes do grupo de estudo. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.

No gráfico anterior, a timidez foi revelada, pelos adolescentes, como um traço negativo. Em princípio, consideramos como uma característica típica dos adolescentes que não se encontram intelectualmente preparados para elaborar algumas ponderações em relação a si mesmos, seja, numa conversação fora de seus pares ou numa situação de entrevista. Segundo AVANZINI (1978), a adolescência é um momento privilegiado para a timidez. Embora, neste trabalho, a timidez possa, também, estar associada ao baixo nível de escolaridade, ao impossibilitar que eles expressem suas idéias mais facilmente, pela ausência de um vocabulário e do desenvolvimento cognitivo mais adequados.

A revolta, como atributo negativo, pode estar associada às perturbações vividas nesta fase de desenvolvimento, sobretudo, se relacionada às precárias condições sócio-econômicas. Ser revoltado, na visão do outro, parece justificar as agressões cometidas, porque ele é visto, como um adolescente vitimado.

No Grupo Comparativo, a imagem social é descrita com sete atributos positivos, característicos de boa auto-estima e adequação social, conforme observamos no gráfico a seguir.



**Gráfico 25:** Distribuição gráfica de 07 atributos positivos e 03 atributos negativos da imagem social, segundo os 30 adolescentes do grupo comparativo. Os valores expressos em percentuais representam o total da amostra que é de 100%.

### As categorias valorizadas no grupo de estudo

Consideramos como categorias valorizadas, na construção da representação de si mesmo, os traços psicológicos e os atributos físicos observados na análise qualitativa. Verificamos em 18,3% dessa amostra, um discurso permeado de sentimentos de ansiedade e medo em relação às condutas anti-sociais, como fugir de casa, roubar e usar drogas.

A imagem pessoal apresenta categorias positivas: gentileza, esperança e determinação: *eu sou gentil e obediente, não respondo e não sou grosseiro em palavras*, diz Otaviano, (caso 10) ao descrever sua própria vida: *admiro o fato de estar vivo até hoje...* Numa atitude compensatória, André (caso 03) expressa, com orgulho, seu modo de vida e suas expectativas de futuro: *gosto de minha força de vontade; de ter saído das coisas erradas e de ter um bom futuro*. Juliana (caso 02) reage com esperança aos valores negativos vivenciados em sua infância: *me sinto otimista e admiro muito o meu caráter... Desejo tudo o que há de bom na vida...* Cristiana (caso 01) acredita demonstrar seu

amadurecimento quando expressa sua capacidade de tolerar as dificuldades: *o que eu mais gosto em mim é a capacidade de ultrapassar os meus limites*. Denis (caso 05) revela ter superado as piores fases da cirurgia cardíaca: *meus pais elogiam meu espírito de luta pela vida*. Lucas, (Q-48) incorporou a identidade do adolescente excluído do campo social. Nota em si mesmo os preconceitos de ser alguém em liberdade assistida: *minha tia diz que eu sou sofrido, mas eu posso mudar minha vida, porque eu sou lutador e tenho um gênio forte* Marcelo, (caso 04) numa tentativa de sublimar seus problemas familiares, expressa o desejo mágico de mudar sua vida, através de sua crença religiosa: *eu quero mudar meu futuro, ter uma vida feliz e com paz... Meu desejo é modificar a minha vida*.

Os atributos físicos, evidenciados pelos adolescentes com vivência de maus tratos na infância, são referidos por 8,3%, que consideram seu corpo como um tema valorizado na análise do conteúdo. Estes atributos revelam-se em Aline (caso 12): *admiro o meu corpo... Os meus olhos e os meus cabelos*. E na expressão de Denis (caso 05): *gosto do meu corpo quando eu jogo bola*.

A imagem do corpo adolescente tem sido representada nas artes plásticas, sob a perspectiva histórica de cada época. Para os meninos, o tema da virilidade, do atletismo ou das guerras suscitando força e coragem de heróis e, para as meninas, a representação de seu corpo coberto, com preceitos religiosos, foram enfocados por vários artistas. DOLTO (1990) considera que estas representações pontuaram os primeiros preconizadores do estudo específico da adolescência. É através das transformações do corpo infantil para o corpo adolescente, que se apodera a puberdade, mais acentuada nos meninos do que nas meninas.

O crescimento físico vai, em última análise, estabelecer diferenças específicas de gênero, que implicam na sexualidade, nas representações de saúde e higiene corporal e, mais tarde nas atitudes e comportamentos, culturalmente, de ser menino ou de ser menina. Neste momento difícil, da adolescência “normal”, o corpo é a primeira causa para os adolescentes sentirem-se diferentes. Sua imagem corporal vai lhe servir de apoio, de objeto de admiração e vaidade representando um atributo de boa auto-estima. Nesta perspectiva, 8,3% foi um resultado que indica a necessidade de novos estudos sobre a representação do corpo entre os adolescentes vitimados na infância.

identificadas na análise dos relatos de André (caso 03): *sinto que eu sou companheiro... Eu sou colaborador de minha mãe*. E Cristiana (caso 01): *minha mãe me ama, ela cuida do meu filho e de mim*.

Estes discursos confirmam o bom e muito bom relacionamento materno em 73,5% dos adolescentes do grupo de estudo. O relacionamento materno positivo, parece expressar que a relação mãe/filho, na infância, teve momentos de prazer e satisfação, propiciando sentimentos que facilitaram o desenvolvimento emocional desses adolescentes, com boas repercussões em seus comportamentos, independentemente, da vivência de maus tratos na infância. Isto reafirma a importância da figura materna no processo de crescimento e desenvolvimento do ser humano (MOTTA, 1992) Entretanto, 20% dos adolescentes deste grupo revelaram relacionamentos maternos ruins ou não tiveram nenhum contato com a mãe, tendo sido criados por tias, avós ou permanecido em instituições e abrigos para crianças.

Os relacionamentos com a figura paterna foram expressos, em 18,5% desta amostra, bons e muito bons. A ausência do pai, neste grupo, ocorreu em 47% dos casos. Para 11,8% dos adolescentes com vivência de maus tratos na infância, o relacionamento com os pais foi considerado como regular e ruim.

Referências aos relacionamentos sociais positivos foram feitas por 3,3% dos adolescentes do grupo de estudo

Este resultado sugere dificuldades nas relações estabelecidas fora de casa, uma vez que, os relacionamentos sociais tímidos e prejudicados foram expressos por 43% deste grupo, conforme observamos no relato de Juliana (caso 02): *meus amigos me acham deprimida, tímida e desconfiada*. No discurso de Denis (caso 05): *eu joga bola, mas nunca tiro minha camisa na frente das pessoas, por causa da cicatriz..* E na fala de Wladimir (caso 29): *não gosto quando as pessoas perguntam minha idade e se admiram que eu sou pequeno*.

Os atributos simbólicos, expressos pelos adolescentes em relação às categorias mais valorizadas, referem-se aos sentimentos de esperança em 33,3% referindo-se ao projeto de vida (desejo de retornar estudar e sucesso no trabalho).

Os relacionamentos familiares e sociais são tímidos, com sinais de gentileza e submissão, em 20% nos adolescentes deste grupo.

Na representação de si mesmo, está presente a questão de exigências sociais do sistema de valores (CARTRON-GUÉRIN & VIAUX, 1992) internalizado pela família. A capacidade e o interesse para o trabalho mereceram maior destaque, comparativamente ao sucesso escolar. Nas representações de si mesmos, dos adolescentes deste grupo, os resultados (em relação às categorias valorizadas) mostraram que é possível que tenham sido pesquisados adolescentes conflituosos em seus relacionamentos parentais e sociais, evidenciando-se a timidez e a submissão, em 43,3% desta amostra. A expressão de alegria e comunicação poderia estar significando: 1) imagem idealizada; 2) elaboração da agressão; 3) mecanismo de negação da violência doméstica sofrida.

Observamos que, a freqüência em relação a capacidade de sonhar, foi expressa por 33,3% do grupo de estudo, ou seja, um terço desta amostra, que foi a que demonstrou sentimentos de esperança no futuro. Este resultado, sob nosso ponto de vista, pareceu-nos pouco significativo, à medida que 66,7% do grupo de estudo, não valorizaram este tema que, para DAVITZ & DAVITZ (1992), está relacionado à fantasia da adolescência, o mecanismo através do qual o adolescente planifica seu futuro, seus ideais profissionais e pessoais.

Analisando o eixo temático dos traços psicológicos, referentes aos maus tratos físicos na infância, observamos relacionamentos sociais e familiares prejudicados.

Apesar dos adolescentes parecerem ter pouca informação sobre a estrutura social, expressam a esperança de uma vida melhor. Esta expectativa está associada ao desejo pessoal, como uma força impulsionadora que, por si só, seria suficiente para transformá-los: apesar da dimensão dos problemas sociais, freqüentes nas representações de si mesmos, no grupo de estudo.

## **Categorias rejeitadas no grupo de estudo**

Neste grupo, 40% dos adolescentes referem-se a traços psicológicos que rejeitam em si mesmos, e que estão associados a queixas de sentimentos de desvalorização ou a características pessoais destrutivas, entendidos como reflexos da vivência de maus tratos físicos na infância.

Os conteúdos dos discursos ressaltam o desenvolvimento de suas personalidades; revelando temas rejeitados que fazem parte de seu cotidiano e que expressam sentimentos de insatisfação, medo, apatia, tristeza, retraimento, ansiedade, submissão e agressão. São traços psicológicos presentes no perfil das crianças e adolescentes vitimados (HASKETT, 1990) e que se apresentam de forma singular, como na fala de Aline (caso 12): *não gosto desse meu jeito descontrolado, eu irritado minha mãe*; Rosa Maria (caso 28): *tenho raiva quando as pessoas falam de mim pelas costas*. A fala de Luiz (caso 23) revela seu cotidiano: *não concordo quando as pessoas dizem que eu sou calmo, pois eu adoro violência, confusão, perigo, eu vivi assim*. Euclides (caso 15) expressando seu modo de ser: *tenho um modo de pensar muito difícil porque eu sou, às vezes, um cara ignorante, muito brabo e ingrato*. Assim como Silvia (caso 19), revela: *não gosto de meu modo de pensar entre a tristeza e a alegria, não gosto de ser triste*.

Observamos nos relatos das entrevistas, que esses sentimentos de rejeição e desaprovação podem ter impulsionado condutas anti-sociais, tais como, fuga de casa, roubos e comportamentos delinquentes, associados ao uso combinado de álcool e drogas, o que foi verificado no discurso de 11,6% dos adolescentes deste grupo.

São condutas que parecem interferir negativamente em sua personalidade, mesmo quando fazem parte do passado, conforme constata-se no relato de André (caso 3): *não gosto das lembranças da época em que eu usava drogas... as pessoas não acreditam que eu mudei e que saí do mundo das drogas*. Para Denis (caso 5), no entanto, tais condutas fazem parte de seu cotidiano: *meus pais não sabem que eu uso drogas e que eu fumo cigarro, eles reclamam quando eu chego tarde dos bailes*. Ricardo (caso 06) relata: *eu bebo mas eu tenho que me esforçar para ficar bem*.

Estes resultados revelam a fragilidade dos jovens diante das drogas, da força e da sedução do álcool, que lhes permite “uma onda”, que os deixa diferentes, talvez “outras” pessoas, mais alegres, descontraídas e corajosas.

Para àqueles que freqüentam os “sons de rua”, as drogas lícitas e ilícitas são acessíveis, “embalando” as noites de Campinas. Assim, os jovens que as usam, reproduzem os comportamentos de outros adolescentes, de todos os países ocidentais.

Neste grupo, a questão: “**o que você não gosta em você?**” teve como resposta - atributos físicos - que causavam insatisfação, tristeza e depressão em 33,3% dos adolescentes.

No que se refere aos relacionamentos com os pais, 8,3% expressaram dificuldades e conflitos no nível de confiança mútua, tolerância e respeito aos filhos, como observamos na fala de Jacqueline (caso 27): *minha mãe pensa que eu uso drogas*; Mônica (caso 22): *meus pais não me elogiam em nada, eles brigam, só reclamam*; e Carolina (caso 23): *tenho medo que eles reclamem da desordem da casa, passo o dia arrumando...*

A análise do conteúdo dos discursos sobre os relacionamentos familiares, neste grupo, revelou uma incapacidade dos pais para tolerarem ou aceitarem o “jeito de ser” do adolescente, principalmente a rebeldia e as atitudes agressivas com a família.

Foram estatisticamente significativos ( $\chi^2 - 0,05$ ) os relacionamentos sociais conflituosos associados à histórias de maus tratos na infância, sugerindo que 96,7% dos adolescentes têm dificuldades em lidar com um mínimo de conflitos sociais. Eles reagem agressivamente, evitando o diálogo e a solidariedade sobre tudo entre seus pares, precipitando agressões físicas contra colegas da mesma idade e (ou) desenvolvendo atitudes sociais que revelam timidez e submissão.

Na representação de si mesmo, as freqüências dos atributos negativos, como categorias rejeitadas, se referem aos sentimentos de insatisfação pessoal e desvalorização; sentimentos de rejeição na família; traços de depressão; idéias de auto - referência de cunho persecutório; sentimentos de rejeição no grupo social; condições de pobreza e conflitos familiares.

Observamos um discurso de conteúdo violento em 35% dos adolescentes; essa violência verbalizada expressa reação contra situações de constrangimento e humilhação que atingem sua auto-imagem.

### **Categorias valorizadas no grupo comparativo**

Neste grupo a presença 50% de categorias valorizadas revelam traços psicológicos de auto-estima, conforme observamos nestes relatos: *me sinto espontânea. Admiro muito o meu caráter e minha determinação na vida. Sei que sou sincera. Meus amigos me acham honesto. Gosto de minha generosidade com as pessoas. Gosto de ser uma menina que ajuda em casa. De ser estudiosa e brincalhona. De ser sonhadora, calma, generosa e estudiosa. Quero trabalhar para ajudar as pessoas e ajudar em casa. Eu me sinto sempre prestativo. Gosto de me sentir alegre, brincalhão e criativo. De ser inteligente, criativo e sabido. Gosto de meu jeito de viver e de tratar as pessoas, principalmente minha mãe.*

A referência ao corpo, como objeto de valorização, foi verificada em 16%: *gosto de meu corpo. De ter cabelos curtos. De minhas mãos pequenas. Gosto de meu rosto. De tudo em mim, do meu jeito de ser.*

Os relacionamentos familiares positivos foram realçados por 43,3% dos adolescentes: *gosto de ajudar os meus pais. De brincar com meus pais.* Observamos, também, que há relacionamentos sociais positivos, expressos por 76,6% desta amostra: *sou uma ótima colega. Sou gentil e educado. Gosto de não brigar com as pessoas. Me relaciono bem com as pessoas de várias idades. Me dou bem porque eu sou uma pessoa legal. Sou carinhosa, sentida... e amiga de verdade.*

A análise do conteúdo destes discursos expressam categorias valorizadas presentes nas representações de si mesmos que revelam traços psicológicos de elevada auto-estima e relacionamentos familiares e sociais positivos.

### **Categorias rejeitados no grupo comparativo**

Neste grupo, 16,6% apresentam rejeição de alguns aspectos psicológicos, como por exemplo, da autoconfiança frágil: *não gosto de ser quieta. De ser esquecida ou seja, distraída. Não gosto de confiar demais nas pessoas. Minha mãe escondeu que meu pai nunca quis me conhecer.*

Nos relacionamentos familiares prejudicados, 6,6% apresentaram, queixas em relação aos pais: *não tenho idéia do que os meus pais gostam em mim. Meus pais reclamam que eu sou preguiçosa.*

Relacionamentos sociais prejudicados foram encontrados em 23,3% da amostra: *tenho poucos amigos, reclamo muito, e faço piadas de mau gosto.*

As Representações de si mesmos, em 33,3% desta amostra, constituem-se de atributos físicos rejeitados que se referem a imagem pessoal. São categorias que sinalizam insatisfação pessoal e frustrações, especialmente se estiverem em contraste com o ideal de beleza cultuado pela sociedade.

Os atributos físicos rejeitados, referem-se ao corpo, tal como no grupo de estudo. São características da adolescência em geral, indicativos das primeiras transformações físicas do início da puberdade, associadas aos conflitos da perda do corpo da infância e o surgimento de um corpo que se modifica. *não gosto do meu corpo e de ser gorda, feia e de comer demais. Não gosto de minha pele e de ter espinhas. De ser gorda e testuda. Não gosto de minhas pernas nem de meus olhos. Não gosto de ter espinhas e de ter umas pernas sequinhas. Não gosto de minha cor nem de minha cara. Não gosto de usar óculos e ter pernas cheias de cicatrizes.*

As representações de si mesmos, no grupo comparativo, também se constituem por valores impostos pela sociedade através da mídia, que veicula, com a figura ideal, o jovem bonito, livre, forte, porém, magro. As afirmações: *gosto de ser bom de briga* ou: *não gosto de me sentir calma*, parecem evidenciar uma propensão às atitudes agressivas.

## 5.5. AS REPRESENTAÇÕES DOS AGRESSORES

### As palavras e os temas do grupo de estudo

Os adolescentes notificados no CRAMI-Campinas expressaram-se por meio de um discurso ambivalente, oscilando entre os sentimentos de raiva, medo, piedade, tristeza e(ou) desejo de ajudar os agressores, que em 74% desta amostra eram os seus pais.

Nos relatos destes adolescentes percebemos emoções intensas e mobilizadoras e, às outras vezes traumáticas, traduzidas por expressões como as de João Pedro (caso14): *não quero falar sobre o meu pai*; ou nas de João Francisco (caso 14): *não sei, mas perto dele eu sinto um mal-estar, eu fico doente*. Estes relatos revelam a presença de sofrimentos e de atitudes inflexíveis na vida familiar.

Na análise do conteúdo do discurso percebemos que existe a constante ameaça da repetição do mau trato. Enquanto criança, ainda dentro desse processo, expressam um pedido de ajuda para que a ameaça tenha um fim. Mais tarde, quando conseguem se manter distantes desta realidade não querem sequer lembrar. Por sua vez, os pais quando denunciados, sentem-se ameaçados em sua autoridade, por um fator externo, que tenta colocar, em seus atos agressivos, os limites que eles não conseguem ter.

Pensar, sobre cada uma destas perturbações emocionais e psicológicas, nos traz sentimentos de pesar.

Estes adolescentes, ao falar e escrever, nem sempre o fazem com tranquilidade; há o silêncio, as reticências e, principalmente, o medo e a vergonha de revelarem que, experiências com pais agressores, fazem parte de suas histórias de vida.

Em 65% dos adolescente, cujos discursos apresentaram conteúdo ambivalente, identificaram-se expressões como as de Euclides (caso 15), que revela seu medo: *eu acho que é ruim ser agredido, que é uma maldade agredir os filhos, mas, em relação ao meu pai, eu gosto dele, eu me orgulho de meu pai, eu gosto dele*. Cristiana (caso 01), com a serenidade de hoje ser mãe, diz: *violência contra crianças indica falta de conhecimento sobre como disciplinar os filhos: sinto vontade de ajudar os pais agressores*.

Com a mesma experiência, Marcela (caso 11) desculpa sua madrasta, da qual tantas vezes fugira e de quem hoje, é amiga: *sinto pena de minha madrasta, e muita dó das crianças que apanham.*

Entretanto, André (caso 03) num discurso de reconciliação com seus pais, expressa-se: *tem que haver um motivo para apanhar, eu dei um motivo grave, os pais não são loucos, eles amam seus filhos.*

Além da presença de sentimentos ambivalentes, identificamos em 35%, discursos cujos conteúdos explicitaram atos e sentimentos de crueldade, como por exemplo, disse Marília (caso 17): *meu pai cortou minha perna com a faca da cozinha;* Ivanildo (caso 18) *eles usam revólveres, facas, e paus;* e Leila (caso 20): *meu pai, numa noite de inverno, nos pôs para dormir numa construção ao lado de nossa casa.*

Os 60 adolescentes desta pesquisa consideraram que as atitudes agressivas, contra as crianças e os adolescentes são tomadas em 42%, pelos pais, em 32%, pelas mães, sendo que, 26% dos agressores são irmãos, avós, padrastos ou outros familiares. SAFFIOTI (1997), em seu trabalho, identificou a mãe perfazendo 42% dos agressores. O pai vem em seguida, com apenas 23%. Pais, compreendendo mães e pais simultaneamente, foram 18% dos agressores.

Quanto a questão: **“você recebeu algum tipo de assistência depois que apanhou?”**, observamos que, 75% dos adolescentes que constituem o grupo de estudo, referiram-se a algum tipo de assistência recebida após o mau trato físico, sendo que, 30%, receberam a primeira assistência do CRAMI-Campinas; 12% foram atendidos em hospitais e prontos-socorros e, 20% foram assistidos por familiares e vizinhos.

Nas pesquisas sobre o perfil de pais agressores, o modelo psicopatológico é referido para descrever ou reafirmar as características dos pais que maltratam seus filhos. Estas correntes teóricas consideram que há doenças associadas à violência doméstica, situando os pais violentos como pessoas mentalmente enfermas, classificando-os como pacientes psiquiátricos.

O modelo psicopatológico tem mostrado que o pai agressor apresenta graves problemas emocionais, tendo sido vítima de maus tratos na infância (FONTANA, 1964a).

STEELE & POLLACK (1968) referem-se ao perfil dos pais agressores como “uma mina de ouro para a psicopatologia”. KEMPE (1978), chamou à atenção do mundo, em 1943, quando atendeu seu primeiro caso de criança vítima de maus tratos físicos. Mencionou que o “agressor é o membro psiquicamente patológico da família”; situou, o problema, dos pais agressores na estrutura de caráter e considerou o alcoolismo dos pais e a inadequação das mães, como uma das causas desse “crime incomum”.

GALDSTON (1985) menciona que os pais agressores amenizam suas psicopatologias quando conseguem estabelecer relações amistosas com seus filhos. Quando ocorrem maus tratos físicos, o sadomasoquismo que é um mecanismo de deslocamento da agressividade negativa ou do sadismo, dirige-se em direção aos filhos.

As doenças psicossomáticas também são enfatizadas na literatura, quando associadas ao fraco controle de emoções dos pais agressores. Eles reagem intensamente em situações que envolvem sua agressividade. Eles seriam pessoas inadequadas, centralizadoras, hipersensíveis, narcisistas, exigentes e egoístas, enfim, portadores de anormalidades mentais, ou seja, eles seriam, unicamente, doentes mentais.

Nesta abordagem, a violência contra crianças e adolescentes seria estudada pela perspectiva unicausal, ou seja, a violência doméstica se desenvolveria numa família em decorrência de um problema específico, de causa e efeito, sem se atentar para o envolvimento interdisciplinar deste inaceitável fenômeno psicossocial.

GELLES (1973), ao criticar as teorias psicopatológicas, apresenta suas deficiências. Segundo este autor, há duas perspectivas para a explicação do mau trato de crianças e adolescentes. Para ele, se for considerada somente a variável causal, como por exemplo, a desordem mental ou doença mental, ignoraríamos outras variáveis mais importantes. Por esta razão, o autor considera que a teoria psicopatológica é inconsistente ao afirmar que a violência contra crianças e adolescentes é causada por uma doença psíquica, quando outras pesquisas salientam que, nem todos os pais são psicopatas e que, finalmente, o modelo unicausal nega as descobertas feitas pelas ciências sociais e as desordens sociais existentes.

A análise de GELLES (1973) vai em busca de um modelo multidimensional, quando menciona os aspectos sócio-culturais, o *status* sócio-econômico, as experiências prévias com a violência e enfatiza a necessidade de exame minucioso do contexto social da criança e do adolescente vitimados.

O autor propõe o estudo prospectivo das variáveis sociológicas e de contextos, associadas a este fenômeno social. O modelo multidimensional encontrou ressonância nos relatos dos adolescentes que participaram desta pesquisa, uma vez que, foram privilegiados os aspectos psicossociológicos e ambientais: *“Os pais agressivos bebem e se drogam.”* *“Não têm autodomínio”.* *“São impacientes. Orgulhosas. Ignorantes e sem diálogo”.* *“Eles estão sempre de cara fechada.”* *“Fazem as pessoas e os filhos saírem de perto deles.”* *“Gritam e agredem os filhos e a mulher.”* *“Ela é bruta e autoritária.”* *“Não respeitam os outros.”* *“Ele é agitado, nervoso e pega qualquer um que está em sua frente.”* *“Não têm cuidado consigo mesmos, são inseguros e têm um olhar frio.”* *“Na farra, parecem pessoas boas e educadas, mas quando chegam em casa são estúpidas e ignorantes”.* *“São loucos, revoltados, não gostam de pessoas e não têm carinho pelos filhos.”* *“São mau caráter, racistas e loucos.”* *“Não tem dinheiro, bebe quando sai do trabalho e chega em casa chuta os cachorros quando estão na sala”.*

A análise do conteúdo dos discursos expressos na questão: **“na sua opinião, quais são as punições ou os castigos que devem receber as pessoas que maltratam os filhos?”** demonstrou os sentimentos de pesar presentes no relacionamento pais e filhos.

Para esta autora os desejos de vingança e de justiça percebidos sob a ótica do desconhecido, ou seja, o que os pais estão transmitindo aos seus filhos, ou quais seriam os reflexos dos sentimentos de punição na vida cotidiana dos adolescentes?

A construção destas representações sociais deixa-nos apreensivos, sobretudo, pelo seu conteúdo de vingança. Enquanto, pais e profissionais da área da Saúde Mental, consideramos que, um dos aspectos mais importantes de uma representação social, é sua elaboração e a compreensão de que ela é o guia de tomada de posição para as atitudes e comportamentos (JODELET,1994).

Neste enfoque, as representações sociais dos adolescentes agredidos podem estar traduzindo acontecimentos de violência e agressões físicas de filhos contra pais e idosos, que precisam ser pesquisados, ou mesmo, presentes na violência pública, conforme a revista VEJA (1997), na qual foi publicada reportagem sobre adolescentes de classe média, que colocaram fogo num índio que dormia numa parada de ônibus, em Brasília.

Atos como este podem estar expressando as relações conflituosas de poder dentro da família, ou significando a ponta de um “*icenberg*” que denuncia a ausência de proteção sócio-familiar ou a negligência dos papéis atribuídos aos dirigentes do Estado e aos pais de família.

Este trabalho, com 90 adolescentes de Campinas, sobre a representação do agressor é preocupante, se considerarmos que, em um espaço de reflexão singular, que só a eles pertencia, em suas manifestações sobre as punições aos agressores havia, para 98,6% dos adolescentes uma necessidade de falar de justiça, vingança, medo e indignação. Estes sentimentos, além de fazerem parte da estrutura das representações sociais dos agressores, expressam a atitude que estes adolescentes encontraram para se proteger, defender ou reagir aos perigos deste fenômeno psicossocial: *“Acho que os pais agressores deveriam levar uma pisa de couro, como fazem com os filhos”*. *“Ser preso.”* *“Pedir perdão aos agredidos.”* *“Ficar preso no mínimo cinco meses.”* *“Levar uma multa e pagar em dinheiro.”* *“Separar-se do filho para sofrer um dia.”* *“Ser instruídas como devem educar e criar os filhos, e se isso não for suficiente, devem perder a guarda dos filhos, deixando-os com outros familiares.”* *“Quando ele maltratar os filhos deve levar um surra também.”* *“Devem ficar na cadeia e não sair nunca mais.”* *“Pagar com a mesma moeda”*.

Nestes discursos, podem ser identificadas as funções das representações sociais, descritas por MOSCOVICI (1961) como ações mobilizadoras de condutas sociais. Neste caso específico, notadamente, a função justificadora, que poderia explicar, *à posteriori*, as representações sociais dos agressores, segundo os adolescentes, constitui-se de sentimentos de vingança, medo e indignação pela vivência de maus tratos na infância.

A expressão de sentimentos negativos ou a reprodução de condutas agressivas pelos adolescentes, em espaços públicos, são adequáveis a função do saber, conhecimento

que permite compreender e explicar a realidade através da comunicação social. Ela torna clara a realidade vivenciada nas relações com os seus pais.

Nestes discursos, que constituem a representação social dos pais agressores, elaborada pelos adolescentes que fazem parte do grupo de estudo, nota-se o processo cognitivo adotado por este grupo, ou seja, a maneira como eles expressam e comunicam a vivência de maus tratos físicos na infância, evidenciando provavelmente, o perigo, a indignação e a revolta.

Segundo FONTANA (1964a), os sentimentos de ódio e revolta internalizados vão interagir em suas relações sociais e podem expressar uma tomada de posição (MOSCOVICI, 1976) para o desenvolvimento de comportamentos agressivos e violentos contra seu grupo social e(ou) contra a sociedade de um modo geral. Ao identificar-se com o agressor, o adolescente poderá desenvolver a função da repetição ativa (BURKE *et. al.*), ou seja, é provável ele repetir episódios de agressão, como manifestação de uma desordem de estresse. A identificação com o agressor, protege-o contra temores de aniquilamento gerado pela vivência do mau trato na infância e pela antecipação de uma recorrência. As crianças agredidas precisam repetir a situação da agressão, em uma tentativa de obter o controle e dividir o “poder” com o agressor, a partir de uma identificação com o mesmo, para neutralizar os sentimentos de inatividade e aniquilamento associados com o mau trato.

O processo de objetivação foi identificado nos elementos que formaram o núcleo semântico das representações dos agressores, que os adolescentes identificaram em suas histórias de vida e (ou) na de seus pares. Este núcleo semântico poderá orienta-los na tomada de posições para suas ações e comportamentos em relação aos agressores.

### **O discurso do grupo comparativo**

Os adolescentes, sem história de maus tratos físicos na infância, expressaram as representações sociais dos agressores, através de informações que eles receberam da mídia, de histórias infantis e de pessoas que passaram por situações de maus tratos. Este grupo revelou sentimentos de revolta, ódio e indignação pela imagem dos agressores.

Estas representações são construídas por significados da dinâmica social, de seu contexto familiar e sua elaboração cognitiva: *“Eu sinto desprezo pelos pais agressores.”* *“Sinto medo porque o agredido poderia ser eu.”* *“Sinto ódio e nojo.”* *“Esta pessoa é covarde.”* *“Sinto raiva, muita raiva.”* *“Elas são pessoas tristes por dentro e por fora.”* *“Sinto como se elas estivessem batendo em mim.”* *“É uma pessoa muito ignorante que não sabe o que faz.”* *“Ódio, acho que é uma pessoa imprestável.”* *“Nunca aconteceu isto comigo, mas, acho que se acontecesse, eu sentiria ódio.”* *“Revolta.”* *“Eu acho que eles são ruins.”* *“É um desrespeito total, pois as pessoas não têm nenhuma consciência sobre este ato, se eles colocaram os filhos no mundo é para dar carinho e não espancar, esta violência nos deixa desanimados e arruinados.”* *“Acho que essas pessoas devem ser condenadas, sem chances de voltar em casa.”* *“Quando vejo na televisão, me sinto muito mal.”* *“Uma imensa raiva.”* *“É uma vergonha bater em crianças.”* *“Sinto raiva, desgosto e pena.”* *“Acho que eles devem morrer, as crianças são fracas, pequenas e inocentes”.*

Verificamos, através destes relatos, que o grupo comparativo define o agressor com base em seu entendimento individual, constituído de elementos psicológicos, sociais e morais associados à idéia relativa aos maus tratos contra crianças. O que caracteriza a idéia de agressor é a mentalidade coletiva que é capaz de reagir à fenômenos sociais repassados na sociedade, visando contribuir para sua modificação (DURKHEIM & MAUSS, 1958).

Enquanto os adolescentes, que têm histórias de maus tratos físicos na infância, expressaram sentimentos ambivalentes sobre seus agressores, aqueles não-vitimados, na faixa etária entre 12 e 16 anos, mostraram, em seus relatos, opiniões e atitudes com grande intensidade de violência.

Embora, estes adolescentes encontram-se nas primeiras fases da adolescência, eles são capazes de representar os fenômenos sociais, relacionando-os a si mesmos, ou seja, aproximando-se deles, para poder defini-los e classifica-los: *“Os agressores são pessoas ruins que não prestam.”* *“Eles devem sofrer um acidente.”* *“Ver a morte na cara deles, sem perdão.”* *“Eles devem sofrer.”* *“São pessoas monstruosas que bebem e xingam.”* *“Devem ser amarrados e alguém dar uma surra de chicote bem grosso em praça pública e receber a prisão perpétua.”* *“Precisam receber a mesma violência que ele fez no outro.”*

*“Ir para a prisão e morrer na cadeia de tanto remorso. ” “A punição deve ser ao nível de sua violência. ” “Devem morrer ou ficar isoladas. ” “Devem ir para a cadeira elétrica ou a cadeia”.*

Nesta perspectiva, a fala dos não-agredidos leva-nos às representações sociais dos agressores, como uma forma de explicação e elaboração socialmente partilhada, independentemente de sua visão prática. Neste sentido, a construção da imagem dos agressores, com base na realidade comum a um determinado grupo social, é distribuída neste mesmo meio.

Para JODELET (1994), as representações sociais são elaborações retiradas do senso comum ou, ainda, de um saber ingênuo, natural, diferentemente de outros saberes pertencentes ao conhecimento científico. São expressões que foram elaboradas a partir de um sujeito social, que neste contexto parece adquirir o *status* de objeto social - os agressores - que pode influenciar a vida social, os processos cognitivos e as interações sociais.

Nesta perspectiva, o agressor é visto como um fenômeno social cruel, que ocorre no interior desta sociedade e, que segundo os relatos dos adolescentes merece punição severa porque ameaça a vida dos jovens agredidos.

O contingente de agressores, que constitui nossa complexa realidade social, pode aumentar devido às diversidades culturais, que têm regras morais diferenciadas e aos acontecimentos políticos e sociais, quando estes propiciam oscilações sócio-econômica,

Se aplicarmos aqui o pensamento de DURKHEIM (1995), ver-se-á que a criminalidade estará estimulada, em virtude de determinados momentos específicos de nossa história social. E será esta especificidade, associada a acontecimentos políticos e históricos, que determinará o número de vítimas de maus tratos em nossa sociedade.

Observamos, nas representações dos agressores, a presença inseparável da *textura psicológica* (JODELET, 1994), ou seja, o perfil psicoemocional dos atores sociais.

Dessa forma, podemos pensar em futuras pesquisas sobre as representações sociais de agressores e as punições legais em nossa sociedade, a fim de obtermos resultados

mais abrangentes sobre aqueles que transgridem a moral e a lei, para que se possa estabelecer metas preventivas.

Foi observada, nos relatos dos adolescentes com idade acima de 16 anos, uma preocupação quanto a ausência de políticas públicas que efetivamente propiciasse proteção social, psicológica e médica.

No relato desses atores sociais, não foi enfatizada apenas a ação de denunciar, mas reivindicações de mudanças estruturais nas políticas públicas de educação, saúde, trabalho, lazer e cultura, como alternativas para recuperar os pais e os filhos vitimados. Para esses jovens, a representação social dos agressores não suscita o desejo de retaliação, mas um sentimento de compaixão por aqueles que estão em sofrimento.

Para eles, as atitudes e a imagem dos agressores estão comprometidas pela rede de causalidade psicossociológica, compreendida, nesta pesquisa, como decorrente de um determinado tipo de Estado<sup>18</sup> que favorece o desenvolvimento da violência doméstica, através da ausência de proteção e da repressão social expressos nas categorias deste grupo.

Para MOSCOVIC (1976), é através do discurso que se tem acesso às representações sociais e, elas refletem o perfil dos atores sociais. Por isto, é necessário analisar em que condições o discurso dos adolescentes foi produzido, ou seja, o seu contexto social, e qual a posição, o lugar ocupado por eles em nosso sistema social.

Pois, somente assim, compreendem-se o conteúdo e a dinâmica psicossociológica das representações dos agressores e qual o seu significado: *“São pessoas que fumam, bebem, cheiram cocaína e ficam violentas.” “Eles têm pouco dinheiro para a família.” “Não têm trabalho.” “Acho que eles devem ser tratados por uma psicóloga e, se não der certo, perder a guarda de seus filhos.” “Devem se separar dos filhos.” “Eles não têm nenhuma preocupação com o mundo e total desrespeito com eles mesmos.” “Eles estão doentes e precisam de ajuda.” “São pessoas amargas, solitárias, desconfiadas, medrosas e tristes.” “Pessoas que maltratam seus filhos devem receber assistência.” “Devem prestar serviço*

---

<sup>18</sup> Estado na concepção sociológica é uma instituição que organiza a vontade de um povo, politicamente constituído, no que diz respeito a seus interesses coletivos.

*para a comunidade durante o dia e a noite ir para a casa ou para a prisão. ” “São pessoas fracas, ficam toda vermelhas e se sentem doentes... são pessoas agressivas, violentas e cheias de dúvidas. ” “São pessoas muito nervosas, você sente quando a pessoa é violenta. ” “Elas são mal humoradas, chatas, incompreensivas e se acham poderosas. ” “ Deve ser feita uma ocorrência ao juiz, se a violência for grave, ele deve decidir qual será a sua punição. ” “Precisam se reunir todos em casa, entrar em um acordo e conversar. ”*

## **5.6. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE AGRESSÕES FÍSICAS NA INFÂNCIA**

### **Família agressiva: o que gera o conflito?**

Na introdução deste trabalho, foram salientados os aspectos psicossociais, presentes nas histórias de vida dos pais agressores, que constituem os diversos fatores de violência doméstica (GELLES, 1973). Identificamos, entre eles: o alcoolismo, a drogadição, o baixo nível de escolaridade dos pais, as precárias condições sócio-econômicas; a ausência de desejo pela maternidade e paternidade (BADINTER, 1985), associadas aos conflitos psicológicos e às depressões que precipitam atitudes de negligência, abandono, abusos psicológicos; as psicopatologias, como na pedofilia quando ocorrem abusos sexuais, estupro, e direcionadas às crianças da família ou do agrupamento familiar.

No estudo das características psicossociais dos agressores, em minha Dissertação de Mestrado, os pais revelaram seus conflitos vivenciados no cotidiano familiar. Em suas expressões, observamos desesperança, inquietação e insatisfação com a vida, em decorrência da impossibilidade de desenvolverem-se como indivíduos e cidadãos (MONTEIRO, 1992).

Nesta mesma ótica, quatro anos depois, os filhos e os enteados, num momento singular, reconhecem a perpetuação dos efeitos nefastos que os conflitos dos pais exercem em suas vidas, expressando seus significados, especialmente quando revelam suas representações. Assim, reconhecemos que as condições pelas quais elas passaram na infância sejam responsáveis pelo seu comportamento na adolescência.

Para responder a hipótese “b” - O núcleo central das representações sociais da violência familiar se constitui pela vivência de agressões físicas na infância - utilizamos a análise fatorial de correspondência que tem como objetivo verificar quais palavras estão mais associadas a expressão violência familiar. Nesta análise identificamos que os dois grupos encontram-se em oposição.

Neste trabalho, a hipótese “b” foi rejeitada, porque o maior valor de contribuição relativa foi determinada pelo grupo comparativo, no vocábulo angústia - como uma sensação desagradável, independente da vivência de agressões físicas na infância. Além de que, no núcleo central, deste grupo, reafirma-se a abordagem psicossocial frequentemente enfocada na teoria da violência doméstica. Os núcleos centrais apresentam representações diferentes. O que determina, esta diferença, é a compreensão que cada grupo tem deste fenômeno: o primeiro, referindo-se a sua experiência, à realidade e, o segundo, ao mundo simbólico e imaginário. A experiência, com as agressões físicas na infância, foi a variável que colocou os grupos e os vocábulos em oposição, estabelecendo-se assim, a diferença entre os seus núcleos.

No quadro, a seguir, apresentamos as palavras que tiveram maior contribuição relativa, ou seja, o quanto elas contribuíram para formar cada eixo central da expressão violência familiar.

<b>GRUPO DE ESTUDO</b>	
<b>Palavras</b>	<b>Contribuição Relativa</b>
Morte	0,052536
Tristeza	0,037708
Sufrimento/Pobreza	0,027325
Agressão	0,022625
<b>GRUPO COMPARATIVO</b>	
<b>Palavras</b>	<b>Contribuição Relativa</b>
Angústia	0,052791
Surra	0,045250
Poder, casa egoísmo, país, trabalho, bebida, solidão	0,037708
Dor, prisão	0,030166
Agressão, favela, criança, machuca, cocaína, crack	0,022625

No núcleo central, da expressão violência familiar, a morte está representada simbolicamente, no grupo de estudo, com o maior valor de contribuição relativa (0,052536). Considerando que, nesta amostra, 42% dos pais são os agressores e 35% não tem contato com o pai ou não conhecem o pai, o vocábulo - morte - poderia estar expressando a perda ou a ausência paterna. Para KOVÁCS(1991) a morte simbólica refere-se a perdas não-resultantes de morte, por exemplo, a separação, ou perdas afetivas. A ausência paterna impede o contato afetivo e real tornando inexistente a relação pai-filho. A morte, poderia está sendo sentida como uma perda irreversível, brusca, evocando sentimentos fortes: tristeza, sofrimento, pobreza e agressão, os quais também constituem o núcleo da expressão violência familiar neste grupo.

No grupo comparativo, o núcleo central da expressão violência familiar, está representado pelo o vocábulo - angústia. O sentimento de angústia diante da “morte”, foi o vocábulo, em toda análise, que obteve o maior valor de contribuição relativa (0,052791). Pareceu-nos que ele é intensamente sentido, como sensação muito desagradável, diante de uma ameaça que este grupo não vivencia. O vocábulo, surra materializa o desconhecido, refletindo-se à realidade, ao aproximar-se da expressão violência familiar. Os outros vocábulos, com altos índices de contribuição relativa, expressam o poder constituído na família; aspectos psicológicos; solicitação da lei e aspectos psicossociais no contexto familiar.

### **As agressões físicas na infância e as representações sociais**

Na análise do conteúdo do discurso, dos 60 adolescentes, verificamos que a estrutura representacional refere-se ao universo psicossocial. Em 83,3%, foi traduzido por atos e comportamentos agressivos vivenciados por esta população, ou seja, os adolescentes expressaram àquilo que estava inscrito em suas histórias de vida.

Através de suas expressões, observamos a busca de um sentido mais absoluto, em que a falta está implícita ou explícita em 33,3% dos relatos. Ela revela um dos componentes dessas representações sociais, manifestando o que está ausente em seu contexto: *“Não sei, mas acho que violência familiar é falta de serenidade.”* *Falta de paz dentro de casa.”* *“Falta de diálogo entre nós mesmos.”* *“Falta de amor e diálogo entre o marido e a mulher.”* *“Falta de proteção aos filhos.”* *“É falta de dinheiro.”* *“Acho que*

*esse problema se resolve com calma na família e harmonia entre os pais. ” “São discussões entre os pais, contra os filhos. ” “É preciso haver respeito para se evitar a violência familiar. ”*

Nestes discursos, não observamos somente, a carência material como o componente principal de suas representações sociais. Muito mais que a pobreza, material, percebe-se a ausência de clareza de papéis na dinâmica familiar. Na fala desses adolescentes, a “ausência” dos pais foi traduzida pela falta de harmonia, serenidade, amor e carinho que, somente alguns, tiveram a oportunidade de vivenciar. Na análise do significado destas representações sociais, a falta acaba por atingir o mundo dos sentimentos e das emoções.

Outros significados presentes nas representações sociais dos maus tratos, referem-se à posição que os adolescentes ocupam no contexto social e às influências de determinantes ideológicos da sociedade em suas histórias de vida. Estes determinantes ideológicos podem gerar valores, normas, crenças e conceitos que atravessam gerações.

Neste estudo, o senso comum surge como reflexo da ideologia dominante, podendo ser caracterizada nas seguintes falas: *“eu apanhei muito na infância, mas somente dos meus pais”*; *“apanhei de minha mãe quando abandonei os estudos”*. *“Os pais querem educar os filhos”*. *“Violência doméstica é quando o pai quer espancar os filhos”*. Neste contexto, os maus tratos físicos, contra crianças e adolescentes, parecem banalizar-se, ao adquirir o *status* de determinantes ideológicos. Para JODELET (1894) os determinantes ideológicos interagem nas representações sociais e constituem, também, seu conteúdo representacional. Os determinantes ideológicos, inseridos nas produções discursivas, são entendidos e distribuídos por um grupo específico, em relação a um fenômeno ou fato social.

Nesta análise, as representações sociais da vivência de agressões físicas na infância traduzem-se pela falta de atributos afetivos no universo psicológico e pela falta de atributos estruturais na sociedade, que possibilitam, assim, a crise familiar, revelada nos discursos dos adolescentes: *“primeiro vem a agressão verbal, terminam todos batendo ou apanhando.”* *“Deixa os filhos magoados e chorando quando se tem alguém em casa que bebe, fica agressiva e fica louca. ”* *“São confusões criadas pelos filhos e pelos pais. ”*

*“É quando o pai bate na mãe e nas crianças.” “Fiquei triste, tinha vontade de também bater.” “Me senti fraca e chorei.”*

Estes discursos revelam como são qualitativamente deficientes o desenvolvimento psicossocial de seus familiares. São agrupamentos, aparentemente constituídos nos padrões clássicos da família nuclear, que expressam o desejo básico de procriação, com discursos de responsabilidades parentais, mas, com uma prática absolutamente contraditória quanto às obrigações educacionais e à realidade, em relação às expectativas de futuro de seus filhos.

Identificamos, durante a pesquisa para minha Dissertação de Mestrado, pais desejando *filhos formados, trabalho digno para eles e sucesso pessoal*, sem, no entanto, perceberem as evidências e a impossibilidade pré-determinadas de suas realidades. Entretanto, a fantasia<sup>19</sup>, ou seja, o devaneio, significando a capacidade de imaginar e de adaptar-se à realidade, tornam-se determinantes de sustentação de um cotidiano.

Identificamos nestes aglomerados familiares, lacunas caracterizadas, também, pela falta de clareza nos papéis parentais, o que, por sua vez, dificulta o desenvolvimento adequado da responsabilidade quanto a manutenção de sua prole. Observamos um discurso no qual as vítimas, pais e filhos, parecem inimigos, mas são representantes dessa unidade social, em que os adolescentes expressam o seu ódio, indignação e revolta: *“é briga na família, principalmente contra crianças e velhos”*. *“São pais desnaturados e irresponsáveis”*. *“É quando o pai quer matar os filhos”*. *“É quando o pai bate na mãe e nas crianças ou quando a mãe espanca as crianças”*. *“A partir do momento em que os membros familiares começam a se desentender”*. *“É uma coisa ruim, é preferível se separar da família”*. *“É quando o pai sai no soco com seu filho e bate na mulher”*. *“Quando tem violência em casa, eu tiro minha mãe da briga, quando meu pai começa a bater nela”*. *“É quando meu pai bate na minha avó, eu entro no meio e eles me machucam”*. *“Quando o meu pai chega bêbado em casa e bate em minha mãe”*.

---

<sup>19</sup> O conceito psicanalítico de fantasia compartilha das ambigüidades inerentes ao uso cotidiano da palavra. Num de seus sentidos, fantasia refere-se a imaginar, devanear...Em outro sentido, refere-se à atividade imaginativa subjacente a todo pensamento e sentimento. Todas as escolas concordam que a atividade mental consciente é acompanhada, apoiada, mantida, animada e influenciada pela fantasia inconsciente(RYCROFT, 1975).

Em meio a sentimentos de desesperança, os adolescentes revelam em seus discursos, conflitos psicossociais, contradições entre o desejo pessoal e a realidade social, da qual fazem parte na posição de excluídos.

Certamente não existirão respostas para estes comportamentos, se não pensarmos na multicausalidade, presente neste fenômeno psicossocial e imbricada em suas representações sociais.

Seria ingênuo, ou talvez simplista, acreditar que os maus tratos físicos devam-se apenas à ausência de fatores estruturais, relacionados ao suprimento das necessidades básicas, ou à pobreza, como observa MADEIRA(1997), sobre a constante tendência à exacerbação dos números, da total e obsessiva irresponsabilidade numérico-conceitual que acaba, genericamente, atribuindo à pobreza todas as mazelas, como se a pobreza fosse um fator extremamente homogeneizador de comportamentos marcados pela transgressão.

Entretanto, no presente trabalho, com os adolescentes de Campinas, observamos as crises familiares associadas, também, ao estado de pobreza das famílias residentes em favelas e arredores de Campinas. Com isto, pretendemos defender que é possível minimizar os maus tratos contra os filhos, através de programas ligados à proteção social do Estado e, principalmente, por meio de estímulos eficazes nas áreas de cultura, educação e saúde.

Deve ser considerada, nesta realidade, por exemplo, a falta de preocupação política com estas famílias, que não têm renda mensal que lhes garanta as condições mínimas de sobrevivência com dignidade.

Os adolescentes, através de seus gestos, falas e (ou) silêncio, parecem apreender o mundo e a realidade que os cerca, sem saber o que lhes espera no futuro, como indivíduos e cidadãos.

Na questão: **“descreva como você se sentiu depois que apanhou”**, 50% dos 60 adolescentes do grupo de estudo, revelaram raiva, ódio, revolta e nervosismo, 30% sentiram tristeza, depressão e dor e 20% responderam: **“não sei o que senti”**; **“não me lembro”**; **“faz muito tempo”**; **“não quero falar sobre isto”**.

Na questão: “**diga com que frequência você sofre atos agressivos e violentos**”, os 47% do grupo de estudo consideraram que havia tais ocorrências algumas vezes por ano; 23% algumas vezes por mês e 23% algumas vezes por semana. A vivência de maus tratos físicos na infância, todos os dias, alcançou a porcentagem de 7%, nesta amostra.

A afirmativa: “*nunca sofri atos agressivos ou violentos na infância*” foi expressa por 37,8% dos 90 adolescentes da pesquisa. Este percentual foi encontrado porque, apesar de quatro adolescentes do grupo de estudo terem sofrido violência na infância, com notificações no CRAMI-Campinas, e atendimento em pronto de socorro, com diagnóstico de Síndrome de Criança Espancada, negaram este evento ao responder a questão.

Para efeito de interpretação deste dado, consideramos que esses adolescentes utilizaram a negação da violência como um processo para defendê-los dos pensamentos e sentimentos mobilizadores, ligados às lembranças da violência sofrida. Assim, sentem-se capazes de desculpar as figuras, culturalmente sagradas de pai e mãe.

Na adolescência, a negação mantém a integridade do EU, evitando o sofrimento: “*não sei o que é violência doméstica, isto tudo está muito distante de minha vida...*” “*Só apanhei pouco na infância, mas não me lembro.*” “*Eu não sofri violência, nem de meu pai nem de minha mãe*”.

Essas respostas estão associadas a um pensamento recalcado, elaborado como defesa à situação traumática, nesta fase em que a vida afetiva dos adolescentes encontra-se permeada de conflitos psicossociais.

Outro conteúdo, observado nos discursos dos adolescentes, foi a banalização da vivência de maus tratos físicos na infância, na perspectiva de que ela pode ser compreendida, também, como um mecanismo de negação<sup>20</sup> de uma vivência longínqua ou recalcada, ou como algo constituído de um significado, que emerge de estruturas mais profundas da psique humana.

---

<sup>20</sup> Mecanismo de negação refere-se ao processo pelo qual o indivíduo, embora formulando um dos seus desejo, pensamento ou sentimento, até aí recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença (LAPLANCHE & PONTALIS, s/d).

Para os adolescentes do grupo de estudo, a questão: “**o que você considera violência?**” 70% relataram formas de violência graves e muito graves: aborto; assassinato; assalto com armas de fogo; abuso sexual, agressão aos filhos; agressão aos velhos; uso de drogas; racismo; terrorismo e suicídio.

Os 30% restantes enfatizaram as violências leves e moderadas, tais como, perda da expressão verbal; roubar objetos e dinheiro, ou roubar carros e motos com armas de brinquedo.

Observamos que as violências praticadas por eles, como assalto à mão armada; abuso sexual; agressão aos filhos e velhos; assassinatos em situações específicas, (defesa pessoal ou estresse), foram consideradas leves e médias, atingindo a escala de 5% a 10% em frequências isoladas no grupo de estudo.

As condutas anti-sociais, tais como, fugir de casa; chutar portas; gritar e xingar os familiares e amigos; lançar objetos nas pessoas; atingiram as frequências de 25% nos adolescentes deste mesmo grupo.

Desta forma, podemos considerar que a banalização da violência é, também, uma consequência de vê-la, diariamente, em casa, nas ruas e na mídia. Assim, a violência acaba fazendo parte do cotidiano das pessoas, não mais provocando-lhes indignação. Todos podem participar dela, como agentes ou vítimas.

A banalização é vista como a exacerbação da violência pública e da privada, sendo que, não atribuir culpabilidade à violência doméstica é apenas um reflexo da violência estrutural: *“acho que a violência doméstica é quando existe espancamento.”* *“Não apanhei grave, fui agredida só com as mãos, por isso só fiquei roxa.”* *“Violência doméstica é quando os pais batem de bordoadas para deixar a marca.”* *“Comigo não tive nada de sério”.* *“Violência doméstica é matar a família... é estuprar, no meu caso, meus pais querem me educar”.*

Na questão: “**em sua opinião o que é violência familiar ou doméstica?**” os adolescentes expressaram que há atitudes perversas em suas vivências pessoais: *“pai desejando machucar minha mãe com estupidez e ignorância”;* *“Eu tinha doze anos*

*quando ele quis me estuprar, foi quando fugi de casa”. “Quando a mãe bate, espanca ou mata o filho.”*

*“É o pai batendo”. “Acho que os pais que maltratam os filhos devem, com certeza, apanhar até sangra”. “Os pais usam a agressividade exagerada para corrigir seus filhos”. “Uma dia, minha mãe bateu tanto que eu desmaiei”. “É agressão aos filhos e agressão do homem à mulher”. “É pôr a família para dormir fora de casa, no inverno. Eu consegui dormir, mas meus irmãos e minha mãe ficaram acordados”. “Evita-se a violência matando o próprio pai”.*

Esta rede de significados, presentes nos relatos dos adolescentes, demonstra não só o sadismo como uma necessidade de causar dor ao outro, mas, principalmente, o exercício da pulsão de dominação (LAPLANCHE & PONTALIS, s/d) dos adultos entre si e (ou) em direção à criança agredida. Nesta ênfase, o masoquismo, como a aceitação dos agredidos às situações de constrangimento e humilhação, descritas pelos adolescentes em seus relatos, enfatiza os atributos rejeitados em sua auto-imagem, que deve merecer a reflexão dos gestores públicos no que concerne às políticas de Saúde Mental e de Educação.

Neste estudo, observamos que, em 40% do total da amostra, **“a pior violência para os adolescentes”** é àquela em que a vítima pode ser o próprio jovem ou outra pessoa. Entretanto, 20% do total desta amostra consideram a pior violência quando o outro é a vítima. Este resultado parece indicar a presença do espírito de solidariedade internalizado em 60% dos adolescentes, preocupados com a situação do outro como vítima de maltratos e, não apenas consigo mesmos.

Na questão: **“em sua opinião, quais são os motivos que levam às brigas, agressões ou violências?”** foi realizada uma análise qualitativa, privilegiando-se os temas e as categorias implicadas nas respostas dos adolescentes. Verificamos que, os principais agentes motivadores de brigas, em espaços privados e públicos, são: o álcool e as drogas, na opinião de 40% do grupo de estudo; seguidos de discussões provocadas por ciúme, ignorância e ofensas, em 30% dos casos. Outros motivos facilitadores das brigas estão distribuídos entre falta de diálogo, vingança, problemas íntimos e dívidas de drogas em 30%.

Desta forma, a representação social da violência doméstica está qualitativamente relacionada ao alcoolismo e dorgadição, conforme os seguintes relatos: *“violência doméstica é o pai bêbado, que bate”*. *“É uma pessoa da família chegando embriagada”*. *“Brigas entre os pais, se batem, empurram, porque eles bebem e precisam parar com a bebida”*. *“Eu acho que, se não existisse bebida, não existiria violência”*. *“Meu pai está agora morto de tanto beber”*. *“Pais que se drogam e vão às boates”*.

FONTANA (1962) salienta a manutenção do modelo familiar violento, no qual os pais apresentam deficiência em suas funções parentais, decorrentes da violência que eles próprios sofreram na infância. Eles internalizam condutas violentas num modelo educacional precário, presente em famílias conflituosas ou em crise: *“pais despreparados que não sabem educar os filhos”*. *“Pais que não vêem que os filhos cresceram”*. *Falta de papel dos pais na família. Cada um precisa fazer seu papel na família*. *“Em casa eles queriam me educar”*. *“Quando a mãe apoia os erros do padrasto, permite que ele assuma o lugar do pai”*. *“É briga de pais, briga de irmãos, desentendimento familiar, mais consciência dos pais”*. *“Pais sem decisão própria não sabem como agir, terminam agredindo os filhos quando são pequenos”*. *“É a família que briga”*. *“Eu vi meu pai batendo muito em meus irmãos quando eles eram pequenos”*.

Essas atitudes geram problemas emocionais que podem desencadear comportamentos violentos no adolescente, independentemente de fatores genéticos ou biológicos, mas, principalmente, ligados às influências ambientais e sociais. LEWIS & WOLKMAR (1993), em seu estudo, verificaram que as crianças mais agressivas haviam presenciado violência extrema em seus lares. Segundo estes autores, diversas crianças haviam testemunhado seus pais, padrastos ou namorados da mãe retalharem suas mães com facas. Haviam presenciado a tortura de seus irmãos com queimaduras de cigarro, acorrentados ao leito e atirados contra paredes. As crianças que se tornaram extremamente violentas, sofreram elas próprias incrível violência.

## Os temas e as categorias do grupo comparativo

A análise do conteúdo, dos relatos, deste grupo, não se refere a vivência de maus tratos físicos infância, mas às opiniões e atitudes que circulam no meio social desses adolescentes, ou às informações veiculadas pela mídia.

Na questão: **“em sua opinião, o que é violência familiar ou doméstica?”**, 33,3% dos adolescentes do grupo comparativo não responderam ou escreveram: **“não sei”**; **“nunca sofri violência familiar ou doméstica.”**

Em 66,7% do total deste grupo, respostas relativas a esta questão apresentaram temas de abordagem sociológica ou educacional. No entanto, os conteúdos estavam impregnados de revolta, medo, indignação e reivindicação: **“é uma vergonha bater na cara do filho.”** **“É bater em menores e matar os adolescentes”.** **“É a falta de respeito, consideração ou é a exploração de menores.”** **“Pais que agredem filhos, isto é uma falta de respeito ou até mesmo filhos que agredem pais”.** **“Vejo violência doméstica quando assisto o “Jornal Nacional” ou na televisão”.** **“Todos são culpados pela violência, inclusive a pobreza”.**

No decorrer da avaliação identificamos a presença de um discurso contraditório, no grupo comparativo, com conteúdo extremamente agressivo, não em relação a vivência de maus tratos, mas direcionado ao agressor: **“são pessoas ruins, que não prestam”.** **“Elas devem sofrer um acidente”.** **“Devem ir para a cadeira elétrica”.** **“Ver a morte na cara dele, sem perdão”.** **“Elas são uns monstros e devem ficar isoladas”.** **“Ser presas e morrer na cadeia de tanto remorso”.** **“Tem que ser condenados sem chances de voltar”.** **“Amarrar e levar uma pisa de chicote bem grosso e ir para a prisão perpétua”.**

Para o grupo comparativo, a representação do agressor, tal como as representações da violência doméstica, também é construída por elaborações que circulam no meio ambiente, pertencentes ao imaginário social, que proclamam punições severas aos agressores. Um exemplo destas idéias e atitudes são os linchamentos públicos.

Na questão: **“em sua opinião, quais são as características ou o jeito de ser dos pais violentos”** 70% do adolescentes do grupo comparativo não responderam esta questão. Entretanto, analisando-se o conteúdo do discurso relativo à questão: **“em sua opinião, quais são as punições ou os castigos que devem receber as pessoas que maltratam os filhos?”**, também foram observados relatos muito agressivos, em 60% desses adolescentes, o que pode ser verificado, principalmente, nas seguintes falas: **“os agressores devem ir para a cadeira elétrica”**. **“Ou fiquem isoladas”**. **“Devem receber a mesma violência ou ir para a cadeia”**. **“A punição vai depender do que o agressor fez, devem morrer”**.



## **6. CONCLUSÃO**

Ao concluirmos este estudo, sentimo-nos conscientes de que não foram aproveitadas todas as informações concernentes ao material pesquisado; todavia, elas poderão possibilitar a realização de outros trabalhos na área de Psicologia Médica e de Ciências Sociais.

Gostaríamos de manifestar nossa afinidade com os procedimentos de coletas dos dados que nos permitiram interagir com os adolescentes e, muitas vezes, com outros membros de sua família. Foram momentos caracterizados pelas condutas de observação e de participação, em que, além dos discursos, eles revelavam-se através de suas manifestações emocionais, postura corporal, e, principalmente, na relação que se estabeleceu entre eles e a pesquisadora. Este contato direto permitiu a confiança da família, e, em alguns casos, devido a gravidade da situação em que se encontravam, puderam ser encaminhados aos órgãos sociais de Campinas, para atendimento nas áreas: médica, psicológica e jurídica.

Identificamos nos resultados desta pesquisa, o caminho político como uma das alternativas expressas pelos adolescentes, para minimizar os problemas da violência familiar. Entendemos que, através do cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente e de políticas públicas de assistência à família - meta prioritária na prevenção deste fenômeno - seja possível abolir os sentimentos de desesperança, abandono, privação e desproteção, simbolizados pela cronicidade de agressões físicas contra crianças e adolescentes.

Concluimos que a violência doméstica está associada, indiretamente, à ausência de proteção do Estado, que deveria proporcionar mecanismos na luta contra o arbítrio cotidiano e a violência generalizada. Pois, sendo a família uma instituição social, é dever do Estado definir uma política pública para protegê-la. CARDOSO (1980) ao falar de violência e reação, defende a ação de denunciar, cobrar e respeitar à lei.

Foi observado em 65% dos 90 adolescentes que participaram deste trabalho, o tema político relacionado à violência pública e privada: *“acho que é por causa do governo que não oferece emprego para a maioria da população”*. *“O governo deveria proibir o uso de bebida alcoólica e impedir as drogas”*. *“Deveria existir um programa de orientação aos pais e filhos sobre a violência doméstica”*. *“Um dia, um policial mandou*

*eu encostar no muro, deu uma revista geral, pediu dinheiro. Eu falei que não tinha, aí eles me chutaram, me mandaram embora, empurrando...” “Na escola eu sofri muita violência dos outros alunos”. “Não sei, até hoje, porque os policiais me bateram...” “Apanhei da polícia, com pedaço de madeira e recebi coronhadas”.*

Estas falas, que revelam o desejo de mudanças sociais capazes de expressar os efeitos de singularidade psicológica, indicam que as atitudes anti-éticas dos detentores do poder devem ser combatidas, já que, paradoxalmente, são estes indivíduos, que deveriam proteger a sociedade da violência.

Observamos relatos, em que a psicopatologia poderia explicar alguns comportamentos inadequados, porém, à grosso modo, a violência doméstica presente-se nesta pesquisa, basicamente, como uma construção social, visto que, os maus tratos físicos ou os comportamentos muito violentos dos pais contra os filhos, parecem conter um conjunto de significados sociais que lhes dão esta referência (DOISE & PAPASTAMOU, 1987).

Nas perguntas à respeito dos comportamentos violentos dos pais, sob a perspectiva destes adolescentes - atores sociais que se constroem através de um momento histórico e de seu horizonte de referência - as representações sociais foram revestidas de grande importância e as explicações simplistas foram fortemente rejeitadas, à medida que eles se recusavam a apresentar seus pais como cruéis e inadequados.

Embora as respostas às questões abertas pudessem ser interpretadas psicologicamente, o seu princípio organizador prescinde desta interpretação, devido a clareza com que se apresentam os casos concretos de maus tratos físicos na infância.

Os grupos de estudo e comparativo expressaram suas representações sociais, de conteúdo ambiental, referentes aos fatores psicossociais, ou seja, com a interferência do meio social nos comportamentos agressivos de pais e responsáveis. Em alguns itens de natureza específica, foram apresentadas opiniões diferenciadas, especialmente quanto às relações sociais e familiares, e às representações de si mesmos.

Dessa forma, podemos concluir que:

1 - O modelo elaborado, nesta pesquisa, para definir as representações de si mesmos evidenciam que, os valores positivos e negativos na imagem pessoal e social, não são os mesmos nos dois grupos. No grupo de estudo, a característica sonhador parece sustentar a ausência de atributos positivos que proporcione satisfação a sua *imagem pessoal*. A presença de atributos negativos revelou o perfil psicológico de um adolescente agressivo. O grupo comparativo, consegue retirar dados de sua vivência que lhe possibilita descobrir em si mesmo características positivas que provavelmente, foram valorizadas em sua infância.

Em relação aos atributos positivos que constituem a *imagem social* do grupo de estudo, este parece demonstrar uma tentativa de adequação social. Os atributos negativos, referem-se ao fato de que o comportamento agressivo do adolescente se justifica pelas agressões sofridas. Nas representações de si mesmos, a timidez e a submissão estão expressas em 43,3% desta amostra. A expressão de alegria e comunicação poderia estar significando: 1) imagem idealizada; 2) elaboração da agressão; 3) mecanismo de negação da violência doméstica sofrida. Entretanto, 33,3% expressaram sentimentos de esperança em seu projeto de vida.

No grupo comparativo, a imagem social pareceu-nos constituída de atributos positivos e negativos que se relacionam às situações circunstanciais, próprias do processo de adolecer. Os traços de boa auto-estima foi identificado em 50% deste grupo.

2. A representação social do agressor, no grupo de estudo, em 65% é constituída por emoções intensas e ambivalentes, de amor e ódio, que mobilizam sentimentos de culpa, independentemente, dos maus tratos físicos na infância, serem uma experiência traumática. Por ser parte de uma instituição sagrada e modelo de identificação para os adolescentes, a imagem dos pais agressores surge algumas vezes, destituída de culpa quanto ao comportamento violento contra os filhos. O núcleo central, que na estatística foi constituído pela freqüência das palavras: justiça e vingança, seguidas de justificativas sobre as atitudes de seus pais, requer estudos mais aprofundados e especificamente direcionados à análise das funções geradoras ou organizadoras desses discursos, através do desenvolvimento de uma linha de pesquisa.

O grupo comparativo construiu a representação do agressor fundamentando-a no senso comum. O conteúdo principal desta representação ressalta o uso de drogas e o abuso do álcool, interferindo no desempenho e nas funções parentais. Este grupo parece traduzir a ideologia do senso comum, em sua solicitação de justiça associada ao sentimento de “sofrer com”, características da solidariedade entre os adolescentes. Este discurso representa uma atitude de automoralização, como tentativa de sanear esta sociedade, transformando a solidariedade em uma violência verbalizada.

3. A representação social de agressões físicas, sofridas na infância, revela o significado da história de vida dos adolescentes, expresso nos núcleos centrais - angústia e morte - associados a violência familiar. São representações que se traduziram pela falta de estrutura familiar e social que permitam aos adolescentes desenvolverem-se psicologicamente.

Descrevendo-se de forma geral, esta amostra de Campinas, podemos concluir que, as representações sociais, em 83,33% dos casos, manifestam-se pela privação afetiva; pela ausência do papel dos pais; pela fragilidade da estrutura familiar; pela deficiência na administração das relações interpessoais. Estas faltas criam relações conturbadas, enunciadas, inicialmente, pelos conflitos e, depois, pelas crises que se refletem intensamente nas crianças e nos adolescentes. Os aspectos psicossociais: pobreza, alcoolismo e uso de drogas são variáveis predisponentes aos eventos de maus tratos físicos na infância.

No grupo comparativo, suas representações, também, se revelam através do senso comum. Ela se constitui por solicitação de providências quanto às políticas públicas; ao cumprimento da lei e novamente, a expressão de sentimentos de solidariedade aos adolescentes vitimados.

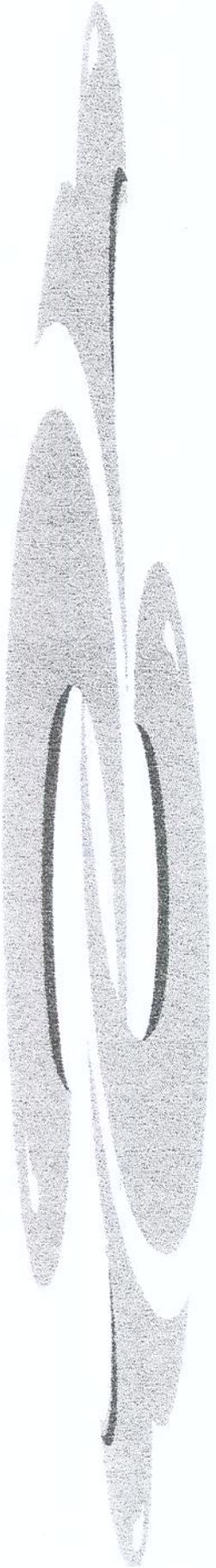
4. Quanto as características sociais e demográficas dos grupos, observamos que foram pesquisadas duas amostras homogêneas que definem, por si mesmas, suas identidades. São amostras representadas por adolescentes com idades de 12 a 18 anos; sendo que, 52,7% cursaram à 5ª e 6ª do primeiro grau; com baixa renda salarial na família, em 66% ganhando menos de um a três salários mínimos; residentes da periferia de Campinas. São filhos de migrantes que saem de suas regiões em busca de melhores

condições de vida nos centros industrializados. Os meninos desenvolvem trabalho remunerado, principalmente como ajudantes na construção civil e as meninas são empregadas domésticas.

Esta amostra é caracterizada por: 48,2% de adolescentes que usam álcool, principalmente, nos finais de semana; 22% de adolescentes usuários de drogas ilícitas; 8% de familiares usuários de drogas ilícitas; e 65% de amigos usuários de drogas ilícitas. O uso de álcool e drogas são alguns fatores de risco para o desenvolvimento de atitudes e comportamentos violentos.

Nesta amostra 38,5% dos adolescentes já sofreram violência pública, o que foi independente da vivência de agressões físicas na infância.

A agressividade verbal foi menos acentuada no grupo de estudo. Este, porém, desenvolve condutas socialmente mais agressivas (furtar, roubar, fugir de casa). Essas condutas podem ser vistas como a busca desses jovens para um substituto concreto das suas privações afetivas. Assim, surgem as necessidades da fuga, em busca da liberdade, da aquisição de objetos como: bicicleta, óculos, brinquedos ou do roubo de dinheiro para uma viagem de férias.



## ***7. SUMMARY***

This study has as its objective to identify the social representations of physical abuse on childhood, the aggressor representation and the representation of themselves on ninety adolescents of the city of Campinas, São Paulo.

Our starting point was to analyse the questions which involved the domestic violence phenomena and its relationship to social misbehaviours: rebelliousness, marginal and violent behaviour, and to the effects on the image of these adolescents.

With the aim of deepening the theoretic subject and to reflect the construction of the object, it was accomplished a bibliographic research which allowed the elaboration of Chapter I, where the main concepts used on this research were focused.

The structural directives are presented on Chapter 2 e 3, where are included the objectives, the hypotheses and the methodology.

The dynamic of gathering data seeks, throughout the initial interview, the questionnaire and the registration files of the Regional Centre of Registrations and Attention against the Child Abuse - Campinas (CRAMI), to identify the notification of physical violence against children and to investigate the speeches of the social actors, via the dialogical perspective, as the main font of information and oral and/or writing expression.

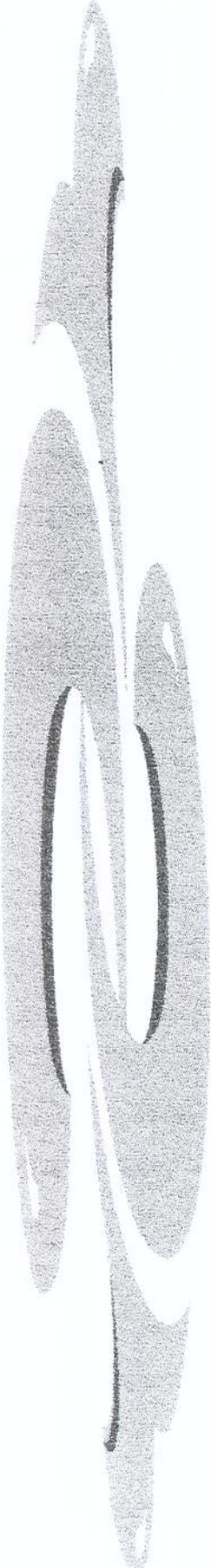
A qualitative-quantitative analysis was performed. The first aims to examine the content, interpreted according to the theoretic fundaments of the social representations and representations of themselves. These analyses emphasise the thematic axes, predetermined on the research instruments, and the valorised or rejected categories on their speeches.

To use the quantitative method a database were created by using the Epi-Info6 and Excel programs, which allowed the association of results and the elaboration of graphs and tables by using mathematical and statistical formulas. The statistical study was based on factorial analysis of correspondence to identify the central and peripheral nucleus of social representations of physical abuse during the childhood, and, because of that, were notified on CRAMI-Campinas.

Chapter 4 contains the results and the discussion of the psycho-social aspects and the relationship between parents and children. The social representations, the personal and social image and the representation of the aggressor parents are presented on chapter 5.

Since it is a descriptive study, the results were compared between the two groups and followed by a discussion including specific literature with emphasis on the psycho-social approach.

Chapter 6 presents the conclusion, according to the objectives and the hypotheses and with emphasis on the public politics of defence of childhood and adolescence and on the absent of programs of family support.



**8. REFERÊNCIAS  
BIBLIOGRÁFICAS**

- ABERASTURY, A. - Adolescência normal: um enfoque psicanalítico.** Arminda Aberastury e Maurício Knobel, tradução de Suzana Maria Garagosa Y Ballve, Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.
- ABRIC, J.C. - Pratiques sociales et représentation.** PUF, 1994, Paris.
- AISSAMI, Y. BONARDI, C. GUELFUCCI, B. - Représentation sociale et noyau central: problemes de méthode.** *Ver. Intern.de Psych. Soc.*, 3(3):335-356, 1990.
- ALVES, J.G.B.; QUEIROZ, M.J.A.; GOMES, V.R.S.; PESSOA, Z.F.C.- Síndrome da criança espancada na cidade de Recife.** *Jorn. de Pediat.*, 64 (9):368-70, 1988.
- AVANZINI, G. - O tempo da adolescência.** Tradução de Eduardo Saló, Edições 70, 1978, Lisboa. 174p.
- BADINTER, E. - Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Tradução de Waltensir Dutra, 6ª ed. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985. 370p.
- BALLEY, T.E. . - Risk factors for violent death of women in the home.** *Arch. Intern. Med.*, 1157(7):777-82, 1997.
- BARDIN, F. - Análise do conteúdo.** Edições 70, Lisboa, 1988. 225p.
- BEDEVORT, J.P. & WINNYKAMEN, F. - Représentations sociales et construction des images de soi chez les écolières de status scolaire contrasté: une étude interculturelle.** *Bul. de Psych.*, 48(419):400-408, 1995.
- BERGER, P.J. & LUCKMANN, T. - A Construção social da realidade.** Tradução de Floriano S. Fernandes, 8ª ed. Editora Vozes, Petrópolis, 1990.
- BERTIER, P. & BOUROCHO, J.M. - Analyse des correspondances.** In \_\_\_\_\_ *Analyse des données multi-dimensionnelles.* PUF, 2ª ed. Edição, Paris, 1979
- BLEGER, J. - A entrevista psicológica: seu emprego no diagnóstico e na investigação.** In \_\_\_\_\_ *Temas de psicologia entrevista e grupos.* Tradução de Rita Maria M. de Moraes, Revisão Luiz Lorezo Rivera, Martins Fontes, São Paulo, 1993. p.8-51.

- BROWER, S.M.** - Effect of the family environment on the social adjustment of adult children of alcoholics. **Dissert. Abstr. Intern.**, 48 (5):1503-b,1987.
- BURKE, A.E.; CRENSHAW, D.A.; GREEN, J.; SCHLOSSER, M.A.; STROCCHIA RIVERA, L.** - Influence of verbal ability au the expression of aggression in physically abused children. **J. Am. Acad. Child. Adolesc. Psych.**, 28(2): 21115-218, 1989.
- CABRAL, M.A.A.** - **Estudo descritivo de 62 histórias de vida de presidiários confinados em cárceres super populosos na região de Campinas - São Paulo.** 1989.Tese de Livre Docência apresentada à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.
- CAMPOS, D.M.S.** - **Psicologia da adolescência.** Petrópolis, Vozes, - 13ª ed.1991.157p.
- CARDOSO, F.H.** - Violência e reação. **J. Folha de São Paulo**, 22 de junho de 1980.
- CARIO, R.** - Les specificités observées de la délinquance des jeunes. In \_\_\_\_\_ **Jeunes délinquants: la recherche de la socialization perdue.** L'Harmattan, Paris.1996.p.35-63
- CARTRON-GUÉRIN, A. & VIAUX, J.L.** - Référence à des valeurs positives et negatives dans la representation de soi de garçons de 12 et 15 ans. **Bul. de Psych.**, 47(416): 288-293, 1992.
- CASADO-FLORES, J.; BANO-RODRIGO, A.; ROMERO, E.** - Social and medical problems in children of heroin-addicted parents. **AJDC**, 144:977- 979, 1987.
- CENTRO REGIONAL DE REGISTRO E ATENÇÃO AOS MAUS TRATOS NA INFÂNCIA.** **Relatório de atividades.** Campinas, São Paulo, CRAMI,1995.
- CHIZZOTTI, A.** - **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 2ª ed. Cortez, São Paulo, 1995.p.164.

- CIBOIS, F.** - Eclairer le vocabulaire des questions par les questions fermées: le tableau lexical des questions. **Bul. de Méth. Soc.**, 26(3):12-23,1989.
- CONTRANDRIOPOULOS, A.P.** - **Saber preparar uma pesquisa.** Tradução Silva Ribeiro de Souza. Ed Hucitec, Abrasco, São Paulo e Rio de Janeiro, 1994.
- COSTALAT-FOUNEAU, A.M.** - La dynamique représentationnelle du soi. **Bul. de Psych.**, 47(417):618-621,1994.
- DAMERGIAN, S.** - Entre a vida e a morte: a violência contra a infância nos grandes centros urbanos. In \_\_\_\_\_ M. F. Stainer, **Quando a criança não tem vez: violência e desamor.** São Paulo, Pioneiras, 1986.
- DAVITZ, L. & DAVITZ, J.** - **Como viver quase feliz com seu filho adolescente.** Tradução de Roxana Ramaciotti Mires, Ed. Mamtese- Norma, São Paulo,1992.222p.
- DEMO, P.** - **Introdução a metodologia da ciência.** Ed. Atlas, 1985, São Paulo.118p.
- DI GIACOMO, J.P.** - Aspects méthodologiques de l'analyse des représentations sociales. **Cahiers de Psych. Cogn.**, 1:397-422,1981.a
- DI GIACOMO, J.P.** - Commentaires à propos de l'analyse de similitude, nas représentations sociales de C.Flament. **Cahiers de Psych. Cogn.**, 1:429:432,1981.b
- DOISE, W.** - L'ancrage dans les études sur représentations sociales. **Bul. de Psych.**, 45(405):189-195,1992.
- DOISE,W.** - Les représentations sociales:definition d'un concept. **Connexions**, 45/46: 243-253,1985.
- DOISE,W. & PAPASTAMOU, S.** - Représentation sociales des causes de la delinquance: croyances generales et cas concrets. **Deviance et société**, 11(2):153-162,1987.
- DOLTO, F.** - **A causa dos adolescentes.** Tradução de Julieta Leite, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro,1990.266p.

- DOLTO, F. - Dialogando sobre crianças e adolescentes.** Tradução de Maria Nurymar Brandão Benetti, Papyrus, 1989, Campinas, São Paulo.289p.
- DUBET, F. - La galère: jeunes en survie.** Fayard, Paris, 1987.492p.
- DURKHEIM, E. - As regras do método sociológico.** Tradução Maria Isaura Pereira de Queiroz, 14ª ed. Ed. Nacional, 1990, São Paulo.128p.
- DURKHEIM, E. - Le suicide.** Quadrige, PUF, 8ª ed. 1995, Paris.461p.
- DURKHEIM, E. - Sociologia, pragmatismo e filosofia.** Tradução de Evaristo Santos, Ed. Res Ltda; Porto s/d.274p.
- DURKHEIM, E. & MAUSS, M. - De quelques formes primitives de classification: une contribution à l'étude des représentation collectives.** In \_\_\_\_\_Mauss,M. **Oeuvres**, Paris, Minuit, 1958, v.II p.11-87.
- EBLOUMI, A.M. - Représentations et attitudes vis-a-vis du chômage.** Paris, 1988, Tese de Doutorado apresentada à Academie de Paris, Sorbonne.
- ECO, H. - Metodologia: como se faz uma tese.** Tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza. 11ª ed. Ed. Perspectiva. São Paulo, 1977.170p.
- EISENBERG, L. - Psychiatry and health in low-income populations.** **Comp. Psych.**, 338(2):69-733, 1997.
- ENGELS, F. - A família monogâmica.** In \_\_\_\_\_Massimo Canevacci. **A Dialética da família.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3ª edição. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1984. P.71-87.
- ERIKSON, E.H. - Identidade juventude e crise.** Tradução de Alvaro Cabral, Zahar Editores, 1976, Rio de Janeiro. 322p.
- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.** Diário Oficial, 16 de Junho de 1990, Brasília - DF.

- ESTRADA, T.** - Migracion profesional y dislocacion familiar. **Acta. Med. Colomb.**, 7(2):51-9, 1982.
- FAAR, R.M.** - Les représentations sociales: la théorie et ses critiques. **Bul. de Psych.**, 45(405):183-188, 1992.
- FERMAN, J.** - Domestic violence and prevention. **Psychiat. Service**, 47(10):1112-4, 1996.
- FINKLER, K.** - Gender, domestic violence and sickness in Mexico. **Soc.Sci. Med.** 115(8):1147-60, 1997.
- FLAMENT, C.** - Analyse de similitude: une technique pour les recherches sur les representations sociales. **Cahiers de Psych. Cogn.**, 1:375-393, 1981.a
- FLAMENT, C.** - Sur le pluralisme méthodologique dans l'étude des représentations sociales. **Cahiers de Psych. Cogn.**, 1:423-427, 1981b
- FONTANA, V.** - Child maltreatment and battered child syndromes. In \_\_\_\_\_ **Child Psychiatry**, NY State, 1964a
- FONTANA, V.** - The neglect and abuse of children. **Jorn.Med**, 64:215, 1964b
- FREUD, S.** - Os Instintos e suas vicissitudes. In \_\_\_\_\_ **História do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. Traduzido por Themira de Oliveira Brito, Paulo Henrique Britto Chistiano Monteiro Oiticica. Revisado por Darcy de Mendonça Uchôa Rio de Janeiro, Imago, 1976 v.14(Edição Standard Brasileira, 1914-1916).
- FREUD, S.** - Moisés e o monoteísmo. In \_\_\_\_\_ **Mal estar na civilização**. Traduzido por Themira de Oliveira Brito, Paulo Henrique Britto Chistiano Monteiro Oiticica. Revisado por Darcy de Mendonça Uchôa. Rio de Janeiro, Imago, 1976 v.14(Edição Standard Brasileira, 1914-1916).
- FROMM, E.** - **Anatomia da destrutividade humana**. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos, 2ª ed. Rio de Janeiro, 1987. 655p.

- GALDSTON, R.** - Observations of children who have been physically abused by parents. **Am. J. Psychiat**, 122(4):440-443, 1995.
- GALLATIN, J.** - **Adolescência e individualidade**. Tradução de Antônio Carlos Amador Pereira e Rosane Amador Pereira. Harbra. São Paulo, 1978.397p.
- GAUDERER, E.C.** - Adolescencia, os jovens e nós: uma visão pessoal. **J Pediat.**, 50(1/2):57-85, 1986.
- GELLES, R.J.** - Child abuse and violence in single-parent families: parent absence and economic deprivation. **Am.J.Orthopsychiat**, 59(4):492-501, 1989.
- GELLES, R.J.** - Child abuse as psychopatology. **Am.J.Orthopsychiat**, 43(4): 610-620,1973.
- GENTRY, J. & ERON, L.D.** - Violence and youth. **Am Psych.**, 2(48):89,1993.
- GODELIER, M.** - **L' énigme du don**. Fayard, Paris, 1996. 315p..
- GOMES, N.H.** - Centro de defesa dos direitos da infância e adolescência e a proteção jurídica e social. **Rev. Bras.Cresc. Desenv. Hum.**, 2(1):157-79, 1992.
- GOMES, R.** - **O corpo na rua e o corpo da rua**. Rio de Janeiro, 1994, Tese de Doutorado apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz.
- GREEN, A.H.** - Psychiatric treatment of abused children. **J.Am.Acad.Child Psychiat.**, 17:356-371,1978a
- GREEN, A.H.** - Psychopatology of abused children. **J Am Acad Child Psychiat.**, 17: 92-103, 1978.b
- GUIMELLI, C.** - L'etude des représentations sociales. **Psycho. Franç.**,40(4):367-374,1995.
- HABERMAS, J.** Um conceito científico-social de crise. In \_\_\_\_\_ **A crise de legitimação no capitalismo tardio**. Tradução de Vamireh Chacon. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1980.p.11-19.

**HASKETT, M.E.** - Social problem-solving skills of young physically abused children. **Child. Psychait. Hum.Dev.**, 21(2):109-18,1990.

**HERZLICH, C.** - La représentation sociale de la sente et de la maladie: genèse, états et conduites. In \_\_\_\_\_ **Santé et maladie: analise d'une représentation sociale**, Mouton, 1972, Paris.

**HEWSTONE, M.** et al. - Social representations, social attribution and social identity:the intergroup images of "public" and "comprehensive" school boys. **Eur. J. of Soc. Psych.**,12:241-269,1982.

**HORÁCIO, R.** - Latinosamericanos en Europa. **Am Lat** 33(4):281-295, 1987.

**INSTITUTO BRASILEIRA DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA** - **Anuário Estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro, IBGE,1994. v.1

**JODELET, D.** - **Civil et bredins: rapport a la folie et représentation sociale de la maladie mentale dans un milieu rural français**. Paris, 1985, Tese de Doutorado apresentada à École des Hautes Études en en Sciennes Sociales.

**JODELET, D.** - **Les représentations sociales**. 4ed. PUF, Paris, 1994.

**JODELET, D.** - Mémoire de masse: le côté moral et affectif de l'histoire. **Bul. de Psych.**,45(405):239-256,1992.

**JODELET, D.** - Représentation sociale, phénomènes, concepts et theorie. In \_\_\_\_\_ S.Moscovici, **Psych. Soc.**, PUF, Paris, 1984.

**JODELET, D. & MOSCOVICI, S.** - **La représentation sociale du corps**. Publication du LPS/EHESS, MSH, 1974,Paris.

**JODELET, D.; OHANA, J. BESSIS-MONINO, C. DANNENMÜLER, E.** - **Système de représentation du corps et groupes sociaux**, Publication du LPS/EHESS, v.1, 1982, Paris.

**JUSTICE, B.** - Family violence. **Tex Med.**, 79(8):43-7, 1983.

- KEMPE, C. H.** - New vistas in the prevention of child abuse. In \_\_\_\_\_ **Child Adv. and Paed.**, Ross Laboratories, Columbus, Ohio, 1978.
- KERR, A.** - Domestic violence: treat it seriously. **Aust Fam Physic.**, 18(11):1362-3, 1989a.
- KERR, A.** - Domestic violence: treat it seriously. **Aust Fam Physic.**, 18(11):1366-9, 1989b.
- KNOBEL, M. & ABERASTURY, A.** **La adolescencia normal.** Buenos Aires, Ed.Paidos, 3ed.,1973.
- KNOBEL, M.; PERESTRELLO, M. UCHÔA, D.M.** - **A adolescência e a família atual.** Livraria Atheneu, 1981, RJ/SP.86p.
- KOVÁCS, M.J.** - Pensando a morte e a formação de profissionais de saúde. In \_\_\_\_\_ R.M.S. Cassorla. **Da morte.** Papyrus Editora, 1991, Campinas, S.P.79-103.
- LAGACHE, D.** - Preface, In \_\_\_\_\_ S. Moscovici. **La Psycanalyse son image et son public.** UPS, Paris, 1976.
- LANE, S.T.M.** - **Psicologia Social: o homem em movimento.**13ª ed. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1994.220p.
- LANE, V.J.M.** - Non-accidental injury in children:the role of the general practitioner. **The Practitioner**, 232(4): 419-423, 1988.
- LANEVE, A.C.; LEON L.G.; VAMONDE, E.S.** - Información y opiniones de un grupo de docentes de educación básica en relación al maltrato físico infligido a sus alumnos por padres o cuidadores. **Niños**, 22(64):50-77,1987.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B.** - **Vocabulário da psicanálise.** Tradução de Pedro Tamen. 6ª ed. Martins Fontes. São Paulo, s/d.
- LAROUSSE - LE GRAND DICTIONAIRE DE LA PSYCHOLOGIE,** Représentation sociale. Paris, 1991.

- LEMPERS, J. & CLARK-LEMPERS, D.S.** - Economic hardship, family relationships and adolescent distress, *Adolescence*, 32(126):339-56, 1997.
- LEWIS, D.O.; LOVELY, R. YAGER, C. DONNA DELA, F.A.M.** - Toward a theory of the genesis of violence: a follow-up study of delinquents. *J Am Acad Child Ad Psychiat.*, 28(3), 1989.
- LEWIS, D.O; SHANOK, S.S.; GRANT, M.; RITVO, E.** - Homicidally aggressive young children: neuropsychiatric and experiential correlates. *Am J Psychiat.*, 140(2):148-153, 1983.
- LEWIS, M.; & WOLKMAR, F.** - **Aspectos clínicos do desenvolvimento da adolescência.** Tradução de Gabriela Giacomet. Artes Médicas, Porto Alegre, 1993.
- LORENZ, C.** - **L'agression.** Tradução de Vilma Fritsch. Flammarion, França, 1983.
- MADEIRA, F.** - A adolescência de cada dia. In \_\_\_\_\_ **Quem mandou nascer mulher?** Record, Rio de Janeiro, 1997.
- MALANDAIN, C.** - **Scolarité et developpement de la personnalité.** Paris, 1988. Tese de Doutorado apresentada à Academie de Paris, Sorbonne.
- MAX, J.E.** - Traumatic brain injure in children and adolescents: psychiatric disorders in the first three months. *Am Acad Child Adolesc Psychiat.*, 336(1):94-102, 1997.
- MEKIDECHE, N.** - **La représentation de soi des jeunes en situation de conflit culturel.** Paris, 1981. Tese de Doutorado apresentada à Academie de Paris, Sorbonne.
- MIEINIK, I.** - A adolescência, a escola e o trabalho. *Pediatr Med*, 22(8):278-9; 281-8; 291, 1987.
- MINAYO, M.C.S.** - **O limite da exclusão social.** Editora Hucitec-Abrasco, 1993, Rio de Janeiro. 124p.
- MINAYO, M.C.S.** - **O desafio do conhecimento.** Ed. Afiliada, 3a ed. 1994, São Paulo e Rio de Janeiro. 269p.

- MINAYO, M.C.S. & SANCHES, O.** - Quantitativo-qualitativo: Oposição ou complementaridade. *Cad. de S Públ.*,3(9):239-262,1993.
- MITSCHERLICHE, A.** - A ausência do pai. In \_\_\_\_\_ Massimo Canevacci. **A dialética da família.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3ª ed. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1981. P.235-243.
- MOGILKA, S.M.** - The entire life: nursing's obligation to bring truth to the death penalty debate. *Nurs-Forum*, 322(1):5-16,1997.
- MONTEIRO, M.C.N.** - Aspectos psicossociais de pais e responsáveis agressores de crianças e adolescentes atendidos no Centro Regional de Registro e Atenção aos Maus Tratos na Infância. Campinas, São Paulo, 1992. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.
- MOSCOVICI, S.** - *La Psychanalyse: son image et son public.* 2ª ed. PUF, 1976, Paris.504p.
- MOSCOVICI, S.** - Le domaine de la psicologia sociale. In \_\_\_\_\_ S. Moscovici, *Psychologie Sociale*, PUF, Paris, 1984.p-01-22.
- MOSCOVICI, S. & HEWSTONE M.** - De la science au sens commun. In \_\_\_\_\_ S.Moscovici, *Psychologie Sociale*, PUF, Paris, 1984.p.539-566.
- MOTTA, M.A.** - A maternagem e o seu espaço no estatuto da criança e do adolescente. *Rev. Bras. Cresc Desenvol Hum*, 2(1):97-103,1992.
- PFEFFER, C.; PLUTCHIK, R.; MIZZUCHI, M. S.** - Predictors ors assaultiveness in latency age children. *Am J. Psychi.*, 140 (1):31-35, 1983.
- PIAGET, J** - Epistemologia genética. In \_\_\_\_\_ Jean Piajet, **Psicologia e Epistemologia**, Tradução de Agnes Cretella, 2ed, Rio de Janeiro, 1978.p7-28.

- PIAGET, J. - Seis estudos de psicologia.** Tradução Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva, 20ª ed. Ed. Forense, 1994, RJ.p.132.
- POLK, G.C. & BROWN, B.E. - Family violence development of master's level speciality track in family abuse.** *J Psych. Nurs Ment. Health.*, 26(2):34-37,1988.
- RODRIGUEZ, C.S. & TORRE-ARENDS, I. - La prevencion secundaria del síndrome del niño maltratado, a través dela intervención terapéutica de las interacciones padre-hijo.** *Niño*, 22(64):12-49,1987.
- RUDIO, F.V. - Introdução ao projeto de pesquisa científica.** Ed. Vozes. Petrópolis,1986.119p.
- RUIZ,J.A. - Metodologia científica.** Ed.atlas,25ª ed.1988, São Paulo,1988.183p.
- RYCROFT, C. - Dicionário crítico de psicanálise: coleção psicologia psicanalítica.** IMAGO, Rio de Janeiro, 1975.
- SAFFIOTI, H.L.B. - No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual.** In \_\_\_\_\_ Madeira,F.R., **Quem mandou nascer mulher?** Record.Rio de Janeiro, 1997.p.135-212
- SANTOS, H.O. - Crianças espancadas.** Papyrus, Campinas, 1987.132p.
- SANTOS, H.O.; PALHARES, F.A.B.; OLIVO, L. - Maus-tratos na infância:uma proposta de atuação multidisciplinar a nível regional.** *Jor. de Ped.*, 64(9): 384-388,1988.
- SCHWARTZ, I. - Alcohol and family violence.** *Jama*, 262(3):351-352, 1989.
- SEVERINO, A.J. - Metodologia do trabalho científico.** 15ed. Cortez, São Paulo,1989.236p.
- SNYDER, V. et. al. - Migration and post-traumatic stress disorders.** *Am Lat*, 36(3/4): 137-45, 1990.

- SPINK, M.J.P.** - O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cad.de S. Púb.**, 9(3):300-307,1993.
- STEELE, B. & POLLACK, C.** - A psychiatry studs of parentswho abuse infants and small children. In \_\_\_\_\_ **The battered child**, R. Helfer, C. Kempe, University of Chicago Press, Chicago, 1968.
- SUGAR, M.** - Abuso sexual de crianças e adolescentes. In \_\_\_\_\_ **M.Sugar, Adolescência atípica e sexualidade**. Paraná, 1992.
- TEIXEIRA, W.R.; MORI, S.S.; MORRONE J.; ARIAS, H.S.; QUEIROZ, S.M.; TEIXEIRA, C.M.** - Síndrome do bebê espancado. **Revista Paulista de Medicina**, 102(6):237-243,1984.
- TESONE, J.E.** - Em torno al niño maltratado físicamente. **Rev. Hosp Niños**, 27(111): 227-234,1984.
- TOME, H.J.R.** -Unité et diversité de l'image de soi chez des adolescents. **Psych. Franç.**, 12(2):114-123,1967.
- TOURAINÉ, A** - L'ombre d'un mouvement. In \_\_\_\_\_ Alain Touraine, François Dubet, Didier Lapeyronnie, Farhad Khosrokhavar, Michel Wieiviorka, **Le grand refus**, Fayard, Paris, 1996.p.11-102
- UNIS POUR VAINCRE** - Violence familiale. **Documentário da TFI**, 1996.
- VEJA** - Edição 1493 - **Planalto selvagem: uma noite de tédio, cinco garotos melancólicos tocam fogo num índio para se divertir**. Editora Abril, Revista Veja:24-28, 30.04.1997.
- VIWIORKA, M.** - Le sens d'une lutte. In \_\_\_\_\_ Alain Touraine, François Dubet, Didier Lapeyronnie, Farhad Khosrokhavar, Michel Wieiviorka, **Le grand refus**, Fayard, Paris, 1996.p.247-296.

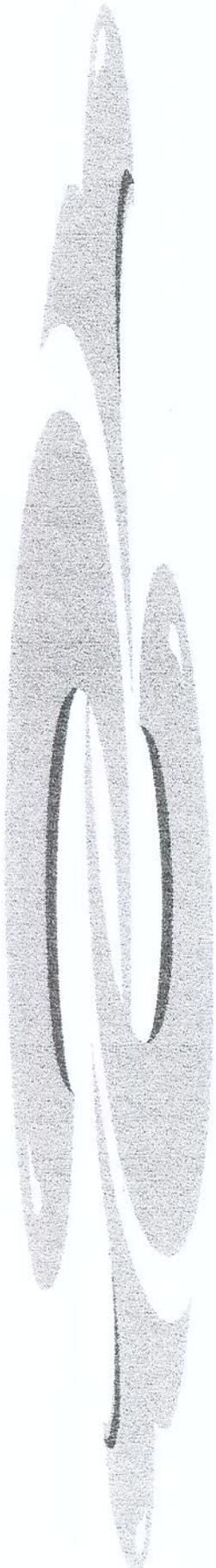
**WINNICOTT, D.W. - Privação e delinqüência.** Tradução de Álvaro Cabral. Revisão de Monica Stahel M. da Silva. Martins Fontes, São Paulo, 1987 p.290.

**WINNICOTT, D. W. - Tudo começa em casa.** Tradução de Paulo Sandler. P.211. Martins Fontes, São Paulo, 1989.211p.

**WORD HEALTH ORGANIZATION - International estatica classification of diseases and related health problems.** Genebra, WHO, 1992. V1.

**ZURAVIN, S.J. -** Severity of maternal depression and 3 types of mother-to-child aggression. **Am Jour of Orthopsych.**, 59(3):377-389, 1989.

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS:NB 66-1978**



## ***9. ANEXOS***

## MARIA DA CONCEIÇÃO DO NASCIMENTO MONTEIRO

### INSTRUMENTOS DE PESQUISA:

#### QUESTIONÁRIO I e II

##### Áreas de abrangência:

*REPRESENTAÇÃO DE SI MESMO*  
*VIVÊNCIA DE VIOLÊNCIA NA INFÂNCIA*  
*VIVÊNCIA DE VIOLÊNCIA NA ADOLESCÊNCIA*  
*REPRESENTAÇÃO DO AGRESSOR*  
*REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA FAMILIAR*  
*SITUAÇÃO SÓCIO-FAMILIAR*

#### ENTREVISTA:

##### Roteiro preliminar da entrevista:

1. você se lembra, que eu já estive aqui em sua casa, com a equipe do CRAMI/Campinas, para conversar com você?
2. do que você se lembra?
3. como você se sente hoje?
4. como é seu jeito de ser adolescente?
5. o que você gosta de fazer quando fica em casa? E quando você sai?
6. como é sua família?
7. você sente alguma mágoa por alguém? Qual motivo? Por quem?
8. você pode me relatar um acontecimento de violência que sofreu em casa ou na rua?
9. e que você cometeu? Qual é a que você se lembra?
10. o que você pretende fazer quando ficar adulto?
11. o que você sente quando pensa em seu futuro?
12. agora, nos vamos fazer um resumo de tudo isto que nós conversamos; então, você me diz se concorda, se quer modificar ou se você quer acrescentar mais alguma coisa.
13. você concorda em preencher estes dois questionários junto comigo?

Campinas,1996

ESTE É UM QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DIRIGIDO A VOCÊ, ADOLESCENTE.  
SUA PARTICIPAÇÃO É MUITO IMPORTANTE E AJUDARÁ NO  
DESENVOLVIMENTO  
DE PESQUISA EM NOSSO PAÍS.

GOSTARÍAMOS QUE VOCÊ RESPONDESSE SE VOCÊ ACEITA PARTICIPAR  
DESTA PESQUISA: SIM( ) NÃO ( )

CONTAMOS COM A SUA  
COLABORAÇÃO E SINCERIDADE NO MOMENTO DE RESPONDER AS QUESTÕES

### QUESTIONÁRIO I

- 1.IDADE \_\_\_\_\_ 2.SEXO  
1. ( ) MAS.  
2.( ) FEM.
- 3.COR  
1.( ) BRANCA  
2.( ) NEGRA  
3.( ) PARDA  
4.( ) AMARELA
- 4.ESTUDA ATUALMENTE  
1.( ) SIM  
2.( ) NÃO
- 5.SÉRIE \_\_\_\_\_ 6.GRAU  
1°.( ) GRAU  
2°.( ) GRAU
7. AUTO-AVALIAÇÃO ESCOLAR  
1.( ) ÓTIMO ALUNO  
2.( ) BOM ALUNO  
3.( ) ALUNO REGULAR  
4.( ) ALUNO RELAPSO  
5.( ) ALUNO IRRESPONSÁVEL  
6.( ) OUTROS: \_\_\_\_\_
- 8.VOCÊ SE ACHA:  
1.( ) ALEGRE  
2.( ) DÓCIL  
3.( ) ENGRAÇADO  
4.( ) GENEROSO  
5.( ) LÍDER  
6.( ) CRIATIVO  
7.( ) SONHADOR  
8.( ) BONITO  
9.( ) AGRADÁVEL
- 10.( ) COMUNICATIVO  
11.( ) GENTIL  
12.( ) SIMPÁTICO  
13.( ) TRABALHADOR  
14.( ) EXTROVERTIDO  
15.( ) VAIDOSO  
16.( ) COMPETITIVO  
17( ) ESTUDIOSO  
18( ) OUTRAS CARACTERÍSTICAS:
- 9.SEUS IRMÃOS, AMIGOS OU COLEGAS ACHAM QUE VOCÊ É:  
1.( ) TRISTE  
2.( ) IRÔNICO  
3.( ) AGRESSIVO  
4.( ) DESARRUMADO  
5.( ) COMPETITIVO  
6.( ) EGOÍSTA  
7.( ) AGITADO  
8.( ) REVOLTADO
- 9.( ) VINGATIVO  
10.( ) GROSSEIRO  
11.( ) IRRITADO  
12.( ) VIOLENTO  
13.( ) DESCONFIADO  
14.( ) PESSIMISTA  
15.( ) PREGUIÇOSO  
16.( ) MALCRIADO  
17.( ) DIFÍCIL  
18.( ) OUTRAS CARACTERÍSTICAS:

10. QUAIS SÃO AS QUALIDADES QUE SEUS PAIS MAIS GOSTAM EM VOCÊ?

11. O QUE OS SEUS PAIS MAIS RECLAMAM EM VOCÊ?

12. O QUE VOCÊ MAIS GOSTA EM VOCÊ?

13. O QUE VOCÊ NÃO GOSTA EM VOCÊ?

14. O QUE AS PESSOAS DIZEM DE VOCÊ, MAS, VOCÊ NÃO CONCORDA?

15. QUEM PODERIA MELHOR FALAR SOBRE VOCÊ?

- |                   |                        |
|-------------------|------------------------|
| 1. ( ) PAI        | 4. ( ) AVÔ/AVÓ         |
| 2. ( ) MÃE        | 5. ( ) AMIGO/AMIGA     |
| 3. ( ) IRMÃO/IRMÃ | 6. ( ) OUTRAS PESSOAS: |
- 

16. ESCREVA 10 PALAVRAS QUE VÊM À SUA MENTE, AO SEU ESPÍRITO QUANDO VOCÊ PENSA NAS EXPRESSÕES: VIOLÊNCIA FAMILIAR/VIOLÊNCIA CONTRA OS FILHOS/VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.

- |          |           |
|----------|-----------|
| 1. _____ | 6. _____  |
| 2. _____ | 7. _____  |
| 3. _____ | 8. _____  |
| 4. _____ | 9. _____  |
| 5. _____ | 10. _____ |

17. QUAIS SÃO OS PROGRAMAS QUE MAIS LHE INTERESSAM NA TV?

- |                |                   |                           |
|----------------|-------------------|---------------------------|
| 1. ( ) DESENHO | 5. ( ) FILMES     | 9. ( ) TODOS OS PROGRAMAS |
| 2. ( ) JORNAL  | 6. ( ) CULTURA    | 10. ( ) NENHUM PROGRAMA   |
| 3. ( ) ESPORTE | 7. ( ) REPORTAGEM | 11. ( ) OUTROS PROGRAMAS: |
| 4. ( ) NOVELAS | 8. ( ) HUMOR      | _____                     |

18. ASSINALE ABAIXO, QUAIS SÃO OS TIPOS DE FILME QUE VOCÊ PREFERE:

- |                |                 |                               |
|----------------|-----------------|-------------------------------|
| 1. ( ) ROMANCE | 4. ( ) FICÇÃO   | 7. ( ) AVENTURA               |
| 2. ( ) GUERRA  | 5. ( ) SUSPENSE | 8. ( ) POLICIAL               |
| 3. ( ) AÇÃO    | 6. ( ) TERROR   | 9. ( ) COMÉDIA                |
|                |                 | 10. ( ) POLÍTICO              |
|                |                 | 11. ( ) OUTROS TIPOS DE FILME |
-

19. CITE OS TRÊS ÚLTIMOS FILMES MAIS VIOLENTOS QUE VOCÊ VIU:

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

3. \_\_\_\_\_

20. QUAIS SÃO OS LOCAIS, QUE VOCÊ FREQUENTA, QUE OCORREM MAIS BRIGAS, AGRESSÕES E VIOLÊNCIAS?

21. EM SUA OPINIÃO, QUAIS SÃO OS MOTIVOS QUE LEVAM ÀS BRIGAS, AGRESSÕES E VIOLÊNCIAS?

22. QUANDO OCORRE ALGUMA BRIGA, AGRESSÃO E VIOLÊNCIA, VOCÊ:

1. ( ) SE AFASTA

5. ( ) TENTA APARTAR

2. ( ) ATACA O OUTRO

6. ( ) FICA ASSISTINDO.

3. ( ) TENTA DIALOGAR

7. ( ) SAI DO LOCAL E PROCURA ABRIGO

4. ( ) PROCURA SE DEFENDER

8. ( ) CHAMA ALGUÉM PARA APARTAR

9. ( ) OUTRAS ATITUDES:

23. DESCREVA A ÚLTIMA BRIGA, AGRESSÃO OU VIOLÊNCIA QUE VOCÊ PARTICIPOU OU PRESENCIOU:

24. ATUALMENTE VOCÊ USA ALGUMA DROGA?

1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO

1) QUAL DROGA VOCÊ JÁ EXPERIMENTOU OU USOU? \_\_\_\_\_

2) VOCÊ SE CONSIDERA DEPENDENTE DE ALGUMA DROGA? 1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO

3) VOCÊ TEM AMIGOS QUE USAM DROGAS? 1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO

4) QUEM DE SUA FAMÍLIA USA DROGAS? \_\_\_\_\_

5) VOCÊ ACHA QUE AS DROGAS DEVERIAM SER PERMITIDAS, LIBERADAS?

1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO

PORQUE? \_\_\_\_\_

25. VOCÊ USA BEBIDA ALCÓOLICA NOS FINS DE SEMANA? 1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO

1) QUANDO VOCÊ USA BEBIDA ALCÓOLICA VOCÊ SE SENTE:

1. ( ) DESINIBIDO

2. ( ) DEPRIMIDO

3. ( ) CALMO

4. ( ) AGRESSIVO

5. ( ) OUTRAS FORMAS:

\_\_\_\_\_

26. ASSINALE NA LISTA ABAIXO, O QUE VOCÊ CONSIDERA VIOLÊNCIA. QUANDO VOCÊ CONSIDERAR VIOLÊNCIA, DIGA SE ELA É:

(1) LEVE (2) MÉDIA (3) GRAVE (4) MUITO GRAVE

- |  |  |
|--|--|
| 1.( ) <b>ABORTO</b>                          | 11.( ) <b>GRITAR E XINGAR AS PESSOAS</b>     |
| 2.( ) <b>ASSALTAR ÀS PESSOAS</b>             | 12.( ) <b>JOGAR OBJETOS NAS PESSOAS</b>      |
| 3.( ) <b>ASSALTAR COM CANIVETES, FACAS</b>   | 13.( ) <b>MATAR ANIMAIS DOMÉSTICOS</b>       |
| 4.( ) <b>ASSALTAR COM REVÓLVER, ETC.</b>     | 14.( ) <b>PERDA DA EXPRESSÃO VERBAL</b>      |
| 5.( ) <b>ESTUPRO</b>                         | 15.( ) <b>RACISMO</b>                        |
| 6.( ) <b>ASSASSINATO</b>                     | 16.( ) <b>ROUBAR OBJETOS, DINHEIRO, ETC.</b> |
| 7.( ) <b>AGREDIR OS FILHOS</b>               | 17.( ) <b>ROUBAR CASAS, CARROS, ETC.</b>     |
| 8.( ) <b>AGREDIR OS ADULTOS, IDOSOS</b>      | 18.( ) <b>SUICÍDIO</b>                       |
| 9.( ) <b>ESTIMULAR OS JOVENS USAR DROGAS</b> | 19.( ) <b>TERRORISMO</b>                     |
| 10.( ) <b>CHUTAR PORTAS, PAREDES, ETC.</b>   | 20.( ) <b>OUTROS ATOS VIOLENTOS:</b>         |
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

27. ASSINALE NA LISTA ABAIXO, QUAIS SÃO OS ATOS OU COMPORTAMENTOS QUE NA SUA OPINIÃO, PODEM SE TRANSFORMAR EM AGRESSÃO OU VIOLÊNCIA:

- |  |   |
|--|---|
| 1.( ) <b>BAILES FUNCKS</b>                     | 12.( ) <b>INVEJA, AMBIÇÃO, COMPETIÇÃO</b> |
| 2.( ) <b>BOATES LOTADAS DE JOVENS</b>          | 13.( ) <b>POLÍTICAS SOCIAIS DO ESTADO</b> |
| 3.( ) <b>CIÚME DO NAMORADO(A)</b>              | 14.( ) <b>SHOWS DE ROCK</b>               |
| 4.( ) <b>CONSTRANGIMENTO, HUMILHAÇÃO, ETC.</b> | 15.( ) <b>USO DE ÁLCOOL OU DROGAS</b>     |
| 5.( ) <b>DISCUSSÃO VERBAL</b>                  | 16.( ) <b>PROSTITUIÇÃO</b>                |
| 6.( ) <b>FALTA DE AMOR, CARINHO, ETC.</b>      | 17.( ) <b>VELOCIDADE NO TRÂNSITO</b>      |
| 7.( ) <b>FALTA DE COMIDA, FOME</b>             | 18.( ) <b>FALTA DE DINHEIRO</b>           |
| 8.( ) <b>FALTA DE EMPREGO, TRABALHO</b>        | 19.( ) <b>OUTROS ATOS: _____</b>          |
| 9.( ) <b>INSATISFAÇÃO PESSOAL, FRUSTRAÇÃO</b>  |   |
| 10.( ) <b>PESSOAS ARMADAS NA RUA</b>           |   |
| 11.( ) <b>DÍVIDA DE TRÁFICO</b>                |   |

28. ACONTECEU ALGUMA VEZ NA RUA, NA ESCOLA OU EM CASA DE VOCÊ TER MEDO DA VIOLÊNCIA? 1.( ) **SIM** 2.( ) **NÃO**

29. ONDE VOCÊ VÊ MAIS VIOLÊNCIA?

30. EM SUA OPINIÃO, QUEM SOFRE MAIS VIOLÊNCIA FAMILIAR OU DOMÉSTICA?

- 1.( ) **O HOMEM**
- 2.( ) **A MULHER**
- 3.( ) **O ADOLESCENTE**
- 4.( ) **A CRIANÇA**
- 5.( ) **O IDOSO**
- 6.( ) **TODA FAMÍLIA**

31. EM SUA OPINIÃO, O QUE É VIOLÊNCIA FAMILIAR OU VIOLÊNCIA DOMÉSTICA?

**32. EM SUA OPINIÃO, COMO SE PODE EVITAR A VIOLÊNCIA FAMILIAR OU DOMÉSTICA?**

**33. QUEM É O MAIOR CULPADO PELA VIOLÊNCIA FAMILIAR OU DOMÉSTICA?**

1. ( ) O PAI
2. ( ) A MÃE
3. ( ) OS FILHOS
4. ( ) A FAMÍLIA
5. ( ) OUTROS CULPADOS: \_\_\_\_\_

**34. ASSINALE SE ALGUÉM JÁ PRATICOU ALGUNS DESSES ATOS CONTRA VOCÊ. INDIQUE NA LISTA ABAIXO, O LOCAL DA AGRESSÃO OU VIOLÊNCIA:**

**(1) EM CASA (2) NA ESCOLA (3) NA RUA (4) NOS BARES, BOATES (5) OUTROS LOCAIS**

1. ( ) AGRESSÃO DURANTE JOGOS EM GERAL
2. ( ) AGRESSÃO ENTRE IRMÃOS E IRMÃS
3. ( ) AGRESSÃO DOS PAIS
4. ( ) AGRESSÃO DE OUTROS FAMILIARES
5. ( ) AGRESSÃO DE PROFESSORES
6. ( ) AGRESSÃO DE POLICIAIS
7. ( ) AGRESSÃO DE PESSOAS DA MESMA IDADE
8. ( ) AGRESSÃO DE PESSOAS DESCONHECIDAS
9. ( ) ACIDENTE DE TRÂNSITO
10. ( ) ACIDENTE EM GERAL
11. ( ) ASSÉDIO SEXUAL
12. ( ) REPRESSÃO FAMILIAR
13. ( ) OUTROS ATOS OU COMPORTAMENTOS QUE OCORRERAM CONTRA VOCÊ:  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

14. ( ) JAMAIS OCORREU ALGUM DESSES ATOS AGRESSIVOS COMIGO

**35. QUANDO CONTRARIADO VOCÊ É:**

1. ( ) AGRESSIVO COM AS PESSOAS OU COM OS ANIMAIS
2. ( ) BATE NAS COISAS OU DESTROI OBJETOS
3. ( ) FECHA-SE EM SI MESMO
4. ( ) AUTO-AGRESSIVO
5. ( ) PENSA E REFLETE SOBRE O ACONTECIDO
6. ( ) OUTRAS FORMAS: \_\_\_\_\_

**36.OS ATOS E OS COMPORTAMENTOS MENCIONADOS ABAIXO SÃO PRATICADOS POR MUITOS JOVENS EM NOSSA SOCIEDADE, GOSTARIA QUE VOCÊ ASSINALASSE QUAIS FORAM OS QUE VOCÊ JÁ PRATICOU:**

- 1.( )AGRESSÃO FÍSICA CONTRA NAMORADOS(AS)
- 2.( )AGRESSÃO FÍSICA CONTRA PESSOAS IDOSAS
- 3.( )AGRESSÃO FÍSICA CONTRA COLEGAS OU AMIGOS
- 4.( )AGRESSÃO FÍSICA CONTRA IRMÃOS,IRMÃS
- 5.( )AGRESSÃO FÍSICA CONTRA PAIS OU SUBSTITUTOS
- 6.( )AGRESSÃO FÍSICA CONTRA PESSOAS DESCONHECIDAS
- 7.( )AGRESSÃO FÍSICA CONTRA OS PROFESSORES
- 8.( )AGRESSÃO VERBAL CONTRA OS PAIS
- 9.( )AGREDIR VERBALMENTE OS POLICIAIS
- 10.( )AGRESSÃO NOS JOGOS EM GERAL
- 11.( )ASSALTAR COM ARMAS DE FOGO
- 12.( )GRITAR E XINGAR AS PESSOAS EM GERAL
- 13.( )BRIGAS ENTRE TURMAS DE JOVENS
- 14.( )CHUTAR PORTAS, PAREDES E OBJETOS EM GERAL
- 15.( )DANIFICAR VOLUNTARIAMENTE O PATRIMÔNIO ALHEIO
- 16.( )DIRIGIR EM ALTA VELOCIDADE
- 17.( )JOGAR GARRAFAS E LATAS NA RUA
- 18.( )JOGAR OBJETOS NAS PESSOAS
- 19.( )RASGAR OS BANCOS DE ÔNIBUS
- 20.( )RISCAR MUROS E PAREDES PÚBLICAS
- 21.( )ROUBAR OBJETOS OU DINHEIRO
- 22.( )ROUBAR CASAS, CARROS, MOTOS E BICICLETA
- 23.( )PRATIRCAR VIOLÊNCIA SEXUAL
- 24.( )OUTROS ATOS AGRESSIVOS QUE VOCÊ PRATICOU:

---

19.( )JAMAIS PRATIQUEI ALGUM DESSES ATOS OU COMPORTAMENTOS

**37.VOCÊ VIU ALGUÉM DE SEU GRUPO SOFRENDO ATOS VIOLENTOS?**

- 1.( )SIM                      2.( )NÃO

**1)RELATE UMA VIOLÊNCIA OU AGRESSÃO SOFRIDA POR UM COMPANHEIRO, COLEGA, OU AMIGO:**

**38.INDIQUE OS LOCAIS ONDE VOCÊ SOFRE MAUS TRATOS FÍSICOS OU AGRESSÃO FÍSICA:**

- 1.( )NA SUA CASA
- 2.( )NA CASA DE OUTROS FAMILIARES
- 3.( )NA CASA DE VIZINHOS OU AMIGOS
- 4.( )NA RUA
- 5.( )NA ESCOLA
- 6.( )EM OUTROS LOCAIS:

---

7.( )EM NENHUM LOCAL EU SOFRO MAUS TRATOS FÍSICOS OU AGRESSÕES

**39. DIGA COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ SOFRE MAUS TRATOS, AGRESSÃO OU VIOLÊNCIA FÍSICA EM SUA CASA:**

- 1.( ) TODOS OS DIAS
- 2.( ) ALGUMAS VEZES NA SEMANA
- 3.( ) ALGUMAS VEZES NO MÊS
- 4.( ) ALGUMAS VEZES NO ANO
- 5.( ) NUNCA SOFRO ATOS AGRESSIVOS OU VIOLENTOS

**40. EM SUA OPINIÃO, QUAIS SÃO OS MOTIVOS QUE LEVAM ÀS BRIGAS, AGRESSÕES OU VIOLÊNCIAS?**

**41. RELATE UM ACONTECIMENTO DE VIOLÊNCIA OU AGRESSÃO QUE VOCÊ SOFREU:**

**42. PARA VOCÊ A PIOR VIOLÊNCIA É:**

- 1.( ) AQUELA QUE VOCÊ É A VÍTIMA
- 2.( ) AQUELA QUE OUTRA PESSOA É A VÍTIMA
- 3.( ) AS DUAS SITUAÇÕES ACIMA

**43. VOCÊ SE LEMBA DE TER SOFRIDO AGRESSÃO FÍSICA EM SUA CASA DURANTE A SUA INFÂNCIA?**

- 1.( ) SIM
- 2.( ) NÃO

**1) QUEM FOI A PESSOA QUE LHE AGREDIU FISICAMENTE? (SURRA FORTE):**

- 1.( ) PAI
  - 2.( ) MÃE
  - 3.( ) IRMÃO/IRMÃ
  - 4.( ) AVÔ/AVÓ
  - 5.( ) TIO/TIA
  - 6.( ) PADRASTO/MADRASTA
  - 7.( ) OUTRAS PESSOAS:
- 

**2) QUAIS FORAM OS OBJETOS USADOS PARA LHE AGREDIR?**

- 1.( ) ARAME
  - 2.( ) CINTA
  - 3.( ) CHINELO
  - 4.( ) CORDA
  - 5.( ) CORRENTE
  - 6.( ) FIO DE FERRO DE PASSAR
  - 7.( ) FIO DE ANTENA
  - 8.( ) PEDAÇO DE MADEIRA
  - 9.( ) OUTROS OBJETOS:
- 

**3) VOCÊ RECEBEU ALGUM TIPO DE ASSISTÊNCIA DEPOIS DESTA AGRESSÃO?**

- 1.( ) SIM
- 2.( ) NÃO

**4) QUEM LHE DEU ASSISTÊNCIA DEPOIS DESTA AGRESSÃO:**

- 1.( ) SEUS FAMILIARES
  - 2.( ) VIZINHANÇA
  - 3.( ) MÉDICOS, ENFERMEIROS, ETC.
  - 4.( ) CRAMI OU OUTRAS INSTITUIÇÕES
  - 5.( ) OUTRAS PESSOAS:
- 

**5) DESCREVA COMO VOCÊ SE SENTIU DEPOIS DESTA AGRESSÃO FÍSICA:**

---

**6)O QUE VOCÊ SENTE PELAS PESSOAS QUE MALTRATAM OS FILHOS?**

**7)CITE ALGUMAS AGRESSÕES FÍSICAS PRATICADAS POR:**

**1.MULHERES:** \_\_\_\_\_

**2.HOMENS:** \_\_\_\_\_

**8)EM SUA CASA, QUEM É A PESSOA DE SUA FAMÍLIA QUE COMETE MAIS AGRESSÕES FÍSICAS?**

- |                 |                        |
|-----------------|------------------------|
| 1.( )PAI        | 5.( )TIO/TIA           |
| 2.( )MÃE        | 6.( )PADRASTO/MADRASTA |
| 3.( )IRMÃO/IRMÃ | 7.( )OUTRAS PESSOAS    |
| 4.( )AVÔ/AVÓ    | 8.( )NINGUÉM           |
|                 | 9.( )OUTROS:           |

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**44.QUAIS SÃO AS CARACTERÍSTICAS, OU O JEITO DE SER DOS PAIS QUE MALTRATAM SEUS FILHOS?**

**45.EM SUA OPINIÃO, QUAIS SÃO AS PUNIÇÕES OU OS CASTIGOS QUE DEVEM RECEBER, AS PESSOAS QUE MALTRATAM OS FILHOS?**

## QUESTIONÁRIO II

1. EM QUE CIDADE VOCÊ NASCEU? \_\_\_\_\_

2. VOCÊ MORA EM CAMPINAS:

- 1. ( ) DESDE QUE NASCEU
- 2. ( ) HÁ ALGUNS MESES
- 3. ( ) HÁ ALGUNS ANOS

3. EM QUE BAIRRO VOCÊ MORA? \_\_\_\_\_

4. VOCÊ TRABALHA? 1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO

SE VOCÊ RESPONDEU SIM:

1) QUE TIPO DE TRABALHO VOCÊ FAZ? \_\_\_\_\_

5. CONDIÇÕES DE HABITAÇÃO:

- 1. ( ) CASA
- 2. ( ) APARTAMENTO
- 3. ( ) BARRACO
- 4. ( ) OUTRAS HABITAÇÕES:

6. CONDIÇÕES DE OCUPAÇÃO:

- 1. ( ) PRÓPRIA
- 2. ( ) ALUGADA
- 3. ( ) CEDIDA
- 4. ( ) OUTRAS OCUPAÇÕES:

7. RENDA MENSAL EM SUA CASA:

- 1. ( ) MENOS DE UM SALÁRIO MÍNIMO
- 2. ( ) DE 1 A MENOS DE 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
- 3. ( ) DE 2 A MENOS DE 3 SALÁRIOS MÍNIMOS
- 4. ( ) DE 3 A MENOS DE 5 SALÁRIOS MÍNIMOS
- 5. ( ) DE 5 A MENOS DE 10 SALÁRIOS MÍNIMOS
- 6. ( ) DE 10 A MENOS DE 20 SALÁRIOS MÍNIMOS
- 7. ( ) MAIS DE 20 SALÁRIOS MÍNIMOS
- 8. ( ) SEM NENHUMA RENDA MENSAL EM CASA

8. VOCÊ É CRIADO POR:

- 1. ( ) PAI
- 2. ( ) MÃE
- 3. ( ) PADRASTO
- 4. ( ) MADRASTA
- 5. ( ) AVÓS
- 6. ( ) FUI CRIADO NUMA INSTITUIÇÃO PARA CRIANÇAS
- 7. ( ) CITE ABAIXO QUEM SÃO AS OUTRAS PESSOAS QUE LHE CRIAM:

\_\_\_\_\_

**9.DADOS SOBRE SEU PAI:**

1)IDADE \_\_\_\_\_ ANOS

2)ONDE SEU PAI NASCEU? \_\_\_\_\_

3)SEU PAI É VIVO                                1.SIM( )        2.NÃO( )

4)NÍVEL DE INSTRUÇÃO DE SEU PAI:

- 1.( )SEM INSTRUÇÃO
- 2.( )1º GRAU INCOMPLETO
- 3.( )1º GRAU COMPLETO
- 4.( )2º GRAU INCOMPLETO
- 5.( )2º GRAU COMPLETO
- 6.( )SUPERIOR INCOMPLETO
- 7.( )SUPERIOR COMPLETO

5) QUAL É A PROFISSÃO DE SEU PAI? \_\_\_\_\_

6) SEU PAI TRABALHA ATUALMENTE?    1.( )SIM                                2.( )NÃO

7) CATEGORIA DE EMPREGO DE SEU PAI:

- 1.( )ELE ESTÁ EMPREGADO COM CARTEIRA ASSINADA
- 2.( )ELE ESTÁ EMPREGADO MAS SEM CARTEIRA ASSINADA
- 3.( )ELE É MILITAR OU ESTATUTÁRIO
- 4.( )ELE TRABALHA POR CONTA PRÓPRIA
- 5.( )ELE É EMPRESÁRIO
- 6.( )ELE ESTÁ DESEMPREGADO
- 7.( )ELE ESTÁ LICENCIADO
- 8.( )ELE ESTÁ APOSENTADO

8) COMO VOCÊ CONSIDERA O RELACIONAMENTO COM SEU PAI?

- 1.( )MUITO BOM
  - 2.( )BOM
  - 3.( )REGULAR
  - 4.( )RUIM
  - 5.( )NÃO TEM CONTATO COM O PAI
  - 6.( )NÃO CONHECE O PAI
  - 7.( )OUTRAS FORMAS:
- \_\_\_\_\_

9) QUAIS SÃO AS QUALIDADES QUE VOCÊ OBSERVA EM SEU PAI?

10) O QUE VOCÊ NÃO GOSTA EM SEU PAI?

**10.DADOS SOBRE SUA MÃE:**

1) IDADE: \_\_\_\_\_ ANOS

2) ONDE SUA MÃE NASCEU? \_\_\_\_\_

3) SUA MÃE É VIVA? 1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO

4) NÍVEL DE INSTRUÇÃO DE SUA MÃE:

1. ( ) SEM INSTRUÇÃO
2. ( ) 1º GRAU INCOMPLETO
3. ( ) 1º GRAU COMPLETO
4. ( ) 2º GRAU INCOMPLETO
5. ( ) 2º GRAU COMPLETO
6. ( ) SUPERIOR INCOMPLETO
7. ( ) SUPERIOR COMPLETO

5) QUAL É A PROFISSÃO DE SUA MÃE? \_\_\_\_\_

6) SUA MÃE TRABALHA ATUALMENTE? 1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO

7) CATEGORIA DE EMPREGO:

1. ( ) ELA ESTÁ EMPREGADA COM CARTEIRA ASSINADA
2. ( ) ELA ESTÁ EMPREGADA MAS SEM CARTEIRA ASSINADA
3. ( ) ELA É MILITAR OU ESTATUTÁRIA
4. ( ) ELA TRABALHA POR CONTA PRÓPRIA
5. ( ) ELA É EMPRESÁRIA
6. ( ) ELA ESTÁ DESEMPREGADA
7. ( ) ELA ESTÁ LICENCIADA
8. ( ) ELA ESTÁ APOSENTADA

8) COMO VOCÊ CONSIDERA O RELACIONAMENTO COM SUA MÃE:

1. ( ) MUITO BOM
2. ( ) BOM
3. ( ) REGULAR
4. ( ) RUIM
5. ( ) NÃO TEM CONTATO COM A MÃE
6. ( ) NÃO CONHECE A MÃE
7. ( ) OUTRAS FORMAS:  
\_\_\_\_\_

9) QUAIS SÃO AS QUALIDADES QUE VOCÊ OBSERVA EM SUA MÃE?

10) O QUE VOCÊ NÃO GOSTA EM SUA MÃE

11) VOCÊ TEM IRMÃOS OU IRMÃS?

1. ( ) SIM 2. ( ) NÃO

**SE VOCÊ RESPONDEU SIM**

**1) QUANTOS IRMÃOS OU IRMÃS VOCÊ TEM? \_\_\_\_\_**

**2) COMO VOCÊ DESCREVE O RELACIONAMENTO COM SEUS:**

- | <b>IRMÃO(S)</b>          | <b>IRMÃ(S)</b>  |
|--------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> 1.MUITO BOM                    |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> 2.BOM                          |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> 3.REGULAR                      |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> 4.RUIM                         |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> 5.NÃO TEM CONTATO COM IRMÃO(S) |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> 6.OUTRAS FORMAS:               |
- 
- 

**12.QUANTAS PESSOAS MORAM EM SUA CASA? \_\_\_\_\_**

**13.QUEM SÃO AS PESSOAS QUE MORAM EM SUA CASA?**

- |               |            |             |               |
|---------------|------------|-------------|---------------|
| 1.( )PAI      | 5.( )IRMÃO | 9.( )TIO    | 13.( )AMIGOS  |
| 2.( )PADRASTO | 6.( )IRMÃ  | 10.( )TIA   | 14.( )OUTROS: |
| 3.( )MÃE      | 7.( )AVÔ   | 11.( )PRIMO | _____         |
| 4.( )MADRASTA | 8.( )AVÓ   | 12.( )PRIMA | _____         |

**14.VOCÊ CONSIDERA SUA FAMÍLIA:**

- 1.( )CALMA
  - 2.( )REPRESSORA
  - 3.( )CONFLITUOSA
  - 4.( )ESTRESSADA
  - 5.( )AGRESSIVA
  - 6.( )VIOLENTA
  - 7.( )OUTRAS FORMAS:
- 
- 

**15.EM SUA FAMÍLIA QUEM É A PESSOA QUE MAIS LHE COMPREENDE?**